

**AS NEGOCIAÇÕES DA ARTICULAÇÃO ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE  
NA INTERAÇÃO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS**

**Gabriela Sagebin Bordini**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Psicologia  
sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Tania Mara Sperb, PhD.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Abril de 2014

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>a</sup>. Doutora Tania Mara Sperb, que me recebeu novamente de braços abertos, sempre disposta não apenas a ensinar, mas também a aprender e a pensar junto. Com ela aprendi que, quando se é curioso e crítico, não há caminho melhor do que fazer pesquisa.

Aos professores integrantes da Banca Examinadora, agradeço por todas as interrogações e sugestões que tornaram possíveis a realização desta pesquisa. Ao Prof. Doutor Luiz Paulo da Moita Lopes que colaborou de maneira decisiva, contribuindo para uma mudança no rumo do trabalho. À Prof<sup>a</sup>. Doutora Daniela Centenaro Levandowski que, mais uma vez, fez observações atentas e minuciosas. E ao Prof. Doutor Cesar Augusto Piccinini, por sempre ter feito recomendações importantes ao longo desses meus treze anos de UFRGS.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, meu muito obrigada pela receptividade e liberdade que permitiram a execução deste trabalho. Em especial, meu agradecimento ao Instituto de Psicologia desta Universidade, que tornou possível a realização da etapa virtual da pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que investiu em meu trabalho, estimulou minha busca por conhecimento e possibilitou o aperfeiçoamento da análise dos dados, por meio de bolsa de doutorado sanduíche. À Prof<sup>a</sup>. Doutora Alexandra Georgakopoulou-Nunes, por ter aceitado a empreitada de auxiliar uma aluna da psicologia a descobrir o universo da linguística.

Também agradeço, principalmente, aos participantes da pesquisa, que se disponibilizaram a contar histórias e a falar de si.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	6
<b>RESUMO</b> .....	7
<b>ABSTRACT</b> .....	8
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO</b> .....	12
1 Gênero e identidades de gênero .....	12
1.1 O conceito de gênero .....	12
1.2 Identidades de gênero e hierarquias de gênero .....	13
2 Gênero e sexualidade .....	15
2.1 Histórico da associação entre sexo, gênero e sexualidade .....	16
2.2 O sistema de gênero e a matriz heterossexual .....	18
2.3 A matriz heterossexual e os outros desejos e práticas sexuais .....	19
2.4 A matriz heterossexual e os significados associados ao homem e à mulher ...	21
2.5 Pesquisas sobre a articulação entre gênero e sexualidade .....	23
3 Linguagem, interação e narrativa .....	26
3.1 Pesquisa com narrativas .....	28
Posicionamento .....	29
Repertórios interpretativos .....	30
4 Adolescência .....	32
4.1 Perspectiva adotada .....	32
4.2 Adolescência e sexualidade no Brasil .....	34
4.3 Adolescência, interação e internet .....	37
Interação - o grupo de pares .....	37
Interação - a internet .....	38
5 A internet, a <i>web</i> 2.0 e os novos letramentos digitais .....	40
6 Justificativa e objetivo do estudo .....	41
<b>CAPÍTULO II: ESTUDO 1</b> .....	42
<b>Gênero e sexualidade em narrativas produzidas por jovens universitários em grupos focais</b> .....	42
<b>MÉTODO</b> .....	44
Participantes .....	44

Instrumentos e materiais .....	46
Delineamento e procedimento .....	47
Considerações éticas .....	49
Procedimento de análise de dados .....	49
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>51</b>
1 Grupos presenciais.....	51
1.1 Análise do trecho narrativo do grupo focal presencial misto .....	51
1.2 Análise do trecho narrativo do grupo focal presencial de mulheres.....	66
1.3 Análise do trecho narrativo do grupo focal presencial de homens.....	80
1.4 Síntese das análises dos três trechos narrativos dos grupos focais presenciais .....	98
2 Grupos <i>on-line</i> .....	100
2.1 Análise do trecho narrativo do grupo focal <i>on-line</i> misto .....	100
2.2 Análise do trecho narrativo do grupo focal <i>on-line</i> de mulheres .....	115
2.3 Análise do trecho narrativo do grupo focal <i>on-line</i> de homens.....	129
2.4 Síntese das análises dos três trechos narrativos dos grupos focais <i>on-line</i> .....	147
3 Discussão geral das análises dos grupos focais presenciais e <i>on-line</i> .....	149
<b>CAPÍTULO III: ESTUDO 2.....</b>	<b>153</b>
<b>Gênero e sexualidade em uma discussão virtual sobre a Marcha das Vadias em um</b>	
<b><i>blog</i> voltado ao público universitário.....</b>	<b>153</b>
<b>MÉTODO .....</b>	<b>154</b>
Amostra .....	154
Instrumentos e materiais.....	155
Delineamento e procedimento .....	155
Considerações éticas.....	155
Procedimento de análise de dados .....	155
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>156</b>
Repertório interpretativo tradicional .....	158
Repertório interpretativo "feminazismo" .....	161
Repertório interpretativo simetria <i>versus</i> assimetria .....	162
Repertório interpretativo mulher protagonista .....	164
<b>DISCUSSÃO GERAL DOS REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS .....</b>	<b>165</b>
<b>CAPÍTULO IV: CONCLUSÃO.....</b>	<b>167</b>
Jovens universitários e a negociação da articulação entre gênero e sexualidade .....	167

Pesquisa com pessoas em interação: grupos focais, <i>blog</i> e a análise de dados .....	170
Considerações finais .....	173
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	175
<b>ANEXOS</b> .....	189
Anexo A. Termo de consentimento livre e esclarecido: Grupos focais presenciais.....	189
Anexo B. Termo de consentimento livre e esclarecido: Grupos focais <i>on-line</i> .....	190
Anexo C. Ficha de dados sociodemográficos.....	191
Anexo D. Aprovação pelo comitê de ética .....	192
Anexo E. Artigo submetido à revista <i>Psicologia &amp; Sociedade</i> .....	193
<b>Influência do gênero na sexualidade segundo narrativas de jovens universitários</b>	193
RESUMO .....	194
ABSTRACT .....	195
MÉTODO .....	198
Participantes .....	198
Delineamento e procedimento .....	198
RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	199
Aspectos da sexualidade influenciados pelo gênero.....	201
Aspectos da sexualidade não influenciados pelo gênero.....	206
DISCUSSÃO GERAL.....	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	210
REFERÊNCIAS .....	211
Anexo F. Glossário de termos e símbolos utilizados no MSN.....	214
Anexo G. Glossário de símbolos usados na transcrição dos grupos presenciais.....	215

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Dados Sociodemográficos dos Participantes</i> .....	45
Tabela Anexo E. <i>Narrativas distribuídas em categorias e subcategorias oriundas da análise dos dados</i> .....	200

## RESUMO

Significados relativos a gênero e sexualidade são construções socioculturais em permanente elaboração. Esta pesquisa investigou a negociação dos significados associados às sexualidades de homens e mulheres, atualmente. Para isso, foram realizados 2 estudos com jovens universitários em interação. No Estudo 1, analisaram-se 6 narrativas provenientes de 9 grupos focais – 6 presenciais e 3 *on-line* – realizados com 45 graduandos de Porto Alegre (RS). No Estudo 2, analisaram-se 84 comentários a um texto sobre a “Marcha das Vadias”, publicado em um *blog*. Conceitos da psicologia discursiva e abordagens narrativistas foram empregados na análise de dados. Embora expectativas sobre – e os próprios – comportamentos sexuais sigam marcadas por tradicionais diferenças de gênero, foram identificadas relativizações aos padrões de sexualidade feminina. Ademais, significados associados a certos aspectos da sexualidade, como fidelidade e homossexualidade, foram semelhantes quando se referiam a mulheres e homens, evidenciando que a suposta complementaridade entre homens e mulheres nada tem de natural.

Palavras-chave: Gênero; sexualidade; jovens universitários; internet; narrativas.

# **NEGOTIATIONS OF THE LINKS BETWEEN GENDER AND SEXUALITY IN YOUNG COLLEGE STUDENTS' INTERACTION**

## **ABSTRACT**

Meanings related to gender and sexuality are permanently under construction and unstable. This research aimed at investigating the negotiation of meanings associated to men's and women's sexualities, nowadays. For such, 2 studies were carried out, both with young college students. In Study 1, we analyzed 6 narratives derived from 9 focus groups – 6 face-to-face and 3 online – conducted with 45 students from a university located in Porto Alegre (RS). In Study 2, we analyzed users' comments to a blog post on the Slut Walk. Concepts from discursive psychology and narratives approaches were employed in data analysis, which showed flexibilizations of the standard feminine sexuality, even if expectations about – and also sexual behaviors themselves – are still marked by traditional gender differences. Furthermore, conceptions about some aspects of sexuality, such as faithfulness and homosexuality, were, sometimes, found to be independent of gender, highlighting that there is no natural complementarity between men and women.

**Keywords:** Gender; sexuality; college students; internet; narratives.



## APRESENTAÇÃO

Este estudo investiga as negociações da relação entre gênero e sexualidade, empreendidas por jovens na atualidade. Meu interesse pelo campo do gênero e seu entrelaçamento com tópicos relacionados à sexualidade surgiu em um estágio realizado junto ao Programa de Transtorno de Identidade de Gênero (PROTIG), no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Eram meus primeiros anos como graduanda em Psicologia e aquelas discussões nos grupos de transexuais colocaram-me em contato com questões nas quais eu nunca havia pensando. Ali, o que me chamou atenção foi o enredamento entre gênero e sexualidade e o quanto características ditas femininas podiam estar presentes em sujeitos classificados como homens – e vice-versa. Ao finalizar a graduação, percebi que o que havia despertado mais a minha curiosidade tinha sido aquele estágio. Como tinha entrado no curso de Psicologia pensando em ser pesquisadora, optei por estudar essa temática. Foi isso que fiz no mestrado – quando investiguei as concepções de adolescentes sobre ser homem e ser mulher – e continuei fazendo no Doutorado. Posso dizer, entretanto, que não termino por aqui; essas questões ainda são objeto de minha reflexão.

Durante o estágio no PROTIG, passei a suspeitar que as características típicas das mulheres e as características típicas dos homens não eram tão naturais como o senso comum levava a crer. Desde então, e graças às contribuições da Professora Guacira Louro à minha dissertação de mestrado, sempre me vinculei, em minha trajetória de estudos, a abordagens que tomam o conceito de gênero como uma construção histórica e cultural em permanente elaboração, instável e provisória, acreditando que aquilo que se considera masculino ou feminino é determinado pelo que se diz e pensa a respeito dos homens e das mulheres em um dado contexto. Segundo essa concepção, na interação social, os significados referentes ao masculino e ao feminino identificam os sujeitos como homens ou mulheres. Porém, mais do que isso, essas marcas de gênero são empregadas para ordenar e hierarquizar as relações sociais (Louro, 2001; 2004), uma vez que diferentes valores são atribuídos às características associadas às mulheres e aos homens.

Nas sociedades ocidentais, gênero encontra-se historicamente articulado à sexualidade, fazendo com que as concepções sobre as sexualidades dependam dos significados atribuídos a ser homem e a ser mulher em determinada cultura (Guimarães, 2009; Louro, 2009). No presente estudo, a sexualidade também é tida como uma construção, já que, como explica Weeks (2003), os significados que lhe são associados e, portanto, o modo como os indivíduos realizam seus prazeres e desejos, não são dados pela natureza, mas construídos e mantidos socialmente por diversas linguagens.

Tradicionalmente, os padrões que delimitam as identidades de homens e de mulheres impõem valores relativos a uma sexualidade reprodutiva, binária e heterossexual (Butler, 2003), que envolve a concepção de que os homens formariam um grupo homogêneo de pessoas, com características inatas e naturalmente opostas às do grupo, também homogêneo, das mulheres. Não obstante, desde as últimas décadas do século XX, muito se fala em revolução sexual. De acordo com Giddens (1993), houve um avanço quanto à permissividade sexual, aparente na maior autonomia sexual da mulher e na maior visibilidade da homossexualidade. Paralelamente a essas transformações, desponta o discurso da igualdade. Nesse contexto, passa a ser valorizada a tolerância e reprimida a expressão flagrante de preconceito (Gato, Leme & Leme, 2010; Gouveia et al., 2011).

No entanto, alguns autores (Milnes, 2004; Stainton Rogers & Stainton Rogers, 2001) têm salientado que as mudanças de opinião em relação à sexualidade – que hoje reforçam a igualdade sexual – também podem reduzir as possibilidades das pessoas. Há relatos, por exemplo, de que já existe uma pressão social para que as mulheres ajam de acordo com o modelo tipicamente masculino de sexualidade e deixem de lado o romantismo tradicionalmente associado ao feminino. De fato, estudos vêm mostrando que alguns padrões de gênero no campo da sexualidade estão sendo relativizados e que certos comportamentos e situações sexuais já são marcados por uma simetria entre homens e mulheres, ao contrário de outros.

Diante disso, a presente pesquisa se propõe a investigar como a histórica articulação entre gênero e sexualidade vem sendo negociada atualmente. Para isso, examina essa questão no contexto universitário gaúcho, com a participação presencial e virtual de jovens graduandos em interação, dado que a comunicação destaca-se como ferramenta de construção e negociação de categorias sociais (De Fina & Georgakopoulou, 2011).

A revisão teórica iniciará pela definição do conceito de gênero, seguindo com algumas considerações sobre seu papel na hierarquização dos sujeitos. A seguir, será discutido o entrelaçamento entre gênero e sexualidade, o histórico dessa articulação e as formas que vem tomando recentemente. Será, então, abordada a importância da interação, da linguagem e da narrativa no processo de construção e negociação dos significados atribuídos às sexualidades. Finalmente, serão enfocados dois contextos profícuos ao estudo das negociações dos significados associados às sexualidades: a adolescência, tida como momento de intensas explorações e questionamentos, e a internet como espaço de interação e construção de significados.

A revisão sobre esses tópicos basear-se-á em diferentes perspectivas, sobretudo em correntes do feminismo que, como definiu Olesen (2006), estimulam o esclarecimento e questionamento de concepções incontestadas sobre as mulheres, bem como no entendimento *queer* acerca do papel central da heterossexualidade na vida contemporânea (Gamson, 2006). As perspectivas narrativistas (Bamberg, 1997; Bruner, 1997) e a psicologia discursiva (van Langenhove & Harré, 1999) também farão parte do arcabouço teórico da presente pesquisa, além de fundamentarem os métodos aqui empregados. É a reunião de aspectos dessas duas abordagens (cf. Bamberg & Georgakopoulou, 2008) que permitirá tomar a construção e a negociação de significados a partir de um enfoque interacional, que considere os padrões culturais sem ignorar o protagonismo dos indivíduos.

As perspectivas mencionadas têm em comum a concepção de que os significados não são naturais ou reflexos de uma realidade independente e pré-existente, mas que essa suposta realidade é constantemente construída na interação social. Dessa forma, este trabalho assume uma postura condizente com o construcionismo social, por acreditar que as práticas humanas devem passar por um processo contínuo de reflexão e pela posição crítica em relação às dicotomias típicas da modernidade (Schwandt, 2006).

## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

### 1 Gênero e identidades de gênero

#### 1.1 O conceito de gênero

O conceito de gênero vem sendo utilizado na literatura científica de diversas maneiras. Com frequência, identifica-se uma sinonímia entre a palavra gênero e a palavra sexo, o que Diamond (2002) atribui a uma persistente falta de clareza na distinção entre ambas. Segundo o autor, sexo designa uma característica física, que classificaria as pessoas enquanto machos ou fêmeas. Já o termo gênero designa características culturais, categorizando as pessoas em homens ou mulheres, um aspecto tido como mais flexível do que o sexo.

Como explica Nicholson (2000), essa noção de gênero, que se distancia da biologia, nasce nos anos 70, estimulada pelo feminismo. Tem por objetivo, resumidamente, diferenciar o aspecto morfológico sexual dos humanos da qualidade de ser homem e de ser mulher. Segundo tal concepção, embora diferenças fisiológicas sejam a base a partir da qual se constituem os significados associados ao masculino e ao feminino, as diferenças entre homens e mulheres seriam socialmente construídas e não efeitos de diferenças biologicamente dadas. Louro (2007) observa que esse aspecto de construção é compartilhado pelas diversas abordagens embasadas no feminismo, que partem da afirmação de Simone de Beauvoir de que não se nasce mulher, empregando-a para questionar a naturalização da diferença entre o feminino e o masculino.

Tais abordagens tomam, então, essa concepção de gênero como uma ferramenta contra o essencialismo biológico, considerando as masculinidades e as feminilidades enquanto construções sociais, culturais e históricas, que transcendem as diferenças anatômicas, e baseando-se justamente na concepção de que homens e mulheres são seres socialmente sexuados (Louro, 2000; Nicholson, 2000). Porém, mesmo dentro dessa linha que valoriza a noção de construção, existem diferentes interpretações.

Segundo Nicholson (2000), as feministas do final dos anos 60 lutavam contra a ideia de que as diferenças entre mulheres e homens eram causadas por aspectos biológicos (diferença macho/fêmea). Entretanto, teriam apoiado suas análises em pressupostos, por vezes, muito próximos dessa visão biologicista à qual se contrapunham, distanciando-se desta apenas por incluírem a influência da cultura na construção do masculino e do feminino. Algumas feministas continuaram considerando, por exemplo, as identidades de gênero de maneira dual, estudando as diferenças entre homens e mulheres.

A autora não descarta que a maioria das sociedades faça alguma distinção masculino/feminino e que a relacione com o corpo. Aponta, contudo, para o perigo de esquecer que os sentidos e valores atribuídos ao corpo mudam ao longo do tempo e de acordo com as comunidades que fazem essas atribuições. Assim, ressalta a importância de que se estude não só as semelhanças e diferenças entre homens e mulheres, mas as semelhanças e diferenças entre as próprias mulheres e entre os próprios homens, evidenciando que não há um sentido único para o masculino e para o feminino.

Nesta linha, Louro (2007, 2008) ressalta que o gênero é um constructo histórico, instável e provisório, produzido na cultura e em permanente construção, graças às diversas aprendizagens e práticas empreendidas na relação com as instâncias sociais e culturais. Logo, aquilo que se considera masculino ou feminino é determinado pelo que se diz e pensa a respeito dos homens e das mulheres em cada cultura. Isso, por conseguinte, permeará as identidades de gênero de cada um.

## **1.2 Identidades de gênero e hierarquias de gênero**

Connell (1995), em suas teorizações sobre gênero e, mais especificamente, acerca das masculinidades, inclui a ideia de narrativas convencionais. Isto é, definições daquilo que seria adequado aos homens em uma dada cultura. Instâncias como família, grupo de pares, mídia, pressionariam os homens a agirem e sentirem de acordo com essas convenções. As narrativas convencionais reduzem os sentidos da masculinidade a uma definição única e hegemônica, contraposta à definição também reducionista de feminilidade. Tal concepção expressa a ideia – incompleta, segundo Connell – de que haveria um molde de homem e de mulher; como se a personalidade masculina fosse estampada na criança de acordo com esse molde social.

Porém, Connell (1995) ressalta que as masculinidades hegemônicas – esses moldes sociais – são produzidas em relação não apenas com a feminilidade, mas com outras masculinidades. A utilização do termo masculinidades, no plural, é, justamente, o reconhecimento da multiplicidade presente no processo de moldagem da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. De acordo com esse entendimento, deve-se considerar o aspecto ativo de uma pessoa em desenvolvimento, que não recebe a masculinidade, mas se apropria da mesma, num projeto de construção empreendido ao longo da vida. Nesse processo, os sujeitos se deparam com instituições e forças culturais, as quais eles podem aceitar ou não. Assim, Connell evidencia que a construção das masculinidades e das

feminilidades – além de social e cultural – é individual, enfatizando a constante reconstrução destas e a possibilidade de mudança em relação ao estabelecido.

Scott (1995), ao considerar que a identidade dos sujeitos é generificada, também enfatiza o seu caráter processual. A identidade do indivíduo não seria generificada de maneira a-histórica, graças aos aspectos envolvidos nas relações de gênero: políticos, institucionais, econômicos e de organização social. Segundo a autora, nas relações de gênero, os papéis ditos masculinos e femininos não decorrem da fisiologia, mas são criados socialmente, construídos em uma dada cultura. Entendido dessa maneira, o termo gênero evidencia as constantes desigualdades entre mulheres e homens, atribuídas à ideia de uma suposta essência feminina/masculina e de uma oposição natural entre ambas.

Desafiando esse binarismo, Scott (1995) ressalta que o conceito de gênero não deve ser baseado na oposição entre os polos masculino e feminino. Com isso, ela indica a pluralidade da masculinidade e da feminilidade, pelo seu caráter histórico, social e cultural. Dessa forma, a autora afasta-se do risco – apontado por Nicholson (2000) – de cair no dualismo polar homem/mulher, que consideraria um sentido único de feminilidade, por exemplo.

Os Estudos de Gênero e Feministas defendem, então, que as relações entre as pessoas são constantemente arranjadas e desarranjadas pelas combinações que se estabelecem entre vários marcadores sociais – sendo gênero apenas um deles, além de etnia, classe, sexualidade. De acordo com o contexto, esses marcadores combinam-se de formas particulares, que geram relações de dominação (Louro, 2001). Assim, o gênero, enquanto marcador social, não apenas ordena, mas também hierarquiza as relações sociais. Neste trabalho, toma-se o gênero como “radicalmente produzido na e pela cultura” (Dornelles, 2007, p.38), sendo ao mesmo tempo uma construção cultural e um organizador da cultura – visto que a classifica, organiza e hierarquiza.

Neste processo de classificação e hierarquização, o gênero atua como uma das dimensões das identidades dos sujeitos. A identidade de gênero – enquanto reconhecimento de como o indivíduo percebe-se e é percebido socialmente em termos de gênero – é um dos resultados da interação social. É a interação que permite a identificação e a valoração do sujeito como homem ou mulher, por meio da comparação com os pares e conforme os significados referentes ao masculino e ao feminino, presentes na cultura enquanto normas e expectativas sociais (Diamond, 2002; Louro, 2004) – os chamados padrões hegemônicos de gênero.

A masculinidade hegemônica, na cultura brasileira, engloba temas como a paternidade, o trabalho, a violência e a agressividade (Seffner, 2004), um modelo masculino imposto aos meninos pela família, pelos pares e pela escola (Moita Lopes, 2002). Já a feminilidade hegemônica inclui características como a delicadeza, a docilidade e a obediência que, segundo Friederichs (2008), são comumente relacionadas ao corpo, como se nascessem com a mulher. A autora ressalta, contudo, o papel da cultura e da sociedade nessa construção do feminino, contando sempre com a presença de grupos sociais que servem de referências para que o sujeito identifique-se ou se diferencie.

Os atributos tidos como femininos ou masculinos, portanto, não são inatos, tampouco imutáveis. Como a interação é uma constante ao longo da vida, considera-se que as identidades de gênero são construídas continuamente, ou que tornar-se mulher e tornar-se homem é um processo constante, que nunca cessa de ser executado. Louro (2001), quanto a isso, ressalta que não há, no desenvolvimento do indivíduo, um momento específico fundador da masculinidade ou da feminilidade. Ao longo da existência do sujeito, o gênero se faz e se refaz constantemente porque é dependente do contexto histórico e das circunstâncias. Nesse processo, a linguagem tem um papel fundamental.

Enquanto dispositivo de atribuição de significados, a linguagem atravessa e institui relações de hierarquia – já que sempre que existem padrões, existe aquilo que não se enquadra nos mesmos (Silva, 2003). De fato, embora padrões hegemônicos instituíam o que é ser homem e o que é ser mulher, as identidades padrão são sempre acompanhadas por outras identidades que não correspondem a esses valores dominantes, aquelas que, nas palavras de Butler (2003), são tidas como identidades desviantes. Nessa linha, Louro (2001) considera que a formação da identidade de gênero tem um papel central no processo pelo qual as sociedades e grupos estabelecem limites para determinar o lugar de cada sujeito na hierarquia social, mais ao centro ou mais à margem da normalidade. A existência de tal variabilidade sinaliza que as identidades não são únicas e fixas, sendo passíveis de transformações.

## **2 Gênero e sexualidade**

Nesta pesquisa, toma-se a sexualidade em sua esfera mais abrangente, incluindo-se os desejos, emoções, sensações e relacionamentos concernentes à vida erótica das pessoas. Considera-se que os significados associados ao campo da sexualidade e, portanto, o modo como os indivíduos realizam seus prazeres e desejos, não lhes são dados pela natureza, não estão em seus corpos. Ao contrário, conforme argumenta Weeks (2003), esses significados são construídos e mantidos socialmente por diversas linguagens, tendo relação com imagens,

rituais, palavras e fantasias. Desse modo, ainda que essas diferentes linguagens promovam e tentem estabelecer definições sobre as sexualidades, aquilo que se considera normal em termos sexuais, em dado momento ou contexto, é uma convenção – e pode, por conseguinte, ser alterado (Louro, 2001). Esta concepção da sexualidade como uma construção histórica, cultural e social é central neste trabalho.

Nas sociedades ocidentais, a sexualidade é construída em articulação com o gênero. Graças a essa articulação, as definições acerca do que é ser homem e ser mulher têm muita influência sobre como as sexualidades se realizam em uma determinada sociedade (Louro, 2009; Guimarães, 2009; Heilborn, Aquino, Bozon & Knauth, 2006). No Brasil, por exemplo, segundo Alencar (2012), o corpo das mulheres vem sendo historicamente entendido como objeto – mais especificamente – para o prazer dos homens. Estes, por outro lado, vêm sendo posicionados como dominadores e potentes em termos sexuais. Como explica Guimarães (2009), além das características biológicas oferecerem diferentes possibilidades físicas a cada sexo, os significados sociais que lhes são atribuídos orientam o indivíduo no sentido de como ele deve ser, para que os estereótipos sexuais sejam mantidos.

## **2.1 Histórico da associação entre sexo, gênero e sexualidade**

No entanto, as próprias características biológicas que diferenciariam os sexos – os machos das fêmeas – podem ser questionadas. Um dos expoentes desse questionamento é Butler, especialmente em seu livro “Problemas de Gênero” (2003). Neste, a autora contesta o caráter imutável do sexo e a naturalidade do binarismo macho-fêmea, sugerindo que o sexo seja uma construção tão cultural e interacional quanto o gênero. Ela explica que a ideia de que o sexo é imutável e dado pela natureza – ou seja, anterior às significações disponíveis em uma determinada cultura – está a serviço justamente da manutenção da sua caracterização como dual.

Segundo Butler (2003), ao se acreditar que a natureza produz apenas machos ou fêmeas, acreditar-se-á que as características associadas a uns e outros também são naturais. Mais do que isso, o corpo, e sua diferenciação natural em machos ou fêmeas, seria tomado como origem das construídas diferenças de gênero – entre os homens e as mulheres – o que serve para justificá-las. Desse modo, não se chega nem mesmo a cogitar que o conceito de sexo possa ser uma construção.

A autora, por outro lado, propõe que o sexo – ou o binarismo macho-fêmea, supostamente natural – seria uma construção, e que, no mundo ocidental, homem e mulher (o gênero) seriam uma interpretação cultural de macho e fêmea (do corpo). Entretanto, esse



processo é circular, pois, ao mesmo tempo, a própria ideia de uma divisão natural entre machos e fêmeas seria efeito do gênero, já que o corpo biológico – ou o sexo – não é anterior aos significados. Mesmo antes de nascer, o indivíduo encontra-se em uma cultura que interpreta o corpo biológico conforme os significados atribuídos a machos e fêmeas. Assim, não haveria distinção entre sexo e gênero, e este último seria um sistema de significação, um meio discursivo e cultural pelo qual a suposta naturalidade do sexo é construída como natural.

O corpo passou a ter um papel central nas sociedades ocidentais no século XIX, como explica Louro (2009). Nesse período, segundo a autora, os governantes dos novos Estados nacionais estavam preocupados com o tamanho das suas populações e com sua produtividade. Por conseguinte, a família e a reprodução tornaram-se alvo do cuidado e do disciplinamento por parte dos Estados. Logo, sexualidade passou a ser uma questão fundamental, sobretudo no que dizia respeito à definição de sexualidade, e o ocidente veio a operar com base no modelo epistemológico de dois sexos, que estariam em dois polos opostos, necessários à reprodução da espécie. Nesse contexto, buscou-se conhecer, classificar e hierarquizar as práticas sexuais, e inventaram-se diferentes tipos sexuais, os quais eram caracterizados como normais ou patológicos.

De acordo com Louro (2009), no final do século XIX, médicos e filósofos construíram um entendimento específico sobre corpo masculino, corpo feminino e sexualidade, mediante suas descobertas científicas e mecanismos classificatórios. Assim surgiu a figura do homossexual e a denominação homossexualidade, redefinindo-se práticas afetivas e sexuais entre pessoas de mesmo sexo, que sempre haviam existido. Nesse caso, fica evidente a dimensão política da sexualidade humana, ressaltada por Rubin (1998). Segundo a autora, as formas institucionalizadas da sexualidade não são naturais, são produto da atividade humana em um dado contexto histórico e, portanto, incluem em si conflitos de interesse, modos de opressão e de hierarquização.

Louro (2009) diz que, no fim do século XIX, as experiências ditas homossexuais passaram a ser entendidas como a revelação de uma verdade encoberta, e o homossexual, como um sujeito tão distante da norma que chegava a ser tido como alguém de uma espécie diferente. Uma vez que o homossexual e a homossexualidade foram nomeados, teve-se de dar nome também aos sujeitos e às práticas sexuais que tinham servido de base para a sua definição e caracterização: os heterossexuais e a heterossexualidade. Assim, estes, até então despercebidos e invisíveis por conta de sua onipresença, passaram a ser considerados e se firmaram como o modelo para a construção da sexualidade e dos sujeitos, nas sociedades ocidentais.

Quando a heterossexualidade foi identificada e passou a ser alinhada ao corpo naturalmente dado – e sua supostamente inata dualidade (macho-fêmea) –, as práticas sexuais e afetivas com o sexo oposto também passaram a ser tomadas como naturais. Assim, a heterossexualidade, segundo Louro (2009), tornou-se o formato único da sexualidade. Chegou-se, dessa forma, a uma visão de mundo heterocêntrica, segundo a qual, todos são naturalmente heterossexuais.

## **2.2 O sistema de gênero e a matriz heterossexual**

Butler (2003) argumenta que, embora o conceito de heterossexualidade dependa do binário macho-fêmea para existir, esse conceito produz, ao mesmo tempo, as diferenças de gênero. O sistema hegemônico de gênero, que coloca homens e mulheres em polos opostos, só foi (e é) possível em uma matriz heterossexual que considera a existência de dois sexos opostos, naturais e imutáveis, que desejam um ao outro. Para dar conta disso, surgiram, enquanto representações culturais dos sexos, duas categorias internamente coerentes e unas, mas diferentes entre si: o homem e a mulher. Nas palavras da autora: “para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade.” (p. 12-13).

O sistema de gênero vigente desde o século XX inclui, então, uma relação direta entre sexo, gênero e desejo (macho-homem-desejo por mulher, por exemplo), que depende da posição central do desejo heterossexual nas sociedades ocidentais (Butler, 2003). Contudo, como explica Louro (2009), para que a heterossexualidade se mantenha nessa posição privilegiada, há um investimento constante nesse sentido por parte de diversas instâncias (família, escola, igreja, ciência, mídia, etc.). Em um processo denominado heteronormatividade, tais instâncias reiteram continuamente as ideias de que todos são heterossexuais e de que essa é a orientação normal do desejo porque se fundamenta na oposição natural entre homens e mulheres; é assim que a heterossexualidade se constitui e se sustenta como norma.

No entanto, como propõe Butler (2003), uma vez que a relação padrão entre sexo, gênero e desejo é construída pela definição de outras relações entre esses elementos – que seriam anormais e não naturais – constituem-se também essas outras relações. Diferentes articulações entre sexo, gênero e desejo questionam o princípio de que um tipo de desejo sexual exprime um tipo de gênero e que um tipo de gênero exprime um tipo de desejo sexual. De fato, a naturalidade desse princípio é posta à prova, seguidamente, por indivíduos que

interligam corpo, gênero e desejo de maneiras não tradicionais e que ultrapassam os limites impostos pela relação direta entre esses elementos. As identidades de gênero daqueles que o fazem seriam consideradas falhas de desenvolvimento, pois relações atípicas entre sexo, gênero e desejo fogem à compreensão por estarem em desconformidade com o sistema hegemônico de gênero (Butler, 2003).

### **2.3 A matriz heterossexual e os outros desejos e práticas sexuais**

Essa dinâmica fica mais clara quando se considera a questão da heterossexualidade e do tratamento dado aos homossexuais e às práticas homossexuais no ocidente. Como salienta Louro (2009), para que a heterossexualidade viesse a ser identificada – ou para que existisse – precisou-se estabelecer a homossexualidade, e vice-versa, pois uma tem a outra como referência. Embora a heterossexualidade constitua-se como norma, precisa ser reiterada permanentemente porque não é natural. Em parte, isso é feito pela promoção da generalização e da superioridade da heterossexualidade, mediante discriminação e opressão baseadas nos outros desejos e atrações sexuais – o heterossexismo, nas palavras de Welzer-Lang (2001).

De acordo com os critérios comumente utilizados para abordar a direção dos desejos e atrações sexuais e as parcerias do indivíduo em suas práticas sexuais, que são também chamados de orientação sexual, esta pode ser classificada em heterossexual, homossexual e bissexual, conforme Werner (1999). Nos relatórios Kinsey sobre a sexualidade nos Estados Unidos, por exemplo, os pesquisadores descreveram um *continuum* que ia da heterossexualidade exclusiva até a homossexualidade exclusiva, passando pela bissexualidade. Entretanto, tais relatórios revelaram a dificuldade de categorizar pessoas conforme suas orientações sexuais, já que a homossexualidade exclusiva e a heterossexualidade exclusiva foram encontradas com menos frequência do que o esperado. Diversos homens e mulheres referiram tanto práticas heterossexuais quanto homossexuais que haviam lhes proporcionado um orgasmo (Kinsey, Pomeroy & Martin e Kinsey, Pomeroy, Martin & Gebhard, como citado em Robinson, 1977).

Werner (1999) critica o emprego de classificações como essa, baseada na cultura norte-americana, em contextos distintos, com o argumento de que categorias baseadas em uma determinada realidade cultural não podem ser generalizadas. A arbitrariedade dessas classificações ficou evidente no estudo de Teixeira, Marretto, Mendes e Santos (2012). Apesar de terem considerado que, no Brasil, faz parte do senso comum a ideia de que relações afetivas ou sexuais com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto definem a orientação

sexual de um indivíduo, não foi isso que eles encontraram. Nem todos os participantes que se declararam heterossexuais referiram ter tido apenas relações com pessoas do sexo oposto, por exemplo. Com base nesse tipo de resultado, os autores defendem que a identidade sexual não é algo pontual, ligado apenas ao sexo das pessoas com quem o indivíduo se relaciona ou por quem se sente atraído. A identidade sexual seria mais ampla do que a orientação sexual e estaria em permanente construção, envolvendo também valores culturais e o processo de tomar consciência de todos esses aspectos.

No campo das identidades sexuais, a ideia de uma relação direta entre sexo, gênero e desejo é reforçada, ao mesmo tempo em que é desafiada. Um exemplo disso é que, para alguns grupos no Brasil, hierarquias sociais são determinadas não pela dicotomia homossexualidade-heterossexualidade, mas pelo binarismo passividade-atividade. Conforme Fry e MacRae (1991), aqueles que estão em uma posição ativa encontram-se no alto dessa hierarquia. Desse modo, homens que têm relações sexuais com outros homens, assumindo, nestas, o papel ativo, seguidamente não são definidos como homossexuais. Sua caracterização como masculinos, em alguns casos, é reforçada, dada a intensidade de sua sexualidade em uma posição ativa. Já aqueles que ocupam a posição passiva na relação são censurados, desvalorizados e tidos como submissos, fracos e perdedores.

De acordo com Fry e MacRae (1991), expressões comumente utilizadas no Brasil, como “ficar por cima”, “comer”, “dar”, “ficar por baixo”, revelam a valorização da posição ativa e a inferioridade da posição passiva, não apenas no âmbito da sexualidade. Os autores ressaltam que os significados associados à atividade e à passividade dizem respeito ao modelo de masculinidade e de feminilidade, respectivamente. Assim, o típico homem homossexual apresenta os chamados trejeitos, gestos e expressões femininos, e assume uma posição passiva na relação sexual com um homem que apresenta atributos masculinos – de “macho” – e assume uma posição ativa na relação sexual.

O referido estudo foi realizado na década de 1980, mas muitos de seus achados continuam atuais. A associação do masculino com o posicionamento ativo e do feminino com o posicionamento passivo, no campo da sexualidade e das relações, foi também mencionada por Nardi (2010), Neves (2007) e L. de Oliveira (2010). Já Toneli (2006), em uma pesquisa com estudantes de 15 a 24 anos, de Florianópolis, identificou que homens classificados como travestis e *drags* eram associados ao feminino e, portanto, não eram definidos como homens pelos participantes. Por outro lado, os homossexuais que não se enquadravam em tais classificações eram tidos como masculinos e discretos. Quanto aos bissexuais, a pesquisadora

observou repúdio, sendo estes tomados como uma ameaça de assédio, dada a sua ambiguidade sexual.

Tais resultados se assemelham aos citados por Welzer-Lang (2001), Nardi, (2010) e L. de Oliveira (2010), quando esses autores referem que os atributos que fazem um homem homossexual ser assim identificado são aqueles associados às mulheres (voz, vestimentas, acessórios, corte de cabelo, jeito de sentar e se mover). Como diz Louro (2009), o entrelaçamento de gênero e desejo é tão forte, no mundo ocidental, que se cria um emaranhado entre ambos. Características e comportamentos atípicos no campo do desejo sexual levam a consequências no campo do gênero e vice-versa. Disso decorre a generalização da associação entre o homem homossexual e o feminino, bem como entre a mulher homossexual e o masculino. Isto é, a “transgressão da norma heterossexual não afeta apenas a identidade sexual do sujeito, mas é muitas vezes representada como uma ‘perda’ do seu gênero ‘original’.” (Louro, 2009, p.91; grifos da autora).

Esses sujeitos são o alvo principal da homofobia, descrita por Welzer-Lang (2001) como, justamente, a discriminação contra aqueles que se posicionam ou são posicionados como possuidores dos atributos característicos do outro gênero. Embora, no Brasil, a homofobia já seja vista como condenável (Gato et al., 2010; Gouveia et al., 2011), e o país seja alardeado como liberal em relação à homossexualidade (Heilborn, 2006), o preconceito homofóbico continua sendo identificado, ainda que, por vezes, de modo sutil e dissimulado (Gato et al., 2010). A repulsa e rejeição a esses sujeitos e suas práticas afetivas e sexuais têm relação com o que elas revelam. Seus modos de ser e seus comportamentos explicitam os limites do sistema de gênero e da matriz heterossexual. Exatamente por isso, Butler (2003) considera que esses sujeitos e suas práticas permitem a construção de significados diferentes para sexo, gênero e sexualidade e para o próprio sistema de gênero.

#### **2.4 A matriz heterossexual e os significados associados ao homem e à mulher**

A partir da seção anterior, percebe-se que o foco das discussões sobre outros desejos e práticas sexuais recai, em geral, sobre os homens. Segundo Louro (2001), a masculinidade encontra-se fortemente atrelada à heterossexualidade e é tida como algo menos natural do que a feminilidade, devendo, portanto, ser cultivada e vigiada. De fato, como evidencia L. de Oliveira (2010), a masculinidade está sempre sob suspeita: qualquer detalhe na aparência ou no comportamento de um homem pode ser interpretado como sinal de que ele é homossexual. Dado que as relações entre feminilidade e sexualidade são outras, devem-se considerar algumas particularidades em relação à norma heterossexual no caso das mulheres.

De acordo com Louro (2009), a homossexualidade feminina não chama tanta atenção quanto a masculina, pois a expressão de afeto e de intimidade por meio do contato físico é tipicamente associada às mulheres. Além disso, em uma matriz heterossexual e em um sistema de gênero nos quais o homem ativo é tido como sujeito e a mulher passiva, como objeto, as práticas sexuais entre mulheres femininas tornam-se atraentes e, muitas vezes, são interpretadas como se estivessem a serviço das fantasias masculinas (Caproni Neto & Pinto, 2012; Welzer-Lang, 2001). Parte desse fetiche em relação à homossexualidade feminina deve-se à associação da homossexualidade com a promiscuidade e o descontrole sexual (Miskolci, 2007).

A heteronormatividade, então, segundo Louro (2009), é mais aparente no que tange aos homens. Na construção da masculinidade, a heterossexualidade é caracterizada pela importância atribuída à sexualidade, no sentido do conhecimento do homem sobre o ato sexual e do seu desempenho, bem como da potência sexual, expressa, por exemplo, pela capacidade de atração sobre as mulheres. Além disso, há uma valorização da pornografia, da libertinagem e da traição e uma aceitação do comportamento homofóbico (Bordini, 2010; Louro, 2004; Heilborn, 1998; 2006; Leal & Knauth, 2006; Seffner, 2003; 2004).

No que se refere à feminilidade, o desejo sexual não é alvo de tanta atenção, uma vez que as mulheres são vistas, hegemonicamente, como tendo menos interesse na sexualidade propriamente dita, sendo românticas e se interessando mais pelo amor e pelos envolvimento afetivos (Câmara, 2007; Louro, 2001). Nesses envolvimento, a mulher é posicionada como mais dedicada e madura do que o homem (M. T. Couto, Schraiber, d'Oliveira & Kiss, 2007). Existe, inclusive, segundo Neves (2007), uma expectativa de que esse romantismo e dedicação aos relacionamentos estendam-se às relações sexuais, fazendo com que a mulher comporte-se de modo mais passivo.

Para Neves (2007), mesmo com a diminuição das desigualdades sociais no que concerne às relações familiares e a dois, a noção de amor e os relacionamentos íntimos continuam a ser influenciados pelas diferenças de poder relacionadas a questões de gênero. No entanto, desde o final do século XX, muito se fala na revolução sexual em curso. De acordo com Giddens (1993), esta se refere à progressiva autonomia da sexualidade em relação à procriação, permitida, em um primeiro momento, pela modernização dos métodos de contracepção e, finalmente, pela possibilidade de reprodução sem atividade sexual. Com isso, houve um avanço quanto à permissividade sexual, com ênfase no livre-arbítrio, aparente na revolução ocorrida na autonomia sexual da mulher e na maior visibilidade da homossexualidade. Essas mudanças também teriam levado a transformações nas uniões

conjugais e nas relações amorosas, que, hoje, caracterizar-se-iam pelo companheirismo e pela igualdade (Matos, Féres-Carneiro & Jablonski, 2005).

Esses dados contraditórios reforçam a ideia de Nyanzi, Rosenberg-Jallow, Bah e Nyanzi (2005) de que a sexualidade seria uma plataforma em que ideologias, como as relativas ao gênero, são atuadas. A sexualidade e os relacionamentos íntimos não dizem respeito unicamente à individualidade dos sujeitos envolvidos, uma vez que são construídos cultural e historicamente, em uma determinada sociedade e em associação com questões de gênero. Evidências empíricas dessas relações entre gênero e sexualidade são apresentadas a seguir.

## **2.5 Pesquisas sobre a articulação entre gênero e sexualidade**

Pesquisa realizada recentemente pelo Instituto Avon/Data Popular (2013), no Brasil, mostrou que ainda existem expectativas diferentes em relação às sexualidades de homens e mulheres. Mediante aplicação de um questionário em 1500 pessoas das cinco regiões do país, a pesquisa encontrou que, para mais da metade dos homens da amostra, falar sobre problemas, ser carinhoso e manter o casamento bem são comportamentos associados à mulher, enquanto trair é um comportamento associado ao homem. Parte dos homens participantes considerava que sexo é uma necessidade mais masculina (47%) e que é inaceitável que uma mulher fique bêbada (85%) e não mantenha a casa em ordem (89%).

Embora resultados similares venham sendo encontrados por pesquisas qualitativas, estas tendem a mostrar também os desafios e questionamentos aos padrões de gênero que influenciam a sexualidade. Câmara (2007), por exemplo, mostrou a forte associação entre ser homem e ser heterossexual, mediante a análise de 12 edições de uma revista brasileira direcionada ao público masculino. Foi encontrada a tradicional caracterização do homem como dotado de uma sexualidade incontrolável, que o leva a ter o sexo como objetivo principal de qualquer contato com mulheres, sem se envolver afetivamente, e a se enfasiar com relacionamentos estáveis, que incluem discussões com a parceira e rotina sexual.

Não obstante, segundo Câmara (2007), a instabilidade desse padrão de masculinidade ficou evidente, dado que a revista dedicava-se a exercer uma espécie de controle sobre os comportamentos dos leitores – supostamente homens heterossexuais – no intuito de enfatizar seus aspectos tipicamente masculinos. Isso era executado por meio da contraposição dos comportamentos dos prováveis leitores à feminilidade e, também, a outras formas de masculinidade. Por exemplo, o poder e domínio dos homens, bem como a sexualidade como aspecto natural da masculinidade, eram, de certa forma, implicitamente relativizados, quando

a revista aconselhava ter atenção às artimanhas femininas, como se os homens pudessem perder o controle e ser dominados pelas mulheres. Além disso, foram frequentes as matérias em que jornalistas mulheres ensinavam ao leitor como se relacionar com mulheres, como conquistá-las e como melhorar seu desempenho sexual. Subentende-se, então, que os homens têm muito a aprender para manter a sua suposta superioridade na relação com as mulheres.

Em relação ao ideal de mulher apresentado na publicação analisada, Câmara (2007) observou que os homens não buscavam uma mulher hipossexualizada, mas alguém que realizasse fantasias sexuais e propusesse novas experiências nesse âmbito. No entanto, a valorização da performance sexual da mulher e da sua abertura à experimentação estava ligada à satisfação do homem. E, apesar de apresentar mulheres satisfeitas com sua sexualidade, abertas à experimentação e ousadas, a revista mantinha a forte associação entre a sexualidade feminina e o amor – mesmo em relacionamentos casuais –, pois é o envolvimento afetivo que avaliza essa postura menos hipossexualizada da mulher.

Alguns desses achados repetiram-se nos estudos de Miranda-Ribeiro e Moore (2003) e de D. B. Santos e Silva (2008) sobre outras revistas brasileiras – neste caso, voltadas ao público feminino adolescente. Em tais publicações, os homens também eram apresentados como dignos de desconfiança em um relacionamento amoroso, por serem vítimas de seus instintos sexuais. A feminilidade também foi caracterizada pelo romantismo, mas, nesses estudos, identificou-se uma expectativa de que a mulher fosse discreta, só ficasse com um menino por vez (Miranda-Ribeiro & Moore, 2003) e tivesse relacionamentos duradouros e monogâmicos (D. B. Santos & Silva, 2008).

No entanto, no que tange à primeira relação sexual, D. B. Santos e Silva (2008) perceberam um estímulo ao posicionamento ativo da mulher no caso de ela não ter vontade e o homem insistir. As revistas sublinhavam que essa é uma decisão da mulher, que ela deve expor seu ponto de vista ao parceiro e ser assertiva, para que prevaleça a sua vontade. Assim, as revistas reforçavam que a leitora tivesse uma vida sexual autônoma e satisfatória, já que elas teriam a capacidade de controle sobre sua sexualidade, algo que os homens – seus parceiros em uma matriz heterossexual – não têm.

Entretanto, esse estímulo ao posicionamento ativo da mulher referia-se principalmente a não fazer algo que não fosse sua vontade. Nas revistas analisadas por Miranda-Ribeiro e Moore (2003), as mulheres apareciam como independentes, por vezes até assustadoras para os homens, que eram apresentados como inseguros sexualmente. As revistas veiculavam que, por causa disso, se a mulher quiser ser bem sucedida nos relacionamentos heterossexuais, ela deve evitar criticar o desempenho sexual do homem para protegê-lo (Miranda-Ribeiro &



Moore, 2003), bem como disfarçar suas iniciativas e investidas, manipulando as situações para que o homem acredite ter sido ele o idealizador e o executor de todas as ações no campo da sexualidade (D. B. Santos & Silva, 2008). Chamaram atenção, então, nas pesquisas de Câmara (2007), Miranda-Ribeiro e Moore (2003) e de D. B. Santos e Silva (2008), as contradições, presentes nas revistas, em relação à temática das sexualidades de homens e de mulheres.

Essa simultaneidade de significados mais e menos tradicionais associados às sexualidades também foi observada por Saavedra, Nogueira e Magalhães (2010), ao examinarem as participações de 90 homens e mulheres do norte de Portugal, com média de 17 anos, divididos em grupos. O discurso identificado com mais frequência em suas falas centrava-se na questão da experiência. Segundo esse discurso, para o homem adolescente, há uma pressão social para que mostre que é sexualmente experiente, bem como uma desvalorização da virgindade e um medo de ser impotente e de ser mal avaliado em seu desempenho. Já a mulher adolescente é pressionada para se manter virgem, ser fiel e não manifestar sua sexualidade, conforme a associação entre o feminino e o romantismo.

No entanto, um outro discurso, mais igualitário e liberal, também foi identificado. De acordo com tal discurso, a sexualidade feminina tende a se aproximar, progressivamente, da sexualidade tipicamente masculina e vice-versa. Seria aceito, por exemplo, que o homem fosse romântico e que a mulher fosse mais hipersexualizada. Contudo, Saavedra et al. (2010) observaram que esse discurso ainda não é posto em prática, tendo sido mencionado, provavelmente, para dar conta do desejo de mudança dos participantes e do que hoje é considerado politicamente correto.

A pesquisa de Milnes (2010) deu ênfase justamente a essas relativizações dos discursos tradicionais. A autora analisou narrativas produzidas em entrevistas individuais com nove jovens mulheres do Reino Unido. Em geral, os relatos baseavam-se na associação entre o discurso romântico e a mulher e entre o discurso do impulso sexual e o homem. Contudo, Milnes (2010) ressaltou que foram identificadas negociações desses discursos em narrativas que desafiavam o binarismo de gênero, ao relatar as experiências sexuais das jovens com base no modelo da heterossexualidade masculina, embora algumas narrativas tenham mostrado que essas jovens eram estigmatizadas pela sua promiscuidade.

Outro estudo que investigou a negociação dos discursos culturais sobre sexualidade foi o de Jackson e Cram (2003), em que foram analisadas falas de jovens mulheres neozelandesas sobre relacionamentos sexuais com namorados, produzidas em grupos focais. A análise centrou-se em como as participantes baseavam-se nos discursos culturais – que definem a

heterossexualidade e a adolescência, por exemplo – para posicionar a si mesmas e aos outros, bem como nas suas possibilidades de se posicionar de modos diferentes. Os resultados mostraram que as jovens sexualmente ativas eram rotuladas negativamente, ao contrário dos homens. No entanto, em diversas falas, as jovens não se posicionaram como vítimas passivas desse tipo de dualismo de gênero. Ao tomarem, por exemplo, a atividade sexual como uma experiência típica da adolescência, as jovens afastavam o rótulo de promíscuas. O humor também apareceu, em suas falas, como um importante instrumento de resistência.

Diversos estudos vêm mostrando, então, que não há determinismo de gênero, ao enfatizar, em suas análises, o aspecto de construção dos significados que diferenciam as sexualidades de homens e de mulheres, e as resistências e desafios aos mesmos. A linguagem tem um papel fundamental nesse processo de negociação de significados, já que o discurso não tem apenas um papel regulador, mas também produtor de sentidos (Butler, 1999). As perspectivas que acreditam que há uma multiplicidade de sentidos e que a sua construção ocorre em interação tomam a narrativa como um campo fértil para o trabalho com a heterogeneidade da experiência pessoal (Kraus, 2007). Narrando, esclarece Lopes de Oliveira (2006), além de o sujeito justificar seus atos e os papéis que desempenha, é possível construir novos significados, bem como se posicionar em relação aos mesmos.

### **3 Linguagem, interação e narrativa**

Desde o movimento pós-positivista chamado Virada Linguística, surgido por volta do início do século XX, nos países de língua inglesa (Condé, 1998), a linguagem deixou de ser considerada um meio de representação de uma realidade fixa, pré-existente e independente. Bruner (1998), um dos autores mais importantes ligados a esse movimento, argumenta que não há mundo independente da atividade mental humana, da linguagem, pois é através de procedimentos simbólicos que o ser humano constrói a realidade. Segundo Silva (2003), desde a Virada Linguística, a linguagem é tida como “sistema de significação” (p. 78), atribuindo sentidos que constituem e definem a realidade, hierarquizando-a.

Paralelamente à contestação das concepções essencialistas no âmbito da linguagem, passou a ser questionada a concepção tradicional de identidade. Esta, então, deixou de ser considerada a essência imutável do ser humano. Assim, o sujeito não tem uma identidade, mas várias, que podem modificar-se através das relações sociais e dos contextos culturais pelos quais o indivíduo se movimenta (Sefton, 2006).

Segundo Kraus (2007), a construção das identidades se dá na relação com uma variedade de outros. Com esses outros, o indivíduo pode estabelecer uma série de vínculos e

afiliações, que, por sua vez, deverão ser administrados pelo sujeito. A mobilidade oferecida pela sociedade atual, em constante modificação, possibilita o contato do indivíduo com identidades diferentes, o que o leva a refletir e a se autoquestionar constantemente quanto à sua construção identitária. Isso faz com que a construção individual das afiliações, atualmente, caracterize-se pela hibridez, transcendência de categorias e efemeridade.

O autor aponta para o papel central da interação nesse processo. Embora não haja uma identidade estável, o indivíduo, ao contar sua história, tenta organizar-se em uma unidade. As histórias pessoais, contudo, são comumente voláteis e sujeitas a mudanças de acordo com a audiência e com o contexto (Kraus, 2007). Assim, o processo contínuo de revisão e renegociação das identidades tem como base as situações comunicativas e interacionais, pois, nestas, as identidades conforme as quais a pessoa se posiciona poderão ser ratificadas ou não por seus interlocutores (Bamberg, 2002; Ochs, 1992).

Dentre as situações comunicativas e interacionais, Bamberg (2004a) reforça que “as narrativas (...) sempre revelam a identidade de quem fala” (p. 223). Acompanhando a mudança paradigmática no campo da linguagem e da identidade, as narrativas passaram a ser vistas como uma forma de pensamento, um organizador da experiência, pois o indivíduo, ao construir histórias e ter contato com as histórias dos outros, dá sentido à sua experiência e à sua realidade (Bruner, 1997). Como sugerem Brockmeier e Harré (2003), a narrativa é um “*modus operandi* de práticas específicas de discurso” (p. 553), que, portanto, acompanha a fluidez, a instabilidade e a variabilidade da realidade humana. Por dar atenção às inconsistências, contradições e ambiguidades presentes na interação entre os interlocutores, a análise de narrativas permite examinar como os narradores constroem e administram um sentido de si mesmo no dia-a-dia (Bamberg, 2004b).

Um dos conceitos que podem ser utilizados em tais análises é o de performatividade, entendida por Butler (1999) como o poder do discurso em produzir aquilo que ele regula. A identidade de gênero, por exemplo, é tida como performativa, pois “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (Butler, 2003, p. 48). Ou seja, através da repetição de normas ou práticas que, em uma dada cultura, são tomadas como constituintes de uma identidade, produz-se determinada identidade. Contudo, Butler (2003) ressalta que a performatividade de gênero não quer dizer que haja liberdade para se optar entre quaisquer identidades possíveis. Ao contrário, padrões normatizantes direcionam o indivíduo para determinados caminhos. Ainda assim, há possibilidade de se questionar essas repetições,

oferecendo resistência às construções estabelecidas e fixadas pela sua própria reiteração (Butler, 1999).

### 3.1 Pesquisa com narrativas

Quando a identidade vem a ser tida não mais como pertencente ao indivíduo, mas como uma construção que ocorre na interação social, determinada pelos contextos nos quais se manifesta, e a linguagem passa a ser considerada o meio pelo qual se dá essa construção, a análise de narrativas também se modifica. Segundo Georgakopoulou (2007), atualmente, diversos estudos acerca das identidades na narrativa trabalham com as chamadas “pequenas histórias”<sup>1</sup>. Estas são narrativas que são contadas nas interações cotidianas e que são consideradas por Bamberg (2004b) como as “verdadeiras” histórias de vidas “vivas” (grifos do autor).

Bamberg (2006; 2007) utiliza o termo pequenas histórias para se referir a histórias curtas, que geralmente não têm como tema o próprio narrador e que não tratam de uma vida inteira, às vezes, nem mesmo de uma experiência pessoal. Por conseguinte, o termo abarca toda uma gama de atividades narrativas que eram pouco contempladas no meio acadêmico, como contações de eventos futuros, presentes, hipotéticos, compartilhados, e, até mesmo, as alusões, suspensões ou recusas em narrar (Georgakopoulou, 2007). As pequenas histórias, portanto, não correspondem à clássica narrativa laboviana (Labov & Waletzky, 1967) não compartilhada, referente a experiências pessoais e eventos passados e que se apresenta tipicamente como uma história de vida ou narrativa autobiográfica.

De acordo com a proposta de Ochs e Capps (como citado in Becker & Quasthoff, 2005) de organizar as narrativas em um *continuum*, a narrativa laboviana localizar-se-ia próxima ao extremo em que se encontra o protótipo de narrativa. Já as pequenas histórias estariam mais perto do polo não prototípico do *continuum*, correspondente à narrativa que comporta múltiplos narradores, contando algo moderadamente contável<sup>2</sup>, que está relativamente contextualizado no discurso, com uma organização causal e temporal não linear e uma posição moral mais fluida. No entanto, tais histórias corriqueiras, empregadas como uma ferramenta retórica para afirmar e opinar, são fundamentais no processo de construção das identidades do sujeito, pois nelas ele apresenta diferentes versões de si mesmo, de acordo com o contexto comunicativo (Bamberg, 2004a).

---

<sup>1</sup> Em inglês, “*small stories*”.

<sup>2</sup> Tradução livre para “*tellable*”. Refere-se à significância que a narrativa tem para os interlocutores. Aquelas narrativas mais contáveis são, em geral, recontadas várias vezes.

Segundo De Fina e Georgakopoulou (2011), a psicologia discursiva foi uma das correntes que ressaltou a importância de que os contextos de produção fossem considerados nas análises de narrativas. Esse enfoque dedica atenção à maneira como as pessoas realizam suas identidades em uma determinada situação interacional por meio do exame dos movimentos linguísticos e interacionais em tal situação. Dado que o foco do presente trabalho é a negociação dos significados associados às sexualidades de homens e mulheres ou a negociação da influência do gênero sobre a sexualidade, empreendida pelos participantes, considerou-se que alguns conceitos da psicologia discursiva seriam úteis para a análise dos dados. Tais conceitos são descritos a seguir.

### **- Posicionamento**

Segundo De Fina e Georgakopoulou (2011), o conceito de posicionamento, introduzido por Davies e Harré (1990), é empregado para investigar como os discursos – ou, nas palavras de Foucault, as posições subjetivas culturalmente disponíveis – são utilizados pelos indivíduos para fazer sentido sobre eles mesmos e sobre importantes situações que viveram. De acordo com van Langenhove e Harré (1999), na construção de histórias pessoais, ocorre a atribuição de posições fluídas aos falantes, que faz com que suas ações sejam inteligíveis e determinadas como atos sociais. Isto é, a escolha das palavras utilizadas e as ações associadas evocam os lugares que as pessoas momentaneamente ocupam em uma dada conversa (Harré e van Langenhove, 1999).

Para enfatizar a fluidez de tal processo, utiliza-se o termo posição, ao invés de papel. Porém, conforme De Fina e Georgakopoulou (2011), muitas das pesquisas sobre narrativas e identidade que usam o conceito de posicionamento tendem a trabalhar com posições subjetivas culturalmente disponíveis pré-existentes, como se fossem entidades independentes e pré-discursivas reproduzidas ou reveladas nas interações. Há movimentos, entretanto, que se contrapõem à ideia de que o falante é posicionado de um modo determinista por discursos pré-existentes. Tais movimentos acreditam nos aspectos de atividade e autoria do falante, uma vez que consideram que este seleciona, resiste e revisita posições (De Fina & Georgakopoulou, 2011).

Nesse sentido, o conceito de posicionamento seria usado para se referir às posições das pessoas em interação quando estão engajadas na negociação de significados, incluindo-se aí os significados presentes na sua cultura, mas também os significados gerados na própria interação, possibilitando que se ampliem os significados pré-existentes (Moita Lopes, 2009). Exemplos dessa perspectiva que reforça a característica de autoria do indivíduo, sem

desconsiderar a importância dos discursos e ideologias na construção dos significados e das identidades, são os estudos de Bamberg e Georgakopoulou (2008) e de Bamberg (2002), que nortearam as análises aqui executadas. Em função disso, este último é descrito, a seguir.

Bamberg (2002) investigou os posicionamentos de jovens, por meio da análise de uma narrativa construída em interação por cinco adolescentes americanos em um grupo focal, no intuito de analisar como eles faziam sentido de si próprios enquanto adolescentes do sexo masculino. O grupo discutiu a promiscuidade de uma colega, que havia mantido várias relações sexuais com alguns garotos, tendo, talvez, engravidado.

Em um primeiro nível da análise de posicionamento empreendida, Bamberg (2002) analisou como os personagens apresentados estavam posicionados uns perante os outros, investigando as caracterizações dos mesmos e as descrições das ações narradas. Com isso, observou que, através de táticas retóricas e escolhas lexicais específicas, o grupo colocou a colega, personagem principal, na posição de agente, atribuindo a ela a responsabilidade por ter sido caracterizada como promíscua, irresoluta, inconsequente e “burra”. Chamou atenção do pesquisador que as informações sobre o episódio em si foram escassas, o foco era a caracterização da garota, quem era ela, seu comportamento e sua posição moral.

No segundo nível da análise de posicionamento, Bamberg (2002) examinou como os narradores se posicionavam diante de seus interlocutores, ou seja, como os narradores e a audiência se utilizavam de suas participações para se posicionarem uns diante dos outros. Todos os adolescentes participaram ativamente da construção da narrativa, mas Bamberg (2002) identificou um narrador central e um segundo falante, posicionado como amplificador do primeiro, que reformulava os eventos relatados e pressionava para que se fizesse a avaliação moral da personagem. Tendo o pesquisador como moderador, e, portanto, como audiência, o grupo teria se colocado na posição de ensiná-lo o que significava ser um adolescente: responsável, adequado, praticamente, um adulto.

O último nível da análise abordou as posições dos participantes diante dos discursos culturais hegemônicos, ou ideologias sociais, e como, por meio dessas posições, eles faziam sentido de si mesmos. Bamberg (2002) assinalou que, ao criticarem a personagem principal de uma maneira distanciada, os garotos revelaram que a questão da promiscuidade é uma questão generificada, que, culturalmente, coloca homens e mulheres em posições diferentes.

#### **- Repertórios interpretativos**

Repertórios interpretativos são outro conceito analítico fundamental da psicologia discursiva. De acordo com Edley (2001), tal conceito foi descrito pela primeira vez em 1984,

por Gilbert e Mulkey. Estes denominaram repertórios interpretativos os diferentes modos de se falar sobre um mesmo tópico. O conceito foi, então, trazido para a psicologia social por Potter e Wetherell (1987), sendo definido como um conjunto de termos e metáforas nos quais as pessoas se baseiam para caracterizar e avaliar diversos fenômenos.

Assim, um repertório seria uma espécie de senso comum, que não precisa ser mencionado por completo ou explicitamente (Wetherell, 1998), incluindo temas, lugares-comuns e alegorias que estão em circulação em uma dada cultura; serve como uma linha argumentativa habitual, da qual o indivíduo lança mão quando descreve e qualifica atividades, ações, objetos, eventos, enfim, as coisas do mundo (Potter & Wetherell, 1987; Wetherell, 1998). Segundo Wetherell (1998), em uma situação interacional, os repertórios interpretativos funcionam como um instrumento empregado pelos interlocutores para fazer sentido, algo como um pano de fundo para os posicionamentos que são administrados por eles naquele momento.

Por conseguinte, afirma Edley (2001), pesquisas que buscam acessar os diferentes repertórios empregados na interpretação de determinado fenômeno revelam as limitações existentes para a construção de significados. O entendimento das pessoas sobre objetos e eventos não é livre, pois se desenvolve a partir do senso comum de uma comunidade, dos padrões de fala, imagens, metáforas e figuras de linguagem tipicamente associados a tais objetos e eventos.

Ainda assim, para Edley (2001), a perspectiva que utiliza o conceito de repertórios interpretativos ressalta a autoria e o protagonismo do indivíduo. Em comparação com o conceito de discurso, por exemplo, os repertórios interpretativos também dão a ideia de um repositório de significados, mas são menores, mais fragmentados, e atribuem maior flexibilidade à linguagem, remetendo ao pressuposto de que o falante tem à sua disposição uma gama de oportunidades retóricas diferentes. Nesse sentido, o conceito de repertório interpretativo parece adequado ao estudo das negociações de significados empreendidas pelos indivíduos. Segundo Wetherell (1998), tal conceito está em linha com uma postura mais integrada de análise e auxilia no trabalho com posicionamentos, já que as posições identificadas podem ser ordenadas conforme os repertórios nos quais se encaixam.

Um dos campos provavelmente profícuos à investigação das negociações dos significados atribuídos às sexualidades, nos moldes acima descritos, é o da adolescência. A revisão sobre a temática dos significados associados às sexualidades indicou que, hoje em dia, há uma simultaneidade de valores modernos e tradicionais no que se refere à sexualidade. Paralelamente, a adolescência é tida como um período capaz de expressar aspectos sociais e

culturais da contemporaneidade (Justo, 2005). Por esta razão, este estudo terá jovens como participantes.

## **4 Adolescência**

### **4.1 Perspectiva adotada**

As definições quanto à adolescência são diversas. Em relação aos seus limites temporais, a definição de adolescência varia conforme critérios estabelecidos por instituições oficiais (Pereira, 2007). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1975), por exemplo, distingue a pré-adolescência (de 10 a 14 anos) da adolescência (dos 15 aos 19 anos). No presente estudo, adota-se esta definição cronológica.

A inexistência de uma definição única da adolescência indica o aspecto de construção, presente nesse conceito. Essa construção fica clara quando se pensa na adolescência em termos históricos. Postman (1999) explica que a necessidade de uma transição, de um estágio intermediário entre a infância e a adultez, é uma ideia Moderna. Apesar de a adolescência estar relacionada ao processo corporal chamado puberdade – previsto no desenvolvimento dos indivíduos em geral – ela não se resume ao mesmo.

Bremm e Bisol (2008) evidenciam que as significações associadas às mudanças características da puberdade não são fixas, sendo constantemente interpretadas e reinterpretadas pelas sociedades. Isso faz com que as definições do que é ser adolescente sejam continuamente construídas. Logo, a adolescência não é uma categoria natural, podendo ser entendida como uma construção social inventada (Bremm & Bisol, 2008). Assim – recomendam os autores – é importante não se presumir a existência de uma natureza única compartilhada pela totalidade dos adolescentes. Mesmo que as significações socialmente construídas sobre a adolescência influenciem quem adolece, ressalta-se que são convenções, para se evitar o equívoco de tomar o período etário como causa direta de determinados comportamentos dos sujeitos.

Atualmente, segundo Sarriera e Paradiso (2012), a adolescência é reconhecida não apenas como uma transição, mas um período de contrastes, possibilidades, descobertas e experiências. Isso se deve ao desenvolvimento intenso e global que ocorre nesse momento. Em termos físicos, ocorrem transformações na forma e nas capacidades do corpo, que possibilitam um novo estatuto sexual (Bremm & Bisol, 2008). O início da vida sexual e reprodutiva, e as expectativas em torno destas, são experiências fundamentais desse período, sendo a construção da sexualidade uma das principais questões do desenvolvimento do adolescente (Heilborn et al., 2006; Subrahmanyam, Greenfield & Tynes, 2004).



No que tange ao desenvolvimento cognitivo, como explicam Piaget e Inhelder (1976), é a partir da adolescência que se pode atingir a etapa final do desenvolvimento cognitivo – as operações formais – caracterizada pela descentração do pensamento e pela abstração. Assim, o adolescente poderá rever o passado, questionar valores e planejar o futuro. No entanto, como o raciocínio hipotético-dedutivo recém alcançado caracteriza-se por um distanciamento do real, a entrada do adolescente na sociedade adulta se dá pela via dos projetos em nível teórico ou fantasioso. Serão as situações concretas que o adolescente acabará por vivenciar que farão com que as fantasias sejam abandonadas. Isto é, ao longo do tempo, a ação (a experiência) opera uma reconciliação entre o pensamento formal e a realidade (Piaget (1999). Essa é uma das características que torna diferentes os adolescentes mais jovens daqueles que já estão a caminho da idade adulta.

Ao final da adolescência, não são menores as exigências e tarefas a serem cumpridas pelo indivíduo para que seja considerado, dali para frente, adulto. Os compêndios que abordam o desenvolvimento humano apresentam diferentes idades para o término da adolescência. Bee (2003), por exemplo, considera que a adolescência vai até os 20 anos, salientando que o período entre os 16/17 anos e os 20 é chamado de juventude, por alguns autores, e de adolescência final, por outros. Já Cole e Cole (2003) afirmam que os psicólogos especializados em adolescência delimitam como último subestágio desta o período entre os 18 e os 21 anos, que corresponde à época universitária. Esses autores ressaltam que, ainda que o excesso de conflitos típico da adolescência seja um estereótipo ocidental, há evidências de que o final dessa etapa seja permeado por ansiedades e incertezas, dada a transição para o *status* de adulto.

Atualmente, tal transição vem sendo protelada, pois o indivíduo acaba dedicando mais tempo à escola, adiando sua entrada no mundo do trabalho, sua independência econômica e a constituição de uma família. Segundo Salles (2005), essa realidade explica a tendência moderna ao prolongamento da adolescência. Em relação ao contexto brasileiro, Salles (2005) e Silveira e Wagner (2006) esclarecem que isso apenas é possível porque, cada vez mais, aceita-se que os filhos adiem a saída da casa dos pais.

Essa ampliação do período de transição para a idade adulta é, então, uma questão cultural. Arnett (2010) afirma que a necessidade de níveis mais altos de formação educacional e o foco em si próprio levam o indivíduo de 18-25 anos a passar mais tempo explorando posturas, valores e possibilidades em relação à idade adulta. O autor chama esse período de idade adulta emergente<sup>3</sup>, sem desconsiderar o fato de que tal exploração

---

<sup>3</sup> Tradução livre para “*emerging adulthood*”.

prolongada de opções de vida pode ocorrer apenas em culturas que permitem o adiamento da assunção de papéis tipicamente adultos, algo comum em sociedades industrializadas.

Independentemente da definição temporal desse período de transição entre a adolescência e a idade adulta, não se pode minimizar a intensa negociação que o indivíduo moderno, ocidental e com condições econômicas, nesse período, faz entre as exigências dos papéis adultos e todas as possibilidades que ele vislumbra. Segundo Berk (2010), a negociação das esferas da identidade, do amor e do trabalho faz com que a idade adulta emergente seja um momento de desafio e incerteza. O indivíduo, nesse momento, deixou a adolescência, mas ainda não assumiu as responsabilidades adultas. Com isso, as pessoas de 18-25 anos podem engajar-se em atividades variadas, explorando alternativas nos campos da educação, do trabalho, dos valores e crenças pessoais e do amor. Como podem experimentar mais, têm mais chance de ampliar suas posturas e valores (Arnett, 2010).

Um dos contextos que fomentam essa exploração, na idade adulta emergente, seria a universidade. Esta, de acordo com Arnett (2010), configura-se como um terreno no qual o indivíduo encontra novas ideias e crenças, pode testar várias opções, sondando valores, papéis e comportamentos alternativos. Essa exposição a diversas visões de mundo promove a ampliação das opiniões e valores do indivíduo, ao mesmo tempo em que faz com ele pense mais a seu respeito, propiciando crescimento pessoal (Arnett, 2010).

Esse momento caracterizado por intensas explorações e questionamentos mostra-se fecundo para a investigação de como as pessoas negociam a relação entre gênero e sexualidade, visto que, nessa fase de transição, o indivíduo provavelmente tem um papel mais ativo no seu próprio desenvolvimento do que teve anteriormente. Assim, esta pesquisa contou com participantes jovens universitários. Antes da descrição dos estudos realizados, contudo, é importante considerar algumas peculiaridades da adolescência, em termos sexuais e interacionais.

## **4.2 Adolescência e sexualidade no Brasil**

O desenvolvimento de aspectos físicos, cognitivos e psicossociais não ocorre de modo dissociado. O desenvolvimento da sexualidade na adolescência, por exemplo, apoia-se em mudanças físicas no corpo do indivíduo, mas compreende também uma série de expectativas em torno destas (ECOS, 2004). A sexualidade é essencial para esse período e, segundo Matos et al. (2005), insere-se no processo de construção identitária do adolescente.

Como mostram algumas pesquisas, os jovens não vivem suas sexualidades nas mesmas condições, uma vez que assimetrias de gênero, de orientação sexual, entre outras,

influenciam suas experiências. Um território fortemente marcado pelo sistema hegemônico de gênero, na adolescência, é o das orientações sexuais. Pesquisa que analisou os comportamentos sexuais e reprodutivos de 4.634 jovens, na faixa etária dos 18 aos 24 anos, residentes em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador (Heilborn, 2006), revelou a dificuldade dos homens em aceitar a homossexualidade, particularmente daqueles com maior nível de escolaridade e em relação à homossexualidade masculina.

Conforme encontraram Teixeira et al. (2012), em estudo realizado com 2282 adolescentes do interior de São Paulo, a não definição como heterossexual gera consequências para os jovens. Eles e elas referiram ser vítimas de agressão, ter medo da rejeição por parte das pessoas importantes em suas vidas e ter de se preocupar com o quanto explicitam sua orientação sexual. A questão de assumir uma orientação diferente da heterossexual mostrou ser importante no desenvolvimento dos participantes. Os pesquisadores explicam que o processo de construção de uma identidade não heterossexual envolve dificuldades, uma vez que outras orientações sexuais são associadas, em geral, ao indesejável e ao patológico. Desse modo, essa pesquisa revelou, por um lado, a força do discurso heterossexista; por outro lado, salientou que as identidades sexuais não são parte de uma essência do sujeito. Isso ficou mais evidente entre os participantes que não se definiram como heterossexuais, pois grande parte deles referiu já ter sentido atração e mantido relações sexuais com pessoas dos dois sexos.

Além da orientação sexual, vários aspectos da sexualidade do jovem brasileiro são influenciados pelo gênero. Outra publicação sobre a pesquisa mencionada anteriormente, que analisou os comportamentos sexuais e reprodutivos de jovens de três capitais do país (Heilborn et al., 2006), mostrou uma tendência de que os homens tenham sua iniciação sexual com parceiras eventuais, enquanto as mulheres tenham com seus namorados. O estereótipo da relação heterossexual, na qual a mulher valoriza o diálogo com o parceiro e este evita conversar sobre o relacionamento, também foi identificado.

No entanto, além dessa concepção tradicional, foi encontrada uma visão mais simétrica quanto às sexualidades de homens e mulheres, sobretudo entre as mulheres mais escolarizadas. Em relação às concepções sobre sexo, a resposta mais frequente, em primeiro lugar, entre homens e mulheres, foi a de que o sexo é uma prova de amor; em segundo lugar, figurou a resposta de que o sexo é uma fonte de prazer e satisfação pessoal. Chamou atenção dos pesquisadores, contudo, a concepção, entre os homens de maior escolaridade, de sexo como uma necessidade física, algo praticamente incontrolável. Já quanto à fidelidade, a maioria dos participantes homens e mulheres revelou considerar que esta é a norma quando se

está em uma relação afetiva, ainda que os homens tenham relatado traições com muito mais frequência.

O campo das relações afetivas e sexuais ganha destaque na adolescência. Segundo Berk (2010), no final dessa fase, os motivos mais comuns para se relacionar estão ligados à busca por companheirismo, afeto e suporte social. Matos et al. (2005) consideram que, nessa fase, os relacionamentos têm um caráter de treinamento. O indivíduo desenvolveria e testaria suas habilidades de se relacionar por meio dos namoros, das relações sexuais e do ficar. Mais do que isso, as relações românticas são um aspecto crucial do mundo social da maioria dos adolescentes de países ocidentais, fundamental para o desenvolvimento de sua identidade, sua autonomia, suas habilidades em termos de intimidade e de gerenciamento de conflitos (Seiffge-Krenke & Connolly, 2010).

No Brasil, desde a década de 1980, um tipo de relacionamento vem ganhando destaque: o ficar. Matos et al. (2005) explicam que este pode incluir apenas uma troca de beijos e carinhos ou até mesmo relações sexuais, desde que mantenha a sua característica definidora, isto é, a falta de compromisso entre os parceiros. É esse aspecto que permite que se tenha mais de um parceiro para ficar sem que isso seja considerado uma transgressão. De acordo com S. C. L. Mello (1996), o ficar engloba algumas das características da atualidade, bem como alguns aspectos do romantismo. Freitas e Dias (2010), Matos et al. (2005) e Mariano (2001) obtiveram resultados similares. Os pesquisadores encontraram duas concepções sobre o ficar: algo que tem um fim em si mesmo, passageiro, descompromissado e mais superficial, e um primeiro passo que pode levar ao namoro.

Para os jovens, a exploração do campo da afetividade e da sexualidade por meio do ficar pode ter, então, a função de preparação para o namoro, isto é, para um relacionamento mais compromissado e duradouro (Justo, 2005). Em uma relação nesses moldes, segundo os jovens, deve haver amor, paixão, carinho, intimidade, respeito, entusiasmo, confiança, sinceridade e fidelidade (Freitas & Dias, 2010; Matos et al., 2005). Conforme Matos et al. (2005), eles esperam encontrar uma pessoa ideal para o namoro, tipo de relacionamento preferido pelos participantes da pesquisa de Mariano (2001), sobretudo as mulheres. Observa-se, assim, que o ideal romântico continua a permear a sexualidade dos jovens brasileiros.

Pesquisas conduzidas no Rio Grande do Sul confirmam essa simultaneidade de diferentes interpretações acerca da sexualidade por parte de jovens. Rieth (2002), por exemplo, realizou um estudo etnográfico com 42 jovens, das camadas médias de Pelotas, com idades entre os 15 e os 19 anos. Os resultados mostraram o ficar como uma forma de

envolvimento sem compromisso, uma maneira de conhecer outras pessoas – uma visão que estaria em consonância com a referida revolução sexual.

No entanto, houve uma associação entre o feminino e a sensibilidade, com as jovens vinculando sexo e amor em um namoro com uma pessoa ideal. Ao homem, por outro lado, foi associada uma sexualidade instintiva. Em geral, os participantes esperavam que a mulher aguardasse a iniciativa do homem e não mantivesse relação sexual ao ficar com alguém, preocupando-se com sua reputação; ao passo que, do homem, esperavam que tivesse um grande número de conquistas sexuais, convencendo a mulher a fazer sexo. Ao mesmo tempo, com respeito à primeira experiência sexual, houve relatos de que, quando a mulher é mais experiente que o homem, é ela quem toma a iniciativa. Além disso, conforme a pesquisadora, as expectativas dos jovens homens que ainda não tinham tido relação sexual eram semelhantes às das jovens, isto é, encontrar a pessoa certa para que sua iniciação sexual fosse com uma namorada.

Esses resultados vão ao encontro da pesquisa de Bordini (2010), que investigou as concepções de 41 adolescentes sobre o que é ser homem e ser mulher, a partir de sua interação em grupos focais *on-line*. As narrativas dos participantes – todos de Porto Alegre, entre os 14 e os 15 anos – versaram predominantemente sobre relacionamentos heterossexuais. Nestes, homens e mulheres assumiam posições complementares, eles hipersexualizados e elas hipossexualizadas; o posicionamento contrário era censurado por pares e genitores. Contudo, foram também encontrados questionamentos e relativizações a esses significados. Algumas narrativas apresentaram mulheres no papel de agente e posicionadas ativamente, bem como homens no papel de receptor e posicionados passivamente. Tais dados apontam para a importância de se investigar as negociações empreendidas, atualmente, por jovens quanto à articulação entre gênero e sexualidade.

### **4.3 Adolescência, interação e internet**

#### **- Interação: o grupo de pares**

A opção pelo trabalho com jovens em interação deve-se à reconhecida importância dos pares no seu desenvolvimento. Os amigos passam a ter um papel fundamental na vida do adolescente, dada a busca deste por referências para além da família. De acordo com Taquette e Vilhena (2008), na construção identitária do adolescente, o grupo de pares aparece como modelo e proteção, o que lhe confere poder de influência. Em relação ao aspecto sexual, em sua pesquisa com 15 mulheres adolescentes do interior de São Paulo, as autoras

observaram que o grupo avalizava o início da atividade sexual antes do casamento, pois a aceitava e a tomava como algo natural, em um contexto em que é moralmente condenada.

Macedo, Miranda, Pessoa Júnior e Nóbrega (2013), bem como Teixeira et al. (2012), salientam essa importância que os amigos adquirem no que tange à sexualidade em tal período, uma vez que é com eles que os adolescentes preferem trocar informações sobre esse assunto. Como explica Borges (2007), o grupo de pares, obviamente, faz parte de um contexto maior, permeado pelos padrões hegemônicos de sexualidade, e pode, assim, reforçá-los em suas interações. Contando com uma amostra representativa de homens e mulheres, com idades entre os 15 e os 19 anos, da zona oeste do Município de São Paulo, a pesquisadora identificou a pressão dos pares para a iniciação sexual dos adolescentes. Em geral, os resultados sugeriram que os adolescentes são pressionados ou estimulados a se comportar de certas maneiras, uma vez que metade dos participantes referiu que homens e mulheres jovens têm relação sexual sem ter vontade e que 44,6% dos adolescentes homens da amostra e 25,9% das mulheres revelaram já ter ficado com alguém sem vontade.

Sem deixar de considerar o papel da família na socialização dos adolescentes, E. R. B. Oliveira (2007) ressaltou o impacto dos pares e dos parceiros afetivo-sexuais enquanto modelos na construção das identidades de gênero e sexuais das adolescentes investigadas. A pesquisadora observou similaridades (inclusive temporais) nas trajetórias afetivas sexuais das participantes e de suas amigas íntimas. Também as relações com namorados, maridos e companheiros mostraram ser importantes na socialização das participantes.

Houve relatos sobre o quanto características dos parceiros, associadas ao modelo de masculinidade que as jovens possuíam – tentativa de controlar o relacionamento e a parceira, por exemplo –, interferiam na relação, uma vez que eram aceitas. Ao mesmo tempo, o relacionamento com parceiros do sexo oposto, por vezes, configurou-se como uma oportunidade para as jovens questionarem os modelos de gênero existentes na socialização familiar, o que poderia levar a uma modificação das suas concepções sobre os papéis atribuídos ao homem e à mulher numa relação afetiva sexual (E. R. B. Oliveira, 2007).

#### **- Interação: a internet**

Subrahmanyam et al. (2004) também enfatizam o quanto os grupos de pares são importantes no desenvolvimento das identidades dos adolescentes, sendo comum que esses grupos passem o dia juntos na escola e que, depois, continuem se comunicando pela internet. De fato, no Brasil, os grupos etários de 15 a 17 anos e 18 ou 19 anos de idade são os que apresentam os maiores percentuais de pessoas que acessam a internet (Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística [IBGE], 2013). Para essa população, a internet é tida essencialmente como meio de busca de informação e comunicação (H. D. Mello & Wiggers, 2008). Mais do que os adultos, os jovens tendem a usar a internet por motivações sociais: comunicar-se com amigos, conhecer pessoas, obter ajuda pessoal e participar de grupos (Subrahmanyam, Greenfield, Kraut & Gross, 2001).

Por ser um contexto de interação privilegiado pelo jovem, a internet pode ser considerada como um novo “espaço social” na sua vida, alterando, assim, as relações com seus pares e o seu autoconceito (Hellenga, 2002). Além disso, a internet tem se sobressaído também como espaço de expressão, construção e transformação pessoal (Anderson, 2002; Soares & Terêncio, 2003). Pesquisadores vêm assinalando que, na internet, as pessoas podem apresentar-se de diversas formas, sentindo-se à vontade para opinar e experimentar diferentes papéis em decorrência do anonimato (Anderson, 2002; Calvert, 2002; Reid & Reid, 2005; Suler, 2001).

Em canais de comunicação promovidos pela internet, nas salas de bate-papo ou nos grupos de *email*, por exemplo, o anonimato pode ser assegurado pelo apelido ou *nick* do usuário, por ser um pseudônimo criado por ele mesmo. Nesses contextos, a única informação a que um usuário tem acesso, antes de dar início à troca de mensagens com os outros, é o apelido ou *nick* daqueles que já participaram escrevendo.

O anonimato decorrente da internet, segundo Huffaker e Calvert (2005), não necessariamente implica em fingimentos por parte dos seus usuários. Em seu estudo sobre *blogs* de língua inglesa criados por adolescentes, os pesquisadores encontraram que eles frequentemente revelavam informações pessoais e que a maioria dos *blogs* era utilizada para discutir questões como relacionamentos e orientação sexual. Já a pesquisa realizada por Dias e La Taille (2006), no Brasil, também com jovens, obteve resultados diferentes, dado que os participantes referiram modificar informações como idade, nome e aparência física, ao acessar salas de bate-papo, tanto por segurança e discrição, quanto por diversão.

Embora os resultados desses dois estudos sejam contraditórios, ambos corroboram a conclusão de Valkenburg, Schouten e Peter (2005) de que a internet pode desempenhar um papel importante na exploração identitária na adolescência, por ser um campo que predispõe à experimentação de diferentes posições. Como essa exploração identitária ocorre em interação, autores como Greenfield e Yan (2006) defendem que a internet seja considerada um ambiente social, no qual as costumeiras questões dos adolescentes – como a sexualidade – fazem-se presentes.

## 5 A internet, a *web 2.0* e os novos letramentos digitais

A internet não é um ambiente que está dado previamente, pois, como salientam Subrahmanyam et al. (2004), a cultura de um ambiente virtual é construída e moldada pelos seus usuários. Tal concepção sobre os ambientes virtuais inclui a ideia de que a internet é mais do que um espaço de interação. Essa sua característica interacional em conjunto com aspectos como o anonimato, a profusão de informação e os recursos semióticos atualmente disponíveis fazem com que a internet seja tida como local de experimentação, transgressão e ativismo.

Moita Lopes (2010) explica que, ao oferecer acesso a diversos discursos, antes praticamente inacessíveis, e por conta do anonimato e da impressão de ser um ambiente livre do controle institucional, a internet permite o questionamento aos significados hegemônicos. Além disso, o autor ressalta a importância dos aspectos de colaboração e participação da chamada *web 2.0*, que, por permitirem a ação conjunta e a construção conjunta de significados, tornam o contexto virtual um espaço em que qualquer usuário pode atuar politicamente no sentido de defender seus pontos de vista e de agir para transformar o mundo.

Na *web 2.0*, estão disponíveis os chamados novos letramentos digitais, que se configuram como práticas socioculturais de construção de sentido e que se tornaram lugares de ativismo político. A *web 2.0* tem uma natureza performativa, pois, como salientam Melo e Moita Lopes (2013), permite a ação interacional em comunidades de afinidades nas quais há uma intensificação das relações por motivos comuns às pessoas. Porém, compartilhar motivos para se relacionar não quer dizer compartilhar visões de mundo. Os novos letramentos digitais são um espaço que reúne diferentes ideologias e revela a multiplicidade de discursos existentes, aumentando, portanto, o repertório de sentidos disponíveis. Isso fomenta a discussão de temas tidos como tabu, o desafio às normalizações e aos binarismos sociais típicos da Modernidade e a transgressão dos padrões correntes (Moita Lopes, 2010; Melo & Moita Lopes, 2013).

Segundo Moita Lopes (2010), por se constituírem como um espaço que estimula a disputa, a relativização e a contestação de significados, os novos letramentos digitais aparecem como um contexto privilegiado de ativismo político na contemporaneidade. Segundo o autor, na *web 2.0*, ocorre a ampliação da construção, da visibilidade e da difusão de subpolíticas, ou seja, das políticas que se distanciam daquela oficial – que, geralmente, reforça os padrões tradicionais e a homogeneização da vida social. Dentre tais subpolíticas estão as de gênero e de sexualidade. Assim, o ambiente virtual desponta como um meio



profícuo para o estudo das negociações quanto à influência do gênero na sexualidade e, por conta disso, será utilizado na presente pesquisa em comparação ao ambiente presencial.

## 6 Justificativa e objetivo do estudo

O senso comum toma as assimetrias entre homens e mulheres, no campo da sexualidade, como já superadas. No entanto, pesquisas têm sugerido que a relativização do sistema de gênero e da matriz heterossexual não é um processo simples. Bordini (2010) e Milnes (2004) mostraram que a aparente simetria de gênero não se reflete em uma maior liberdade no campo da sexualidade. Atualmente, há mulheres que se sentem pressionadas a se comportar conforme o modelo de sexualidade masculina e há homens que são repreendidos por pares e familiares ao se afastarem do estereótipo de uma hipersexualização heterossexual.

Isso indica o quanto sexualidade e gênero são construções sociais e culturais, envolvendo convenções que podem, por conseguinte, ser contestadas e modificadas (Louro, 2001). Evidências de que tais convenções podem ser – e são – questionadas tornam importante o estudo de como os indivíduos negociam a articulação entre gênero e sexualidade e os significados associados às sexualidades conforme o gênero das pessoas. Por ser um período em que a sexualidade assume relevância, no qual ocorrem intensas explorações e questionamentos, o final da adolescência mostra-se um período adequado para o exame dessas temáticas.

O objetivo do presente estudo é investigar a negociação dos significados associados às sexualidades e sua relação com o gênero, empreendida por jovens universitários. Dada a importância da interação e do contexto nesse processo de produção, reprodução, relativização e questionamento de significados, optou-se pelo trabalho com grupos de jovens universitários em diferentes contextos. Para isso, serão realizados dois estudos<sup>4</sup>.

O Estudo 1 analisa narrativas eliciadas, produzidas em dois contextos diferentes: grupo focal presencial e grupo focal *on-line*. Essas narrativas são ilustrativas do processo de negociação dos significados associados às sexualidades, que são marcados pelo gênero, em certas situações e em determinados comportamentos sexuais. Já o Estudo 2 analisa produções espontâneas em um contexto *on-line*: comentários de usuários em um *blog* voltado para o público universitário. Tais comentários, por sua vez, são ilustrativos do processo de reprodução e de revisão dos significados associados às sexualidades de homens e mulheres, em uma discussão sobre o movimento denominado “Marcha das Vadias”. Esses dois estudos são descritos a seguir.

---

<sup>4</sup> Esta pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através de bolsas de doutorado e doutorado sanduíche.

## **CAPÍTULO II: ESTUDO 1**

### **Gênero e sexualidade em narrativas produzidas por jovens universitários em grupos focais**

Pesquisas recentes sobre a articulação entre gênero e sexualidade têm explorado como as percepções sociais, diferenciadas conforme o gênero do indivíduo, repercutem na sexualidade dos participantes. Estudos qualitativos sobre essa temática consideram que a influência dos padrões hegemônicos de gênero na sexualidade não é estática, visto que os indivíduos atuam na construção e na revisão desses padrões. Em vista disso, tais pesquisas procuram acessar as resistências e desafios dos participantes aos significados que reforçam diferenças na sexualidade de homens e de mulheres, mediante o trabalho com relatos de suas experiências. Segundo Milnes (2010), essa opção metodológica deve-se ao reconhecimento, pela maioria das perspectivas narrativistas, de que a renegociação das identidades ocorre nas narrativas, já que estas são construídas em interação e moldadas pelos recursos linguísticos disponíveis aos indivíduos em um determinado contexto.

Com base em Moita Lopes (2009), acredita-se que as narrativas são espaços em que masculinidades e feminilidades são construídas nas negociações de significados entre os interlocutores. Como explica Bamberg (2004a), nas narrativas em interação, quem está interagindo busca ajustar constantemente suas ações de acordo com o que acontece naquele momento. Por conseguinte, tais narrativas podem revelar a base moral dos interlocutores, indicando quem eles são e o que significa ser quem são (Bamberg, 2002). Estudos que seguem essa linha têm trabalhado com as chamadas pequenas histórias, isto é, aquelas que têm características dos relatos corriqueiros feitos no dia-a-dia, geralmente curtas, fragmentadas, e usadas para afirmar e opinar em uma interação (Bamberg, 2007; Georgakopoulou, 2007). Essas pequenas histórias são adequadas ao objetivo do presente estudo, isto é, investigar a negociação da influência do gênero nos significados que são atualmente associados às sexualidades das pessoas, sem desvalorizar a sua autonomia e o seu protagonismo.

Dado o papel central da interação na construção das diversas identidades e significados sociais (Kraus, 2007), empregaram-se, na presente investigação, grupos focais – uma técnica usada em pesquisas que pretendem coletar dados por meio da interação grupal. Segundo Sirihal Duarte (2007) e Owen (2001), grupo focal consiste em uma discussão direcionada, entre no máximo doze componentes, acerca de um tópico específico, com a

duração de pelo menos 1 hora. Para facilitar o debate e manter o foco dos participantes no tópico, há um moderador, geralmente o próprio pesquisador, que se responsabiliza também por elaborar um guia de entrevista, relatar e analisar seus resultados. Essa técnica é comumente utilizada para provocar discussões em profundidade (Chase & Alvarez, 2000), de modo que o moderador centraliza sua atenção nas relações entre os membros e no processo de discussão, a partir dos quais se obtêm as respostas às questões da pesquisa (Abreu, Baldanza, & Gondim, 2009).

Nas últimas décadas, os grupos focais passaram a ser realizados também em ambientes virtuais, graças à difusão das novas tecnologias de comunicação. No entanto, de acordo com Bordini e Sperb (no prelo), embora os grupos virtuais aproximem-se dos grupos presenciais – quanto ao conteúdo das opiniões obtidas e quanto ao formato da discussão –, os grupos focais *on-line* não são uma mera transposição dos tradicionais grupos focais para o ambiente virtual. Em comparação com os presenciais, os grupos focais *on-line* apresentam especificidades, sobretudo no que tange à comunicação. Bordini e Sperb (2011) confirmaram achados de Schneider, Kerwin, Frechtling e Vivari (2002) de que, nesses grupos, os participantes fazem comentários mais curtos e menos elaborados e emitem frases menores. Também nos grupos realizados por Bordini e Sperb, as narrativas produzidas nas discussões virtuais tenderam a ser fragmentadas, geralmente curtas e entrecortadas por outros assuntos. Ainda assim, as autoras salientaram que a utilização de grupos focais *on-line* contribuiu para a exploração de ideias, percepções e sentimentos, inclusive com referência a tópicos delicados e polêmicos.

Os grupos focais *on-line* têm lugar na internet, usada para a comunicação entre os participantes e o moderador. Apesar de existirem alternativas, segundo Bordini e Sperb (2011), é mais comum que a discussão se dê por escrito, com os membros do grupo escrevendo suas mensagens em uma caixa de texto localizada, geralmente, na parte de baixo da tela do computador. As mensagens e a identificação do participante que as enviou aparecem na tela de cada membro, conforme vão sendo postadas. É possível ler as mensagens enviadas anteriormente clicando em um comando específico para isso.

A execução de grupos focais em ambientes virtuais é aconselhada, principalmente, nos casos em que a internet é o *setting* natural dos participantes (Alvarez, Cuenca, Noronha & Schor, 2007), um ambiente com o qual eles estejam totalmente familiarizados. Dado que a internet vem se configurando como um contexto de interação privilegiado pelos jovens brasileiros (IBGE, 2013; H. D. Mello & Wiggers, 2008), também se utilizou esse ambiente no presente estudo, além do ambiente presencial.

Mais especificamente, foram conduzidos grupos focais presenciais e grupos focais *on-line* síncronos. Nestes últimos, a comunicação entre os participantes é simultânea e a troca de mensagens entre eles acontece pela internet, em salas virtuais de bate-papo (*chat*) ou por meio de *softwares* de conferência virtual, como o chamado MSN (Sirihal Duarte, 2007). Revisão sobre o uso dos grupos focais *on-line* na pesquisa em psicologia (Bordini & Sperb, no prelo) revelou que, em 5 dos 6 estudos que haviam mencionado o emprego de programas de conferência virtual, os participantes encontravam-se na mesma sala com os computadores ligados em rede. Com isso, unem-se vantagens dos ambientes presencial – facilidade para reunir os integrantes – e virtual – facilidade para coletar e analisar dados, equilíbrio entre as participações de todos os componentes do grupo e anonimato, que facilita a emissão de opiniões acerca de tópicos delicados.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram do estudo 45 estudantes, com idades entre os 18 e os 20 anos incompletos, alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A seleção dos participantes foi por conveniência, sendo todos os participantes alunos do primeiro ano de algum curso de graduação.

O corpo discente da UFRGS tem sido seguidamente considerado elitista. No entanto, estudo que delineou o perfil dos seus estudantes de graduação, já em 2003, verificou grande variedade nas suas características sociais, econômicas e culturais, decorrente da diversidade de origens sociais, familiares, educacionais e culturais (UFRGS, 2003). Nos últimos 5 anos, essa Universidade tem se tornado ainda mais heterogênea social e culturalmente. Em 2011, praticamente metade dos estudantes ingressantes provinha de escolas públicas e 11,45% se autodeclararam negros provenientes de escolas públicas (UFRGS, 2013).

Pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (como citado em Zero Hora, 2011) revelou o perfil majoritário do aluno de graduação da UFRGS hoje: jovem de até 24 anos, de Porto Alegre ou da Região Metropolitana, que vive na casa dos pais, trabalha, vai de ônibus para a Universidade e tem renda familiar entre 2.300 e 14.300 reais. Segundo a pesquisa, a classe B é a classe econômica da maior parte dos alunos (50,36%), seguida da classe C (28,85%) e da classe A (19,56%). O estudo também mostrou que 52,32% dos estudantes de graduação são mulheres e 47,68% são homens e que, apesar de 56,97% trabalharem, somente 17,11% são

autossuficientes; os outros 72,86% são mantidos pelos pais. Os alunos que têm até 19 anos – a faixa etária dos participantes da presente pesquisa – são 11,98%.

Neste estudo, participaram alunos inscritos nos seguintes cursos de graduação: Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Jurídicas e Sociais, Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas), Design de Produto, Design Visual, Engenharia de Produção, Estatística, Fonoaudiologia, Matemática, Museologia, Nutrição, Psicologia, Química, Química Industrial (totalizando 18 cursos). A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos dos participantes.

Tabela 1  
*Dados Sociodemográficos dos Participantes*

Dados	N
Heterossexuais	41
Homossexuais	2
Não sabem	2
Branços	40
Pardos	5
Não têm religião	27
Cristãos	12
Católicos	4
Espíritas	1
Protestantes	1
Trabalham	5
Estagiam	5
Nenhuma atividade	35
Têm filhos	0

Calculou-se o nível socioeconômico dos participantes conforme o índice de Hollingshead (1975)<sup>5</sup>, cuja média foi de 44,3, com desvio padrão de 12,92. A média dos participantes insere-se na faixa que compreende o estrato social composto por empresários médios e profissionais pequenos e técnicos, estando mais próxima do limite inferior da faixa referida, ou seja, mais próxima daquela correspondente ao estrato social, por exemplo, dos artesãos, funcionários de escritório e profissionais da área de vendas. O desvio-padrão

<sup>5</sup> Este índice combina os níveis de educação e ocupação dos responsáveis pelos adolescentes para gerar um escore composto. Hollingshead apresenta cinco estratos sociais: 66-55 pontos (empresários/profissionais); 54-40 pontos (empresários médios/profissionais pequenos/técnicos); 39-30 pontos (artesãos/funcionários de escritório/funcionários de vendas); 29-20 pontos (operadores de máquina/trabalhadores semiquualificados) e 19-08 pontos (trabalhadores não qualificados/trabalhadores de serviços braçais).

revelou que há participantes com escores distantes da média: identificaram-se desde um participante com 11 pontos (o estrato social que inclui trabalhadores não qualificados e trabalhadores braçais) até outro com 66 pontos – o maior escore possível – que diz respeito à faixa que compreende o estrato social formado por empresários e profissionais. Não é possível, portanto, considerar que os participantes formam um grupo uniforme quanto ao estrato social.

### **Instrumentos e materiais**

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A e Anexo B)

Elaboraram-se dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido: um para os participantes dos grupos presenciais (Anexo A) e outro para os participantes dos grupos *on-line* (Anexo B).

#### Ficha de Dados Sociodemográficos (Anexo C)

Este instrumento foi desenvolvido para esta pesquisa e aborda aspectos pessoais, familiares, socioeconômicos e ocupacionais.

#### Computadores

Foram utilizados os computadores da sala de informática do Instituto de Psicologia da UFRGS na etapa *on-line* do estudo.

#### Software Windows Live Messenger (MSN)

Para a realização da pesquisa no contexto *on-line*, instalou-se, em todos os computadores da sala de informática, a versão 8.1 deste programa de bate-papo da Microsoft, distribuída gratuitamente. Por meio do MSN, é possível conversar em tempo real, comunicando-se instantaneamente com um grupo de pessoas conectadas à internet, através da troca de mensagens digitadas ou faladas. No presente estudo, utilizou-se a ferramenta de troca de mensagens por escrito, sem o uso de microfones e câmeras de vídeo. Todas as conversas foram automaticamente gravadas pelo MSN.

#### Gravadores digitais

Na etapa presencial, foram usados três gravadores de áudio digitais Sony.

#### Grupos focais presenciais e grupos focais *on-line*

Para a coleta dos dados, realizaram-se grupos focais presenciais e *on-line*. Foram conduzidos seis grupos focais presenciais e três grupos focais *on-line*, tendo como moderadora a pesquisadora. Desses nove grupos, três eram compostos apenas por participantes homens, três apenas por mulheres e três eram mistos. Cada grupo se reuniu uma única vez e contou com a participação de cinco pessoas. A questão de abertura, lançada pela

moderadora para dar início à discussão, foi: “Será que ser homem ou mulher influencia na maneira como as pessoas vivem suas sexualidades e no que pensam sobre e esperam das sexualidades dos outros?”. Essa questão diz respeito, de um modo geral, ao objetivo da tese e foi especificamente elaborada para o Estudo 1.

### Narrativas

As narrativas produzidas nos grupos focais tiveram um uso instrumental (cf. Becker & Quasthoff, 2005), ou seja, serviram como um meio para acessar as negociações empreendidas pelos adolescentes em relação aos significados associados às sexualidades conforme o gênero das pessoas. Considerou-se que havia uma narrativa, quando havia personagens e um enredo que evoluísse ao longo do tempo (Brockmeier & Harré, 2003). Com base em Bordini e Sperb (2011), previa-se que as narrativas obtidas – sobretudo nos grupos focais *on-line* – fossem do tipo pequenas histórias, mas não se pretendia excluir as narrativas mais semelhantes ao modelo laboviano que eventualmente fossem produzidas.

### **Delineamento e procedimento**

Este estudo é qualitativo. A unidade de análise é a narrativa, obtida através das técnicas de grupo focal presencial e grupo focal *on-line* síncrono. A pesquisa tem caráter exploratório, uma vez que procurou conhecer as situações e os comportamentos sexuais que têm influência do gênero, a fim de investigar as negociações de tal influência. O estudo foi realizado em dois contextos: presencial e virtual, para examinar as negociações que ocorrem em ambientes diferentes. A coleta de dados se deu em diversos *campi* da Universidade, no caso dos grupos presenciais, e na sala de informática do Instituto de Psicologia, no caso dos grupos *on-line*.

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (CEP-PSICO) e aceite desse Instituto quanto ao uso da sua sala de informática, deu-se início ao convite aos participantes. Pediu-se a vários professores da Universidade permissão para divulgar a pesquisa em suas aulas. Assim, expôs-se a pesquisa a alunos e alunas, na faixa etária estipulada, de diversas turmas do primeiro e segundo semestre de diferentes cursos de graduação. No total, contou-se com a participação de 22 homens e 23 mulheres.

Com eles, foram realizados nove grupos focais, cada um com cinco componentes. Os grupos presenciais foram organizados da seguinte forma: dois grupos compostos por homens, dois compostos por mulheres e dois mistos (ambos com três mulheres e dois homens). Foi

realizado um número menor de grupos *on-line*, devido à dificuldade de reunir os participantes para tal. Após algumas tentativas, conseguiu-se reunir os participantes necessários para que fossem formados um grupo composto por homens, um composto por mulheres e um misto (três homens e duas mulheres). Combinou-se um horário e ponto de encontro com cada grupo. As sessões de grupo focal ocorreram em dias e locais diferentes e tiveram a duração de 1 hora, aproximadamente. Cada grupo se reuniu uma única vez e cada membro participou somente uma vez. Tentou-se, ao máximo, evitar que os componentes de um mesmo grupo fossem amigos ou conhecidos, mas houve casos em que alguns deles eram colegas em uma ou duas disciplinas.

#### Procedimento específico aos grupos focais presenciais

Esses grupos tiveram lugar em diversos locais dos vários *campi* da UFRGS, como salas de reunião de bibliotecas e centros acadêmicos de diferentes faculdades. No momento da realização da coleta de dados, os locais acordados estavam disponíveis para essa atividade, no intuito de evitar a presença de pessoas estranhas à pesquisa. Ao chegarem, participantes e moderadora encontravam o local já organizado, de modo que houvesse lugar para todos sentarem em círculo, com três gravadores digitais dispostos no centro do grupo.

Após escolherem onde sentar, os participantes assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preenchiam a Ficha de Dados Sociodemográficos e, em seguida, eram orientados a não citar nomes, para manter o anonimato. A pesquisadora lembrava, então, que o objetivo da pesquisa era “saber se os jovens acham que existem situações e comportamentos sexuais em que ser homem ou ser mulher faz diferença” e respondia dúvidas que eventualmente surgissem. Depois disso, lançava a questão de abertura. Durante a discussão no grupo focal, a pesquisadora, no papel de moderadora, procurava intervir o mínimo possível. A conversa era gravada na íntegra e posteriormente transcrita para análise dos dados.

#### Procedimento específico aos grupos focais *on-line* síncronos

Esses grupos tiveram lugar na sala de informática do Instituto de Psicologia da UFRGS. A sala fora reservada especificamente para a realização da coleta de dados. Ao chegarem ao local, participantes e moderadora encontravam alguns computadores já ligados e conectados ao MSN, com endereços de contato criados previamente pela pesquisadora. Entre os computadores reservados à pesquisa havia pelo menos um espaço vazio, evitando que os participantes sentassem lado a lado.

Após escolherem onde sentar, os participantes assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preenchiam a Ficha de Dados Sociodemográficos. Em seguida, eram



instruídos a escolher um *nick* – um pseudônimo – sendo alertados de que deveriam optar por *nicks* que não os identificassem, para manter o anonimato. Os membros do grupo eram, então, orientados a escolher uma cor e um tipo de fonte com os quais deveriam escrever suas mensagens do início ao fim da coleta de dados.

Realizados todos esses ajustes, a pesquisadora retomava o objetivo da pesquisa e alertava que, a partir do momento que a comunicação pelo MSN fosse iniciada, não seria mais permitido interagir oralmente. Na sequência, ela iniciava a comunicação por computador para testar se todos conseguiam enviar e receber mensagens. Depois disso, lançava a questão de abertura. Durante a discussão no grupo focal, a moderadora intervinha o mínimo possível. Toda a conversa por escrito era automaticamente gravada pelo próprio *software*.

### **Considerações éticas**

Foram considerados os aspectos éticos referentes às pesquisas com seres humanos, de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. O projeto do presente estudo, de número 21478, foi aprovado (Anexo D), no dia 11 de novembro de 2011, pelo CEP-PSICO, com sede em Porto Alegre, na Rua Ramiro Barcelos, 2006, e telefone 33085066.

### **Procedimento de análise de dados**

A interação nos grupos focais propiciou a produção de narrativas em interação que, em resposta à questão da moderadora, exemplificavam ou sugeriam situações e comportamentos sexuais influenciados pelo gênero. Para obter uma visão geral dos dados e organizá-los, todas as 125 narrativas produzidas nos dois ambientes foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2008).

As narrativas foram lidas exaustivamente e classificadas a partir do critério semântico, em separado, pela pesquisadora e por uma bolsista de iniciação científica, participante no projeto. Ambas identificaram o tema do acontecimento central relatado em cada narrativa, e, em seguida, as narrativas cuja temática era semelhante foram agrupadas na mesma categoria. As discrepâncias entre a análise da pesquisadora e da bolsista foram discutidas até que se chegasse a um consenso. Mediante tal procedimento, criaram-se as seguintes categorias, que mostram as situações e comportamentos sexuais nos quais há e não há diferenciação dos indivíduos em decorrência do gênero: Manifestação da sexualidade, Homossexualidade, Relacionamento, Assédio sexual; todas mutuamente excludentes e contando com

subcategorias próprias. O número de narrativas classificadas em cada categoria e subcategoria foi contabilizado. Os resultados dessa análise encontram-se no Anexo E.

As seis subcategorias mais numerosas (Repressão ou desvalorização da manifestação da sexualidade em mulheres; Estímulo ou valorização da manifestação da sexualidade em homens; Representação de quem trai; Papéis diferentes na relação; Representação negativa da homossexualidade em homens; Confusão entre gênero e orientação sexual) tiveram suas narrativas lidas, pelo menos, três vezes, para a identificação daquelas que revelassem relativizações e desafios em relação aos padrões de gênero nos significados associados às sexualidades. Como aconselha Wetherell (1998), procurou-se por variabilidade nas narrativas, no intuito de rastrear a presença de versões diferentes, contraditórias e inconsistentes de pessoas, seus caracteres, motivos, estados de espírito e de eventos. Selecionaram-se, então, três trechos narrativos dos grupos presenciais e três trechos narrativos dos grupos *on-line*, que ilustrassem a dinâmica envolvida no processo de negociação, por parte do grupo, dos significados associados às sexualidades.

Cada um desses trechos – que podiam conter mais de uma narrativa – foi analisado em separado, iniciando-se pela apresentação de um pequeno resumo com o tópico abordado no trecho precedente, o desenvolvimento da(s) narrativa(s) e os tópicos abarcados no excerto em análise. Em seguida, a(s) narrativa(s) e o trecho de interação grupal em meio ao qual se deu sua produção foram submetidos a uma análise de posicionamento em três níveis (cf. Bamberg, 2002; Bamberg & Georgakopoulou, 2008). O primeiro nível de análise centrou-se nas posições dos personagens da narrativa: quem eram e como eles estavam posicionados uns perante os outros. O segundo nível de análise enfocou as posições dos narradores e dos seus interlocutores, isto é, quem eram os narradores, quem era a sua audiência e como se utilizaram de suas participações para se posicionarem uns diante dos outros. O último nível de análise concentrou-se nas posições dos participantes com relação aos padrões de gênero e à influência destes na sexualidade. Analisaram-se as posições dos personagens da narrativa, bem como as dos seus narradores e interlocutores, no intuito de maximizar o acesso às negociações dos significados atribuídos aos homens e às mulheres, no campo da sexualidade.

Para apoiar esse último nível de análise, lançou-se mão do conceito de repertório interpretativo. A identificação dos repertórios interpretativos nos dados seguiu as recomendações de Edley (2001). O autor aconselha que a pessoa responsável por analisar os dados seja a mesma que os coletou, para que esteja totalmente familiarizada com os mesmos. Assim, ela pode, mais facilmente, identificar padrões que atravessaram os dados, modos de

falar que se repetiram, algo como uma linha que serviu de base para as conversas sobre um determinado tópico.

Para facilitar o entendimento das interações analisadas, foi elaborado um glossário de termos e símbolos utilizados no MSN (Anexo F) e outro de símbolos usados na transcrição dos grupos presenciais (Anexo G). As passagens retiradas dos trechos examinados são apresentadas em itálico e entre aspas, ao lado do número da linha em que aparecem nos respectivos trechos. Os nomes que aparecem nos relatos foram modificados pela pesquisadora para manter o anonimato dos participantes e organizar a apresentação dos dados. Devido à sua extensão, são apresentadas, no corpo da tese, as análises de apenas dois trechos narrativos, considerados os mais ilustrativos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1 Grupos presenciais

#### 1.1 Análise do trecho narrativo do grupo focal presencial misto

##### Trecho analisado (grupo focal presencial misto)

Moderadora:

1. Mas então existe já hoje uma expectativa de que a mulher não opte unicamente por
2. casar e... ser dona de casa?

Roberta:

3. Eu acho que sim.

Fernanda:

4. Com [certeza]

Carlos:

5. [Sim]

Fernanda:

6. Com certeza.

Jorge:

7. Eu, eu... Eu, particularmente, tenho uma expectativa assim, que... A mulher só tende,
8. a crescer no mercado de trabalho. Até é uma coisa que eu espero, sabe?

Alice:

9. E eu acho que homem nenhum... acho que, homem nenhum, não, que é exagero meu.
10. Mas eu acho que a maioria dos homens, hoje em dia, quando eles... hã, pensam em
11. relacionamento... hã, nem vou falar de sentimento, porque mulher é bem mais
12. sentimento do que homem, bem mais... coração, bem mais... né, enfim, tudo. Mas,
13. acho que quando eles pensam em relacionamento hoje, eu acho que hoje a maioria
14. dos homens buscam parceiras, assim, independentes e...

Roberta:

15. É, eles não querem mais [sustentar alguém]

Alice:

16. [Eles não querem mais] ter aquela obrigação de ter que levar alguém nas costas, ou de
17. [ter que...]

Fernanda:

18.[Mais ou] menos, né?

Carlos:

19.Não... eu acho [que sim...]

Alice:

20.[Não, não no] sentido, não que, não que queira uma mulher que seja melhor do que

21.eles, mas...

Fernanda:

22.Que isso nenhum cara quer.

Alice:

23.Mas a maioria dos caras hoje em dia não querem uma mulher submissa. Que-quer

24.uma mulher que tenha... existem exceções, tipo o Moisés, que ele...

Fernanda:

25.(risos)

Moderadora:

26.Quem?

Fernanda:

27.É... é bizarro.

Alice:

28.É que a gente tava numa festa, numa festa não. A gente tava numa noite, lá, na casa

29.de um veterano nosso, e... a festa rolou muitos dias... (risos)

Fernanda:

30.(risos)

Alice:

31.Lá foram três dias de festa. (risos) E... a gente tava sentado numa área, assim, tava eu,

32.um amigo nosso que tava ali, e o Moisés, esse, conversando e tomando cerveja. E daí,

33.que a gente tava conversando, sobre vários assuntos, e eu... eu não me importo de

34.falar as coisas.. assim, do nada. Eu sou muito comunicativa, e... e não tenho problema

35.nenhum de falar sobre a minha homossexualidade, e, sobre isso, né? Então, a gente

36.tava conversando, e eu falei muitas coisas, e a gente tava debatendo. E ele olhou pra

37.mim e falou assim: “Bah, eu acho muito tri uma guria que nem tu, assim. Que se

38.impõe, tem opinião, que fala o que pensa... mas eu nunca namoraria uma guria que

39.nem tu.”.

Moderadora:

40.Hmm....

Alice:

41.Ou seja. É uma exceção, porque é um cara que, ah, eu não sei. Ah, o que que tu quer,

42.uma...um vegetal do teu lado, que obedeça tudo o que tu diga? Entendeu? Foi isso

43.que... ele deu a entender. Que ele quer uma mulher submissa do lado dele. E daí eu

44.assim: “Ah, que legal. Mas eu também não namoraria contigo.”.

Moderadora:

45.Aham.

Alice:

46.E daí, tudo bem.

Moderadora:

47.Sim, pra parceira dele...

Alice:

48.Não servia, mas, ele acha legal pros outros, mas pra ele, não. Pra ele, “a minha mulher

49.ter opinião, não! Não é bem assim”...

Roberta:

50.É aquilo...acho que as pessoas aceitam muito bem quando é com os outros, mas

51. quando é com elas, aí não aceitam...
- Alice:
52. Ah... exatamente.
- Fernanda:
53. Ah, ele aceita muito bem até ali.
- Alice:
54. Até ali.
- Fernanda:
55. Mas se fosse a namorada do melhor amigo, tipo, “ah, como é que tu aceita a tua  
56. namorada falando isso?”.
- Alice:
57. Exatamente, é...
- Moderadora:
58. Como assim?
- Fernanda:
59. Tipo... ai, se ela fosse, sei lá. Se ela namorasse com outra... com esse outro amigo que  
60. tava junto. Se... a fest... dizendo todas as opiniões dela, ele ia dizer: “Pô, Luizinho,  
61. como é que tu aceita tua namorada ter opinião desse jeito?”.
- Moderadora:
62. Ah, tu acha que aconteceria isso?
- Fernanda:
63. Com certeza!
- Alice:
64. Acontece, sim...
- Moderadora:
65. Uhum.
- Roberta:
66. É, assim como tem, tipo... se um cara começar a dar uma de machão, bonzão... e tiver  
67. uma amiga minha junto, um... namorado meu, a guria também vai olhar pra mim: “Pô,  
68. tu vai deixar ele falar assim?”.
- Alice:
69. Exatamente...
- Roberta:
70. “Pô, tu vai deixar ele ser machista assim... do teu lado, contigo?”
- Moderadora:
71. Hmm, aham... entendi...
- Fernanda:
72. Com a diferença de que ser machista é supostamente errado, fala-falar o que pensa,  
73. não. Mas...
- Roberta:
74. Não... é modo de dizer, entendeu?
- Fernanda:
75. Sim, sim, entendi.

Este excerto provém do grupo focal misto presencial, composto por três mulheres (1 estudante de Matemática, 1 estudante de Nutrição e 1 estudante de Estatística) e dois homens (1 estudante de Matemática e 1 estudante de Direito). As passagens e o excerto na íntegra foram transcritos pela pesquisadora a partir dos arquivos de áudio gerados pelos três gravadores usados na gravação da discussão completa realizada com o grupo. Duas

participantes eram colegas em uma disciplina e uma delas era colega de um dos participantes em outra disciplina, assim, pode-se considerar que havia certa familiaridade entre eles. A discussão nesse grupo focal durou aproximadamente 1 hora.

Antes do trecho aqui analisado, o grupo havia discutido, por quase 5 minutos, sobre as mulheres e suas conquistas no mercado de trabalho. As três mulheres participantes afirmaram que a ideia de uma mulher financeiramente dependente lhes parecia muito antiga, pois elas próprias buscavam tal independência porque tinham crescido em famílias nas quais as mulheres das gerações anteriores trabalhavam fora do ambiente doméstico e tinham curso superior. A moderadora, então, retoma indiretamente um tópico do início do grupo focal, acerca das expectativas diferentes quanto aos papéis de uma pessoa em uma relação amorosa conforme o gênero.

A moderadora sugere ter concluído, baseando-se na discussão pregressa, que, na atualidade, é esperado que a mulher tenha projetos de vida que vão além de casar e ser dona de casa. Duas participantes mulheres e um homem concordam; o outro componente homem ressalta a questão profissional e se posiciona como alguém que espera que a mulher cresça no mercado de trabalho. O grupo poderia ter seguido na direção das expectativas sociais em relação aos papéis das mulheres em geral, mas reforça o padrão heterossexual e a heteronormatividade, a partir da opinião de Alice. Essa participante enfatiza a expectativa dos homens quanto às mulheres em um relacionamento amoroso. Segundo opina, os homens racionalmente procuram mulheres independentes e que não sejam submissas.

A partir da fala de Alice, o grupo coconstrói o contexto da narrativa que virá a seguir: as relações heterossexuais na atualidade. Essa participante procura evitar generalizações, o que se percebe quando ela se corrige em *“homem nenhum, não, que é exagero meu”* (9). Contudo, Alice acaba se referindo ao geral, quando enfatiza que está falando da maioria dos homens por meio do alongamento da vogal “a” (*“a maioria dos homens”* linha 10). O contexto das relações heterossexuais, construído por ela, é caracterizado pela associação entre o feminino e a emoção (*“mulher é bem mais sentimento do que homem”* linhas 11 e 12) e entre o masculino e a razão (*“quando eles pensam em relacionamento”* linha 13), uma diferença tradicionalmente atribuída a homens e mulheres (Instituto Avon/Data Popular, 2013; Neves, 2007; Sefton, 2006).

Assim, Alice elimina a possibilidade de se interpretar que ela esteja dizendo que homens se apaixonam ou se sentem atraídos por mulheres independentes; segundo a participante, esta seria uma escolha racional. Outra participante, Roberta, especifica que a independência em questão diz respeito às finanças (*“eles não querem mais sustentar alguém”*

linha 15) e Alice, aparentemente, tenta ampliar a extensão disso (“*Eles não querem mais ter aquela obrigação de ter que levar alguém nas costas*” linha 16). Carlos concorda, mas como Fernanda havia questionado a opinião de Alice (“*Mais ou menos, né?*” linha 18), esta se corrige. Com o auxílio de Fernanda, Alice explica que, no contexto das relações heterossexuais, os homens não procuram “*uma mulher que seja melhor do que eles*” (20-21), tampouco uma mulher submissa. Neste momento, Alice anuncia que tem um exemplo de homem que seria uma exceção a essa regra, o qual Fernanda classifica como bizarro.

Tem início, então, a primeira narrativa aqui analisada. Nesta, Alice posiciona-se como narradora e conta uma história na qual um conhecido seu revelara que a desconsideraria como parceira, apesar de valorizar sua posição opiniática e insubmissa. A ala feminina do grupo negocia a influência do gênero na sexualidade ao reposicionar esse personagem homem, que passa de exceção à regra em uma sequência hipotética da narrativa. Ao mesmo tempo, a narradora esforça-se para se posicionar, enquanto personagem, como uma mulher que não se submete.

A posição da mulher em uma relação heterossexual é negociada ao final, uma vez que o grupo coconstrói outra narrativa hipotética, em que uma das participantes coloca-se, enquanto personagem, na posição de uma mulher que namora um machista e é criticada pela amiga. Simultaneamente, por meio das posições das narradoras e da audiência, o grupo renegocia os papéis de mulheres e homens nas relações, já que, embora a narrativa apresente homens que não aceitam mulheres opiniáticas em uma relação amorosa, no grupo, as mulheres narram e opinam, enquanto os homens ficam quietos.

#### Análise dos posicionamentos dos personagens:

##### Ações dos personagens:

Na primeira parte da narrativa elaborada por Alice, esta coloca os personagens principais da história em uma posição ativa. Ela, enquanto personagem, Moisés – o protagonista – e um amigo seu estavam em uma festa, sentados, conversando sobre vários assuntos e bebendo cerveja. Neste ponto, o amigo não é mais citado e o relato passa a fazer referência apenas a Alice e Moisés. Ao longo do trecho aqui analisado, este último personagem é posicionado principalmente via suas ações. Ele, assim como Alice, é colocado em uma posição ativa, pois a maior parte das ações relatadas parte dele e outras a ele se dirigem. No relato, eles conversam e debatem, em igual posição.

Moisés é apresentado, então, como um homem que valoriza, em uma mulher, características como se impor e ter opinião, mas que não quer tais características em uma

namorada (“*ele acha legal pros outros, mas pra ele, não. Pra ele, ‘a minha mulher ter opinião, não!’*” linhas 48-49). Embora o grupo tente construir essa situação como algo incomum hoje em dia, o personagem é indiretamente posicionado como um homem heterossexual típico da cultura ocidental, que prefere uma relação na qual o homem tem o papel ativo e a mulher tem o papel passivo (Neves, 2007). A partir daí, o grupo começa a negociar essa expectativa de diferentes posições para homens e mulheres em um namoro.

A seguir, Roberta reposiciona Moisés, colocando-o como exemplo de uma regra e não de uma exceção, em “*acho que as pessoas aceitam muito bem quando é com os outros, mas quando é com elas, aí não aceitam...*” (50-51). Contudo, esse reposicionamento parece não ser suficiente, uma vez que Fernanda corrige a generalização de Roberta. Ela faz referência direta ao personagem, colocando-o na posição de quem não aceita uma namorada que se impõe e tem opinião, nem mesmo quando isso diz respeito às outras pessoas. Desse modo, o grupo enfatiza a posição de Moisés como um homem tradicional, já que mulheres submissas não seriam mais uma preferência pessoal, mas aquilo que ele espera encontrar nos casais em geral. Isso fica explícito quando Fernanda assume o posto de narradora e cria uma situação hipotética na qual Moisés diria, para o melhor amigo que namora uma mulher opiniática: “*como é que tu aceita a tua namorada falando isso?*” (55-56).

Por fim, o personagem é caracterizado como alguém que espera que, em qualquer casal, a mulher não tenha opinião, uma vez que Fernanda o posiciona como alguém que criticaria não apenas o melhor amigo, mas também outro amigo, Luizinho, caso ele estivesse diante dele com uma namorada opiniática. O personagem coadjuvante Luizinho é colocado em uma posição que poderia relativizar a heteronormatividade. Embora não se especifiquem as suas características, suas ações o posicionam como um homem que namora uma mulher que se impõe e tem opinião.

Já as ações da outra personagem principal a colocam em posições que questionam, sobretudo, os significados tradicionalmente associados à mulher. Como já mencionado, Alice elabora uma narrativa pessoal e, ao fazer um relato de algo que ela viveu, coloca-se como personagem. No início da narrativa, ela se coloca na mesma posição de Moisés, por meio de suas ações. Ela realiza as mesmas ações que todos no grupo e, quando a narrativa passa a se referir apenas a ela e a Moisés, as ações ora partem dela, ora tem ela como alvo. Alice, por exemplo, além de debater e conversar, falou “*muitas coisas*” (36). Assim, ela está posicionada como uma mulher que, frente aos homens, está em igual posição, o que a distancia do modelo hegemônico de mulher obediente e subordinada (Friederichs, 2008; Latham, 2006).



Essa posição é reforçada nas ações seguintes. Considerando-se que Alice narra suas próprias ações como personagem da narrativa, é interessante a confusão que se cria na passagem “*Ah, o que que tu quer, uma...um vegetal do teu lado, que obedeça tudo o que tu diga? Entendeu? Foi isso que... ele deu a entender.*” (41-43). Tal passagem é dúbia quanto ao papel de Alice, pois é difícil identificar se é uma fala sua como personagem ou um comentário seu como narradora. Somente ao final, em “*Foi isso que... ele deu a entender.*”, é que se esclarece que é um comentário que ela faz no formato de discurso direto, como se seu personagem estivesse falando isso para o protagonista. Assim, ela leva a audiência a vê-la, enquanto personagem e enquanto participante de um grupo misto, como uma mulher que fala o que pensa e que não se submete ou se subordina de forma alguma, sendo, inclusive, agressiva com um homem.

Tal posição ativa e indócil da personagem se confirma quando Alice volta a descrever suas ações na situação vivida. Diante da fala do protagonista sobre a sua impossibilidade de manter um relacionamento amoroso com uma mulher que apresentasse as mesmas características de Alice, ela, enquanto personagem, responde “*Ah, que legal. Mas eu também não namoraria contigo.*” (44). Isto é, sua resposta não é da mesma ordem da fala do protagonista, pois ela não responde que não namoraria alguém como ele. Alice é direta e enfática ao dizer que não namoraria, especificamente, aquele com quem conversava. Dessa forma, as ações da personagem a colocam em uma posição que vai de encontro aos atributos comumente associados às mulheres, como a docilidade, a obediência, a discrição e a subordinação ao homem (Friederichs, 2008; Latham, 2006; Miranda-Ribeiro & Moore, 2003).

Além disso, as ações de Alice a colocam em posições que, implicitamente, negociam a expectativa social de diferentes posições para o homem e a mulher em um namoro. Ainda que ela não liste os motivos pelos quais não namoraria Moisés, supõe-se que um destes seria a sua não aceitação de uma namorada que se imponha e tenha opinião. Ou seja, Alice se posiciona como uma mulher que não teria um namoro nos moldes heteronormativos, segundo os quais há papéis predefinidos para homens e mulheres. Tal posição da personagem é reforçada na sequência, na continuação proposta por Fernanda para a narrativa em questão. Na hipótese criada por essa participante, Alice é posicionada, novamente, como opiniática e insubmissa por meio de suas ações, já que, caso namorasse o outro homem presente na situação narrada, ela também estaria “*dizendo todas as opiniões dela*” (60).

A negociação da expectativa social de diferentes papéis para homens e mulheres em uma relação amorosa segue na narrativa hipotética elaborada por Roberta, em concordância com a narrativa precedente e como um exemplo que reforçaria as ideias já mencionadas.

Roberta apresenta um exemplo de que, assim como um homem repreenderia um amigo que namora uma mulher opiniática, uma mulher repreenderia uma amiga que namora um homem machista.

Ela, enquanto narradora perante um grupo misto que negocia a heteronormatividade, revela preocupação em não se posicionar, como personagem, como uma mulher que namora um homem machista. Isso se depreende da construção da seguinte passagem: “*se um cara começar a dar uma de machão, bonzão*” (66). O uso do verbo “começar” dá a entender que a ação não foi completada, ou seja, sua atitude de ser machão e bonzão foi iniciada, mas interrompida. Ademais, a expressão “dar uma de” é comumente utilizada para descrever uma situação momentânea em que uma pessoa se comporta de uma forma que não condiz com aquilo que ela é (Bordini, 2010). Ou seja, o namorado de Roberta – um personagem coadjuvante – não é um “machão” ou “bonzão”, ele apenas começou a se comportar como tal em um dado momento.

Roberta também é uma personagem coadjuvante, pois, embora quase todas as ações descritas se dirijam a ela, não é relatada nenhuma reação sua. A personagem principal dessa pequena narrativa é a amiga de Roberta, posicionada ativamente. Dela parte a ação de perguntar, repetidamente, para a outra personagem e diante do seu namorado que começara a se mostrar machista, se ela permitirá esse tipo de comportamento. Assim, o grupo posiciona mais uma personagem mulher como ativa, opiniática e que fala o que pensa sem se intimidar com a presença de um homem.

Da mesma forma que as ações de Moisés mostram uma expectativa de que o homem, em um namoro heterossexual, não aceite uma posição mais ativa por parte de sua namorada, as ações da amiga de Roberta mostram uma expectativa de que, nesse tipo de relação, a mulher não aceite atitudes machistas por parte de seu namorado. Ainda que a fala da personagem sugira que o problemático na situação relatada seja o comportamento machista diante da namorada (“*do teu lado, contigo?*” linha 70), no geral, os movimentos percebidos ao longo das narrativas, em relação às ações atribuídas aos personagens, revelam que este grupo de jovens, sobretudo a ala das mulheres, questiona as diferenças de gênero nas sexualidades das pessoas.

#### Caracterizações dos personagens:

Poucas características são atribuídas diretamente aos personagens das narrativas aqui analisadas; estes são caracterizados principalmente por meio de suas ações. Ainda assim, há referências explícitas a características de Moisés e Alice. O primeiro é qualificado como uma

exceção à regra de que, atualmente, os homens não procuram mulheres submissas para relacionamentos amorosos. Essa característica, apresentada em um primeiro momento como incomum e que faz de Moisés um exemplo “*bizarro*” (27), é transformada em algo comum na sequência.

O posicionamento do personagem como um homem heterossexual tradicional, que busca uma namorada que assuma uma posição mais passiva em relação a ele, é confirmado quando a narradora fala como se estivesse perguntando para Moisés: “*o que que tu quer, uma...um vegetal do teu lado, que obedeça tudo o que tu diga?*” (41-42). Desse modo, ele é caracterizado como um homem que quer ao seu lado uma mulher que jamais opine, o que o coloca em uma posição socialmente desvalorizada, de alguém que não quer se relacionar com uma pessoa, mas com um vegetal. Isso é feito de maneira implícita, e, depois, explícita, ainda que com mais sutileza, em “*ele quer uma mulher submissa do lado dele*” (43). Tal posição de Moisés faz jus ao padrão heteronormativo de que existem papéis preestabelecidos em uma relação amorosa, bem como aos padrões hegemônicos em termos de feminilidade. Ao ser caracterizado como uma exceção, por estar em linha com modelos tradicionais, o protagonista serve ao objetivo do grupo de negociar esses mesmos modelos.

Da mesma forma, as características atribuídas à personagem de Alice são ora explícitas, ora implícitas. Ela é diretamente caracterizada como muito comunicativa, mas não apenas como personagem. A narradora se autodefine dessa maneira e reforça essa característica ao explicar: “*Eu não me importo de falar as coisas... assim, do nada. Eu sou muito comunicativa e... E não tenho problema nenhum de falar sobre a minha homossexualidade*” (33-35). Isso, em conjunto com suas ações como personagem, não a posiciona somente como comunicativa, mas como extrovertida, segura em relação à sua sexualidade e, talvez, até indiscreta, já que ela fala coisas “do nada” – gíria que significa inesperadamente, subitamente – e, enquanto personagem, falou “*muitas coisas*” (36).

Tais características são enfatizadas pela caracterização da personagem por parte do protagonista, que a define diretamente como uma guria que “*se impõe, tem opinião, que fala o que pensa*” (37-38). Ou seja, uma mulher com atributos que se distanciam do que a feminilidade hegemônica pressupõe, como por exemplo, delicadeza, docilidade, obediência, discrição, comedimento e subordinação ao homem (Friederichs, 2008; Latham, 2006; Louro, 2001; Miranda-Ribeiro & Moore, 2003). Fica claro, portanto, que a caracterização de Alice enquanto personagem reafirma a negociação realizada pelo grupo quanto aos significados associados à feminilidade.

### Análise dos posicionamentos do narrador perante seus interlocutores:

A primeira narrativa deste excerto é coconstruída. A parte inicial é elaborada por Alice, uma das componentes do grupo que mais participa durante toda a discussão. Na sequência, Fernanda, que desde o começo do excerto agia como reguladora do que o grupo falava, assume a posição de narradora, propondo uma hipótese que dá continuidade à narrativa de Alice. Logo depois, Roberta elabora uma narrativa hipotética que reforça as ideias apresentadas anteriormente, posicionando-se como amplificadora daquilo que vinha sendo produzido pelo grupo. Chama atenção que, neste excerto, somente as mulheres do grupo estão na posição de narradoras. Isto torna importante a análise de quem conta essas histórias e para quem as conta, como explica Bamberg (2002). São três mulheres que se revezam na posição de narradoras, que têm a moderadora e os outros componentes do grupo (incluindo-se dois homens) como interlocutores.

Já de início, a força do padrão heterossexual fica clara. O grupo falava sobre as conquistas das mulheres no campo profissional e, anteriormente, tinha discutido as diferentes expectativas quanto aos papéis de homens e mulheres em uma relação amorosa. Diante disso, a moderadora busca confirmar se o grupo acreditava que, hoje em dia, espera-se que as mulheres tenham projetos de vida que não envolvam apenas casar e ser dona de casa. Nesse sentido, um dos participantes homens enfatiza sua expectativa de que as mulheres cresçam ainda mais no mercado de trabalho. Na primeira participação depois disso, já se percebe que o foco da discussão passa a ser o que os homens esperam das mulheres em um relacionamento heterossexual.

Antes mesmo do início da narrativa propriamente dita, as posições dos membros do grupo vão se estabelecendo. Os componentes homens pouco participam, Alice – que será a principal narradora durante o presente excerto – fornece opiniões mais extensas, Fernanda e Roberta – que serão conarradoras – posicionam-se como reguladora e amplificadora, respectivamente, das opiniões de Alice. Essas opiniões constroem o contexto da história que será elaborada, cujo prefácio (Sacks, 1974) é a afirmação de que, embora a maioria dos homens busque parceiras independentes, há exemplos de exceções. A menção a uma dessas exceções (“*existem exceções, tipo o Moisés*” linha 24), seguida de risadas por parte de outra componente do grupo, gera curiosidade na moderadora, que convoca Alice a falar mais sobre tal pessoa. Além de rir após a menção ao nome de Moisés, Fernanda oferece outra avaliação sobre a história que está por vir: “*é bizarro.*” (27). Ao se colocar na posição de quem qualifica o que é dito, ela justifica o relato desse caso.

A situação vivida por Alice, protagonizada por Moisés, é então narrada. Alice coloca-se na posição de narradora testemunha, pois estava presente no caso relatado. Além disso, posiciona-se como uma importante personagem da história. Isso faz com que ela seja cuidadosa na construção de seu relato, uma vez que, neste, falará de si mesma. Ela, por exemplo, apresenta o principal evento da narrativa utilizando discurso direto e uma linguagem reflexiva (“*E ele olhou pra mim e falou assim*” linhas 36-37). Esse modo de relatar o evento é estratégico (O’Connor, 1997). Dessa maneira, ela aumenta sua credibilidade como narradora, pois é capaz de repetir a fala testemunhada. Ao mesmo tempo, evita que o grupo a posicione como exibida, pois é Moisés – e não ela – que a considera uma pessoa que “*se impõe, tem opinião, que fala o que pensa*” (37-38). Como mostrou Georgakopoulou (1997), o narrador pode criar uma distância entre o “ele” do momento em que produz a história e o “ele” do momento em que viveu essa história, de modo a, estrategicamente, associar características positivas a ele próprio no momento presente.

Ademais, há uma clara preocupação de Alice em se posicionar como ativa e opiniática perante o grupo. Para isso, ela emite opiniões contundentes e se posiciona, como personagem, de modo ativo e opiniático. Ela usa novamente o discurso direto, desta vez, para se posicionar como uma mulher que, além de não se submeter, enfrenta o homem em uma conversa. Na passagem “*Ah, o que que tu quer, uma...um vegetal do teu lado, que obedeça tudo o que tu diga?*” (41-42), Alice leva a audiência a crer, por um breve momento, que ela, enquanto personagem, teria dito isso a Moisés.

Imediatamente depois, ela explica que esta é uma dedução sua a respeito do personagem (“*Foi isso que... ele deu a entender.*” linhas 42-43). Ao deixar dúvida quanto ao emissor dessa pergunta, a narradora consegue revelar, sem ser explícita, sua opinião de que os homens que querem mulheres submissas ao seu lado merecem ser tratados com agressividade. Assim, ela diminui o risco de sofrer represálias por parte dos componentes homens do grupo. As posições de Alice, como narradora, também vão de encontro aos atributos comumente associados às mulheres.

Em um segundo momento, Alice abre espaço para a participação de outras componentes do grupo. Com essas participações, observa-se um movimento das opiniões das mulheres do grupo sobre as expectativas dos homens quanto às mulheres em uma relação. Alice, inicialmente, se oferecera para descrever uma exceção à regra de que os homens não querem uma mulher submissa como parceira. Contudo, ao longo desse excerto, Alice deixa a posição de narradora e, a partir daí, a regra passa a ser a de que os homens querem uma mulher submissa ao seu lado.

Esse movimento das opiniões das mulheres do grupo se dá a partir da concordância de Alice com Roberta, quando esta dá a entender que a história relatada por Alice é um exemplo daqueles casos em que a verdadeira atitude das pessoas é revelada quando elas próprias vivenciam determinada situação (*“É aquilo... acho que as pessoas aceitam muito bem quando é com os outros, mas quando é com elas, aí não aceitam...”* linhas 50-51). Assim, o grupo negocia as expectativas dos homens no que diz respeito às mulheres em um relacionamento amoroso. Segundo as participantes, os homens, na realidade, não querem mulheres independentes como parceiras, uma vez que somente aceitam isso em relações nas quais eles não estão diretamente envolvidos. Dessa forma, a questão passa do particular (Moisés) para o geral (os homens).

Logo depois, contudo, Fernanda discorda de Roberta. Ela se refere a Moisés e afirma que ele não aceita completamente mulheres que não são submissas, nem mesmo quando estas se relacionam com outros homens. Para isso, ela usa a expressão “até ali”, em *“ele aceita muito bem até ali.”* (53). Tal expressão é comumente utilizada para demonstrar discordância de maneira não explícita, pois significa “até certo ponto”. Para estimular esse direcionamento do grupo quanto ao tópico em discussão, Alice reforça a opinião de Fernanda, repetindo a expressão *“Até ali”* (54). Isso é importante, pois, uma vez que Fernanda não testemunhara a história contada, a concordância de Alice é o que avaliza essa nova posição em que Fernanda coloca o protagonista da narrativa.

A partir deste momento, Fernanda assume a posição de narradora e cria uma história hipotética para ilustrar como Moisés, na verdade, não aceita uma parceira que não é submissa, mesmo em casos em que ele não é o namorado. Nota-se que as mulheres do grupo trabalham em conjunto para reposicionar o protagonista homem, pois Alice expressa sua total concordância com a hipótese de Fernanda. Diante do fato de que a narrativa em questão é hipotética, tal atitude de Alice – que conhece Moisés – coloca Fernanda na posição de uma narradora digna de confiança em suas elucubrações acerca das reações de Moisés.

Fernanda também constrói sua credibilidade como narradora ao mostrar que, embora não estivesse presente na situação descrita por Alice, ela conhece essa história e seus personagens. Ela demonstra isso ao usar, em sua hipótese, o nome de outro personagem que não havia sido nomeado por Alice (*“Pô, Luizinho, como é que tu aceita tua namorada ter opinião desse jeito?”* linhas 60-61). Além disso, Fernanda posiciona-se como uma narradora segura perante a audiência. Quando, por exemplo, a moderadora pergunta se ela acha que aconteceria isso que ela cogitara, ela responde de modo enfático: *“Com certeza!”* (63).

Fernanda, portanto, trabalha no âmbito da possibilidade, já que ela concorda com o que fora cogitado pela moderadora, que emprega o verbo no condicional (“*tu acha que aconteceria isso?*” linha 62). Alice, porém, ao expressar sua concordância, utiliza o verbo no presente (“*Acontece, sim...*” linha 64). Desse modo, a reação de Moisés – repreender um amigo que tem uma namorada que diz “*todas as opiniões dela*” (60) – passa de possibilidade para realidade. Essa fala de Alice, ademais, sugere que esse não é um caso isolado, algo relativo unicamente a Moisés. Ao afirmar que aquilo que era uma hipótese é o que acontece, Alice deixa subentendido que a referida reação é comum, revendo o que ela própria havia classificado como exceção. Indiretamente, ela reposiciona o protagonista, que de exceção passa a ser exemplo do que ocorre, em geral, quando um homem encontra-se frente a uma parceira não submissa.

Outro entendimento cabível é que o grupo tenha interpretado que a pergunta da moderadora dizia respeito especificamente à falta de pudores de Moisés em sua reação ao casal de namorados, como se ela perguntasse para Fernanda se ela achava possível que ele agisse de modo tão escrachado. De fato, quando Roberta, em seguida, oferece um exemplo para concordar com Fernanda e Alice, ela enfatiza a semelhança entre a reação de sua amiga e a reação de Moisés, com o uso do advérbio “também”, em “*a guria também vai olhar pra mim: ‘Pô, tu vai deixar ele falar assim?’*” (67-68).

Roberta, ao se colocar como narradora, posiciona-se como alguém que se une às outras duas mulheres do grupo na empreitada de negociar a expectativa social de diferentes papéis para homens e mulheres em uma relação amorosa. Para isso, ela inclusive se posiciona, enquanto personagem de sua narrativa hipotética, como uma mulher que namora um homem que apresenta atitudes machistas. Parece que sua posição como personagem é menos importante do que tal negociação, uma vez que essa posição está a serviço do questionamento sobre a expectativa de submissão da mulher.

Com sua narrativa, Roberta coloca na mesma posição Moisés – que repreende seu amigo por namorar uma mulher que se distancia do que é esperado de uma parceira – e sua amiga – que a repreende por namorar um homem que se mostra “machão”. Dessa forma, ela indica que, se por um lado, ainda hoje os homens esperam que as mulheres sejam parceiras submissas, por outro lado, as mulheres não esperam que elas se comportem desse jeito. Isto é, há um questionamento à expectativa de que homens e mulheres assumam papéis diferentes e predeterminados em uma relação amorosa.

Ainda neste sentido, Fernanda novamente se posiciona como reguladora do que é dito e corrige Roberta, evitando que a mulher opiniática seja colocada na mesma posição, digna de

críticas, do homem “machão” (“*Com a diferença de que ser machista é supostamente errado, fala-falar o que pensa, não.*” linhas 72-73). As mulheres do grupo buscam, então, relativizar a complementaridade de papéis no relacionamento entre homens e mulheres, parte do binarismo característico do sistema hegemônico de gênero e da heteronormatividade (Butler, 2003; Nicholson, 2000; Scott, 1995).

Como se observa, embora as narradoras interfiram nas histórias umas das outras, elas não se opõem. Suas participações funcionam como acréscimos às elaborações das outras componentes, reforçando as ideias apresentadas. As mulheres do grupo apresentam-se, então, unidas no excerto aqui analisado. Enquanto isso, os componentes homens não concordam com o que é dito e tampouco discordam, eles simplesmente não falam. Assim, por meio das posições das narradoras e da audiência, o grupo renegocia os papéis de mulheres e homens que se encontram em relação. Se, por um lado, o personagem homem não aceita mulheres opiniáticas em um relacionamento amoroso, por outro lado, na relação entre os participantes do grupo, as mulheres narram e opinam, enquanto os homens calam.

#### Análise dos posicionamentos em relação aos padrões de gênero e sua influência na sexualidade:

Neste excerto, observa-se a negociação da influência do gênero sobre a sexualidade, mais especificamente a expectativa de que homens e mulheres estejam em posições diferentes e predefinidas em um relacionamento amoroso. Já de início, nota-se a força do padrão heterossexual. Assim como adolescentes de 14 e 15 anos investigados por Bordini e Sperb (2012), os jovens envolvidos no grupo focal em questão pressupõem que todos são heterossexuais. Apesar do estímulo inicial da discussão permitir uma separação entre homens e mulheres em termos de sexualidade, a pergunta que inicia o presente excerto não faz referência a relacionamentos heterossexuais. O grupo poderia ter seguido diversos caminhos, mas adota a perspectiva da heterossexualidade para discutir as expectativas sociais em relação às mulheres.

No início do excerto, por exemplo, identificam-se dois repertórios interpretativos complementares, tradicionalmente empregados para explicar diferenças entre homens e mulheres em uma relação amorosa. A mulher, em um relacionamento, estaria associada aos sentimentos e emoções (“*mulher é bem mais sentimento do que homem, bem mais... coração*” linhas 11-12). A contrapartida disso é que, no homem, predominariam características relacionadas à racionalidade (“*eles pensam em relacionamento*” linha 13). Esses dois repertórios interpretativos, que reúnem todos os homens em um grupo e todas as mulheres em



um outro grupo, são largamente empregados pelo senso comum e por alguns campos de pesquisa para explicar determinados comportamentos e atitudes de homens e mulheres em um relacionamento.

Uma vez que o grupo adota automaticamente a perspectiva da heterossexualidade para discutir as expectativas sociais em relação às mulheres, as três componentes passam a negociar o que se espera da mulher em um namoro com um homem. No que tange às posições dos personagens das narrativas, há uma movimentação que vai do homem que é uma exceção por querer uma mulher submissa ao seu lado, passa pela sua transformação de exceção em regra, e culmina em uma personagem mulher que é repreendida por ter ao seu lado um namorado com atitudes machistas.

Inicialmente, portanto, faz-se referência à revolução sexual e à igualdade de gênero, uma vez que o personagem que não namoraria uma mulher que se impõe e tem opinião seria uma exceção. Contudo, por meio da troca de narradoras, esse personagem deixa de ser posicionado como uma exceção para ser colocado como um exemplo da regra em termos das expectativas quanto ao papel das mulheres. Nessa trajetória argumentativa, o grupo lança mão de um repertório interpretativo que explica os diferentes papéis de homens e de mulheres em um relacionamento heterossexual com base no binômio atividade-passividade. De acordo com esse repertório, o homem ocupa uma posição ativa na relação, é ele que leva a mulher “*nas costas*” (16) e que a sustenta, por exemplo. Já a mulher ocupa uma posição passiva, por isso é submissa, “*um vegetal*” (42) que sempre obedece ao homem. Este, portanto, detém o poder, e, assim, espera-se que ele não aceite ter como parceira uma mulher opiniática, o que pode ser percebido em frases do tipo “*como é que tu aceita a tua namorada falando isso?*” (55-56) e “*como é que tu aceita tua namorada ter opinião desse jeito?*” (61).

A última narrativa, elaborada por uma terceira componente, dá continuidade à negociação, ao apresentar uma personagem que, por um lado, namora um homem com comportamentos machistas, mas, por outro lado, é repreendida por uma amiga por causa disso. O repertório interpretativo empregado para explicar tal situação contrapõe-se ao mencionado anteriormente, pois apresenta a mulher em uma posição de poder em um relacionamento amoroso: o poder de permitir ou não determinadas atitudes por parte do namorado. Assim, se as relações são mais equilibradas em termos de poder, causa estranhamento uma mulher que namora um homem que se comporta como “*machão*” ou “*bonzão*”, o que leva ao questionamento “*tu vai deixar ele ser machista assim... do teu lado, contigo?*” (70). Mediante a coconstrução das narrativas, as participantes mostram que, em

meio à regra de que os homens esperam que as mulheres sejam submissas no namoro, as mulheres esperam não corresponder a essa expectativa.

Ao mesmo tempo, a negociação da submissão como atributo feminino na relação com um homem é realizada por meio das posições das narradoras perante os interlocutores. A primeira narradora esforça-se para se posicionar como opiniática e como uma mulher que se impõe; as outras componentes mulheres também se distanciam da posição de submissas ao oferecerem suas opiniões livremente diante de um grupo formado por homens e mulheres. Frente a tais posições das participantes, os componentes homens deixam de participar, não colaboram na construção das narrativas e tampouco opinam sobre o que é dito. Isto é, as posições dos homens e das mulheres do grupo, nesse excerto, vão de encontro à expectativa de que as mulheres se submetam aos homens. Assim como mostraram Bordini e Sperb (2013), a análise das posições dos narradores e seus interlocutores permite que se evidenciem as negociações dos padrões hegemônicos de gênero empreendidas no próprio ato de narrar e revela a importância da interação entre os pares para a construção das identidades de gênero dos adolescentes (Borges, 2007; E. R. B. Oliveira, 2007; Taquette & Vilhena, 2008).

No presente excerto, ainda que fique clara a força da heterossexualidade, pressuposta quando o grupo discute as atuais expectativas em relação às mulheres, nota-se o questionamento à heteronormatividade e ao sistema hegemônico de gênero, que envolvem a crença em uma diferença natural entre homens e mulheres que se refletiria em diferentes papéis em uma relação (Butler, 2003; Louro, 2009). A negociação empreendida pelas componentes mulheres e anuída pelos componentes homens diz respeito à desaprovação, por parte das mulheres, da expectativa de que se submetam aos namorados. Com isso, torna-se possível pensar em uma relação heterossexual em que não ocorra a submissão de um parceiro ao outro, o que flexibiliza os padrões heteronormativos e amplia o espectro de significados associados às sexualidades de homens e mulheres.

## **1.2 Análise do trecho narrativo do grupo focal presencial de mulheres**

### Trecho analisado (grupo focal presencial de mulheres)

Moderadora:

76.O que vocês tão dizendo é que eles iam voltar depois?

Clara:

77.Pode ser, ou não...

Lídia:

78.Tem, tem gente que, tem gente que {...}, tem gente que dá um tempo pra cada um

79.fazer...

Clara:

- 80.O meu namorado, por [exemplo...]
- Lídia:
- 81.[Não necessa]riamente ele vai dizer “ó to terminando contigo porque”...
- Giovana:
- 82.É, exatamente.
- Lídia:
- 83.É.
- Clara:
- 84.O meu namorado, por exemplo, antes de ele namorar comigo ele namorou uma
- 85.guria.
- Lídia:
- 86.Um relacionamento aberto, como chamam, né?
- Pietra:
- 87.É, um relacionamento aberto.
- Clara:
- 88.E aí ele traiu a guria com a melhor amiga e ela perdoou. Ele contou, ele traiu e foi lá e
- 89.contou no mesmo dia, tipo, “eu fiquei com a fulana, ela deu em cima de mim, eu
- 90.fiquei, não aguentei”. Transou com ela e contou pra guria, e ela aceitou ele de volta.
- 91.Aí ele foi lá e transou com a guria de novo (risos), e contou de novo pra guria e a guria
- 92.ia aceitar ele de volta, sabe, mas ele não quis mais, tipo, eu não sei por quê. Ele me
- 93.contou, mas, tipo, eu não sei se ele já queria acabar com a guria e tal, mas, tipo, eu
- 94.sei que se ele vier fazer uma coisa dessas, eu mando ele se foder, né, mas tudo bem.
- 95.(risos)
- Pietra:
- 96.[Eu]
- Clara:
- 97.[Eu] não vou perdoar!
- Part?:
- 98.{...}
- Clara:
- 99.É, isso aí vai, eu sei que se ele fizer, ele vai vir me contar, sabe...
- Lídia:
- 100.Talvez tu perdoe, mas, né...
- Clara:
- 101.[Não]
- Lídia:
- 102.[Se] tu gostar dele, exatamente...
- Clara:
- 103.É, não, tá, tudo bem, eu perdoaria porque tipo ele vai ser sincero, mas eu já falei já
- 104.tipoo “tu vai me contar?”. E ele jura de pé junto que vai e e ele vem num processo
- 105.assim de vários relacionamentos onde ele confessa que traiu. E todas as gurias que
- 106.ficaram com ele são apaixonadas por ele, sabe, eu odeio as ex-namoradas dele...uma,
- 107.uma tá fazendo enfermagem e ele tava muito mal, ele tava muito mal porque ele caiu
- 108.de bunda, aí ela perguntou se ele queria uma enfermeira. Essa que foi traída duas
- 109.vezes com a melhor amiga...
- Part?:
- 110.(risos)
- Clara:
- 111.(risos) Pelo amor de deus, sabe, bah se ele faz isso comigo, eu não perdo. Eu não
- 112.perdo porque, tipo, eu acho que ele tem a oportunidade de ficar com outras pessoas
- 113.e eu também. Então eu acho que seria injusto a gente tá empacando cinco anos da

- 114.nossa vida, da minha e da dele, brincando, sabe, pra tu pegar e trair assim sabe...
- Marisa:
- 115.Sim, é, então termina antes.
- Clara:
- 116.É, é o que eu falo, “tu tá a fim de alguém, tu não tá mais a fim de mim, vamos sentar,  
117.vamos conversar, a gente termina, tu segue a tua vida, eu sigo a minha”. Aí talvez aí  
118.sim eu perdoaria, sabe? Porque aí ele vai ter um momento tipo, tá, ele vai ter o  
119.momento dele, eu vou ter o meu. Eu vou ficar com alguém se eu quiser nesse meio  
120.tempo, ele também vai. Tá e se a gente achar que não valeu a pena? Sabe? Aí eu vou  
121.perdoar. Agora se ele pegar e trair assim a troco de nada...que a gente tem um  
122.relacionamento mais...
- Lídia:
- 123.É isso que digo.
- Pietra:
- 124.Exatamente.
- Lídia:
- 125.É, é, hoje em dia é, é tão legal, hã, é tão tão fácil, assim, as pessoas aceitam tão  
126.melhor se tu chegar e te separar, hã, claro, que tem, vamos supor, tu termina o teu  
127.relacionamento e os teus familiares, todos vão ficar “ai, por que, que que houve?  
128.Vocês eram tão legais juntos”, barará, barará, vão ficar naquel[as].
- Clara:
- 129.[Minha] mãe ia dar pulos (risos) se eu terminar.
- Lídia:
- 130.(risos) Mas é que, mas é que hoje em dia é tão mais fácil, as pessoas aceitam tão  
131.melhor tu chegar e dizer “ai, eu terminei com meu namorado”.
- Marisa:
- 132.“Não deu certo”...
- Lídia:
- 133.“Não deu certo”. Do que antigamente, antigamente era um escândalo, meu deus, tu  
134.vai terminar hã, né, um casamento, um um relacionamento, que seja, né,  
135.antigamente era um um nossa senhora e hoje em dia não, hoje em dia é tão mais  
136.fácil, então pra que trair? Sabe, isso é tão, isso mostra falta de caráter.

Este excerto provém de um grupo focal presencial composto por cinco mulheres, estudantes de: Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Fonoaudiologia, Química e Matemática. As passagens e o excerto na íntegra foram transcritos pela pesquisadora, a partir dos arquivos de áudio gerados pelos gravadores usados no registro da discussão completa realizada com o grupo, cuja duração foi de aproximadamente 1 hora.

No momento anterior, o grupo falava das diferenças esperadas entre homens e mulheres em termos de fidelidade em uma relação amorosa heterossexual. Essas diferenças seriam provenientes de uma ideia antiga de que a hipersexualização, no sentido de se ter vários parceiros ou parceiras, é socialmente estimada nos homens (“*o homem que pega deus e o mundo é o cara*”) e condenada nas mulheres. O grupo ressalta que as mulheres valorizam homens hipersexualizados; estes provocam curiosidade nelas ou vontade de reeducá-los. Por outro lado, as próprias mulheres criticam aquelas que apresentam esse mesmo tipo de

comportamento. A participante Lídia relativiza, então, essas ideias, ao associá-las à geração anterior e opinar que isso está mudando.

Na sequência, o grupo coconstrói uma narrativa hipotética na qual negocia as posições de homens e mulheres quanto à fidelidade em uma relação amorosa. O personagem genérico é o homem da geração delas que, por ter mais liberdade de terminar um relacionamento em comparação ao homem das gerações progressas, não tem motivo para trair. Ele termina a relação quando está “a fim” de outra mulher, e retoma essa relação depois, caso a ex-namorada o aceite de volta. Outra participante revela um dos motivos que a ex-namorada teria para aceitá-lo: “*geralmente tu leva em consideração, ‘ai ele não foi canalha, não me traiu’*”.

Tem início, então, o trecho aqui analisado, quando a moderadora pergunta se esse casal hipotético retomaria o namoro. Clara responde que tanto é possível que retomem quanto que não retomem e exemplifica com uma narrativa. O tema segue sendo a fidelidade em uma relação amorosa, as concepções sobre a pessoa infiel e as consequências da infidelidade para essa pessoa. Contudo, Clara não dá como exemplo uma história em que o personagem terminou uma relação por estar interessado em outra pessoa, evitando, portanto, uma traição. Ela conta a história de seu namorado e sua antiga namorada: ele a traiu, contou para ela e ela o perdoou; novamente, ele a traiu, contou para ela e ela o teria perdoado, mas ele terminou a relação antes. Assim, negocia-se a posição em que o homem comprometido havia sido colocado antes. Neste momento, a história sai do tempo passado e vem para o presente. A narradora cria a hipótese de o namorado fazer o mesmo com ela, mas enfatiza que não vai perdoá-lo.

Com a relativização introduzida por outra participante, a história passa para o tempo futuro, em que o namorado será sincero e, neste caso, ela o perdoaria. No entanto, novamente a narradora muda de ideia, em se tratando dela própria como personagem dessa história hipotética. Ela não perdoaria o namorado caso ele fizesse com ela o mesmo que fez com a namorada anterior. Como ele e a narradora poderiam aproveitar o término da relação para se relacionar com outras pessoas, uma traição transformaria o namoro em uma perda de tempo injusta. Dessa forma, a negociação das posições de homens e mulheres em uma relação amorosa, na qual um dos parceiros interessa-se por outra pessoa, segue sendo realizada.

Diante do apoio de uma participante, Clara cria uma história hipotética pessoal, na qual ela, como personagem, convida o namorado, que não tem mais interesse nela ou tem interesse em outra pessoa, para uma conversa em que o namoro será terminado. Ambos, no período em que estarão solteiros, vão se relacionar com outras pessoas, podendo vir a

considerar que a separação não valeu a pena. Ela, neste caso, o perdoaria. O grupo usa essa narrativa para negociar a posição das pessoas que se interessam por outras quando em um relacionamento e reforçar a posição em que colocaram homens e mulheres traidores. Segundo as participantes, atualmente, por haver mais liberdade para se terminar uma relação, o único motivo para traição é a falta de caráter, não diferenciando homens e mulheres no que diz respeito à questão da fidelidade.

#### Análise dos posicionamentos dos personagens:

##### Ações dos personagens:

A primeira narrativa analisada conta com dois momentos. Inicialmente, relata a história de dois personagens principais: o namorado de Clara e a sua antiga namorada. Além disso, conta com a presença da melhor amiga da antiga namorada, uma personagem coadjuvante que, quando nomeada, é chamada de “fulana” (89). O namorado é o protagonista, pois todas as ações dizem respeito a ele. Ele é posicionado ativamente, dele partem as ações de trair a namorada, contar pra ela, ficar e transar com outra pessoa; além disso, as ações das outras personagens estão diretamente relacionadas a ele: perdoá-lo, dar em cima dele, aceitá-lo de volta. O único momento em que o namorado é colocado em uma posição mais passiva é quando ele não aguenta e fica com a fulana, que deu em cima dele. Essa posição de passividade frente à pressão de uma mulher que quer se relacionar está em linha com a masculinidade hegemônica no Brasil, que inclui uma sexualidade heterossexual irrefreável (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Heilborn, 2006).

A namorada desse personagem é chamada de “guria” (85). Ela tem um papel ativo, é posicionada como alguém que faz escolhas, de quem partem as ações de perdoar o namorado traidor e o aceitar de volta. Tais ações, no entanto, são tomadas com ambivalência pelo grupo. Ora elas são consideradas aceitáveis (“*Talvez tu perdoe*” linha 100; “*Se tu gostar dele*” linha 102), ora inaceitáveis. A não aceitação dessa ação de perdoar pode ser percebida pela ênfase dada por Clara ao fato de que não fora a primeira vez que o namorado havia contado para sua namorada anterior sobre uma traição (“*contou de novo pra guria*” linha 91) e pela reação que ela imagina ter, caso se encontre em uma situação afim (“*se ele vier fazer uma coisa dessas, eu mando ele se foder*” linha 94). A personagem fulana, melhor amiga da namorada, também é posicionada ativamente. Ainda que sua única ação seja dar em cima do personagem principal, nas outras ações em que está envolvida, ela não é receptora da ação, é participante dela, o que se depreende do uso de expressões que incluem a preposição “com” (“*fiquei com a fulana*” linha 89; “*Transou com ela*” linha 90).

Na sequência, a história se desenvolve como uma narrativa hipotética, na qual são levantadas diversas possibilidades de desfecho, caso o personagem viesse a fazer com a sua namorada atual (a narradora, Clara) o mesmo que havia feito com a anterior. Nessa parte hipotética e pessoal da narrativa, o namorado e a narradora são os únicos personagens citados. Ele tem um papel ativo, partem dele as ações de fazer o mesmo que fizera com a namorada anterior e contar para a namorada atual, sendo sincero. As outras ações presentes nesse momento da narrativa também dizem respeito a ele (“*eu mando ele se foder*” linha 94; “*Eu não vou perdoar [o namorado]*” linha 97).

A narradora, enquanto personagem, também tem um papel ativo, ela reage de diferentes maneiras à ação do namorado, indicando uma negociação das consequências da infidelidade para o traidor. É interessante que as reações da personagem são apresentadas em um crescente em termos de perdão e decrescente em termos de raiva para, ao final, retornarem ao ponto inicial. A primeira reação cogitada diante da possível traição e confissão do namorado é mandar ele “*se foder*” (94), seguida da reação de não perdoá-lo. Após a ênfase na ação do namorado de confessar a traição, a reação passa a ser um possível perdão (“*Talvez tu perdoe*” linha 100), contextualizado pelo fato de ela gostar dele. Adiante, a ação de perdoar aparece ainda mais provável (“*tá, tudo bem, eu perdoaria*” linha 103), motivada pela sinceridade do namorado. Por fim, após considerar que o namorado tem um histórico de confissões de traição e que todas as pessoas com quem ele ficou são apaixonadas por ele, Clara finaliza essa narrativa hipotética com a ação de não perdoá-lo.

A narrativa seguinte é uma continuação dessa, uma vez que é elaborada pelo grupo como um esclarecimento das situações em que um parceiro que se interessou por outra pessoa e se relacionou com outra pessoa pode ser perdoado, confirmando as ideias expressas no excerto anterior ao aqui analisado. Tal narrativa conta com os mesmos personagens da narrativa anterior, Clara e o namorado. Ainda que o personagem não seja explicitamente nomeado como o namorado, essa informação está implícita, pois a narrativa foi construída em sequência à anterior, que continha esse dado.

Novamente, Clara e o namorado são os personagens principais. Inicialmente, a história é contada em discurso direto e a narradora coloca-se como personagem da narrativa. Ela, enquanto personagem, está em uma posição ativa: ela fala com o namorado, que possivelmente não está mais interessado nela ou está interessado em outra pessoa, e sugere o que fazer (“*vamos sentar, vamos conversar, a gente termina, tu segue a tua vida, eu sigo a minha*” linhas 116-117). Outras ações que partem dela são perdoar o namorado, ter o seu momento, ficar com alguém e terminar o relacionamento.

Além disso, a ação de Clara de não perdoar o namorado, se ele a trair, pode ser deduzida a partir da construção da seguinte passagem: “*Aí, eu vou perdoar. Agora se ele pegar e trair assim a troco de nada...*” (120-121). Nessa frase, o advérbio de tempo “agora” serve como conjunção adversativa, o que indica que o complemento ausente na frase refere-se ao ato de não perdoar. O namorado, por sua vez, também é colocado em um papel ativo: ele possivelmente não está mais interessado na personagem ou está interessado em outra pessoa, ele terá o seu momento, ficará com alguém e poderia trair a namorada “a troco de nada”. Como personagem coadjuvante, pode-se mencionar a mãe de Clara, que executa a ação de “dar pulos” se a filha terminasse o namoro, ou seja, ficaria contente.

Chama atenção o quanto, em certos momentos, a estrutura da narrativa, em relação ao modo como são apresentadas as ações dos personagens principais, posiciona ambos da mesma forma. As negociações sobre a fidelidade, a pessoa infiel e as consequências da infidelidade para quem trai em uma relação heterossexual são visíveis nessa estruturação narrativa, que apresenta o personagem homem e a personagem mulher executando ações iguais (“*tu segue a tua vida, eu sigo a minha*” linha 117) e conjuntas (“*vamos conversar, a gente termina*” linha 117), uma colocada ao lado da outra e em uma ordem de realização que alterna homem e mulher no primeiro lugar (“*ele vai ter o momento dele, eu vou ter o meu*” linhas 118-119; “*eu vou ficar com alguém se eu quiser nesse meio tempo, ele também vai*” linhas 119-120). Seguindo essa linha, o excerto que contém a narrativa termina com a associação entre infidelidade e falta de caráter, sem atribuir tal característica ao gênero da pessoa.

#### Caracterizações dos personagens:

Os personagens da primeira narrativa analisada são, na maior parte dos casos, caracterizados indiretamente, ou seja, é a partir das suas ações e dos comentários feitos pela narradora a respeito dos mesmos que se podem deduzir algumas de suas características. O namorado de Clara é posicionado como um típico homem, segundo o modelo dominante de masculinidade no Brasil, que inclui aspectos como hipersexualização heterossexual, promiscuidade, infidelidade, dificuldade em refrear os desejos sexuais e coragem (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; D. B. Santos & Silva, 2008; Seffner, 2003).

As ações do namorado envolvem mais de uma traição, por ele não resistir à abordagem de outra mulher. Além disso, pode-se pensar que ele é posicionado como corajoso, dada a forma como é construído o relato da confissão da traição: em discurso direto, com o personagem contando sem rodeios o que houve, “*no mesmo dia*” (89) do acontecido e



assumindo sua parcela de culpa (“*não aguentei*” linha 90). No entanto, há indícios de que sua coragem beira o descaramento, já que a narradora enfatiza, por meio da sua entonação, as ações de revelar a traição para a namorada (“*contou*” linha 90; “*contou de novo*” linha 91).

As outras personagens são caracterizadas como menos importantes, não sendo dignas de serem nomeadas; são chamadas de “guria” e “fulana”. A personagem fulana é implicitamente caracterizada como uma mulher que foge do padrão feminino em nossa cultura. Ela é explicitamente caracterizada como a melhor amiga da namorada do personagem e implicitamente posicionada como alguém que expressa livremente sua sexualidade, “dando em cima” do homem que lhe interessa. A ação de abordar um homem compromissado com sua melhor amiga distancia tal personagem do modelo ideal de mulher, que inclui a não expressão da sexualidade, a discrição e o romantismo (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; D. B. Santos & Silva, 2008). No entanto, pesquisa realizada recentemente mostrou que a deslealdade feminina para com as amigas, quando um homem está em jogo, é uma característica associada às mulheres hoje em dia (Bordini & Sperb, 2012).

Já a namorada do personagem é implicitamente colocada em uma posição de passividade e ingenuidade, características associadas ao feminino (Bordini & Sperb, 2012; Neves, 2007). Isso se depreende pelo modo como é estruturada a narrativa: as ações dessa personagem são sempre apresentadas após as ações do personagem – que podem ser tidas como atos descarados – e envolvem aceitação e perdão. A desvalorização dessas duas personagens mulheres pode decorrer do fato de que a narradora não gosta das mulheres que fizeram parte do passado do seu atual namorado (“*eu odeio as ex-namoradas dele*” linha 106).

A continuação da narrativa contém dois personagens e se passa no tempo presente e futuro. O namorado, então, é namorado da narradora e esta também é personagem da história. O namorado é direta e indiretamente caracterizado como sincero (“*ele vai vir me contar*” linha 99; “*ele vai ser sincero*” linha 103). Já a caracterização de Clara enquanto personagem fica subentendida em suas ações. Ela pode ser posicionada como intensa e ciumenta (“*eu mando ele se foder*” linha 94; “*eu odeio as ex-namoradas dele*” linha 106), características que não correspondem ao ideal feminino de romantismo, discrição e passividade (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; Neves, 2007; D. B. Santos & Silva, 2008), mas que são associadas à mulher na cultura brasileira (M. T. Couto et al., 2007).

Chama atenção a negociação que ocorre, nessa parte da narrativa, em relação à posição da pessoa que foi traída. A personagem oscila entre o alinhamento com a

personagem da primeira parte da narrativa – posicionada como passiva e ingênua por ter sido traída, ouvido a confissão do namorado e o ter perdoado (“*tá, tudo bem, eu perdoaria porque tipo ele vai ser sincero*” linha 103) – e o posicionamento contrário, de quem toma tal situação como inaceitável (“*se ele vier fazer uma coisa dessas, eu mando ele se foder*” linha 94). Há, ao final dessa narrativa, uma aparente tentativa de fornecer razões para a posição da personagem como alguém que perdoa o namorado traidor. Dentre as razões, figuraria a caracterização, implícita, do namorado como um homem cobiçado pelas mulheres e apaixonante (“*E todas as gurias que ficaram com ele são apaixonadas por ele*” linhas 105-106), o que o aproxima da posição dos homens valorizados por seus comportamentos hipersexualizados, citados no excerto anterior. Ainda assim, essa narrativa termina com a personagem sendo posicionada como alguém que não perdoaria uma traição como a descrita.

A segunda narrativa é uma continuação da narrativa anterior e parece ter sido elaborada com o objetivo de negociar as posições dos personagens desta, relativizando, assim, a influência do gênero sobre a fidelidade em uma relação amorosa e os significados associados aos membros do casal, quando um se interessa por alguém e se relaciona com outra pessoa. Nessa narrativa, os personagens Clara e seu namorado não são caracterizados diretamente. Subentende-se que Clara é madura e decida, uma vez que, diante do desinteresse do namorado, ela propõe uma conversa em que sugere a separação, para que cada um possa “seguir a vida” (“*tu segue a tua vida, eu sigo a minha*” linha 117). Ela também se posiciona como racional, pois perdoaria o namorado caso ele tivesse ficado com outra pessoa depois de terminarem o relacionamento, já que ela também teria tido a liberdade de fazer o mesmo. A característica de maturidade em uma relação amorosa é associada ao feminino, mas as de objetividade e de racionalidade são mais comumente atribuídas ao homem (M. T. Couto et al., 2007; Sefton, 2006).

O namorado, inicialmente, é posicionado implicitamente como alguém que se dispõe a pensar sobre a relação e que, ao se interessar por outra pessoa, não trai a namorada, mas racionalmente conversa com ela e opta por terminar o relacionamento. A racionalidade é uma característica do homem ideal no Brasil (Sefton, 2006), já a fidelidade e a disposição para conversar sobre a relação são aspectos distantes dos atributos comumente associados ao masculino (Câmara, 2007). Ao final, o namorado é implicitamente recolocado na posição típica do homem, uma vez que trai a parceira “*a troco de nada*” (121), o que o associa às características de hipersexualização e promiscuidade (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Seffner, 2003). Em vista disso, a personagem mulher também implicitamente parece ser reposicionada como alguém que não perdoa uma traição descarada.

Tais reposicionamentos, no entanto, parecem estar a serviço de uma clara diferenciação entre essas posições e as posições em que os personagens vinham sendo colocados até então, isto é, posições que não seguem e tampouco contradizem as concepções dominantes acerca das sexualidades de homens e mulheres. Os personagens fazem parte de uma história em que ficar com outra pessoa, que não o parceiro ou a parceira, é perdoável, uma vez não envolve desrespeito a um acordo entre as partes e uma desigualdade de direitos e deveres entre as mesmas. Assim, o grupo consegue negociar a questão da fidelidade como algo que não diz respeito ao homem ou à mulher, mas ao caráter das pessoas.

#### Análise dos posicionamentos do narrador perante seus interlocutores:

A primeira narrativa analisada é apresentada como um exemplo em relação ao que vinha sendo falado no grupo, sobre as mudanças que ocorreram nas últimas gerações em termos de fidelidade. Quando a principal narradora, Clara, anuncia que vai dar um exemplo, a audiência pressupõe, portanto, que será uma história sobre um personagem que termina uma relação por estar interessado em outra pessoa, evitando, portanto, uma traição. Esse anúncio não chega a ser um prefácio (Sacks, 1974), justamente por não sinalizar explicitamente que algo relevante e extenso será contado. Por outro lado, pode-se considerar que a explicação de Clara, sobre o que se leva em consideração ao conversar com um parceiro que terminou o relacionamento para não trair a parceira, no excerto anterior, já estaria introduzindo a narrativa ou preparando a audiência para uma história que envolvesse essa temática.

Apesar disso, a narrativa elaborada não tem esse enredo, relatando, inicialmente, uma situação de traição seguida de perdão. Essa narrativa é construída em dois tempos. Em um primeiro momento, Clara é a narradora de um caso que envolve seu atual namorado como personagem. Ela conta a história com desenvoltura e sem interferências do grupo. A posição de narradora de uma história protagonizada por seu atual namorado é interessante; nota-se um esforço por parte de Clara em amenizar a posição em que coloca seu namorado.

Ele é posicionado como um traidor, mas com a especificidade de não ter resistido à abordagem feita por uma mulher e com a possibilidade de ter agido dessa forma porque “*já queria acabar com a guria*” (93). A narradora, por outro lado, aponta sutilmente o absurdo dessa situação (“*contou pra guria*” linha 90; “*contou de novo pra guria*” linha 91), o que desvaloriza a antiga namorada de seu atual namorado, colocando-a em uma posição de ingenuidade. Essa desvalorização também pode ser identificada nas risadas da narradora ao relatar que o personagem traíra novamente a antiga namorada. Simultaneamente, essas risadas podem significar uma valorização do comportamento hipersexualizado de seu namorado.

Logo a seguir, parece que a narradora lembra-se da presença da audiência, uma vez que busca evitar o risco de, por ser a namorada atual do personagem traidor, ficar na mesma posição da sua antiga namorada (“*eu sei que se ele vier fazer uma coisa dessas, eu mando ele se foder*” linhas 93-94). Com isso, ela inaugura um novo momento da narrativa, em que se coloca como personagem de uma história hipotética, cujo objetivo parece ser negociar sua posição como namorada de um homem traidor e a posição do seu namorado como tal.

Essa negociação se dá com a participação de Lídia como conarradora, relativizando o que é dito por Clara. Esta, no intuito de se distanciar da posição da antiga namorada de seu atual namorado, arrisca posicioná-lo claramente como um traidor descarado (“*Eu não vou perdoar!*” linha 97). Diante disso, ela própria começa a relativizar essa posição do namorado, hipotetizando que ele confessaria uma traição para ela. Lídia, então, se coloca como conarradora da história, colaborando com a negociação das posições dos personagens e avaliando a posição de Clara como alguém que perdoa a traição do namorado caso goste dele. Esta, aceita a intervenção de Lídia e especifica o motivo do perdão: a sinceridade do namorado. Contudo, com isso, ela se recoloca na desconfortável posição de alinhamento com a antiga namorada que, após a confissão da traição, perdoou o namorado.

Há, então, na sequência, a elaboração de outro possível motivo para o perdão ao namorado infiel: o fato de ele ser cobiçado pelas mulheres e apaixonante. Ainda que essa posição do namorado automaticamente coloque Clara em uma posição valorizada, até mesmo acima das outras mulheres, esta também é uma posição arriscada. O grupo poderia não aceitar esses significados associados à fidelidade e essas visões sobre a pessoa infiel, uma vez que, no excerto precedente, havia construído uma narrativa que posicionava os homens da geração atual como pessoas sem motivos para trair, associando a infidelidade à canalhice.

A narrativa seguinte é uma continuação da anterior e a narradora é, novamente, Clara, mais uma vez com o auxílio de Lídia. Esta é uma história que responde ao objetivo inicial de exemplificar uma situação na qual um personagem homem termina a relação com a mulher por ter se desinteressado por ela ou por estar interessado em outra pessoa, evitando, assim, uma traição. Em decorrência disso, tal narrativa mostra-se contável, com a audiência participando ao concordar com o relatado pelas narradoras.

Clara passa a se posicionar de acordo com o que havia sido proposto pelo grupo anteriormente, quando explica que não perdoaria a traição do namorado porque acredita que ambos devem ter a “*oportunidade de ficar com outras pessoas*” (112), transformando a infidelidade em uma injustiça. Imediatamente, Marisa concorda e aproveita para reforçar a posição do grupo acerca da atual possibilidade de se terminar um relacionamento antes de

trair (“*é, então termina antes*” linha 115). Este pode ser considerado o prefácio da narrativa que se segue logo depois, anunciada por Clara ao dizer “*É, é o que eu falo*” (116).

Ela, então, conta uma história que apresenta as posições do grupo acerca da influência do gênero na questão da fidelidade e no modo como são vistas a pessoa infiel e a pessoa alvo de uma traição. Nota-se que Clara está decidida a se posicionar em alinhamento com o grupo, tanto que, ao cogitar perdoar o ex-parceiro, com quem tivera a relação terminada para evitar traições, ela usa o advérbio de dúvida “talvez”, em “*Aí talvez aí sim eu perdoaria*” (117-118). A audiência demonstra sua concordância com o equilíbrio entre as posições e com a igualdade de direitos dos dois parceiros no relato de Clara. Lídia apoia a ação de terminar uma relação para não trair, ao acrescentar que, embora a família de Clara pudesse ficar decepcionada com o fim do relacionamento, essa seria a opção mais acertada nesse caso. Lídia verbaliza, ao final, a posição do grupo nessa sequência de narrativas: “*hoje em dia é tão mais fácil, então pra que trair? Sabe, isso é tão, isso mostra falta de caráter.*” (135-136).

Por fim, ressalta-se que, seguindo o padrão do excerto anterior, Clara e Lídia são as componentes do grupo que mais atuam na construção dessas narrativas, ainda que, na última delas, outras participantes tenham opinado. É interessante que o grupo interfere pouco nas narrativas, em geral colaborando com a narradora e, no máximo, relativizando suas posições, mas nunca corrigindo ou contra-argumentando. Considera-se que o grupo mostra união nesse excerto, tanto entre si quanto com um possível grupo mais amplo de mulheres, pois as únicas interferências da audiência, nas narrativas, diziam respeito à própria narradora. As participantes optaram por não se comprometer, uma vez que não opinaram acerca das ações do namorado da narradora e das outras mulheres que foram citadas como personagens. A atividade de “falar mal de puta”, bastante difundida entre grupos de mulheres (Tanenbaum, 2000), por exemplo, não foi identificada nesse excerto.

#### Análise dos posicionamentos em relação aos padrões de gênero e sua influência na sexualidade:

No excerto analisado, o grupo negocia a influência do gênero na questão da fidelidade em uma relação amorosa: seu significado atualmente, as concepções sobre a pessoa infiel e as consequências da infidelidade para essa pessoa. Deve-se considerar que as participantes foram requisitadas a pensar acerca do papel do gênero sobre as experiências sexuais das pessoas e sobre as expectativas que gera em relação à sexualidade. Portanto, a discussão no grupo focal já parte de um viés, uma vez que a possibilidade de haver influência do gênero sobre os significados associados às sexualidades é oferecida pela própria moderadora.

A fidelidade é um tópico marcado por influências de gênero na cultura brasileira. Miranda-Ribeiro e Moore (2003) e D. B. Santos e Silva (2008), por exemplo, observaram que, nas revistas voltadas ao público jovem feminino, os homens aparecem como não confiáveis em um relacionamento amoroso, por serem vítimas de seus incontroláveis instintos sexuais. Também Bordini e Sperb (2012) encontraram que a infidelidade é considerada um atributo masculino, de acordo com narrativas elaboradas por adolescentes de Porto Alegre. Por outro lado, a feminilidade é associada à fidelidade, pois é caracterizada por aspectos como amor romântico, monogamia e relacionamentos duradouros (Bordini & Sperb, 2012; D. B. Santos & Silva, 2008).

No entanto, essas diferenças de gênero no que tange à temática da fidelidade são negociadas pelo grupo. De início, mais especificamente, na primeira narrativa, o grupo negocia as concepções sobre o homem infiel, ora colocando o homem traidor em uma posição aceita e valorizada, ora o posicionando como alguém que não merece perdão. Aqui se identificam dois repertórios interpretativos complementares: um a respeito da sexualidade do homem e outro a respeito da sexualidade da mulher.

A sexualidade masculina é caracterizada por uma falta de controle sobre seus ímpetos, sobretudo quando uma mulher se oferece para o homem (*“ela deu em cima de mim, eu fiquei, não aguentei”* linhas 89-90), o que explica as infidelidades cometidas e se constitui como motivo de perdão. Esse repertório inclui uma figura do senso comum, a saber, o “conquistador barato”: o homem que é sabidamente canalha, mas que tem grande poder de sedução (*“e ele vem num processo assim de vários relacionamentos onde ele confessa que traiu. E todas as gurias que ficaram com ele são apaixonadas por ele”* linhas 104-106).

A contraparte desse traidor irresistível é apresentada no repertório interpretativo sobre a sexualidade feminina. Esta é caracterizada pelo perdão e pela valorização do afeto, o que se estrutura como um argumento para dar conta da personagem que aceita de volta o namorado infiel e da personagem que perdoaria o namorado traidor porque gosta dele. Ressalta-se, contudo, que esse repertório interpretativo é usado apenas para explicar o perdão a um primeiro episódio de traição, já que a atitude de perdoar uma segunda infidelidade é vista com estranheza pelo grupo.

Desde o excerto anterior, o tópico fidelidade vinha sendo discutido, e havia uma tentativa do grupo de relacioná-la ao caráter, e não ao gênero da pessoa. Assim, a segunda narrativa analisada desenvolve-se como uma continuação da primeira e um reforço à associação entre fidelidade e caráter. Lembra-se que o grupo é composto unicamente por mulheres, que se mostram unidas durante a discussão, colaborando com as narradoras e

evitando contradizer umas às outras. Seguindo esse padrão, a narradora da primeira história desiste da negociação das concepções sobre o homem infiel e sobre a mulher traída, optando por produzir uma segunda narrativa em que estende a negociação da fidelidade para além da influência de gênero.

O repertório interpretativo do qual o grupo lança mão para explicar por que uma traição não seria perdoável baseia-se na noção de injustiça, no sentido de um desequilíbrio entre as partes em uma relação amorosa. Isto é, a infidelidade é considerada uma desigualdade de direitos e deveres entre os componentes de um casal, no qual se espera que o homem e a mulher tenham a obrigação de se manter fiéis ou tenham – ambos – a oportunidade de se relacionar com outras pessoas. De acordo com tal repertório, essa simetria entre homens e mulheres é uma conquista recente e é o que explica que a traição seja tida como uma falta de caráter e não um comportamento associado ao masculino ou ao feminino.

Assim, na segunda narrativa, mulheres e homens são postos na mesma posição quando em uma relação amorosa heterossexual: a posição de quem não pode se relacionar com outras pessoas, a não ser que, no período em que ocorreram relações com outrem, tenha havido um acordo entre as partes no sentido de terminar o relacionamento. Simultaneamente, nessa narrativa, há a relativização de outras posições tipicamente associadas ao homem e à mulher em um relacionamento amoroso. A mulher é posicionada como objetiva e racional e o homem, como disposto a conversar sobre a relação, o que foge dos modelos dominantes de feminino e de masculino.

No presente excerto, há uma interessante negociação da influência do gênero na sexualidade, especialmente na fidelidade em uma relação amorosa. Ainda assim, chama atenção a força do padrão heterossexual. Em momento algum, o grupo se distancia do estereótipo da relação heterossexual monogâmica. As narradoras e a audiência não cogitam pensar a questão da fidelidade em um contexto diferente deste. Além disso, todas as relações amorosas e sexuais apresentadas nas narrativas, assim como as opiniões das participantes, pressupõem a heterossexualidade. No entanto, a heteronormatividade é posta em questão, uma vez que mulheres e homens são colocados na mesma posição no que tange à fidelidade, quando em uma relação amorosa heterossexual. A complementaridade de papéis é, desse modo, relativizada.

### 1.3 Análise do trecho narrativo do grupo focal presencial de homens

#### Trecho analisado (grupo focal presencial de homens)

Pedro:

- 137.Nã... acho que... acho que essa expectativa, à primeira vista... ãhn... é, muitas vezes  
138.equivocada, né? Porque realmente a gente tem a ideia de que, a pessoa age de uma  
139.forma mais masculina ou feminina, e isso define a sexualidade. Muitas vezes a gente  
140.se engana, como no caso ali...

Moderadora:

- 141.Uhum...

Pedro:

- 142.E eu tive um colega que... ele tinha trejeitos, ele, ele, ele agia de uma forma  
143.extremamente feminina, andava só com gurias... sabe? Inclusive agia como elas.

Cláudio:

- 144.(risos)

Moderadora:

- 145.Mas o que que é esse agir como elas?

Pedro:

- 146.Agir como elas é tipo... algumas expressões que geralmente mulheres usam, o, ãhn,  
147.usam, ou jeitos de... né, coisas que-que elas falam, a forma como elas falam...

José:

- 148.O jeito de balançar a mão, assim, falando... os trejeitos...

Pedro:

- 149.É... fazer um aiii, não sei o que, sabe? Esse tipo de coisa...

Moderadora:

- 150.E ele era teu colega?

Pedro:

- 151.Meu colega.

Moderadora:

- 152.Ah, tu conhecia ele.

Pedro:

- 153.Conhecia, conhecia... eu fala-eu falava com ele, era amigo dele, mas e-ele tinha todo  
154.o jeito. Mas acontece que ele gostava de mulheres... mas tipo, que ainda assim. E  
155.apesar de geralmente ele se dar mais bem com elas, e... e sofrer preconceito da parte  
156.de muitos, ele, ele realmente gostava de mulheres. Então realmente... acho que é  
157.equivocado assim, essa... essa imagem da pessoa, de ele é afeminado, então era gay,  
158.e tudo o mais...

Moderadora:

- 159.Ah, ele tinha essa imagem...

Pedro:

- 160.É, não. Na verdade... ele se relacionava com mulheres, mas mesmo assim  
161.continuavam achando que ele... que era uma forma de negação, ou alguma coisa  
162.assim.

Mauro:

- 163.É que tem isso, também.

Moderadora:

- 164.Ah, é? Como assim?

Mauro:

- 165.É que às vezes tem casos... eu conheço uma pessoa que...é, homossexual, mas... fica  
166.com...



Henrique:

167.É...

Mauro:

168.Um guri que é homossexual só que fica com gurias pra... evitar preconceito.

Moderadora:

169.Humm...

Pedro:

170.É. Então... é muito conturbado essa...

Moderadora:

171.Tá, nesses casos, que vocês tão falando, mesmo ficando com mulheres, as pessoas

172.acham que...

Pedro:

173.Sim.

Moderadora:

174.[Uhum]

Pedro:

175.[É, que ele] era no mínimo bi... e tal... esse tipo de coisa. Entendeu?

Moderadora:

176.uhum

Pedro:

177.É... ele realmente dava muita sopa, assim. Ele... ele...

Todos:

178.(risos)

Pedro:

179.Não... (risos) tá, não, tudo bem, mas é que ele realmente, [o cara]

José:

180.[Não só] a sopa...

Todos:

181.(risos)

Pedro:

182.Mas... é que realmente, o cara agia de uma forma extremamente estranha, assim. E

183.pouco aceita pela sociedade...

Moderadora:

184.Ah, tinha outras coisas.

Pedro:

185.Não, era isso, era [justamente]

Moderadora:

186.[Ah, tá.]

Pedro:

187.Toda... toda forma como ele agia, a forma de ser dele era, era muito... muito ímpar,

188.entendeu?

Moderadora:

189.Uhum.

Pedro:

190.Ele fugia do padrão da masculinidade que é mais conhecida pela sociedade atual.

José:

191.Ou é um bicho estranho do São Cristovão, geralmente, que eu digo. O São Cristovão

192.tinha um...tinha um desse aí, só que ele era diferente. Ele não era nem... ele era

193.assumido, só que ele era assexuado. Ele dizia que ele não tinha interesse, tá ligado?

Pedro:

194.É sociopatia. Sociopatas são assexuados, e normalmente é sério.

Participantes não identificados:

195.(risos)

Moderadora:

196.What?

José:

197. Que piada...

Pedro:

198. É sério.

Participantes não identificados:

199.(risos)

Mauro:

200. Eu conheço um sociopata... (risos)

Henrique:

201. Ô, tu tá informado, hein...(risos)

Pedro:

202.(risos) Tô ligado, tô ligado... eu tenho cultura.

José:

203.(risos)

Moderadora:

204. Tá, mas espera aí. Esse que tu tá falando... ele... ele era assumido, só que... o que tu

205.falou?

José:

206. Não, ele tinha... ele tinha... ele era assumidamente assexuado. Entendeu? De fato. Ele

207.tinha todos esses trejeitos, falando, então tu 'ah'... e não, e nunca ficava com mulher.

208. Então tu... 'ah', acreditava. 'Ah, ele é'...

Henrique:

209. Gay.

José:

210. Homossexual, tá certo? Daí... um dia, foram perguntar pra ele. Só que também,

211. ninguém nunca viu ele ficando com homem, [então]

Mauro:

212. [(risos)]

Moderadora:

213. Ele tinha trejeitos?

José:

214. É... ele, andava e agia com a... como uma mulher normalmente. Aí, tu, 'tá'. 'Não, eu

215. sou assexuado, só... não tenho, não sinto interesse em nenhuma das duas partes'.

Moderadora:

216. Humm...

José:

217. Falando bem assim, 'não tenho interesse em nada'... ficou assim, na boa...

Moderadora:

218. Falando pra ti?

José:

219. Não, isso aí foi... mais ouvido. Esse guri eu não tinha tanto, eu conversava com ele,

220. mas eu não tinha tanto contato. Isso aí foi que eu ouvi depois. Mas ele, realmente, eu

221. sempre achei que ele fosse... homossexual. Do jeito que ele andava, do fato que eu

222. nunca, eu realmente nunca vi ele andando com homens, só vi ele andando com

223. mulheres, então...

Moderadora:

224. Uhum... e a sociopatia o que que tem a ver?

Participantes não identificados:

225.(risos)

José:

226.Ahh... isso é com ele... ele que sabe de sociopatas... (risos)

Pedro:

227.Não... foi o que me contaram, me contaram... (risos)

Moderadora:

228.como é que é? (risos)

José:

229.Ihh, começou... (risos)

Pedro:

230.Ai, eu { ... } tá, eu sou um sociopata... (risos)

José:

231.Ainda... (risos)

Henrique:

232.Assumindo! (risos)

Participantes não identificados:

233.(risos)

Pedro:

234.Ahh, assumindo, assumindo. (risos) Não, ãhn, que, não, mas.... as pessoas com

235.sociopatia tendem a, a não sentir interesse, entendeu? Normalmente... mui-algumas

236.delas, pelo menos. A maioria na real. Não sei, só ouvi falar.

Mauro:

237.Não eram pessoas mutiladas?

Pedro:

238.Oi?

Mauro:

239.Aí são as pessoas mutiladas, talvez...

Pedro:

240.Às vezes. Não, é que a sociopatia não é exatamente ser um serial killer...

Participantes não identificados:

241.(risos)

Pedro:

242.Por favor, né... a sociopatia são pessoas que, que tendem a... que tem, muitas vezes

243.não sentem, emoções, né, ou pelo menos tem dificuldades de senti-las. Pelo menos

244.foi o que eu ouvi falar. E... mas tu n, é difícil identificar um porque... eles, eles

245.disfarçam, eles agem, eles são extremamente amistosos, e tal. Né? Tem muito

246.político sociopata por aí...

José:

247.Que tu tá falando, cara...

Participantes não identificados:

248.(risos)

José:

249.Isso tu tava falando, né? Ahh, as conversas paralelas...

Este excerto provém de um grupo focal presencial composto por cinco homens (2 estudantes de Ciências Jurídicas e Sociais, 1 de Economia, 1 de Design de Produto e 1 de Design Visual). As passagens e o excerto na íntegra foram transcritos pela pesquisadora, a

partir dos arquivos de áudio gerados pelos gravadores usados no registro da discussão completa realizada com o grupo, que durou aproximadamente 1 hora.

O primeiro tópico mencionado durante a discussão fora a generalização da heterossexualidade na cultura desses jovens. De acordo com eles, desde o nascimento, a pessoa é incluída no grupo dos homens ou das mulheres; tal classificação direciona o que os pais comprarão para cada bebê, por exemplo. Em seguida, já se pode perceber uma sobreposição entre gênero e sexualidade. Segundo os participantes, os homens, em geral, esperam que todos sejam heterossexuais. Com isso, ao conhecer um outro homem, imaginam-se falando sobre mulheres, por esperar que todos tenham esse interesse em comum; ao conhecer uma mulher, não se imaginam falando de mulheres, por cogitar que possa surgir um interesse recíproco.

A generalização da heterossexualidade é tal que um participante usa a expressão “assumir a sexualidade” para fazer menção às pessoas que parecem não ser heterossexuais. Segundo ele, as pessoas que “*aparentam ter saído do armário*”, assumiram a sexualidade. Isto é, a heterossexualidade é tão esperada que é tida como natural, não precisando, portanto, ser assumida. Somente nos casos em que a aparência da pessoa indica que ela tem uma orientação sexual diferente, a heterossexualidade não é pressuposta. Contudo, essa aparência de uma orientação sexual não diz respeito a comportamentos sexuais, como se poderia acreditar; diz respeito a características e comportamentos associados ao masculino e ao feminino, ou, como explica um participante: “*o homem mais macho, mais bruto, a mulher mais feminina, mais meiguinha, mais... frágil*”.

Para negociar essas ideias, o grupo desenvolve a sua primeira narrativa, que aborda a influência do gênero – mais especificamente, da aparência tradicionalmente esperada de homens e mulheres – sobre as expectativas quanto à orientação sexual das pessoas. Essa narrativa apresenta um personagem homossexual que, de acordo com o narrador José, “*tinha mais cara de macho do que a metade dos meus[seus] colegas*” e que simplesmente não se importava em expor a direção de seus desejos e atrações sexuais. Assim, o grupo questiona a relação direta entre uma aparência masculina em um homem (parecer “*mais macho, mais bruto*”) e a heterossexualidade, revelando também o que se espera dos homens: que escondam suas práticas, desejos e interesses, caso não sejam heterossexuais, evitando os trejeitos – nas palavras dos participantes – que sugerem outras direções ou alvos do desejo.

Negociação mais difícil para esse grupo é a que ocorre em seguida, no trecho aqui analisado. Após apresentarem um homossexual sem os tais trejeitos, negociando assim a relação entre uma aparência associada ao masculino e a heterossexualidade, os participantes

se propõem a negociar outra relação direta: entre uma aparência feminina em um homem e a homossexualidade. Pedro argumenta que a ideia de que os estereótipos de gênero definiriam a sexualidade das pessoas leva a enganos como o que fora relatado na narrativa anterior ou como o que ele testemunhou.

Ele, então, conta a história de um colega homem, com aparência feminina, que tinha trejeitos e era heterossexual. Enquanto Pedro está narrando, a história se desenvolve no sentido de relativizar a relação direta entre ser um homem de aparência feminina e ser um homem homossexual. No entanto, em dado momento, Mauro intervém para desviar o rumo da discussão em direção a outra explicação possível para um homem afeminado relacionar-se com mulheres: negar a sua real homossexualidade. A partir daí, o narrador concentra-se em explicar por que, de fato, todos achavam que o personagem era, no fundo, homossexual.

A narrativa subsequente é uma continuação desta, pois José inicia seu relato como quem oferece uma terceira explicação para as características e comportamentos do personagem da narrativa anterior: ser um “*bicho estranho*” (191). Ele, enquanto narrador, não faz mais referência ao personagem da história contada por Pedro anteriormente e passa a narrar outra situação sobre um homem de aparência feminina e não heterossexual. Esta é mais uma narrativa sobre a influência da aparência tradicionalmente esperada de um homem sobre as expectativas quanto às direções de seus desejos e atrações sexuais. O personagem é um homem com “*trejeitos*” (207) e, por isso, todos acreditavam que fosse homossexual, ainda que ele se autodesignasse como assexuado.

Na sequência, o grupo desvia-se do personagem em questão e da situação narrada, direcionando-se para uma breve discussão sobre sociopatia, sugerindo que um homem que tem características e comportamentos femininos e não é homossexual pode ser associado a algo patológico. Assim, o grupo negocia a relação entre gênero e sexualidade, mais especificamente entre masculinidade e heterossexualidade, e revela o quanto é difícil relativizar essa associação e flexibilizar as categorias sociais de gênero e de sexualidade.

#### Análise dos posicionamentos dos personagens:

#### Ações dos personagens:

A primeira narrativa analisada desenvolve-se em dois momentos. Inicialmente, conta com um personagem principal, o colega do narrador Pedro, e versa sobre como seu comportamento e aparência femininos levavam outras pessoas a crer que ele era homossexual, apesar de ele gostar de mulheres. O personagem é posicionado ativamente, pois todas as ações, nesse primeiro momento, partem dele ou o têm como alvo. Suas ações colocam-no

explicitamente na posição de um homem com características e comportamentos comumente associados ao feminino na cultura brasileira.

Ele tinha trejeitos, “*agia de uma forma extremamente feminina, andava só com gurias*” (142-143), “*agia como elas*” (143). Agir como guria, de acordo com José e Pedro, envolve usar expressões que mulheres usam, falar coisas que mulheres falam e do modo como elas falam, balançar a mão ao falar e dizer “*aiii*” (149). Além dessas, outras ações do personagem são: ter afinidade com mulheres, ser alvo de preconceito e se relacionar com mulheres, o que o coloca na posição de um homem heterossexual, vítima de preconceito por ser feminino. Já o narrador, quando coloca a si mesmo como personagem da história, posiciona-se como alguém ativo e sem preconceitos, uma vez que falava com esse colega e era amigo dele. Nota-se que a presença do narrador como personagem está a serviço dos seus posicionamentos perante a audiência, o que será analisado na seção seguinte.

O personagem coadjuvante, no primeiro momento dessa narrativa, são as pessoas, ou os “*muitos*” (156), posicionados como preconceituosos e desconfiados, posto que têm preconceito em relação ao protagonista e que não acreditam que ele seja heterossexual. Isso se depreende da sequência de participações do narrador que, após argumentar que a relação direta entre ser um homem afeminado e ser gay é equivocada, reforça que o personagem se relacionava com mulheres, mas, mesmo assim, “*continuavam achando que ele... que era uma forma de negação, ou alguma coisa assim*” (161-162). Há um esforço, então, para posicionar o personagem como um homem heterossexual desacreditado pela sociedade, que consideraria que o objetivo de suas relações com mulheres seria negar uma outra direção de seus desejos e atrações.

A seguir, a narrativa é interrompida por Mauro, que ressalta que esse tipo de comportamento de negação não é incomum e oferece um exemplo. Quando Pedro retorna à narrativa, não há mais esforço de sua parte para posicionar o personagem como um homem heterossexual desacreditado pela sociedade. A partir desse momento, parece haver um empenho para tirar as pessoas ou os “*muitos*” da posição de preconceituosos e os colocar na posição de bons observadores.

As pessoas acham que o protagonista é “*no mínimo bi*” (175), o que o posiciona como alguém que, definitivamente, não é heterossexual. O uso da expressão “*no mínimo*” coloca o personagem como sendo, “*no máximo*”, homossexual, e estabelece um *continuum* que vai da heterossexualidade até a homossexualidade, passando pela bissexualidade. Tal *continuum* já fora descrito nos relatórios Kinsey, na década de 1940, quando pesquisadores classificaram a

orientação sexual como indo da heterossexualidade exclusiva até a homossexualidade exclusiva, passando pela bissexualidade (Robinson, 1977).

Essa opinião das pessoas em relação à orientação sexual do protagonista passa a ser, então, explicada pelo grupo, que o reposiciona. O personagem, anteriormente posicionado como um homem que “*se relacionava com mulheres*” (160), passa para a posição de um homem que aparenta ser homossexual e, por fim, de um homem que se relaciona sexualmente com outros homens de forma passiva. Isso se depreende da sequência interacional em que Pedro conta que seu colega “*realmente dava muita sopa*” (177) – gíria que parece ter sido usada como sinônimo de “dar bandeira”, dando a entender que ele deixava transparecer algo que deveria ficar oculto (A. B. de H. Ferreira, 1986).

Após risos do grupo, José interrompe Pedro para completar que o protagonista não dava “*só a sopa*” (180), causando risos em todos os participantes. O trocadilho de José coloca implicitamente o protagonista na posição de alguém que se entrega sexualmente – este é o significado chulo de “dar” (A. B. de H. Ferreira, 1986). Com isso, o personagem é posto em uma posição de passividade sexual, algo que vai de encontro aos atributos comumente associados à masculinidade na cultura brasileira (Nardi, 2010; Neves, 2007). O narrador ainda oferece mais argumentos para que as pessoas duvidem da heterossexualidade do protagonista, posicionando-o como alguém incomum, estranho, uma vez que suas ações incluem: agir “*de uma forma extremamente estranha*” (182) e “*pouco aceita pela sociedade*” (183), ter um modo “*muito ímpar*” (187) de agir e de ser, e fugir “*do padrão da masculinidade que é mais conhecida pela sociedade atual*” (190).

Por meio das ações do protagonista, portanto, o grupo negocia o imperativo da masculinidade padrão para um homem. Inicialmente, a narrativa apresenta um personagem com comportamentos tidos como femininos, atípicos para homens, mas heterossexual. Essa possibilidade é abandonada a seguir, já que outras ações do personagem o posicionam como um homem com comportamentos considerados femininos e muito estranhos, tão atípicos que colocariam em dúvida sua heterossexualidade. Na sequência, essa última posição em que o protagonista fora colocado é confirmada pela hipótese de José, que introduz a segunda narrativa aqui analisada. José cogita que o personagem da narrativa anterior seja como um “*bicho estranho do São Cristovão*” (191), o colégio em que José completou o ensino médio. Ele produz uma narrativa sobre um desses “bichos estranhos”, sugerindo, assim, outras explicações para as características e comportamentos do colega de Pedro.

A narrativa em questão, tal qual a anterior, é um relato a respeito de um companheiro de escola. O personagem principal frequentava a mesma escola que José e dizia que não tinha

interesse sexual. Conforme as ações narradas, ele é colocado em uma posição ativa, pois as ações partem dele: ele nunca ficava com mulher e ninguém nunca o vira ficando com homem, andava e agia como uma mulher e disse que não tinha interesse “*em nenhuma das duas partes*” (215). Essa posição de atividade e protagonismo é comum aos homens na cultura brasileira, o que contrasta com outras características do personagem, como falta de interesse sexual e de promiscuidade (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; Nardi, 2010; Neves, 2007; D. B. Santos & Silva, 2008; Seffner, 2003). Suas ações o colocam na posição de um homem afeminado que não se relaciona sexualmente com ninguém e que não vê problema nisso, já que, segundo o narrador, ao falar sobre sua falta de interesse sexual, ele tinha ficado “*na boa*” (217), ou seja, tranquilo.

José, no entanto, não parece ver essa situação com tranquilidade. Ao se colocar como personagem da história por um breve momento, o narrador faz questão de se posicionar como alguém que não é tão preconceituoso a ponto de não se relacionar com o personagem (“*eu conversava com ele*” linha 219). Entretanto, ao mesmo tempo, ressalta que não tinha muito contato com ele. O narrador também se coloca em uma posição ativa e como uma pessoa observadora, que considerava que o personagem fosse homossexual pelo seu modo de andar e por nunca ter sido visto com amigos homens. Dessa forma, o homem homossexual é, mais uma vez, associado a aspectos não ligados diretamente à sexualidade, como modo de caminhar e pessoas com quem se relaciona.

Contudo, as ações do único personagem coadjuvante, isto é, as pessoas que tinham contato com o protagonista, reforçam a sua posição de bicho estranho, já que elas tinham curiosidade em relação a ele. Tais pessoas acreditavam que ele fosse homossexual, graças aos seus trejeitos, mas foram lhe perguntar, porque não tinham conhecimento de que ele tivesse se relacionado com homens ou com mulheres, motivo pelo qual seus comportamentos eram alvo de curiosidade. Isso mostra o quanto gênero e sexualidade estão vinculados na cultura ocidental. Um homem que é afeminado e é homossexual não causa tanta curiosidade e discussão como um homem afeminado e sem orientação sexual definida, possivelmente porque, neste último caso, não se pode atribuir as características e os comportamentos femininos à orientação homossexual e vice-versa.

#### Caracterizações dos personagens:

Apenas o protagonista da primeira narrativa analisada é caracterizado diretamente. Os outros personagens – o próprio narrador no papel de colega do protagonista e as pessoas em geral – são caracterizados indiretamente, ou seja, alguns de seus atributos podem ser inferidos



a partir de suas ações. Na caracterização do protagonista, é possível observar a negociação das expectativas quanto à direção dos desejos sexuais de um homem com traços considerados femininos, na cultura brasileira.

Depois das ações atribuídas ao personagem o colocarem em uma posição de um homem com comportamentos tidos como femininos, o narrador o caracteriza como alguém que tinha *“todo o jeito”* (153-154). Pedro não precisa especificar que jeito seria esse, subentende-se que é um jeito não heterossexual. Ele inicia sua próxima frase com a conjunção adversativa “mas”, o que indica a oposição entre tal jeito e o que se segue: *“mas acontece que ele gostava de mulheres”* (154). Tais aspectos parecem ser considerados contraditórios pelo grupo, já que a discussão nesse trecho gira em torno justamente da possibilidade de o protagonista gostar de mulheres e ter sua imagem associada à de uma pessoa afeminada e gay.

Ao final, a sua forma de ser é explicitamente caracterizada como ímpar, possivelmente por fugir da relação direta entre ser afeminado e ser gay, relação esta evidenciada na seguinte frase do narrador: *“acho que é equivocado assim, essa... essa imagem da pessoa, de ele é afeminado, então era gay”* (156-157). Tal frase é interessante, pois inclui um sentido geral, dado o uso da expressão “da pessoa”, ao invés de fazer referência direta ao personagem. Essa afirmação reforça a afirmação anterior do narrador de que *“a gente tem a ideia de que, a pessoa age de uma forma mais masculina ou feminina, e isso define a sexualidade”* (138-139).

Ao mesmo tempo, a frase do narrador sobre a relação entre ser afeminado e ser gay diz respeito ao personagem em questão, o que se depreende do uso do verbo “ser” no pretérito imperfeito, indicando que Pedro se refere à conclusão de que o protagonista era gay a partir da sua característica de ser afeminado. O narrador aponta, assim, para um dos motivos pelos quais o protagonista é posicionado como alguém incomum e estranho, com um modo de ser ímpar. Esse motivo é a sua simultânea caracterização como afeminado e heterossexual, que vai de encontro à concepção de que, em homens, ser afeminado implica ser homossexual (Bordini & Sperb, 2012).

A segunda narrativa é uma continuação da narrativa anterior. Ela parece ter sido coconstruída para que o grupo continuasse negociando o quanto a aparência masculina ou feminina em um homem leva a determinadas expectativas sobre seus desejos e atrações sexuais. Ainda que os personagens e a história não sejam os mesmos, é principalmente por meio da caracterização do protagonista dessa narrativa que o grupo revela a dificuldade de flexibilizar esses significados e a força da articulação entre gênero e sexualidade.

O personagem principal é classificado como um “bicho estranho” do colégio em que José estudara. Essa categoria de pessoas é mencionada como uma possível caracterização para o protagonista da narrativa anterior. A narrativa aqui analisada é produzida, então, para definir o que seria um “*bicho estranho*” (191). Tal definição se dá mediante a caracterização direta do seu personagem principal. Este é, desde o início, colocado em uma posição associada ao bizarro ou ao abjeto, o que se depreende da dificuldade do narrador em nomeá-lo e apresentá-lo como uma pessoa.

Após fazer menção aos tais bichos estranhos do seu colégio, o narrador completa: “*O São Cristovão tinha um...tinha um desse aí, só que ele era diferente. Ele não era nem...*” (191-192). A relutância em completar as orações sobre o personagem e o uso da expressão “desse aí” para se referir a ele reforçam a sua caracterização como bicho. Considerando-se que o personagem é apresentado como sendo um bicho estranho assim como o personagem da narrativa anterior, mas diferente deste, deduz-se que a frase completa do narrador seria “*ele não era nem [homossexual]*”.

Ao final da primeira narrativa aqui analisada, o personagem principal fora caracterizado como um ser ímpar e provavelmente homossexual. Logo, a diferença entre ele e o personagem apresentado na narrativa em questão é que o último é caracterizado como “*assexuado*” (193). A ausência de interesse sexual ou, como o próprio personagem teria dito, não sentir interesse “*em nenhuma das duas partes*” (215) é um aspecto contrário à masculinidade hegemônica, uma vez que, na cultura brasileira, ser homem é associado a ser hipersexualizado (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Seffner, 2003). Tampouco é um aspecto associado à feminilidade, dado que há associação entre esta e o amor romântico, os relacionamentos duradouros e monogâmicos (Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; D. B. Santos & Silva, 2008).

Tal caracterização, portanto, coloca o protagonista na posição de alguém que se distancia dos padrões de gênero em geral. Com isso, torna-se possível aproximá-lo de posições que vão de encontro aos padrões sociais, como faz Pedro. Este, logo após a primeira definição do narrador sobre o personagem principal, diagnostica: “*É sociopatia. Sociopatas são assexuados, e normalmente é sério.*” (194). O grupo, então, se dispersa em meio às piadas direcionadas a Pedro por ele ter dito isso e se afasta do assunto “bicho estranho”.

Quando a moderadora retoma o tópico, sublinhando a caracterização do personagem como assumido, explicita-se, novamente, a relação direta entre a aparência feminina em um homem e a homossexualidade. Em resposta à moderadora, o narrador define o personagem como “*assumidamente assexuado*” (206). Contudo, logo em seguida, a sua caracterização de

pessoa com trejeitos e o seu comportamento de nunca se relacionar com mulheres colocam-na na posição de homossexual, como caracteriza o narrador, ou de gay, como completa Henrique. Isso indica o quanto características ou comportamentos considerados femininos, quando apresentados por um homem, a despeito dos seus comportamentos sexuais, estão associados à homossexualidade, na cultura brasileira (Bordini & Sperb, 2012; Torrão Filho, 2005; cf. Nardi, 2010 e L. de Oliveira, 2010, para negociações dessa associação). Isto é, gênero e sexualidade estão articulados de modo que há ligação entre a aparência feminina ou masculina e determinadas orientações sexuais.

Por fim, quando a moderadora retoma a questão da sociopatia, perguntando qual seria sua relação com a narrativa de José, Pedro explica que sociopatas tendem a não ter interesse sexual. Mauro então questiona: “*Não eram pessoas mutiladas?*” (237). Dessa forma, a posição do personagem enquanto homem afeminado e assexuado pode ser, novamente, associada a posições que vão de encontro aos padrões sociais – de beleza física, desta vez. A dificuldade em relativizar a masculinidade hegemônica e a hipersexualização que lhe é característica é tamanha, que o grupo negocia a relação entre feminilidade em homens e homossexualidade até chegar à seguinte relação: homem com aparência feminina - homem assexuado - homem mutilado.

#### Análise dos posicionamentos do narrador perante seus interlocutores:

A primeira narrativa aqui analisada é oferecida como um outro exemplo – além da narrativa elaborada anteriormente – do quanto a aparência tradicionalmente associada ao masculino e ao feminino pode levar a interpretações equivocadas acerca da sexualidade de um homem. Após o grupo ter negociado a relação direta entre aparência masculina e heterossexualidade em um homem, Pedro posiciona-se como mais ousado, ao desenvolver uma narrativa que questiona a relação direta entre aparência feminina em homens e homossexualidade. Esse questionamento é mais ousado porque, como encontrou L. de Oliveira (2010) em sua pesquisa, qualquer descuido do homem nas suas atitudes e comportamentos pode ser tomado como indício de feminilidade e, portanto, de homossexualidade – “é preciso muito pouco para um homem virar viado” (p.249).

Além disso, o narrador, ao apresentar um personagem homem heterossexual com trejeitos, posiciona-se como alguém consciente dos preconceitos mais comuns hoje em dia. Nesse sentido, ele se inclui no grupo das pessoas que relacionam aparência com orientação sexual e, por isso, fazem interpretações erradas (“*Porque realmente a gente tem a ideia de que, a pessoa age de uma forma mais masculina ou feminina, e isso define a sexualidade.*”).

*Muitas vezes a gente se engana*” linhas 138-140). Ele se inclui nesse grupo de pessoas graças ao uso da expressão “a gente”. Para reforçar a sua opinião, ele cita a narrativa anterior como exemplo (“*como no caso ali...*” linha 140) e anuncia outro exemplo, que ele testemunhou (“*E eu tive um colega*” linha 142).

A afirmação de Pedro sobre os equívocos, a referência à narrativa anterior e o anúncio de que ele conhece um caso semelhante compõem o prefácio (Sacks, 1974) da narrativa que ele passa a desenvolver na sequência e que, mais adiante, será narrada também por José. A interação entre narradores e interlocutores e entre o grupo e a moderadora, no trecho aqui analisado, revela que a negociação proposta pela narrativa de Pedro é mais trabalhosa para o grupo do que a negociação da relação direta entre uma aparência masculina e a heterossexualidade em homens.

Pedro relata o caso de um colega seu, conferindo, assim, credibilidade à sua posição de narrador. Inicialmente, percebe-se a ênfase colocada por ele nos aspectos femininos associados ao personagem, bem como nas provas de que este seria heterossexual, por meio do uso repetido de advérbios como: extremamente, só e realmente (“*agia de uma forma extremamente feminina*” linhas 142-143, “*andava só com gurias*” linha 143, “*ele realmente gostava de mulheres*” linha 156). Com isso, ele reforça os pontos em questão na sua narrativa – aparência feminina e heterossexualidade em um homem – e passa a se posicionar como alguém que não é homofóbico ou preconceituoso. Ao salientar sinais de feminilidade do personagem, colocar-se na narrativa como alguém que conhecia e “*falava com ele, era amigo dele*” (153) e, logo depois, reforçar que o protagonista “*tinha todo o jeito*” (153-154) e sofria “*preconceito da parte de muitos*” (155-156), o narrador exclui-se desse grupo preconceituoso.

A seguir, Pedro menciona a explicação das outras pessoas para que o protagonista afeminado se relacionasse com mulheres: negar a homossexualidade. Essa explicação atrai tanto a atenção do grupo que, embora Pedro ressaltasse que o personagem gostava de mulheres, cria-se espaço para que o participante Mauro discorra brevemente sobre tal técnica de negação e forneça um exemplo. Para evitar que Mauro assuma o posto de narrador e conte a história do “*guri que é homossexual só que fica com gurias pra... evitar preconceito*” (168), Pedro concorda com ele e tenta retomar seu tópico (“*É. Então... é muito conturbado essa...*” linha 170).

Quando a moderadora oferece espaço para ambos narrarem (“*nesses casos, que vocês tão falando, mesmo ficando com mulheres, as pessoas acham que...*” linhas 171-172), é Pedro quem retoma o posto de narrador, mas agora com uma postura diferente. Ele reposiciona o

protagonista e as pessoas preconceituosas, uma vez que deixa de reforçar a heterossexualidade do primeiro e passa a fornecer motivos para que as pessoas tivessem concluído que ele não era, de fato, heterossexual. A ênfase por meio do uso de advérbios, que antes se concentrava nos aspectos femininos do personagem e na sua heterossexualidade, recai agora sobre os sinais que indicavam que ele não era heterossexual: “*Ele realmente dava muita sopa, assim.*” (177). Isso provoca risadas no grupo, seguidas da intromissão de José para acrescentar algo à narrativa de Pedro.

José faz um trocadilho com o verbo “dar”, usado por Pedro na expressão “*dava muita sopa*” (177). Ele acrescenta que o protagonista não dava “*só a sopa*” (180), posicionando-o como alguém que se entrega sexualmente e, portanto, afastando-o do padrão de masculinidade (Nardi, 2010; L. de Oliveira, 2010). Os participantes riem e Pedro não se opõe à intromissão de José, nem ao conteúdo da mesma. Ele retoma sua posição de narrador e reposiciona novamente o protagonista, alinhando-se ao grupo.

Ao iniciar sua fala seguinte com a conjunção adversativa “mas”, Pedro possivelmente tenta marcar uma oposição em relação à participação de José, pois esta justifica as ideias preconceituosas das pessoas que interpretavam o personagem como homossexual. Isso colocaria o narrador na posição de alguém que fora enganado pela técnica de negação do protagonista. Para evitar esse posicionamento, Pedro passa, imediatamente, a colocar o personagem em uma posição mais passível de preconceito. Ele o posiciona como alguém muito estranho, fora “*do padrão da masculinidade*” (190), mais uma vez por meio do uso de advérbios como “realmente”, “extremamente” e “muito”, que sublinham tais aspectos (“*realmente, o cara agia de uma forma extremamente estranha, assim*” linha 182; “*a forma de ser dele era, era muito... muito ímpar*” linha 187).

Tais movimentos do grupo, durante a narrativa, reposicionam também as expectativas em relação aos homens em geral, segundo esses jovens. De início, os aspectos do protagonista considerados femininos colocariam em dúvida, equivocadamente, sua heterossexualidade. Ao final, a influência de tais aspectos extrapola a questão da sexualidade, uma vez que o mesmo personagem é colocado na posição de alguém muito estranho, muito ímpar. Vê-se, dessa forma, a importância dos padrões de masculinidade para esse grupo, dada a dificuldade dos participantes em manter o questionamento sobre a relação direta entre aparência feminina em homens e homossexualidade.

Nota-se, assim, que Pedro alinha-se ao grupo. Ele reposiciona o personagem e se distancia de sua própria afirmação inicial de que a aparência pode levar a conclusões equivocadas. Essa mudança no posicionamento de Pedro parece permitir um desvio maior no

rumo das negociações do grupo acerca da relação entre o modelo dominante de masculinidade e sexualidade. O reposicionamento do protagonista como alguém muito estranho abre espaço para que José intervenha novamente, propondo outra explicação para as características e comportamentos do personagem: “*Ou é um bicho estranho do São Cristovão*” (191).

José usa essa alternativa por ele sugerida como elo para dar início à sua narrativa. O curto prefácio (Sacks, 1974), que inclui tal explicação e a referência a um “bicho estranho” que ele conhecera e que era diferente do protagonista da narrativa anterior, torna a narrativa que se anuncia altamente contável (Ochs & Capps, como citado em Becker & Quasthoff, 2005). Neste momento, Pedro, que abrisse mão do seu posto de narrador, inverte seu posicionamento, colocando-se na mesma posição que José ocupara na narrativa anterior. É ele que, agora, intervém para oferecer outra definição para o personagem apresentado. Após a caracterização do personagem realizada por José (“*Ele não era nem... ele era assumido, só que ele era assexuado. Ele dizia que ele não tinha interesse*” linhas 192-193), Pedro afirma que é um caso de sociopatia e explica: “*sociopatas são assexuados*” (194).

Tal inversão de posições poderia sugerir desunião por parte do grupo, já que, em ambas as narrativas aqui analisadas, participantes intervêm acrescentando algo. No entanto, considera-se que essas participações servem ao propósito grupal de encaminhar a negociação das masculinidades e das sexualidades de homens para a reafirmação dos padrões hegemônicos. A negociação proposta por Pedro, no início do trecho aqui analisado, parece difícil para o grupo, que aproveita, então, a intervenção dele para interromper a discussão e se concentrar em fazer chacota da sua participação (“*Que piada*” linha 197; “*Eu conheço um sociopata*” linha 200; “*Ó, tu tá informado, hein*” linha 201).

Contudo, a moderadora não permite que o tópico em discussão seja abandonado e pede para o narrador retomar a caracterização do personagem. Assim como Pedro fizera na narrativa anterior, é José que, agora, por meio das características e ações atribuídas ao protagonista, reforça uma direção do desejo sexual – neste caso a indefinição – do personagem ao mesmo tempo em que fornece razões para que as pessoas interpretassem que ele era homossexual. Se, por um lado, o narrador diz que “*ele era assumidamente assexuado*” (206), “*nunca ficava com mulher*” (207), e “*ninguém nunca viu ele ficando com homem*” (211), por outro, menciona que ele “*tinha todos esses trejeitos*” (207), ou seja, “*andava e agia com a... como uma mulher normalmente*” (214). Com isso, o narrador revela que a aparência feminina gera expectativa de que o homem seja homossexual, ainda que ele não se relacione sexualmente com ninguém. Corrobora-se, dessa forma, a afirmação de L. de

Oliveira (2010) de que a homossexualidade pode ser deduzida a partir da vestimenta, dos acessórios, do corte de cabelo, do jeito de sentar, da maneira de se mover, dos usos da voz.

Nota-se o empenho por parte do narrador para, ao mesmo tempo, posicionar-se como alguém que tem credibilidade perante a audiência e evitar ser colocado, enquanto personagem da história, na posição de preconceituoso. Como personagem, ele indiretamente se posiciona como incluído no grupo daqueles que acreditavam que o protagonista era homossexual, por causa dos seus trejeitos. No entanto, ele não faz isso como um personagem ativo, mas de maneira implícita, usando o pronome pessoal “tu” (208), no sentido de “qualquer pessoa”. Desse modo, ele generaliza, pois esse “tu” é comumente utilizado para universalizar entendimentos e avaliações (O’Connor, 1997).

Pode-se entender que José pretende, assim, sugerir que qualquer pessoa que conhecia o personagem percebia que ele era homossexual, por meio de alguns sinais: *“Ele tinha todos esses trejeitos, falando, então tu ‘ah’... e não, e nunca ficava com mulher. Então tu... ‘ah’, acreditava. ‘Ah, ele é...’”* (206-208). De fato, frente à fala inacabada do narrador, o participante Henrique colabora, completando: *“Gay”* (209). Aparentemente, o narrador temia posicionar explicitamente o personagem como homossexual, pois é somente após essa participação de Henrique que ele completa sua frase com *“homossexual”* (210). Essa construção da narrativa mostra a preocupação de José em não se posicionar como preconceituoso perante seus interlocutores.

A negociação e reafirmação da relação direta entre aparência feminina e homossexualidade em um homem continuam na sequência. O narrador ressalta tal relação ao colocar uma frase do protagonista em discurso direto, como se o mesmo estivesse se justificando perante as pessoas que o conheciam, quando estas concluíam que ele era homossexual com base em seu comportamento feminino: *“ele, andava e agia com a... como uma mulher normalmente. Aí, tu, ‘tá’. ‘Não, eu sou assexuado, só... não tenho, não sinto interesse em nenhuma das duas partes’.”* (214-215).

Assim, o narrador apresenta um personagem homem na posição de alguém que não se importa em expor que é assexuado. José sublinha: *“falando bem assim, ‘não tenho interesse em nada’... ficou assim, na boa”* (217). Com o uso do advérbio “bem” e a caracterização da atitude do protagonista como tranquila – pela expressão “na boa” (Dicionário Informal, n.d.) – o narrador ressalta o aspecto despreocupado do personagem ao expor sua falta de interesse sexual. Esse posicionamento vai de encontro à masculinidade hegemônica, que tem na hipersexualização um de seus principais atributos (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Louro, 2004; Heilborn, 1998; 2006; Leal & Knauth, 2006).

Quando a moderadora convoca o narrador a se posicionar enquanto personagem, ao questionar se ele havia testemunhado a situação narrada, reforça-se a relação direta entre aparência feminina e homossexualidade, bem como a desvalorização social dessas características em um homem. José parece temer a posição de proximidade com o protagonista “bicho estranho”, como se depreende em “*eu conversava com ele, mas eu não tinha tanto contato*” (219-220). Diante de um grupo composto, em sua grande maioria, por homens, José, agora, prefere se colocar junto àqueles que acreditavam que o protagonista era homossexual, baseados em sua aparência, ainda que isso o coloque na posição de preconceituoso (“*realmente, eu sempre achei que ele fosse... homossexual. Do jeito que ele andava, do fato que eu nunca, eu realmente nunca vi ele andando com homens, só vi ele andando com mulheres, então..*” linhas 220-223).

O relato de José termina com essa reafirmação da relação direta entre aparência feminina e homossexualidade. Contudo, o grupo continua focado, de modo não explícito, em tal questão e no reposicionamento velado do protagonista da narrativa. A moderadora tenta retomar a posição do personagem como sociopata, proposta por Pedro anteriormente, mas o grupo não corresponde. Por fim, uma última relação é sugerida por Mauro, também de modo indireto, quando ele cogita que as pessoas que tendem a não sentir interesse sejam as mutiladas. Com isso, os participantes mostram que, em meio a um grupo de homens, eles se posicionam como quem associa um homem afeminado e assexuado ao bizarro ou ao abjeto, ainda que procurem não parecer preconceituosos. Isso confirma que, embora a homofobia já seja considerada uma forma de preconceito condenável (Gato et al., 2010), no contexto universitário brasileiro, a masculinidade hegemônica ainda é vigiada de perto e reforçada constantemente (Louro, 2001; L. de Oliveira, 2010).

#### Análise dos posicionamentos em relação aos padrões de gênero e sua influência na sexualidade:

Os movimentos do grupo no posicionamento de um personagem homem caracterizado como afeminado e assexuado, que culminam na sua colocação indireta em posições que se aproximam do bizarro ou do abjeto, mostram o quanto tais características são difíceis de serem aceitas por esses jovens homens. Resumidamente, no trecho analisado, a negociação vai desde o posicionamento de um homem com trejeitos como heterossexual até o seu posicionamento como assexuado, sociopata ou mutilado. Assim, o grupo negocia a influência do gênero na expectativa sobre as direções e alvos dos desejos e interesses sexuais das pessoas.



Pesquisa realizada com adolescentes de Porto Alegre (Bordini, 2010) já havia encontrado que o atributo mais associado ao masculino era a hipersexualização. Ser homem fora relacionado maciçamente à manifestação explícita e intensa da heterossexualidade, cuja não ocorrência era considerada sinal de homossexualidade. Alguns participantes de tal estudo associaram o homem homossexual – e, sobretudo, o transexual – à bizarrice e à anormalidade. De acordo com a pesquisadora, essa era uma das formas dos adolescentes construírem a masculinidade padrão, isto é, excluindo dela a homossexualidade e a transexualidade.

O mesmo ocorre no grupo aqui analisado que, por meio das características e ações atribuídas aos personagens das narrativas, negocia diferentes posições para um homem afeminado. Nesse processo, o protagonista da primeira narrativa passa de um homem que tinha *“trejeitos”* (142), *“agia de uma forma extremamente feminina, andava só com gurias”* (142-143) e gostava de mulheres para um homem que era *“no mínimo bi [bissexual]”* (175) e, por fim, para um homem em uma posição de passividade sexual e que agia *“de uma forma extremamente estranha”* (182) e *“muito ímpar”* (187), *“pouco aceita pela sociedade”* (183).

Segundo o repertório interpretativo empregado pelo grupo para explicar como o gênero leva a expectativas quanto à direção dos desejos e fantasias sexuais das pessoas, no caso dos homens, existiria um jeito de homossexual (*“ele tinha todo o jeito”* linhas 153-154), que se assemelha ao jeito de uma mulher. Assim, a homossexualidade de um homem pode ser deduzida a partir do seu modo de agir e de falar, dos seus gestos – os trejeitos, como o *“jeito de balançar a mão”* (148) – e das suas companhias. Isso teria implicações nas expectativas sobre sua sexualidade, considerando-se a articulação sexo-gênero-desejo (Butler, 2003). Ou seja, se um homem tem jeito de mulher, ele tem o mesmo interesse que uma mulher: homens (*“ele é afeminado, então era gay”* linha 157). Caso esse homem seja visto com uma mulher, continua-se considerando que ele se interessa por homens; ou ele é bissexual ou ele se relaciona com mulheres para negar seu real interesse por homens.

As características atribuídas ao personagem principal da segunda narrativa também o colocam, inicialmente, em uma posição feminina, dados os seus trejeitos, embora esse personagem seja caracterizado como assexuado. Ao final, esse personagem homem assexuado é posicionado como alguém que vai de encontro aos padrões sociais, aproximando-se dos sociopatas e mutilados. Aqui se identifica o uso de outro repertório interpretativo, desta vez, para dar conta da associação entre masculinidade e hipersexualidade.

Sendo a heterossexualidade o padrão, o homem que não é heterossexual precisa se assumir, pois isso é algo inesperado. Já o homem que não define para si uma orientação sexual e, além disso, explicita que não tem interesse sexual, é visto com mais estranhamento

ainda. O interesse sexual é relacionado à masculinidade de maneira tão forte, que um homem que fala tranquilamente que não tem interesse sexual causa choque. Assim, um homem “*assumidamente assexuado*” (206) é alinhado a um bicho estranho ou sociopata, que é definido como uma pessoa ameaçadora, sem sentimentos. Como explica Butler (1999), aqueles que não parecem adequadamente generificados têm sua própria humanidade posta em questão.

Simultaneamente, as posições dos narradores e da audiência passam de uma preocupação em se posicionar como não preconceituosos, perante seus interlocutores, para a posição de quem espera que um homem com trejeitos seja homossexual, mesmo que ele se relacione com mulheres ou exponha sua falta de interesse sexual. Dessa forma, os participantes mostram que, frente a um grupo de pares composto por homens, parece-lhes mais conveniente se posicionar como quem associa as características de afeminado e assexuado, em homens, ao bizarro ou abjeto. Isso reitera os padrões de gênero, que associam masculinidade à heterossexualidade, revelando a dificuldade em se conceber um homem em uma posição feminina ou em uma posição assexuada.

#### **1.4 Síntese das análises dos três trechos narrativos dos grupos focais presenciais**

Os grupos focais presenciais negociam a influência do gênero na sexualidade em relação às expectativas quanto ao papel do homem e da mulher em uma relação amorosa, à fidelidade em uma relação amorosa e à homossexualidade em um homem. O grupo misto presencial (apresentado no corpo da tese), por exemplo, negocia a expectativa de que homens e mulheres estejam em posições diferentes e predefinidas em um relacionamento amoroso. Observa-se, ao longo, do excerto analisado, a força do padrão heterossexual, dado que há uma pressuposição de que todos são heterossexuais. Com isso, homens e mulheres ocupam posições complementares em um relacionamento amoroso. A mulher é associada aos sentimentos e às emoções, bem como à obediência e à passividade. No homem predominam características relacionadas à racionalidade, ao poder e à atividade.

No entanto, durante a interação, o grupo negocia essas posições, ao apresentar uma personagem mulher que é repreendida por uma amiga por namorar um homem machista. Nesse caso, identifica-se a presença de um repertório interpretativo segundo o qual a mulher é colocada em uma posição de poder em um relacionamento amoroso. Ela não detém um poder maior do que o do parceiro, mas um poder afim: o de permitir ou não determinadas atitudes por parte do namorado. Ao mesmo tempo, a negociação da submissão como atributo feminino na relação com um homem é realizada por meio das posições das narradoras perante

os interlocutores. Frente a participantes mulheres opiniáticas, os componentes homens deixam de participar e tampouco opinam sobre o que é dito. Isto é, as posições dos homens e das mulheres do grupo, nesse excerto, vão de encontro à expectativa de que as mulheres se submetam aos homens.

O grupo de mulheres negocia a influência do gênero sobre a fidelidade em uma relação amorosa. Apresenta-se um personagem homem que trai repetidas vezes e é perdoado pela namorada. Aqui, a sexualidade masculina é caracterizada por uma falta de controle sobre seus ímpetos, sobretudo quando uma mulher se oferece para o homem. A contraparte disso é a associação da sexualidade feminina ao perdão e à valorização do afeto. Quando quem assume o papel de atual namorada desse personagem homem é uma das participantes, o grupo negocia as posições da mulher traída e do homem traidor. Caso ele fosse sincero, ela, enquanto personagem, perdoaria. Logo depois, as posições se modificam, uma vez que ela não o perdoaria, pois a traição teria transformado o namoro em uma perda de tempo injusta, por negar a um dos parceiros a oportunidade de se relacionar com outras pessoas.

A partir daí passa a ocorrer a negociação da infidelidade enquanto atributo masculino e da fidelidade como atributo feminino. Como atualmente não existiria pressão para se manter um relacionamento sem vontade, o único motivo que pode levar alguém a trair é a falta de caráter. Em tal repertório interpretativo, a fidelidade em uma relação amorosa não se diferencia conforme o gênero dos traidores e dos traídos. Esse excerto também tem como marca a norma heterossexual, já que o grupo não cogita pensar a questão da fidelidade em um contexto diferente da clássica relação heterossexual monogâmica. No entanto, assim como no excerto do grupo misto, o personagem homem e a personagem mulher acabam sendo postos na mesma posição quando em uma relação amorosa heterossexual; neste caso, a posição de quem não pode se relacionar com outras pessoas, a não ser mediante acordo entre as partes no sentido de terminar o relacionamento antes disso.

O grupo de homens negocia a influência do gênero sobre a expectativa quanto à direção dos desejos e interesses sexuais das pessoas. De acordo com os participantes, os homens, em geral, esperam que todos os indivíduos sejam heterossexuais. Assim, há uma imposição da heterossexualidade como norma, mais aparente quando traços e gestos da pessoa não condizem com o esperado para o seu gênero. Apesar disso, o grupo se propõe a negociar a relação direta entre uma aparência feminina em um homem e a homossexualidade. O posicionamento de um homem com traços enquanto heterossexual mostra-se difícil para o grupo. Em dado momento, um dos participantes intervém para desviar o rumo da discussão,

oferecendo o seguinte repertório interpretativo para esse caso: o personagem afeminado relaciona-se com mulheres para negar a sua real homossexualidade.

Outro repertório interpretativo apresentado como alternativa para explicar suas características e comportamentos alinha esse personagem com o personagem da narrativa subsequente. Nesta, há uma tentativa de se colocar um personagem homem na posição de assexuado. Ainda que tal personagem seja posicionado como não possuidor dos atributos típicos da masculinidade, a relação entre ser homem e ter uma sexualidade intensa – preferencialmente heterossexual – mostra-se impossível de ser relativizada. O grupo reforça essa relação, ao associar o personagem homem afeminado e assexuado ao bizarro, à bestialidade e à patologia.

## 2. Grupos *on-line*

### 2.1 Análise do trecho narrativo do grupo focal *on-line* misto

#### Trecho analisado (grupo focal *on-line* misto)

Moderadora:

250.se ficam mal vistas por trair uma vez, como são vistas as que se nomeiam vadias?

Adriana:

251.para mim é encorajador

252.não sei se posso opinar muito sobre o fato

Fabrício:

253.se fala em mulher de "vida fácil", mas não vejo nada de fácil na vida que elas levam.

254.deve ser uma tortura ficarem diariamente expostas a sabe-se lá que tipo de gente e

255.situação. quando são abertamente prostitutas, vão ser com certeza hostilizadas

Cristina:

256.ah com certeza

Adriana:

257.eu falando das minhas amigas

Moderadora:

258.ah, sim, tu falava das prostitutas de profissão

Cristina:

259.não vejo isso com "mau olhos", acho que é algo muito sofrido

Moderadora:

260.mas alguém falou que as amigas foram na marcha

Joana:

261.pior...

Cristina:

262.eu acho que sei lá, cada um é livre pra fazer o que quer mas as "mulheres fáceis"

Adriana:

263.eu

Fabrício:

264.ah, eu me referia à profissão. mas quando às "não-profissionais" também, a reação

265.das pessoas é a mesma

Moderadora:

- 266.mesma?
- Fabrcio:  
267.pessoalmente eu concordo que cada um é livre
- Joana:  
268.eu tb acho
- Rafael:  
269.sim, também poderão ser mal vistas
- Fabrcio:  
270.sim, hostil
- Cristina:  
271.se tu quer ser fácil, ficar com muitas pessoas, transar com muitas pessoas, cada um  
272.faz o que quiser, mas sao certamente mal vistas
- Adriana:  
273.exato
- Moderadora:  
274.mas sendo mal vistas, como alguém quer ficar com elas?
- Fabrcio:  
275.acho que tem muitos homens que ficaria com elas, da mesma forma que ficariam  
276.com qualquer outra. mas nao considerariam ter uma relação mais pessoal com elas,  
277.serviriam só pra parte carnal hehe
- Moderadora:  
278.hum
- Adriana:  
279.isso
- Moderadora:  
280.interessante isso
- Rafael:  
281.esse alguém pode não saber da reputação dessa pessoa também
- Moderadora:  
282.como assim da reputação?
- Joana:  
283.é depende
- Rafael:  
284.de ser fácil, ficar com vários etc, como a Cristina disse
- Adriana:  
285.é tem essa questão tb
- Moderadora:  
286.ah, por isso ficariam com elas? por nao saber da reputação?
- Adriana:  
287.do homem saber qual mulher "presta" e qual mulher é somente para usar
- Moderadora:  
288.ah, entendi
- Rafael:  
289.o porquê de ficar com elas é pessoal, mas certamente ela não ser mal vista ajudaria
- Fabrcio:  
290.ou por nao saber da reputação (ai ficaria normalmente, nao teriam esse "viés da má  
291.reputação"); se soubesse da reputação, ficaria só como "ah, peguei mais uma"
- Moderadora:  
292.hum  
293.estava pensando  
294.será que o contrário tambem é verdadeiro?

295.as pessoas pensam na reputação que o homem tem?

296.e só pegam o cara pra usar?

Adriana:

297.huum

Moderadora:

298.ou pra ter uma relação mais pessoal?

Adriana:

299.confesso q eu penso

Moderadora:

300.será que é assim?

Fabício:

301.acho que por ser mais comum ter os homens "galinha", é mais comum tb ter as

302.mulheres que ficam com eles ignorando isso

Moderadora:

303.ignorando, quer dizer, sabendo disso?

Joana:

304.pior que tem isso mesmo

Fabício:

305.mas têm ressalvas quanto a relações mais pessoais

Rafael:

306.acontecem ambos os casos

Moderadora:

307.ambos como?

Fabício:

308.é pouco provavel que uma mulher aceite ter relações mais pessoais se o cara

309.continuar se comportando assim

Rafael:

310.quando é pra uma relação mais pessoal, com certeza devem pensar melhor na

311.reputação

Moderadora:

312.como é então, Adriana?

313.tu falou que pensa

Adriana:

314.penso

315.assim, se um menino tem má reputação e eu sei

316.pq eu vou me envolver?

317.são critérios meus

318.por mais q eu goste

319.eu nunca ficaria

320.assim como tem várias e várias meninas

321.que relevam

322.a maioria

323.talvez

Moderadora:

324.tá, mas aí ele não serviria nem pra ser "usado"

Adriana:

325.ahsahsuahuash

Moderadora:

326.e por que relevam?

Adriana:

327.não sou de usar as pessoas

Moderadora:

328.acham que as meninas relevam pra usar o cara?

329.sei la, só pra ficar

330.como vcs disseram que os homens podem fazer

331.com as "vadias"

Adriana:

332.sim

333.tem meninas

Fabrcio:

334.acho que tem meninas que fazem isso, sim

Adriana:

335.que como minha mãe diz "pensam como meninos"

336.ashashasuashuash

Moderadora:

337.tem um exemplo?

338.voces conhecem alguem assim?

Adriana:

339.eu conheço

Fabrcio:

340.conheço meninas que eventualmente possam ter feito isso, mas nenhuma que

341.especificamente se comporte sempre assim

Adriana:

342.bom

343.no caso

Fabrcio:

344.acho que isso varia muito também, nao é uma característica da pessoa escolher

345.especificamente usar o outro

346.às vezes as ocasiões podem propiciar

Adriana:

347.a menina q eu conheço, ela fica com um rapaz, mas ao mesmo tempo, com várias

348.outras meninas

349.diz ela q ele aceita numa boa

Rafael:

350.A minha aula tá quaaase acabando, ainda tenho que buscar minhas coisas, acho que

351.vou voltar lá, tudo bem?

Adriana:

352.mas quando ela fica com outro rapaz

353.ele já fica brabo

Moderadora:

354.valeu

Adriana:

355.com ciumes

Moderadora:

356.vamos ficando por aqui pessoal?

Este excerto provém do grupo focal *on-line* misto, composto por três homens (2 estudantes de Jornalismo e 1 estudante de Psicologia) e duas mulheres (1 estudante de Biblioteconomia e 1 estudante de Psicologia). As passagens e o excerto na íntegra são uma reprodução da transcrição automaticamente gerada pelo MSN. Alguns dos participantes eram

colegas em uma disciplina e, portanto, pode-se considerar que havia certa familiaridade entre eles. A discussão nesse grupo focal durou aproximadamente 1 hora e 30 minutos.

Quanto aos grupos mistos *on-line*, é importante esclarecer que não é possível saber com exatidão qual o sexo dos participantes. Ainda que o número de componentes do sexo masculino e do sexo feminino seja conhecido, a comunicação pelo MSN permite que um se faça passar pelo outro. Diante disso, com o intuito de facilitar a escrita da análise deste grupo, aqueles componentes que se apresentaram como homens ou mulheres serão assim referidos no texto. Isto é, aqueles que se incluíam no grupo de mulheres (“*acho q os meninos presentes podem falar mais*”) ou que se utilizavam de regras de concordância nominal que flexionam as palavras no feminino (“*eu trai e já fui perdoada*”) serão, para fins da análise, considerados mulheres.

Anteriormente, o grupo havia relatado um caso noticiado em um *site* sensacionalista, no qual uma prostituta, que era casada, marcara um encontro com um cliente e, ao chegar lá, viu que este era o seu próprio marido. Houve comentários acerca da imagem desses dois personagens, enfatizando-se que, no programa, a mulher fora mais criticada do que o homem. Resumidamente, essa narrativa versava sobre infidelidade e sobre as consequências desse comportamento para homens e mulheres. Uma vez que, no caso referido, a mulher havia sido mais recriminada do que o homem, a moderadora perguntou aos participantes como eram vistas as mulheres que se autointitulam vadias, aludindo à “Marcha das Vadias”, que tinha ocorrido dias antes da realização da pesquisa e que já havia sido citada na discussão.

Neste ponto, começa o excerto aqui analisado. Segue-se uma discussão sobre a mulher hipersexualizada, seja a prostituta, seja a dita mulher fácil – aquela que fica ou tem relações sexuais com muitas pessoas. De acordo com o grupo, ambas são socialmente hostilizadas, ainda que participantes homens e mulheres se oponham a essa recriminação. Para exemplificar, o grupo coonstrói uma narrativa hipotética sobre uma mulher genérica que é fácil e, por conseguinte, mal vista, tida como possível parceira pelos homens somente no caso destes não conhecerem sua má reputação ou quererem “*usá-la*”. Quando a moderadora questiona se as pessoas também pensam na reputação dos possíveis parceiros homens, o grupo ensaia a construção de outra narrativa hipotética, mas a participante Adriana elabora uma hipótese pessoal. Nesta, homens hipersexualizados – ou “*galinhas*” – também são mal vistos e desconsiderados como parceiros e ela, enquanto personagem, descarta a possibilidade de usá-los.

A negociação desses comportamentos sexuais – os quais, segundo o grupo, não seriam marcados por diferenças de gênero – se dá de modo inusitado, em resposta à questão da



moderadora sobre a existência de mulheres que usam os homens. O participante Fabrício tenta relativizar, dizendo que existem, mas que isso não seria uma característica das pessoas e sim uma situação que pode acontecer. Já Adriana conta um caso para exemplificar como mulheres podem, nas palavras dela, pensar como meninos: ficando com várias outras mulheres e tendo tal comportamento aceito pelo seu parceiro, que somente se importa quando ela fica com outros homens. Não fica claro, no entanto, como esse caso exemplifica uma mulher que usa os homens ou que pensa como um homem, pois o grupo focal teve de ser encerrado por motivo de tempo.

#### Análise dos posicionamentos dos personagens:

##### Ações dos personagens:

A narrativa hipotética coconstruída pelo grupo apresenta uma mulher genérica, inicialmente, a personagem principal. Ela é posicionada ativamente, é dela que partem as ações de ficar e ter relações sexuais com muitas pessoas. Contudo, já na primeira fala relativa a essa narrativa, tal personagem é reposicionada, sendo colocada na posição passiva de quem é mal vista por causa de tais comportamentos. Aparece, então, outro personagem principal: o homem genérico. Este é posicionado ativamente, ele fica com a personagem genérica por desconhecer sua má reputação ou por uma questão “*carnal*” (277) e não considera ter uma relação com ela.

Na sequência, Fabrício começa a formular outra narrativa hipotética, na qual a personagem mulher genérica é colocada na posição ativa de quem fica com homens galinhas, ignora sua má reputação, mas, provavelmente, não os aceita como parceiros para uma relação mais séria. Os homens galinhas, por sua vez, são personagens coadjuvantes posicionados ativamente, já que podem “*continuar se comportando assim*” (309). O grupo não dá continuidade a essa história.

Adriana, então, desenvolve uma narrativa hipotética pessoal. Nesta, ela é a personagem principal, uma protagonista ativa, que não ficaria com um menino que tem má reputação, mesmo que gostasse dele. Tal menino é um personagem coadjuvante que não executa ação alguma, apenas poderia vir a ser rejeitado pela protagonista. Também são personagens coadjuvantes as meninas genéricas, posicionadas como representantes da maioria das mulheres e colocadas na posição ativa de relevar a má reputação dos homens, subentendendo-se, quando gostam deles.

Já a narrativa que é construída a seguir – em princípio, para exemplificar uma mulher que pensa como meninos – tem dois personagens principais: a menina e o rapaz com quem ela

fica. A audiência poderia prever que uma das ações da personagem seria relevar a má reputação de um homem para usá-lo. No entanto, a narrativa apresenta uma personagem mulher ativa, que fica com várias meninas e também com rapazes, sem fazer alusão à reputação dos seus parceiros. O rapaz com quem essa menina fica é posicionado ativamente, uma vez que executa as ações de aceitar o comportamento da menina, quando ela fica com outras meninas, e de ficar brabo e com ciúmes, quando ela fica com outros meninos. Parece, assim, que quem releva algo, nessa história, é o rapaz.

#### Caracterizações dos personagens:

Os personagens das narrativas são ora caracterizados diretamente, quando os narradores qualificam explicitamente tais personagens ou suas ações, ora indiretamente, quando suas características ficam subentendidas nas falas dos narradores. A mulher genérica da narrativa hipotética coconstruída pelo grupo é caracterizada, por Cristina e Rafael, como fácil e mal vista. Tais características estão associadas às ações a ela atribuídas: ficar e ter relações sexuais com muitas pessoas, algo que denota hipersexualização. Com isso, ela é excluída da categoria de mulheres com quem os homens considerariam ter uma relação “*mais pessoal*” (276) e posicionada na categoria daquelas que servem apenas para ser usadas ou para uma relação “*carnal*” (277).

Em contrapartida, o personagem homem genérico é caracterizado como hipersexualizado. Tal caracterização é feita de maneira indireta, por meio da sua ação de ficar com a personagem mulher em todas as hipóteses formuladas pelo grupo. Ele talvez fique com ela para usá-la “*pra parte carnal*” (277), como diz Fabrício, ou simplesmente por desconhecer sua reputação. Há uma tentativa de relativizar essas generalizações, quando Rafael afirma que os motivos do personagem para ficar com tal mulher genérica são pessoais. Contudo, Fabrício retoma a caracterização estereotipada, reforçando a ideia da hipersexualização do personagem homem, ao enfatizar que ele fica com ela de qualquer maneira.

Na sequência, Fabrício esboça outra narrativa. Nesta, a personagem mulher genérica é caracterizada implicitamente como alguém que tende à submissão. Ainda que ela seja colocada em uma posição ativa, pois dela partem as ações, estas não parecem ser escolhas suas. Ela pode relevar o fato dos homens serem galinhas, pode fazer ressalvas no que se refere a relacionamentos com esses homens e pode, ainda que seja improvável, aceitar ter “*relações mais pessoais*” (305) com eles, mesmo que continuem a se comportar desse modo. Esses homens, por outro lado, são explicitamente caracterizados como galinhas. Esse aspecto

é reforçado implicitamente, já que existe a possibilidade de continuarem sendo galinhas, mesmo com a perspectiva de estarem em um relacionamento. Tais homens são, portanto, caracterizados como hipersexualizados, de modo semelhante ao encontrado por Câmara (2007).

Essa narrativa, contudo, não é abraçada pelo grupo e, então, Adriana cria uma história pessoal hipotética. Nesta, há caracterizações diretas e indiretas dos personagens. O menino é explicitamente posicionado como alguém com má reputação, subentende-se, no campo dos relacionamentos. Já ela, enquanto personagem, é caracterizada – por meio de suas ações – como alguém racional, que não sucumbe aos seus sentimentos e não se envolve com um menino caso ele seja mal afamado. Assim, ela se distancia da visão dominante acerca do feminino, que apresenta mulheres românticas e sentimentais (Milnes, 2010; Neves, 2007; D. B. Santos & Silva, 2008).

O posicionamento de Adriana como personagem também é realizado a partir da sua comparação com as meninas genéricas apresentadas ao final da narrativa. Nessa comparação, tais meninas são caracterizadas, implicitamente, como semelhantes à mulher genérica que estava sendo construída na narrativa esboçada por Fabrício. Diferentemente da narradora, essas meninas relevam a má reputação dos homens, possivelmente ignorando esse fato, sobretudo, quando gostam deles. Elas são posicionadas, por Adriana, como representantes da maioria das meninas, o que faz com que ela própria se distancie da mulher comum, caracterizando-se implicitamente como uma mulher atípica, uma vez que usa “*critérios*” (411) próprios para decidir com quem fica.

Simultaneamente, a narradora caracteriza a mulher comum como alguém que se comporta de modo irracional. Ela faz isso implicitamente, mediante uma pergunta sem resposta colocada para si mesma: “*se um menino tem má reputação e eu sei, pq eu vou me envolver?*” (315-316). Assim a narradora também se posiciona como não hipersexualizada, já que não consideraria os homens de má reputação para qualquer tipo de relação. Diante disso, a moderadora tenta uma generalização. Ela sugere ter concluído que esses homens de má reputação não estariam incluídos nem mesmo na categoria das pessoas que servem apenas para ser usadas, numa alusão às personagens mulheres da primeira narrativa do presente excerto. Adriana foge dessa possibilidade de generalização, aproveitando a oportunidade para, a partir de suas ações como personagem, caracterizar-se como uma pessoa de caráter, que não usa ninguém.

Na sequência, poder-se-ia pensar que Adriana considera que é comum, também no caso das mulheres, usar as pessoas. Em resposta à pergunta da moderadora – “*acham que as*

*meninas relevam [a má reputação] pra usar o cara?”* (328) –, ela afirma que sim, já que existem meninas que, como diz sua mãe, *“pensam como meninos”* (335). Isto é, ela classifica o comportamento de objetificação das pessoas como masculino, mas o estende às mulheres. No entanto, na narrativa subsequente que Adriana elabora, ela apresenta personagens com características diferentes daquelas que a audiência poderia ter previsto.

Por exemplo, embora a personagem mulher – chamada de *“menina”* (347) – possa ser indiretamente caracterizada como uma mulher fácil ou mal vista, em decorrência dos seus comportamentos hipersexualizados (ficar com um rapaz, ficar com várias outras meninas e ficar com outro rapaz), a sua característica de *“pensar como menino”* parece referir-se exclusivamente a essa hipersexualização, sem incluir o aspecto de usar as pessoas. Já o personagem homem – chamado de *“rapaz”* (347) –, ao contrário do que se poderia esperar, não é posicionado como alguém com má reputação. Ele é explicitamente caracterizado como ciumento, apesar de se incomodar apenas quando a hipersexualização da menina é direcionada para outros homens. Uma hipótese possível é a de que esse personagem esteja sendo colocado na mesma posição da mulher e das meninas genéricas, relativamente submissas, que relevam a má reputação dos homens, principalmente quando gostam deles. Contudo, não parece ser por submissão que o rapaz aceita a hipersexualização homossexual da menina, dado que a hipersexualização heterossexual da mesma lhe provoca incômodo.

#### Análise dos posicionamentos do narrador perante seus interlocutores:

A primeira narrativa deste excerto é coconstruída. Esta apresenta mais de um narrador e os membros do grupo participam ativamente de sua elaboração. Ainda que se possa considerar que há um prefácio (Sacks, 1974) para essa narrativa, produzido nas primeiras falas de Fabrício, Cristina e Rafael quanto às mulheres fáceis, a narrativa em si não é anunciada. É possível que, por estarem diante de homens e mulheres, a temática do gênero como uma influência na vida das pessoas seja delicada para os componentes deste grupo misto. Disso pode decorrer a tendência do grupo, no início do excerto, em apontar opiniões gerais e defender a liberdade das mulheres.

No entanto, esse possível empenho em manter o bom relacionamento entre os participantes homens e as participantes mulheres, não impede que Fabrício interprete automaticamente que as vadias, mencionadas pela moderadora, fossem prostitutas – interpretação improvável no caso de um homem que tivesse sido chamado de galinha. Somente após a participante Cristina apresentar uma personagem mulher que opta por ser

fácil e sofre as consequências disso, os componentes homens autorizam-se a abordar mais diretamente a hipersexualização de uma mulher.

Ainda assim, nota-se, pelas suas contribuições, que os narradores homens não estão completamente à vontade. Fabrício, por exemplo, ao posicionar as mulheres como objetos (*“serviriam só pra parte carnal hehe”* linha 277), termina essa passagem com uma risada, possivelmente tentando amenizar sua declaração. Já Rafael, ao hipotetizar que o personagem homem genérico fica com a mulher fácil porque não conhece sua má reputação, sublinha sua concordância com uma participante mulher (*“como a Cristina disse”* linha 284). Adriana, então, acaba com esse cuidado nas falas relativas às mulheres, afirmando explicitamente que os homens dividem as mulheres entre as que “prestam” e as que são *“somente para usar”* (287).

Entretanto, na passagem seguinte, Rafael segue cauteloso em relação ao personagem homem e à personagem mulher da narrativa. Quando a moderadora conclui que ele tinha posicionado o homem genérico como alguém que fica com a mulher fácil unicamente porque desconhece sua má reputação, ele opta por não se comprometer com opiniões que generalizem o comportamento dos homens. É provável que ele tenha levado em conta que a moderadora é uma mulher e, mais do que isso, uma mulher que pesquisa justamente questões de gênero. Ele, então, posiciona o homem genérico como alguém que fica com a mulher fácil por motivos pessoais.

A seguir, Fabrício finalmente deixa de lado a prudência ao falar das mulheres fáceis, cogitando que os homens ficam com elas por desconhecer sua má reputação ou por tomá-las como um objeto (*“ah, peguei mais uma”* linha 291). É interessante que, apesar de conjugar o verbo na primeira pessoa, o narrador usa aspas, evitando que tal fala lhe seja atribuída. Em resumo, nessa narrativa hipotética, nota-se que os narradores homens rapidamente posicionam o homem genérico como um personagem ativo, do qual partem as ações, ao mesmo tempo em que objetificam a personagem mulher e a colocam em segundo plano.

Na sequência, os participantes homens começam a formular uma outra narrativa hipotética, na qual, aparentemente, uma personagem mulher poderia vir a ficar com homens galinhas, ignorando sua má reputação. Os participantes homens claramente evitam se comprometer ao construir essa personagem mulher, por meio do uso de expressões como *“é pouco provável”* (308) e *“devem”*, esta última sendo utilizada para dar uma ideia de probabilidade (*“devem pensar melhor na reputação”* linhas 310-311). Também de acordo com seu posicionamento cauteloso, os participantes homens abrem mão desse projeto de narrativa e dão à Adriana a oportunidade de assumir a posição de narradora. Ela, enquanto

tal, encontra espaço para elaborar, praticamente sozinha e sem interrupções, as duas narrativas que se seguem.

Na primeira delas, ela se coloca como a personagem principal de uma narrativa hipotética. Provavelmente por estar falando de si mesma, diante de um grupo misto e de uma moderadora que é psicóloga e mulher, Adriana também se mostra cautelosa na posição de narradora. Ao mesmo tempo em que se coloca como uma personagem racional, ela se mostra uma narradora racional. Isso vai de encontro ao modelo de mulher no Brasil, já que a racionalidade é um atributo esperado do homem (Sefton, 2006), enquanto, da mulher, espera-se que seja sentimental (Neves, 2007). Dessa forma, Adriana constrói, implicitamente e em contraposição à maioria das mulheres, uma posição diferente para si enquanto mulher. Contudo, parece que, por ter uma audiência composta por outras mulheres, ela não ousa muito como narradora. Ela se resguarda de possíveis críticas ao usar uma pergunta, ao invés de uma afirmação – em *“pq eu vou me envolver?”* (316) – e ao utilizar expressões como *“são critérios meus”* (317) e *“talvez”* (em *“a maioria talvez”* linhas 322-323).

A audiência responde positivamente a essa posição da narradora, não questionando, tampouco interrompendo sua narrativa. A única pessoa que contribui é a moderadora. Esta – na passagem *“tá, mas aí ele não serviria nem pra ser ‘usado’”* (324) – faz uma tentativa de equiparar as posições dos personagens mulher e homem às posições em que foram colocados os homens e às mulheres na primeira narrativa. Isto é, ela coloca a personagem mulher na posição de quem usa alguém e o personagem homem na posição de objeto. Adriana, diante disso, segue o padrão grupal de prudência na interação com os interlocutores. Ela primeiro ri, para depois discordar da moderadora. Além disso, novamente de acordo com o padrão do grupo, ela evita opinar sobre homens e mulheres em geral, posicionando-se como participante do grupo – *“não sou de usar as pessoas”* (327) – ao invés de seguir narrando.

A narrativa seguinte também tem Adriana como narradora e uma audiência que praticamente não interfere. Inicialmente, Fabrício e Adriana estão participando ativamente, confirmando para a moderadora que existem mulheres que relevam a má reputação de um homem para usá-lo. Ao fazer essa generalização que apresenta mulheres comportando-se como os personagens homens da primeira narrativa, os participantes poderiam estar se encaminhando para uma narrativa que mostrasse que o gênero não influencia nesse aspecto da sexualidade. Possivelmente por estar falando de mulheres, Fabrício é mais cauteloso do que Adriana, utilizando expressões como *“acho”* (*“acho que isso varia muito também”* linha 344) e *“eventualmente”* (*“meninas que eventualmente possam ter feito isso”* linha 340). Além

disso, ele procura relativizar essa sua afirmação, dizendo que usar alguém não seria uma característica da pessoa, mas uma situação específica.

Adriana também ameniza sua generalização sobre as meninas que “*pensam como meninos*” (335), colocando-a entre aspas, atribuindo tal generalização à sua mãe e rindo logo depois. Ela, então, finalmente começa a contar uma história que seria um exemplo de menina que pensa como menino. Ela desenvolve essa história para uma audiência calada. O interessante é a negociação de significados atribuídos às sexualidades de homens e de mulheres que se esboça nessa narrativa.

Ainda que não haja participação do grupo, a narradora negocia esses significados, ao encarar com descrença a afirmação feita pela personagem da narrativa que ela mesma criou. Tal narrativa mostra uma influência do gênero nas concepções das pessoas sobre a hipersexualização, no sentido de que o comportamento hipersexualizado de uma personagem mulher seria socialmente aceito, desde que fosse voltado para a homossexualidade. A narradora mostra-se descrente em relação a esse posicionamento da personagem, o que se depreende da expressão introdutória “*diz ela q*” (diante de “*ele aceita numa boa*” linha 349), a qual indica um não comprometimento por parte da narradora quanto à veracidade da informação. Não foi possível explorar mais essa última narrativa, pois o grupo teve de ser encerrado.

Por fim, chama atenção que a audiência, nesses dois últimos casos, é omissa. Ou seja, diante de narrativas que não incluem personagens genéricos, os participantes preferem calar. Parece que a presença de homens e mulheres no grupo faz com que essas narrativas não sejam tão contáveis (Ochs & Capps, como citado em Becker & Quasthoff, 2005) como as que apresentam personagens genéricos. Quem narra e quem está presente é extremamente cauteloso ao falar de homens e mulheres. Isso torna difícil o debate sobre as diferenças de gênero na sexualidade por parte do grupo.

#### Análise dos posicionamentos em relação aos padrões de gênero e sua influência na sexualidade:

Ainda que discreta, a negociação da influência do gênero sobre a sexualidade é uma constante nas narrativas desse excerto. A primeira narrativa é construída em resposta à pergunta da moderadora acerca da imagem das mulheres que se autodenominam vadias. Essa narrativa faz referência à heteronormatividade e reforça a norma heterossexual. Ocorre a apresentação de uma mulher em posição contraditória aos padrões dominantes de gênero. Entretanto, essa posição é revista pelo grupo, com os narradores homens trabalhando para

colocar a personagem mulher ativa em uma posição de receptora das ações, algo identificado também por Bordini e Sperb (2013).

Tal posição da personagem mulher é complementar à posição do personagem homem que o grupo faz questão de inserir na narrativa. Quando a moderadora pergunta como a personagem genérica pode ser desejada, se é socialmente mal vista (*“mas sendo mal vistas, como alguém quer ficar com elas?”* linha 274), Fabrício inclui automaticamente um personagem homem, que é apresentado como fonte das ações da narrativa. O par desse homem passa a ser então uma mulher na posição de objeto. Outros narradores também reforçam a questão da heterossexualidade e da complementaridade de posições, como Rafael, em *“ficar com vários”* (284), e Adriana, em *“do homem saber qual mulher ‘presta’ e qual mulher é somente para usar”* (287).

Dois repertórios interpretativos estão presentes: um acerca da sexualidade da mulher e outro acerca da sexualidade do homem, os dois lados de uma mesma moeda, como explicam alguns autores (Bordini, 2010; Friederichs, 2008; Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; D. B. Santos & Silva, 2008). A mulher é passiva em termos sexuais, dado que aquela que se posiciona ativamente é taxada de fácil. Assim, inverte-se essa posição ativa, uma vez que ser fácil significa que uma pessoa não precisa fazer esforço para se relacionar com ela, já que envolve o aspecto da promiscuidade (*“ficar com muitas pessoas, transar com muitas pessoas”* linha 271; *“ficar com vários”* linha 284).

A mulher fácil é mal vista, pois há uma imagem a zelar (*“reputação”* linha 281), o que novamente coloca a mulher em uma posição de objeto, dado que a reputação implica em para que “serve” a mulher (*“qual mulher é somente para usar”* linha 287). A contrapartida disso é o repertório interpretativo usado para explicar a posição do homem. Este, em termos sexuais, é apresentado como aquele que escolhe, que não consideraria *“ter uma relação mais pessoal com elas [as vadias]”* (276), mas que *“ficaria com elas, da mesma forma que ficariam com qualquer outra”* (275-276). Ao contrário da mulher, o homem galinha – promíscuo – não é mal visto, pois isso é algo *“comum”* (301).

A centralidade da heterossexualidade e a negociação da influência do gênero sobre a sexualidade também aparecem na narrativa seguinte. Essa é formulada após a pergunta da moderadora sobre a objetificação dos homens: *“as pessoas pensam na reputação que o homem tem? e só pegam o cara pra usar?”* (295-296). Na resposta a essa pergunta, não há espaço para algo além da heterossexualidade, o que Bordini e Sperb (2012) já haviam observado nas narrativas de adolescentes de 14 e 15 anos. Os participantes homens ensaiam uma narrativa hipotética em que, aparentemente, uma personagem mulher poderia ficar com



homens galinhas não com o intuito de usá-los, mas ignorando sua má reputação. Essa negociação de significados não se desenvolve, no entanto, pois o grupo se retrai quando uma componente inicia uma história pessoal.

A negociação dos significados associados à manifestação das sexualidades de homens e mulheres é realizada, então, por Adriana, que elabora a narrativa frente a uma audiência pouco participativa. Tal narrativa é anunciada como uma história que mostrará uma mulher na mesma posição dos personagens homens genéricos da narrativa anterior. De fato, a narrativa mostra uma mulher que pensa na reputação de seus possíveis parceiros homens, mas mostra também, implicitamente, que essa mulher seria uma exceção (*“como tem várias e várias meninas que relevam [a má reputação]”* linhas 320-321). O grupo não participa e a narrativa termina quando a moderadora tenta retomar o tema da objetificação dos homens.

Diante da possibilidade de relativização dos significados atribuídos às sexualidades dos homens e das mulheres, elaborada quase como um convite à objetificação do personagem homem, a narradora encerra a narrativa. Possivelmente porque seria ela própria a personagem que colocaria o homem na posição de ser usado, Adriana deixa o papel de narradora e de personagem, e, já no papel de participante do grupo, dá sua opinião. Com isso, ela evita qualquer generalização no que tange à influência do gênero na objetificação sexual das pessoas, fazendo com que, neste caso, a questão seja pessoal (*“não sou de usar as pessoas”* linha 327) e não de gênero.

Os repertórios interpretativos aqui identificados mostram outra complementaridade entre a sexualidade de homens e mulheres. O homem galinha é comum, mas isso não faz com que seja bem visto, pois ele também deve zelar por sua reputação. Isso coloca o homem em uma posição passiva, de quem é escolhido pela mulher, principalmente no que se refere a relacionamentos mais sérios. A contrapartida disso é o posicionamento ativo da mulher, que, tal qual o homem no repertório interpretativo usado na narrativa anterior, ignora a promiscuidade de um homem para ficar com ele, mas teria *“ressalvas quanto a relações mais pessoais”* (305).

No entanto, fica claro que os termos empregados para se referir às sexualidades de homens e mulheres são diferentes. Por um lado, o homem não é colocado na posição de um objeto que “serve” para “ser usado”. Por outro lado, a mulher é posicionada como quem releva a má reputação de um homem por gostar dele, não para “pegar” mais um ou ficar com “qualquer” um. Há uma associação entre a mulher e o amor romântico, o que não ocorre com o homem, algo já descrito por Câmara (2007). Existe também uma associação entre o homem e a prontidão ou disposição para o exercício explícito da sexualidade, o que não ocorre com a

mulher. Assim, ao mesmo tempo em que o grupo desenvolve duas narrativas que, aparentemente, colocam homens e mulheres em posições iguais – ambos tendo sua reputação sexual avaliada por parceiros heterossexuais –, o grupo negocia a influência do gênero nas concepções sobre o indivíduo hipersexualizado e na objetificação das pessoas.

A influência do gênero na sexualidade e sua negociação aparecem mais ainda na narrativa subsequente, embora de modo menos explícito e colaborativo. Já de início, identifica-se a negociação dos significados atribuídos às sexualidades de homens e mulheres, uma vez que a narrativa teria o objetivo de mostrar que também existem meninas que relevam a má reputação de um homem para usá-lo. Espera-se, então, que seja elaborada uma história que indique o quanto, neste caso, a influência do gênero não ocorre, dado que existiriam homens e mulheres que usam seus parceiros.

No entanto, ao responder para a moderadora, Adriana classifica esse comportamento como masculino (“*pensam como meninos*” linha 335). Além disso, a narrativa elaborada a seguir não contém uma personagem mulher que coloca o homem na posição de objeto, relevando sua má reputação para usá-lo. O que se observa é uma personagem mulher hipersexualizada e sem orientação sexual definida. O personagem homem não é hipersexualizado e também não tem orientação sexual definida.

A ação principal da narrativa é a aceitação – posta em questão pela própria narradora – da hipersexualidade da personagem mulher pelo seu parceiro homem, quando voltada para a homossexualidade. Poder-se-ia pensar que o exemplo de uma mulher que pensa como homem é essa personagem que é hipersexualizada, ativa e livre em sua sexualidade. Este é um repertório interpretativo comumente utilizado para explicar a sexualidade masculina (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Louro, 2004; Heilborn, 1998; 2006; Leal & Knauth, 2006) e que, como se pode observar, está sendo estendido à sexualidade feminina.

Contudo, a personagem não é caracterizada somente desse modo. Ela é posicionada como alguém sem orientação sexual definida, e que tem seus comportamentos homossexuais aceitos pelo parceiro homem. Essas posições distanciam-se daquelas tradicionalmente atribuídas a homens e mulheres em termos sexuais, sobretudo ao relativizarem a heterossexualidade dominante. Deve-se lembrar, no entanto, que o presente estudo identificou um repertório interpretativo frequentemente empregado para dar conta da sexualidade da mulher: a homossexualidade, entre mulheres femininas, sendo entendida como um convite à participação de um homem nessa relação, um fetiche masculino e um modismo (cf. Anexo E).

## 2.2 Análise do trecho narrativo do grupo focal *on-line* de mulheres

### Trecho analisado (grupo focal *on-line* de mulheres)

Moderadora:

357.tipo, tem o cartaz lá

358.mas então o preconceito que rola mais é com homossexuais homens?

Elena:

359.sim, mas daí os seguranças tiram da festa o agressor NA HORA.

Moderadora:

360.a homossexualidade das mulheres seria mais aceita lá tb?

361.tipo, alguém falou que tem até plateia...

Paula:

362.ao meu ver nenhuma das duas é bem aceita

Graziela:

363.pois é...é estranho isso! Não sei vocês, mas eu vejo mais casal homossexual homem do

364.que mulher

Patrícia:

365.eu tb, mas eu sou do interior do interior, hehe

Taís:

366.Acho que sim, mas depende também! vejo que homossexuais homens sofrem muito

367.preconceito. mulher se pegando os homens hetero acham legal por uma questão de

368.fetichismo, mas vale ressaltar que quando a mulher lésbica é bem "masculina" eu acredito

369.que sofre tanto preconceito quanto um homem homossexual

Elena:

370.socialmente, acredito que sim. pelo menos onde eu convivo. agora pras famílias, acho

371.que é igual, as minhas amigas lésbicas sofrem tanto quanto meus amigos gays dentro

372.da família.

Moderadora:

373.ah, bom

Elena:

374.ah, boa, Taís!!! não tinha pensado nisso.

Patrícia:

375.pior...

Graziela:

376.sim

377.tinha uma menina na minha antiga escola...

378.e ela era beem masculina e tal, lésbica assumida

379.o que na minha escola era meio O.o

380.enfim

Moderadora:

381. mas , pra começar, o que seria uma lésbica beem masculina?

Taís:

382. na realidade é até meio preconceituoso dizer isso, né? hahah

Graziela:

383. essa menina era: cabelo curto, pircings pra tudo que lado, usava camisetaão, calça

384. grande aparecendo a calcinha.

Elena:

385. pra mim, o feminino é ressaltar qualidades tipicamente femininas. curvas, delicadeza,

386. etc. na minha opinião, uma lésbica masculina é aquela que incorpora a masculinidade

387. na forma de vestir, falar, agir.

Patrícia:

388. é, se veste e se comporta como um homem, digamos assim.

Moderadora:

389. aqui podemos falar tudo, mas só to querendo entender bem a historia

Taís:

390. eu tava descrevendo mas acho que a Elena falou tudo

Elena:

391. minha amiga lésbica é muito feminina, linda de rosto e de corpo, sabe se vestir pra

392. ficar sexy, é delicada etc.

Graziela:

393. siiiiim

394. tenho amigas lésbicas bem femininas também

395. acho que é uma questão de escolha da pessoa

396. sl

Moderadora:

397. mas a Graziela nao contou como era na escola dela...

Elena:

398. exatamente. e essa minha amiga inclusive disse que gosta de mulher por ser

399. MULHER, então raramente se sente atraída por meninas masculinas.

Graziela:

400. o pessoal da escola tinha um certo preconceito com ela

401. e eu digo não só alunos, mas até os funcionários...

Elena:

402. até os funcionários??????????????

Graziela:

403. sim sim

404. tipo

Taís:

405. meu deus!

Graziela:

406. qualquer coisa que a guria fazia que era considerado meio "promiscuo" ou fora dos

407. "padrões" da escola mandavam ela pra coordenação

Moderadora:

408. e aí? e a coordenação?

409. o que fazia?

Graziela:

410. depende

411. como eu não era muito próxima da guria...ficava sabendo as histórias meio por fora

412. mas sei de uma vez que ela foi convidada a se retirar da escola por não sei quantos

413. dias pq ela teve uma briga FEIA de tapa e tudo com uma "namorada" dela dentro da

414. escola.

Moderadora:

415. por que namorada entre aspas, nao era namorada mesmo?

Graziela:

416. acho que pelo fato de ter esse preconceito, ela era sempre ríspida, tipo, na devensiva

417. e isso aumentava mais ainda o preconceito com a guria

418. tipo

419. "lésbica e boladona"

Patrícia:

420. certo

Graziela:

421. não tenho certeza, não sei se era namorada ou ficante...

Moderadora:

422. e ela se retirou do colegio?

Graziela:

423. sim sim

424. isso foi no ensino médio

425. eu tava no 1º e ela no 2º

426. dai acabou o ano letivo e ela trocou de escola

Moderadora:

427. mas, nesse caso, ela tinha brigado feio e foi p coordenação

Graziela:

428. depois fiquei sabendo que ela tava morando com uma namorada e tals

Moderadora:

429. teve preconceito?

Graziela:

430. siiim...

431. já teve vários casos de brigas na escola, tanto de amigos quanto namorados

432. e eles eram advertidos e tals...mas nunca foram convidados a se retirar(pelo menos

433. que eu saiba)

Moderadora:

434. ah, ta

435. mas e a coisa do fetiche, q vcs falaram antes

Paula:

436. fetiche com duas gurias lindas juntas

Elena:

437. ah, mas acho que é entre lésbicas femininas. os caras SEMPRE acham que vão poder

438. se meter no meio.

439. bobagem né

Graziela:

440. quando é mulher "gostosa com gostosa", femininas

Moderadora:

441. não era o caso?

Paula:

442. isso..

Moderadora:

443. captei

Elena:

444. exatamente hahaha. tenho amigos que comentam que às vezes preferem até assistir

445. pornô lésbico.

Taís:

446. eu acho que tudo depende da visão e do que tão falando... as pessoas são muito

447. influenciadas pelo que os outros dizem! se tem duas gurias se pegando na festa e o

448. pessoal acha lindo, tudo bem. agora, a guria sofria preconceito no colégio, tinha gente

449. falando mal dela e tal, ela tava isolada. é diferente

Elena:

450. Taís concordo de novo rs

Este excerto provém do grupo focal *on-line*, composto por cinco mulheres (2 estudantes de Relações Públicas, 1 de Jornalismo, 1 de Museologia e 1 de Psicologia). As passagens e o excerto na íntegra são uma reprodução da transcrição automaticamente gerada pelo MSN. Duas participantes já se conheciam antes da realização do grupo focal e havia certa familiaridade entre elas, por serem alunas do mesmo curso de graduação. A discussão nesse grupo focal durou aproximadamente uma 1 hora e 30 minutos.

Anteriormente, o grupo havia contado duas situações de preconceito contra casais de homossexuais homens, ambas ocorridas em festas frequentadas pelo público jovem. A partir do estímulo inicial dado pela moderadora, o grupo mencionara que a heterossexualidade é o padrão, aquilo se espera de homens e mulheres. Em seguida, a participante Elena especificou que é mais fácil para uma mulher não corresponder a esse padrão, no grupo de pares. Neste, haveria uma maior aceitação da experimentação de relações homossexuais entre mulheres do que entre homens.

Elena, então, mencionou diferentes concepções sobre a homossexualidade conforme o gênero dos indivíduos, ao anunciar a narrativa que contaria: *“no beco, uma casa noturna ‘alternativa’, vão muitas pessoas que não estão acostumadas com homossexualidade. se vêem mulheres juntas, é atrativo, é legal, ficam assistindo, elogiam. se vêem homens, agridem, criticam.”*. O grupo concordou, tanto que a participante Taís reforçou que, aos olhos dos homens, um casal de mulheres é considerado *“legal”*, ao passo que um casal de homens é visto com receio. Outra participante, Paula, explicou que isso se deve a uma cultura machista, em que a relação entre duas mulheres é tida como algo *sexy*.

Na narrativa que se seguiu, Taís relatou um caso de agressão em uma festa na citada casa noturna. Nesse caso, o segurança do local ajudou o rapaz que fora agredido. Na narrativa subsequente, os próprios seguranças da festa hostilizaram o casal de homossexuais homens. Terminada a narrativa, Elena voltou a falar do “Beco”, a casa noturna referida na narrativa anterior. Ela explicou que deixara de frequentá-la porque o local mudou: *“agora é gente te agarrando antes de te dar oi, é gente xingando caras gays e fazendo plateia pra lésbicas. é chato”*. Desse modo, a participante retomou o tema das diferentes concepções sobre homossexuais homens e mulheres. Enquanto isso, a participante Graziela enfatizou as diferenças na aceitação de casais heterossexuais e homossexuais, em geral. De acordo com ela, a expressão pública de afeto entre um casal de heterossexuais é considerada normal, ao contrário da expressão de afeto entre um casal de homossexuais. Esta diferença é definida como ridícula por Graziela.

A moderadora, então, volta ao tópico da influência do gênero na sexualidade, ao fazer referência aos comentários de Elena sobre o “Beco”: “*mas então o preconceito que rola mais é com homossexuais homens?*” (358) e “*a homossexualidade das mulheres seria mais aceita lá tb? tipo, alguém falou que tem até plateia...*” (360-361). É nesse momento que começa o excerto aqui analisado, que também inclui uma narrativa a respeito das diferenças nas concepções sobre e na aceitação da homossexualidade conforme o gênero. O grupo reage de formas diversas à intervenção da moderadora. Uma participante discorda, outras mostram estar em dúvida e outras duas concordam, mas especificam que a aceitação da mulher homossexual é maior quando não se considera a reação das famílias e quando não é uma lésbica “*masculina*” (368). Essa última questão será abordada na narrativa produzida neste excerto.

Após a introdução da narrativa, a pedido da moderadora, o grupo concentra-se em explicar o que é uma lésbica masculina. A seguir, a participante Graziela relata uma situação de preconceito em relação a uma lésbica “*beeem masculina*” (378), testemunhada por ela. Ou seja, o grupo se utiliza dessa narrativa para relativizar a situação de vantagem em que tinha colocado as mulheres homossexuais nas narrativas anteriores, elaboradas para exemplificar como seria mais fácil para as mulheres distanciar-se do padrão da heterossexualidade. O grupo negocia, então, de que modo o gênero influencia na sexualidade. As participantes mostram, nessa narrativa e na narrativa produzida no excerto seguinte, que características tipicamente associadas ao masculino e ao feminino geram expectativa de comportamentos heterossexuais, enquanto características que fogem do padrão masculino e feminino geram expectativa de comportamentos homossexuais.

#### Análise dos posicionamentos dos personagens:

##### Ações dos personagens:

A narradora Graziela, com algumas participações das outras componentes do grupo e da moderadora, constrói uma personagem que, apesar de ser a protagonista, não é nomeada. Ela é apresentada ao grupo como “*uma menina*” (377) e, depois, referida por meio da expressão “*a guria*” (406). É possível que Graziela tenha evitado nomear a personagem por discrição, já que o anonimato foi um ponto reforçado pela moderadora antes do início de cada grupo focal. A personagem menina é posicionada ativamente; as ações relatadas partem dela ou a ela se dirigem. Ela, por exemplo, teve uma briga, trocou de escola, morava com uma namorada, foi convidada a se retirar da escola, era alvo de preconceito e tinha seus comportamentos considerados promíscuos.

A instituição escolar pode ser tomada como outra personagem principal, enquanto representante dos seus funcionários, da coordenação e dos alunos, com quem a protagonista se relaciona na narrativa. No entanto, essa personagem não é colocada em uma posição explicitamente ativa, já que a única ação que parte dela é ter preconceito em relação à menina. As outras ações da escola são descritas com o uso de voz passiva ou de sujeito oculto (“*concluído meio ‘promiscuo’ [pela escola]*” linha 406; “*eram advertidos [pela escola]*” linha 432; “*foi convidada [pela escola] a se retirar*” linha 412; “*mandavam ela pra coordenação*” linha 407).

A narrativa conta uma situação em que essa menina, “*lésbica assumida*” (378) e “*beeem masculina*” (378), foi alvo de preconceito por parte da escola em que estudava. A narradora orienta a audiência no sentido de que a situação a ser relatada não foi pontual, pois a menina era vítima usual de preconceito. A origem de tal preconceito é a própria instituição escolar, segundo as construções do grupo. Em um primeiro momento, a narradora esclarece que o personagem “*o pessoal da escola*” (400) não se refere somente aos alunos, mas inclui os seus funcionários. A ação da escola de ter “*certo preconceito*” (400) é apresentada como inesperada ou reprovável. Isso se depreende do uso dos intensificadores “até” e pontos de interrogação em série (“*até os funcionários????????????????*” linha 402), seguidos do comentário “*meu deus!*” (405).

Ademais, tal preconceito da escola é detalhado e explicitado, mais adiante, como sendo direcionado a qualquer ação da menina e a supostos indícios de promiscuidade. Fica claro que Graziela caracteriza a postura da instituição escolar como preconceituosa, pois emprega a palavra “meio” e coloca aspas em “promiscuo” e “padrões” (“*meio ‘promiscuo’ ou fora dos ‘padrões’*” linhas 406-407). Com isso, ela sugere dúvida quanto à real presença de promiscuidade e à validade desses padrões da escola.

Essa contextualização do ambiente escolar como local de preconceito parece objetivar diminuir a severidade da atitude da menina. Esta é suspensa das aulas pela coordenação, por ter tido uma briga que incluiu agressões físicas, dentro da escola, com uma suposta namorada. Essas ações da personagem fogem ao padrão de feminilidade em nossa cultura, que incluem aspectos como discrição, delicadeza, passividade e obediência. Tais ações aproximam a menina da masculinidade que lhe foi atribuída na sua caracterização, já que ações agressivas e desobedientes são tradicionalmente tidas como masculinas (M. S. Couto, 2012; Moreira & Santos, 2002; Seffner, 2004).

A narrativa termina com a menina trocando de escola ao final do ano e morando com uma namorada um tempo depois. Essas ações colocam a personagem em diferentes posições.



Uma vez que ela deixa a escola, ao invés de continuar se comportando de maneira divergente dos seus padrões, a menina é retirada da posição de agressiva e desobediente. Por conseguinte, há uma relativização daqueles atributos comumente associados à masculinidade, já que a menina é posicionada, então, como masculina, apesar de não possuir tais atributos. Além disso, pode-se pensar que ela abdicou de seguir estudando na instituição que havia escolhido por ser vítima de preconceito, abrindo mão de um direito seu. Isso a colocaria, pela primeira e única vez na narrativa, em uma posição mais passiva, também incomum para alguém caracterizado como masculino (Bordini & Sperb, 2012; Moreno, 1999). Já a ação de morar com uma namorada reforça a sua posição como lésbica assumida.

Por fim, há um reforço da posição da escola como preconceituosa, já que esta adverte amigos e namorados – que não são especificamente lésbicas masculinas – quando brigam, mas não os convida a se retirar. No entanto, apesar de sublinhar o preconceito da escola, essa passagem deixa dúvida quanto ao motivo de tal preconceito. Pelo desenvolvimento da história, não há como saber se a escola discrimina a menina por ser homossexual ou por ser considerada masculina. Assim, as ações dos personagens da narrativa, negociam os atributos relacionados à masculinidade hegemônica, bem como a dificuldade de mulheres de se distanciar do padrão da heterossexualidade e da feminilidade.

#### Caracterizações dos personagens:

A menina protagonista da narrativa é caracterizada, na maior parte das vezes, de modo direto, ou seja, são feitas referências explícitas ao seu modo de ser e de se comportar. Ela é apresentada pela narradora como “*beeem masculina e tal, lésbica assumida*” (378). O uso de “e tal”, na referida passagem, dá a entender que há outras características relativas a essa personagem, não nomeadas pela narradora. Logo em seguida, a instituição escolar, enquanto personagem, é caracterizada de modo implícito. A narradora comenta que era estranho o fato de haver uma menina muito masculina e lésbica assumida como aluna dessa escola, levando à dedução de que esta era preconceituosa, repressora ou tradicional.

Diante da falta de clareza em relação ao que tornava isso estranho e da falta de especificidade na caracterização da personagem principal, a moderadora questiona o que significa ser “*beeem masculina*” (381). A narradora responde como era essa menina, explicitando: “*cabelo curto, pircings pra tudo que lado, usava camiseta, calça grande aparecendo a calcinha*” (383-384). Isto é, ela enumera aspectos físicos e de vestimenta que, segundo ela, são associados ao masculino e que, em nossa cultura, o são de fato (L. de

Oliveira, 2010). Outras componentes do grupo também respondem à moderadora, coconstruindo, dessa forma, a personagem.

Ainda que as descrições por elas fornecidas não se refiram especificamente à menina em questão, mas a uma menina masculina genérica, essas caracterizações podem ser estendidas à personagem, já que esta é justamente apresentada como uma menina masculina. Dessa forma, a personagem é posicionada indiretamente como alguém que não ressalta “*qualidades tipicamente femininas. curvas, delicadeza*” (385) e que incorpora “*a masculinidade na forma de vestir, falar, agir.*” (386-387), ou seja, “*se veste e se comporta como um homem*” (388). Além disso, a participante Elena fornece uma descrição de uma lésbica “*muito feminina*” (391), aparentemente com o propósito de definir uma lésbica bem masculina por contraposição. Assim, a personagem não seria linda, nem delicada, e não saberia se vestir para ficar *sexy*. Essa caracterização do masculino por contraposição ao feminino – e vice-versa – é comum na cultura ocidental, conforme já apontaram Connel (1995), Scott (1995) e Nicholson (2000).

A narradora concorda com a descrição de Elena sobre uma lésbica muito feminina e opina que ser masculina ou feminina é uma escolha da lésbica. Com isso, fica implícito que a personagem optou por ser masculina. A menina também é explicitamente caracterizada como ríspida, uma pessoa que está sempre na defensiva e que é vista como “*lésbica e boladona*” (419) – gíria para irritada, fora de si (Dicionário Informal, n.d.). No entanto, essas características não são tidas como próprias da personalidade da personagem, uma vez que a narradora explica que eram motivadas pelo preconceito sofrido por ela. Fica claro, então, que o foco da narrativa é a questão do preconceito e não os eventos que relata.

Outras características da menina também aparecem de modo indireto, por meio das ações que realiza na narrativa. Ela, por exemplo, foi suspensa das aulas por ter se envolvido em uma agressão física. Tais ações a colocam implicitamente nas posições de agressiva e desrespeitosa no que tange às normas de convívio social, posições mais associadas ao masculino, no Brasil (M. S. Couto, 2012; Moreira & Santos, 2002; Seffner, 2004). Essas posições, juntamente com a opção por ser masculina, caracterizam a menina como uma mulher que ousa não corresponder aos padrões relativos ao feminino.

Por outro lado, pode-se cogitar que, ao final da narrativa, a menina é implicitamente colocada em uma posição mais passiva e digna de pena, dadas as suas ações de trocar de escola, ser mal falada e se encontrar isolada. Tal construção da personagem, possivelmente, está a serviço da negociação da ideia de que seria mais fácil para as mulheres, em comparação com os homens, se distanciar do padrão da heterossexualidade. Ao apresentar uma lésbica

vítima de preconceito e enfatizar o aspecto do gênero (ser ou não ser masculina ou feminina), em detrimento do aspecto da sexualidade (embora definida como lésbica, sua caracterização gira mais em torno dos seus aspectos masculinos), o grupo ressalta que a dificuldade maior, no caso de uma mulher homossexual, não é a homossexualidade em si, mas o distanciamento em relação à feminilidade hegemônica.

#### Análise dos posicionamentos do narrador perante seus interlocutores:

As narrativas anteriores à analisada foram elaboradas fundamentalmente por Elena e Taís. Estas foram as participantes que opinaram e narraram com mais frequência durante toda a discussão no grupo focal, além de terem sido as que mais contribuíram com a narradora Graziela, na construção da narrativa em questão. Cogita-se que isso se deva ao fato de Elena e Taís não estarem em um grupo totalmente estranho, uma vez que já se conheciam anteriormente, o que pode tê-las deixado mais à vontade. Ainda assim, ressalta-se que, nesse grupo, todas as participantes produziram, pelo menos, uma narrativa. As participantes Patrícia e Paula são as que menos interferem na discussão apresentada no excerto analisado, embora Paula tenha contribuído com opiniões e histórias em outros momentos.

A narrativa analisada é coconstruída com a participação, principalmente, da moderadora, que pede detalhes ao longo do relato e facilita a elaboração de um desfecho para a história (“*e ela se retirou do colégio?*” linha 422; “*teve preconceito?*” linha 429). Há pouca interferência do grupo durante a narrativa propriamente dita, apenas alguns comentários curtos (“*certo*” linha 420; “*meu deus!*” linha 405) e as contribuições de Elena e Taís para a caracterização da personagem principal. A primeira colabora indiretamente, ao definir uma lésbica masculina genérica, e a segunda, explicitamente, ao posicioná-la como isolada devido ao preconceito sofrido.

Anteriormente, o grupo havia relatado duas situações de preconceito contra casais de homens, formuladas para apontar para as diferenças nas concepções sobre homossexuais conforme o gênero e para a maior repressão social à homossexualidade masculina. Após tais relatos, o grupo constrói a narrativa aqui analisada, possivelmente com o propósito de negociar essas ideias. O excerto no qual se inclui essa narrativa inicia com a retomada do tópico da influência do gênero na sexualidade, a partir da pergunta da moderadora, em tom de confirmação: “*mas então o preconceito que rola mais é com homossexuais homens?*” (358) e “*a homossexualidade das mulheres seria mais aceita lá tb? tipo, alguém falou que tem até plateia...*” (360-361). A palavra “então” – usada para indicar uma conclusão lógica – e a

referência da moderadora à mencionada plateia para lésbicas mostram que as narrativas anteriores a levaram a tal conclusão.

O grupo, em geral, questiona a conclusão da moderadora, mas as componentes, individualmente, reagem a essa intervenção de diferentes modos: discordando, duvidando e concordando. Nenhuma delas sugere certeza em suas opiniões, o que pode ser fruto de um receio de se posicionar claramente perante um grupo de desconhecidas e se contrapor à moderadora explicitamente. Esta é a posição do grupo ao longo do excerto examinado: unido, seja para concordar com alguma ideia, seja para discordar. As participantes estimulam as interações entre si e procuram discordar discretamente umas das outras e da moderadora. Todas as componentes iniciam suas participações indicando incerteza (“*ao meu ver*” linha 362; “*pois é...*” linha 363; “*Não sei vocês, mas eu*” linha 363; “*eu tb, mas eu*” linha 365; “*Acho que sim, mas depende*” linha 366; “*acredito que sim. pelo menos*” linha 370). Somente Elena e Taís, que já se conheciam antes da realização do grupo focal, desenvolvem suas opiniões.

Paula discorda da moderadora (“*ao meu ver nenhuma das duas é bem aceita*” linha 362), enquanto Graziela mostra-se em dúvida (“*Não sei vocês, mas eu vejo mais casal homossexual homem do que mulher*” linhas 363-364) e Patrícia alinha-se com ela (“*eu tb, mas eu sou do interior do interior, hehe*” linha 365). Elena concorda com a moderadora, mas observa que, na relação com as suas famílias, homossexuais homens e mulheres sofrem na mesma intensidade. Ela, em seguida, enfatiza seu apoio à ressalva feita por Taís, por meio do uso de exclamações repetidas (“*ah, boa, Taís!!! não tinha pensado nisso.*” linha 374), um recurso comum na comunicação virtual (Walston & Lissitz, 2000).

A ressalva de Taís diz respeito à especificação de que são as lésbicas bem masculinas que sofrem tanto preconceito quanto os homossexuais homens. Tal observação ganha o apoio de Elena e Patrícia. Esta participante usa a expressão “*pior*” (375) – uma redução de “*pior é que é*” – popularmente utilizada no Brasil para reforçar uma afirmativa (Wiktionary, n.d.). O grupo negocia, assim, a influência do gênero sobre as concepções acerca da homossexualidade, negociação essa que será reforçada por meio da narrativa elaborada na sequência.

Graziela, então, apresenta o prefácio de sua história, anunciando que versará sobre uma situação de preconceito experimentada por uma menina lésbica e masculina. Ao produzir uma narrativa de modo a concordar com Taís, Graziela alinha-se ao grupo, mantendo o padrão de união do mesmo. Portanto, a influência do gênero na sexualidade, além de ser o tópico de discussão proposto pela moderadora, parece ser importante para o grupo, uma vez

que leva à produção de histórias – e histórias sob a forma de narrativas mais contáveis (Ochs & Capps, como citado em Becker & Quasthoff, 2005). A narrativa em questão, por exemplo, é mais completa, extensa e contínua do que as que usualmente são produzidas em grupos focais *on-line* (Bordini & Sperb, 2012; Schneider et al., 2002). É possível que a formação do grupo (composto por mulheres) tenha gerado uma preocupação em sublinhar as desvantagens associadas também a ser mulher, uma vez que as dificuldades enfrentadas pelos homens homossexuais já tinham sido abordadas.

Na posição de narradora, Graziela coloca-se como uma testemunha, pois relata um caso que se passou na escola em que estudara e descreve a personagem principal minuciosamente. No entanto, posiciona-se como uma testemunha não totalmente confiável, ao ressaltar frequentemente, ao longo de seu relato, suas incertezas quanto à situação narrada (“*não sei quantos dias*” linhas 412-413; “*não tenho certeza*” linha 421; “*não sei se era namorada ou ficante...*” linha 421). Ela deixa claro que não é uma testemunha ocular, em “*como eu não era muito próxima da guria...ficava sabendo as histórias meio por fora*” (411) e “*fiquei sabendo*” (428).

Tal posicionamento de Graziela pode indicar uma ambivalência de sua parte. É possível que queira manter a união do grupo, o que ela faz ao contar uma história que indica sua concordância com a especificação apresentada por outra participante. Entretanto, ao mesmo tempo, parece que ela não quer se comprometer, pois a narrativa que elabora não corresponde objetivamente à ressalva feita por Taís. Tal hipótese parece se confirmar quando, no desenvolvimento da situação narrada, Graziela deixa dúvida quanto ao alvo do preconceito da instituição escolar.

No prefácio de sua história, a narradora prepara a audiência para uma narrativa que versará sobre o preconceito sofrido por uma lésbica masculina, cujas atitudes eram constantemente mal vistas pela escola. No entanto, pela forma como relata os eventos, ela associa a suspensão do direito dessa personagem de frequentar a escola à sua atitude de ter se envolvido em uma agressão física no ambiente escolar. Diante disso, a moderadora pergunta se “*teve preconceito*” (429), uma vez que, “*nesse caso, ela tinha brigado feio*” (427). Em tal intervenção, está subjacente a interpretação de que a menina pode ter sido suspensa das aulas pelo seu envolvimento em uma briga e não por motivos homofóbicos. Além disso, nessa intervenção, está implícita a expectativa da moderadora, criada pela narradora, de ouvir uma história que mostrasse que a mulher é tão vítima de preconceito quanto o homem, em se tratando de homossexualidade.

Finalmente, a narradora compromete-se com o grupo, ao se colocar na posição de quem concorda com a relativização da suposta desvantagem do homem homossexual em relação à mulher homossexual, proposta no início do excerto. Graziela dá a seguinte resposta à pergunta da moderadora sobre a presença de preconceito no caso narrado: “*siiim... já teve vários casos de brigas na escola, tanto de amigos quanto namorados e eles eram advertidos e tals...mas nunca foram convidados a se retirar(pelo menos que eu saiba)*” (430-433). Ela enfatiza sua afirmação de que houve preconceito, ao repetir as letras, em “siiim”. Também argumenta que a personagem não fora punida por brigar com alguém, pois isso, em geral, leva a uma advertência e não a uma suspensão. Ainda que ela se exima da responsabilidade por essa afirmação, relativizando-a (“*pelo menos que eu saiba*” linhas 432-433), Graziela consegue deixar subentendido que o motivo da suspensão fora a homossexualidade das namoradas.

Frente à incerteza sugerida pela narradora quanto ao seu argumento, a moderadora demonstra aceitar a sua explicação (“*ah, ta*” linha 434), mas estende a questão ao grupo. Ela retoma o que havia sido citado anteriormente sobre o fetiche por lésbicas, como quem questiona o motivo da discriminação na situação relatada, uma vez que esta contava justamente com uma personagem lésbica. Com isso, a moderadora busca fomentar a discussão acerca das referidas lésbicas masculinas. Seguindo o padrão de união do grupo, a narradora e outras participantes esclarecem que o fetiche mencionado envolve “*gostosa com gostosa*” (440), mulheres “*lindas*” (436) e “*femininas*” (440), pois, nesse caso, os homens gostariam de “*se meter no meio*” (438) e acreditam que isso seria possível.

A moderadora tenta ainda relativizar a suposição de uma ausência de características femininas socialmente valorizadas em mulheres homossexuais, ao perguntar: “*não era o caso?*” (441). Assim, ela aponta para a possibilidade de a personagem lésbica ser masculina e linda, uma vez que ela não havia sido caracterizada de modo contrário. O grupo, neste momento, não dá continuidade à proposta de negociação da moderadora. O excerto termina com a atribuição à própria sociedade da responsabilidade por esses estereótipos de gênero, que influenciam na sexualidade e na aceitação social das pessoas (“*as pessoas são muito influenciadas pelo que os outros dizem! se tem duas gurias se pegando na festa e o pessoal acha lindo, tudo bem.*” linhas 446-448).

Análise dos posicionamentos em relação aos padrões de gênero e sua influência na sexualidade:

No excerto analisado, o grupo negocia a influência do gênero nas concepções sobre e na aceitação da homossexualidade. Embora as participantes tenham sido requisitadas a pensar acerca do papel do gênero sobre as experiências sexuais das pessoas e sobre as expectativas que geram em relação à sexualidade em geral, o tema da homossexualidade surgiu espontaneamente no grupo. O mesmo ocorreu em quase todos os nove grupos focais realizados nesse estudo, isto é, a homossexualidade foi um dos aspectos da sexualidade mais frequentemente citados pelos grupos como sendo influenciados pelo gênero. Neste excerto, por exemplo, identificam-se três diferentes repertórios interpretativos sobre a homossexualidade feminina.

Ainda que o objetivo do grupo, ao coconstruir a narrativa analisada, fosse relativizar a diferença construída nas narrativas anteriores quanto às concepções sobre e à aceitação social dos homossexuais homens e mulheres, não é isso que ocorre. Em um dos repertórios interpretativos empregados, a homossexualidade feminina é alinhada à homossexualidade masculina, dado o sofrimento que ambas provocam nos contextos familiar e escolar ao se distanciarem do padrão. Por ser a heterossexualidade o padrão em questão, usa-se o termo assumir (“*lésbica assumida*” linha 378), uma vez que o que não segue à norma não é esperado e, então, precisa ser explicitado, assumido, causando estranhamento (“*o que na minha escola era meio O.o*” linha 379).

No entanto, ao afirmar que haveria igualdade na intensidade do preconceito sofrido por homossexuais mulheres e homens, o grupo simultaneamente especifica que essa igualdade existe somente no caso de as homossexuais mulheres serem masculinas. A sexualidade homossexual em uma mulher é mais aceita na sociedade e tida como um fetiche em nossa cultura, mas apenas quando a lésbica é feminina. A aceitação e valorização da homossexualidade, quando diz respeito a mulheres femininas, foi um tópico recorrente nos grupos focais realizados. Essa maior aceitação da homossexualidade feminina e seu aspecto de fetiche entre homens heterossexuais também havia sido relatada por Caproni Neto e Pinto (2012).

Outro dos repertórios interpretativos que abordam a homossexualidade da mulher explica-a, novamente, como algo que foge aos padrões, mas, desta vez, quase como um comportamento a serviço do homem heterossexual. A lésbica distancia-se dos padrões femininos, que incluem a hipossexualização da mulher (Bordini & Sperb, 2012), pois há uma associação entre a homossexualidade e uma sexualidade intensa, explícita e promíscua, algo

que também foi encontrado por Caproni Neto e Pinto (2012). Isso se percebe pelo uso de termos como “mulher se pegando” (367) – no qual “pegar” significa um tipo de relacionamento que não envolve nenhum tipo de compromisso e pouca intimidade e proximidade (Em Diálogo, 2012) –, “mulher ‘gostosa com gostosa’” (440) e “pornô lésbico” (445). Ao mesmo tempo, quando se trata de uma lésbica feminina, ocorre a manutenção de atributos considerados típicos da mulher, como a beleza e a feminilidade (M. T. Couto et al., 2007; Friederichs, 2008). Essas mulheres bonitas, femininas e com uma sexualidade mais intensa são atraentes aos olhos dos homens heterossexuais, que enxergam nelas uma oportunidade de “se meter no meio” (438), ou seja, de estar com duas mulheres ao mesmo tempo; o que as coloca, automaticamente, numa posição passiva perante o homem.

A questão da mulher homossexual é também explicada por um terceiro repertório interpretativo. Este alinha a homossexualidade feminina aos comportamentos hegemônicos, ou seja, àqueles associados à heterossexualidade. Apresenta-se a personagem lésbica e masculina como alguém que fica com pessoas, namora e mora com a parceira, comportamentos sexuais comumente presentes na descrição da trajetória afetiva e sexual de uma pessoa heterossexual.

Retomando-se a intenção do grupo de abordar uma situação em que a homossexualidade fosse alvo de discriminação independentemente do gênero dos envolvidos, ficam mais claros os movimentos de negociação da influência do gênero na sexualidade. Cria-se a expectativa de que seja apresentada uma história que mostre que mulheres homossexuais sofrem preconceito assim como os homens homossexuais. Contudo, ao incluir uma personagem mulher definida como lésbica, masculina e vítima de discriminação na escola, o grupo obscurece o foco do preconceito: não se sabe se é a homossexualidade da personagem, a discrepância entre seu gênero e uma esperada aparência feminina, ou ambas.

A negociação da importância do gênero nas concepções sobre homossexualidade, no que se espera de homens e mulheres homossexuais, parece ser importante para esse grupo. Isso se confirma na sequência, pois as duas narrativas que se seguem abordam o quanto a aparência tradicionalmente associada a um determinado gênero gera uma expectativa em relação a uma determinada direção dos desejos e atrações sexuais (espera-se que uma mulher masculina seja homossexual e que um homem masculino seja heterossexual).

Conforme o grupo mencionara no excerto precedente, a heterossexualidade é o padrão na cultura ocidental. Isso não é posto em questão no presente excerto. O que o grupo negocia é o binarismo de gênero, supostamente natural, que está incluído não apenas nos significados atribuídos à heterossexualidade, mas também à homossexualidade. Como apontam Louro



(2009) e Miskolci (2007; 2013), a heteronormatividade é tão abrangente que regula a sexualidade independentemente das práticas sexuais do indivíduo, fazendo com que as expectativas de monogamia e complementaridade de papéis existam também em relação a casais homossexuais.

Diante disso, o repertório interpretativo utilizado neste excerto para caracterizar o masculino e o feminino é interessante, pois não relaciona seus diferentes atributos à natureza ou ao sexo dito biológico, embora defina um em contraposição ao outro. Segundo o grupo, é possível haver uma mulher “*bem ‘masculina’*” (368), já que as características associadas ao masculino – tipos de roupa e acessórios usados, corte de cabelo – podem ser adquiridas. Ao mesmo tempo, define-se o feminino com base nos modos de falar e agir associados à delicadeza, à sensualidade e à beleza; algo “*que é uma questão de escolha da pessoa*” (395).

A negociação do binarismo de gênero no contexto da homossexualidade aparece nos posicionamentos da personagem da narrativa, uma mulher masculina, que é colocada em posições tradicionalmente associadas à masculinidade, mas também em posições que se distanciam desta, como a de passividade. A negociação da influência do gênero na homossexualidade fica ainda mais evidente em um comentário de Elena sobre uma amiga sua que é definida como lésbica e feminina. A participante, em primeiro lugar, ressalta características dessa sua amiga que são comumente associadas ao feminino (“*linda de rosto e de corpo, sabe se vestir pra ficar sexy, é delicada*” linhas 391-392). Posteriormente, enfatiza que essa mulher, que possui todas essas características femininas, “*gosta de mulher por ser MULHER*” (398-399), raramente sentindo atração por mulheres com características masculinas.

Ao citar essa mulher que é lésbica, é feminina e gosta de mulheres femininas, Elena desafia o padrão heteronormativo, uma vez que, nesse caso, não há a esperada associação entre gênero, características tipicamente associadas ao feminino, heterossexualidade e atração por um par complementar que possua características tipicamente associadas ao masculino. No entanto, esse comentário de Elena não gera nenhum movimento no grupo, nesse excerto.

### **2.3 Análise do trecho narrativo do grupo focal *on-line* de homens**

#### Trecho analisado (grupo focal *on-line* de homens)

Moderadora:

451.vcs acham isso tb, que nós esperamos o mesmo de homens e mulheres em termos de  
452.sexualidade?

Antonio:

453.acho que sim

Moderadora:

454.vcs falaram de festa, por exemplo

455.tem alguma situação em festa que ilustre o que estamos conversando aqui?

Antonio:

456.as mulheres estão cada vez mais abertas a partirem pro "ataque"... o que antes era

457.papel do homem

João:

458.nao sei se entendi bem a pergunta. mesmo assim tentarei responder... se estas te

459.referindo ao fato de por exemplo uma mulher ser tachada de vagabunda por sair com

460.varios homens e o homem q sai com varias mulheres ser enaltecido como macho...é

461.por ai? pois se é ja acredito q isso nao exista mais no grande grupo

Moderadora:

462.sim, poderia ser esse tipo de coisa

463.vcs falaram da mesma coisa

Lucas:

464.concordo com o João

Marcelo:

465.concordo tambem

Moderadora:

466.as mulheres partem pro ataque hoje em dia

Antonio:

467.e eu acho que a mulher ter iniciativa é bem normal... se ela se interessou em alguem,

468.tem mais é que tentar! não tem mais essa visão de vagabunda, pelo menos comigo

Marcelo:

469.hoje as músicas reletem bastante isso "ai , se eu te pego..." e tal

Moderadora:

470.ahahaha

Marcelo:

471.\*refletem

Lucas:

472.elas partem para o ataque porque os guris não tem mais atitude

Moderadora:

473.ah é?

Lucas:

474.tanto que o cara que tem atitude na festa pega bem

Moderadora:

475.como assim?

476.nao entendi

477.o cara que tem atitude

Lucas:

478.os guris de hoje tem medo de tomar fora

Moderadora:

479.esse é o que pega bem?

Lucas:

480.sim, ele tem atitude consegue ficar com gurias, já cansei de ouvir essa história

Moderadora:

481.os de hj? aacham q antes nao tinham medo?

João:

482.eu acho q antes as mulheres nao intimidavam tanto os homens

483.acho q os tempos mudaram e alguns homens se sentem acuados com a força da

484.mulher de hj

Moderadora:

485.ô, lucas, ja cansou de ouvir historias como essa qual?

486.eu preciso de historias, lembram

Antonio:

487.acho que tinham medo sim... só que antes a mulher não tinha tanta liberdade. Essa

488.liberdade de hoje causa um certo comodismo no cara, que fica esperando por ela

Lucas:

489.de que os guris não tem atitude, que a mulher tem que ir atrás. Da guria passar a

490.noite inteira o cara e o cara não dar oi pra ela.

João:

491.os papeis mudaram me parece

Moderadora:

492.mas deem um exemplo

493.como seria isso na vida real

João:

494.nao sei exemplificar isso é mais uma impressao minha

Antonio:

495.o cara fica rodeando a noite toda mas não toma atitude por não saber direito o que

496.ela vai dizer... por ex

Moderadora:

497.ah ta

498.e aí, nesse caso, o que a mulher faria?

Marcelo:

499.parece que o homem tem hoje mais medo do fora do que ela

Moderadora:

500.ele fica rodeando uma mulher ou ele fica rodeado de mulheres? sorry, nao entendi

Lucas:

501.a mulher as vezes provoca o cara, persegue ele na festa, chama a atenção dele

Antonio:

502.rodeando uma mulher

Moderadora:

503.como é esse tipo de provocação que a mulher faz com o cara?

504.numa festa, vcs tao falando, pelo que entendi

João:

505.vou usar um exmplo pessimo...algumas mulheres hj vao à "caça" de homens por

506.interesse e acho q isso nao existia antigamente pela sociedade "proibir" isso

Lucas:

507.sim, o cara não toma atitude, ou não "percebe" dai ela acaba partindo pro ataque

Moderadora:

508.por interesse?

João:

509.eu to meio atrasado aqui...minha resposta sempre aparece quando ja fizeram outra

510.pergunta

Moderadora:

511.ta, perai

João:

512.sim por interesse

Moderadora:

513.vamos pensar nisso que surgiu

514.tem um cara numa festa

Marcelo:

515.ela fica olhando, ela joga uma conversa e o cara ou não entende ou não sabe muito o  
516.que fazer

João:

517.ele tem medo

Marcelo:

518.algumas vezes ele tem medo do que vão falar dele se ele não conseguir

Antonio:

519.ééé

Moderadora:

520.ah, sim, Marcelo, voltamos à coisa do grupo

Lucas:

521.a mulher provoca o cara porque ele não tem atitude

Antonio:

522.mais uma vez a pressão

Moderadora:

523.hum

Antonio:

524.se o cara não conseguir, vai ficar deslocado se o grupo consegue

João:

525.vair ridiculariza-lo

Lucas:

526.o cara tem que ir em oktoberfest, dai perde esse medo

Antonio:

527.hahahaha

Moderadora:

528.ahahahahhah

Lucas:

529.experiencias reais

Marcelo:

530.que ele talvez não seja "homem" o suficiente, que ele seja medroso

Lucas:

531.o guri, não sei porque tem medo de fazer tudo. dai ele vai numa festa dessas que

532.tudo parece mais facil e cria atitude

João:

533.ou talvez apenas por ele nao estar a vontade naquela situação

Antonio:

534.acho que não é por medo da mulher, é mais por medo do que vão dizer se ele pegar

535.ou não

Moderadora:

536.efeito oktober

537.mas o que ele faz que se diz "sem atitude"?

Marcelo:

538.ele não age

Lucas:

539.ele não trova ela, muitas vezes nem fala com ela. parece que a mulher esta num

540.pedestal, ele tem medo de chegar, conversar, relacionar e também falar bobagem

João:

541.só voltando ao assunto principal, eu acho q hj é esperado tanto do homem como da

542.mulher a mesma coisa em termos de sexualidade, ou seja se espera de tudo...o

543.mundo mudou a sociedade mudou as pessoas hj estao muito mais livres e podem

544.fazer o q bem entender

Marcelo:

545.verdade

546.o que disse o lucas

Moderadora:

547.ah ta, aí, teria um medo da reação da guria tambem

Marcelo:

548.sim

Antonio:

549."também falar bobagem" - concordo

Lucas:

550.elas têm muito mais liberdade, mas parece que utilizam isso muito menos

João:

551.só os q sentem medo

Marcelo:

552.sim, ele nao conseguir na hora desenvolver uma conversa

Moderadora:

553.e quem tem medo fica...

554.como assim "utilizam"?

João:

555.hj qualquer coisa q tu faça numa festa é considerada natural, o fato é q alguns se

556.utilizam dessa liberade e outros nao

Lucas:

557.reprimido

João:

558.e pode nao ser so por medo

Marcelo:

559.quieto, tentaria despista-la

João:

560.pode ser por nao estar a vontade ou falta de confiança naquele momento

Marcelo:

561.pode ser timidez

Lucas:

562.já perdi mulher para cara muito feio porque eu não tinha chegado nela e o cara

563.chegou antes, teve atitude, o que eu não tive

Moderadora:

564.ah, finalmente um exemplo

565.então, nesse caso, o que fez o cara com atitude

Antonio:

566.teve a atitude que faltou no outro

Marcelo:

567.acho que as mulheres querem atitude tambem

568.elas rondam e tal, mas é o cara que tem que perceber e tomar a iniciativa

Lucas:

569.o primo da guria me disse, "ela tá em ti"... dai fiquei me fazendo na festa e no fim das

570.contas, quando resolvi criar atitude, já era tarde

Moderadora:

571.mas agora to confusa.

Antonio:

572.eu ja perdi chance e depois fiquei sabendo que ela também tava afim... perdi por

573.rateada

Moderadora:

574.pq, pelo que falavam as mulheres atacam

575.se elas atacam, nao precisa ter atitude, é isso que tava pensando

576.mas entao nao é bem assim

Lucas:

577.elas atacam no sentido de provocar, por exemplo de falar para o amigo do cara que

578.ela tah super afim

Antonio:

579.todo mundo se ronda, quem se manifestar primeiro pega

Marcelo:

580.sim

João:

581.elas dao o sinal se o cara nao parte pra cima elas tentam outro

Marcelo:

582.as vezes é bem dificil perceber o sinal

Antonio:

583.éééé hahaha

Moderadora:

584.hahahahah

Antonio:

585.bem dificil mesmo

Lucas:

586.fica difícil se o cara nem olha pra guria

João:

587.as vezes é um simples piscar de olhos mas tu ta bebado e nao ve

588.hehe

Antonio:

589.hahahahahahahahah

Moderadora:

590.ahahahahha

Lucas:

591.acho que bebado o cara enxerga mais

Marcelo:

592.no meu caso nem bebado perceberia hahaha

João:

593.depends pra onde ta olhando

Antonio:

594.o bebado enxerga o que não aconteceu... se deu sinal ou não, ele vai pra cima

Lucas:

595.é que o cara bebado perde a vergonha, dai ele sai e pega a guria. dai ele acha que ele

596.sempe tem que tá bebado pra pegar mulher, pq não consegue são

João:

597.alcool é vida!

Antonio:

598.o não-bebado fica pensando: será que isso é o sinal... mas se não for

Marcelo:

599.siiiiiiiiim

Moderadora:

600.E como é isso que o Lucas e vcs tavam relatando com mulher?

601.Alguém lá dando sinais e ela nao percebe

Antonio:

602.e até ele terminar de pensar acaba a festa

Lucas:

603.guria também faz isso se o cara demora, mas sempre é um guri que ela persegue a

604.tempos.

605.na maioria das vezes

Marcelo:

606.acho que isso de sinais e tal é mais com homens que acontece

João:

607.eu acho q a mulher tem mais facilidade de lidar com a situação pq se uma mulher não

608.entende um sinal é por q ela nao tava interessada mas se é um homem foi falta de

609.iniciativa

Marcelo:

610.eu pelo menos sou péssimo em sinais

João:

611.a pressao ainda existe sobre homens

Moderadora:

612.heheheh

613.mas a mulher que nao tem atitude perde o cara?

Antonio:

614.foi o que eu disse no inicio... o homem se sente pressionado pelo meio! é o

615.determinismo de balada

Marcelo:

616.acho que se o cara quer ela, ela não perde, na maioria

João:

617.pode ate perder o cara mas ninguem vai esfregar isso na cara dela ao contrario do

618.homem

Moderadora:

619.mesmo sem atitude?

Marcelo:

620.sim, pois a atitude ta muito mais atribuida ao homem

Lucas:

621.pq se invertem os papeis

622.a guria tem que tomar a atitude e o guri fica esperando ela

João:

623.eu acho q se a mulher for pra cima dum cara com tudo o cara com o minimo esforço

624.alcança o paraíso

Lucas:

625.seria taxado de bicha ainda por cima

João:

626.é tem isso tbm...se uma mulher nao vai pra cima de ninguem é normal, mas se um

627.cara faz isso é pq é gay

Antonio:

628.o cara aceita qualquer atitude da mulher.... mas a mulher nem sempre aceita a do

629.homem... isso que faz o cara não querer arriscar

João:

630.nossa sociedade é ridicula mesmo

Marcelo:

631.sim

Moderadora:

632.o cara aceita qq atitude da mulher?

Antonio:

633.se a mulher chega nele... é muito raro de ele não querer

Lucas:

634.tá, mas o mesmo serve pra mulher

Marcelo:

635.se ele nao quiser corre o risco de ser ridicularizado

João:

636.acho q qualquer atitude nao...pq dependendo do q a mulher fizer vai ser chamada de

637.vagabunda...se bem q tem umas ai q nem se importam com isso

Lucas:

638.pq o cara não vai querer a mulher, talvez porque ela é feia ou chata.... mesma coisa

639.com a mulher não querer o cara

Moderadora:

640.de vagabunda?

641.elas tb correm um risco entao

Marcelo:

642.acho que é menor do que no homem

643.se for recorrente ela dar em cima dos caras, pode ser que sim

Antonio:

644.corre, mas parece que a mulher pode escolher se quer ou não sem depois ficar com

645.uma imagem diferente

João:

646.entendamos assim: o homem é o caçador e a mulher é a caça (passado) ; hoje o

647.caçador tem medo de caçar e a caça faz tudo pra ser caçada...concordam?

Antonio:

648.nao sei se é pra tanto, mas acontece

Lucas:

649.visita a toca da onça então

Marcelo:

650.100% não

Antonio:

651.oktober, toca da onça... dicas do Lucas hahahaha

Moderadora:

652.ahahahahah

Marcelo:

653.sabedoria de boteco

João:

654.mas alguns caçadores nao se sentem a vontade com isso e acabam nao sabendo o q fazer

Este excerto provém do grupo focal *on-line* composto por cinco homens (2 estudantes de Jornalismo, 2 de Psicologia e 1 de Museologia). As passagens e o excerto na íntegra são uma reprodução da transcrição automaticamente gerada pelo MSN. Os participantes que estudavam Jornalismo e Museologia eram colegas em uma disciplina, assim como os que eram alunos de Psicologia, havendo, portanto, certa familiaridade entre eles. A discussão nesse grupo focal durou aproximadamente 1 hora e 30 minutos.

Frente à pergunta inicial da moderadora acerca da influência do gênero na sexualidade, a primeira reação dos jovens participantes é opinar que, caso isso ainda ocorra, é



muito menos frequente e intenso do que costumava ser em outras épocas. Em seguida, eles passam a falar sobre a influência dos grupos e da sociedade no comportamento das pessoas. Quando Lucas afirma que apenas indivíduos inseguros agem conforme o esperado, os outros participantes discordam ligeiramente. A moderadora, então, tenta se aproximar do grupo e retomar o tópico investigado. Para tal, pergunta aos componentes se eles acham que se espera o mesmo de homens e mulheres no que se refere à sexualidade, utilizando o pronome “nós” para se incluir no grupo (“*vcz acham isso tb, que nós esperamos o mesmo de homens e mulheres em termos de sexualidade?*” linhas 451-452).

Esse é o começo do trecho aqui analisado. Inicialmente, os participantes argumentam que, atualmente, as expectativas em relação às sexualidades de homens e mulheres são as mesmas, uma vez que as últimas têm mais liberdade hoje em dia. Para embasar essa opinião, comentam que as mulheres estão, cada vez mais, saindo com vários homens sem serem definidas como “*vagabunda*” (459) e tomando a iniciativa no flerte (“*abertas a partirem pro ‘ataque’*” linha 456). Lucas, então, propõe uma explicação diferente, a saber: “*elas partem para o ataque porque os guris não tem mais atitude*” (472). De acordo com Schmidt (2010; 2011), “ter atitude” é uma expressão relativa a um atributo individual, que se manifesta na relação com outras pessoas e no modo de se viver a vida. Por dizer respeito a uma prontidão para a ação, ser ativo, ter coragem e gênio forte, tal atributo está vinculado a características esperadas dos jovens e dos homens, não das mulheres.

A seguir, Lucas inicia uma narrativa hipotética sobre um “cara” sem atitude, que passa a ser coconstruída pelo grupo. Tal narrativa, no entanto, não tem um desfecho, uma vez que se transforma em um breve relato de uma experiência pessoal de Lucas. A partir desse momento, fica aparente a negociação dos significados associados às sexualidades de homens e mulheres, já que o trecho analisado termina com opiniões contrárias àquelas emitidas anteriormente. O grupo acaba argumentando que existem diferentes expectativas em relação às sexualidades de homens e de mulheres e que ambos são menos livres do que se acredita.

#### Análise dos posicionamentos dos personagens:

##### Ações dos personagens:

Três personagens principais são apresentados neste trecho: o “*cara*” (490), que é um homem genérico, a “*guria*” (489) ou “*mulher*” (489), que é uma mulher genérica, e Lucas. Outros personagens são mencionados: outra “*guria*” (569) – que Lucas perdeu por não ter atitude –, o primo dela, outro “*cara*” (562) – que teve atitude – e as pessoas em geral.

A mulher genérica não é caracterizada explicitamente pelo grupo, mas suas ações dão indícios de como ela é posicionada. Tal mulher é colocada em uma posição ativa, uma vez que diversas ações partem dela (*“a mulher as vezes provoca o cara, persegue ele na festa, chama a atenção dele”* linha 501; *“ela fica olhando, ela joga uma conversa”* linha 515). Contudo, a construção da narrativa revela que não se espera esse tipo de comportamento da personagem; essas ações são a alternativa que lhe resta. Isso se depreende de passagens como *“[histórias] de que os guris não tem atitude, que a mulher tem que ir atrás”* (489) e *“o cara não toma atitude, ou não ‘percebe’ dai ela acaba partindo pro ataque”* (507). O uso de expressões como “tem que” e “daí”, esta última seguida de “acaba”, sugere que a posição ativa da personagem decorre do posicionamento passivo do personagem homem. Isso fica mais claro ao se observarem as posições do cara, que levam a guria a atacá-lo, como uma última opção.

O cara é colocado em uma posição passiva, ele é o receptor das ações, diante das quais se mantém inerte. Nota-se, todavia, que essa não é a posição esperada em relação ao personagem, pois as características a ele associadas não são atributos valorizados em um homem. Suas ações o posicionam como alguém inseguro, que não sabe como agir ao flertar ou ao estar diante de uma mulher que parece interessada, além de o colocarem na posição de quem não tem muita experiência em relações amorosas (*“o cara fica rodeando a noite toda mas não toma atitude por não saber direito o que ela vai dizer”* linhas 495-496; *“o cara ou não entende ou não sabe muito o que fazer”* linhas 515-516; *“ele não age”* linha 538; *“ele não trova ela, muitas vezes nem fala com ela”* linha 539).

Lucas também é um personagem do qual se espera um posicionamento ativo. Merecem atenção o modo como ele se posiciona e as posições em que o grupo o coloca, pois nesse processo aparecem negociações do gênero enquanto uma influência na sexualidade. Em sua construção de si mesmo como um personagem, ao invés de se colocar explicitamente na posição de um homem sem atitude, Lucas posiciona-se, por meio de suas ações, como uma pessoa temporariamente sem atitude. Segundo seu relato, em uma determinada situação, e em um momento pontual dessa situação, ele não teve atitude. Na passagem *“eu não tinha chegado nela e o cara chegou antes, teve atitude, o que eu não tive”* (562-563), o tempo verbal da primeira oração e o advérbio de tempo “antes” dão ideia de que Lucas estava prestes a tomar a iniciativa, porém, demorou demais. Isto é, ele se posiciona como alguém que não teve atitude em uma situação específica e por falta de tempo.

Entretanto, em meio à coconstrução da narrativa, essa posição de Lucas é renegociada. Logo depois da sua referida participação, a opinião de Marcelo desestabiliza,

momentaneamente, a certeza de que a mulher estivesse realmente interessada em Lucas (*“acho que as mulheres querem atitude também”*, *“elas rondam e tal, mas é o cara que tem que perceber e tomar a iniciativa”* linhas 567-568). Ao colocar as mulheres, em geral, em uma posição mais ativa, de quem deseja algo, Marcelo pode estar sugerindo que Lucas não tenha perdido aquela mulher por uma questão de tempo, mas pela simples falta de interesse dela.

Essa hipótese é reforçada a seguir, quando Marcelo recoloca as mulheres em uma posição mais passiva. Dado que a ação de tomar a iniciativa não corresponde às mulheres, cria-se a possibilidade de que a personagem tenha se desinteressado por Lucas por ele ser um homem que não percebe os sinais de uma mulher e não tem iniciativa. Essa posição em que Lucas é colocado é rapidamente abandonada, já que ele próprio acrescenta que, passado um tempo, ele teve atitude e que o primo da mulher mencionara que ela estava interessada nele.

Assim, tal qual o cara genérico, Lucas não age da maneira esperada para um homem, mas luta para não ser colocado em uma posição passiva. Diferentemente dos homens que não agem ao flertar, Lucas termina o trecho em análise como um personagem que simula não estar interessado ou que dá trabalho para ser conquistado. Ele usa a expressão *“fiquei me fazendo”* (569) para definir sua ação. Esta é uma versão mais curta da expressão *“fazer-se de difícil”*, comumente usada em situações de flerte (DPEnglish, 2013). Dessa forma, ele se distancia da posição de inseguro, tímido ou medroso.

Ao mesmo tempo, a participação de Marcelo, reposicionando as mulheres como passivas, também abre espaço para o questionamento das posições em que estas são tradicionalmente colocadas. Após a opinião de Marcelo, João recoloca as mulheres em uma posição mais ativa. De acordo com o participante, embora elas emitam sinais para que os homens entendam seu interesse e, então, tomem a iniciativa, *“se o cara nao parte pra cima elas tentam outro”* (581).

Além desses personagens, é importante mencionar as pessoas em geral. Estas, também chamadas de sociedade e de grupo, são referidas, na maior parte do trecho analisado, por meio do uso de sujeito oculto ou sujeito indeterminado, como em *“por medo do que vão dizer se ele pegar ou não”* (534-535). As pessoas pressionam os homens a ficar com mulheres, zombando deles quando não o fazem e os considerando covardes se eles não têm atitude. O grupo ou a sociedade também pressiona as mulheres a não serem promíscuas e a não tomarem a iniciativa de maneira explícita no flerte. Porém, essa pressão, segundo os participantes, é muito menos intensa do que a sofrida pelos homens.

### Caracterizações dos personagens:

Poucas características são atribuídas diretamente aos personagens das narrativas; estes são caracterizados principalmente por meio de suas ações. Há referências explícitas a características do cara, o homem genérico. Este é diretamente caracterizado como uma pessoa que “*não tem atitude*” (521), o que é reforçado pelas qualidades implicitamente atribuídas a ele. Na coconstrução das narrativas aqui analisadas, o personagem é posicionado como medroso e inexperiente ao flertar com uma mulher. Nessa situação, ele não sabe o que fazer e “*tem medo de fazer tudo*” (531): “*chegar, conversar, relacionar e também falar bobagem*” (540). Além disso, o homem genérico é implicitamente posicionado como inseguro, já que ele também teme que, caso não consiga desenvolver o flerte e ficar com a mulher, as pessoas pensem que “*ele talvez não seja ‘homem’ o suficiente, que ele seja medroso*” (530). Essas características vão de encontro ao modelo de homem ideal na cultura brasileira, que envolve ser corajoso, autoconfiante e ser experiente no campo da sexualidade (Louro, 2004; Heilborn, 1998; 2006; Leal & Knauth, 2006; Sefton, 2006).

Em relação à mulher ou à gurria genérica, há a possibilidade de ser diretamente caracterizada como vagabunda, no caso de ela seguidamente “*dar em cima dos caras*” (643). Isso está de acordo com a caracterização explícita da mulher como uma caça a ser caçada pelos homens, como definiu João. Tal posição de passividade em termos sexuais é típica da feminilidade hegemônica (Bordini & Sperb, 2012; Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; Neves, 2007; D. B. Santos & Silva, 2008). No entanto, a análise do trecho em questão revela a flexibilização dessa posição tradicional. O próprio João indica que a passividade da mulher é algo do passado, já que, atualmente, “*a caça faz tudo pra ser caçada*” (647), o que coloca a mulher genérica em uma posição mais ativa.

Ademais, há a relativização da ideia de que as mulheres formam um grupo homogêneo. João ressalta que existem mulheres que não “*se importam*” (637) com a possibilidade de serem chamadas de vagabundas. Ou seja, algumas mulheres estão se comportando de maneira diferente da imposta pelos padrões de gênero, embora estes ainda se façam presentes. A mulher genérica, porém, é mantida em uma posição mais passiva em relação ao homem, o que a leva a, ainda hoje, ser criticada quando manifesta explicitamente sua sexualidade.

### Análise dos posicionamentos do narrador perante seus interlocutores:

Pouco antes da narrativa em si, já se identifica um elemento narrativo. Uma vez que os participantes estavam cientes de que a moderadora, enquanto pesquisadora, iria analisar as

histórias produzidas no grupo focal, o enunciado de Lucas – *“já cansei de ouvir essa história”* (480) – pode ser considerado como um anúncio de que uma narrativa estava por vir. Sabe-se a que tipo de história ele está se referindo, pois, momentos antes, ele falava de homens que não têm atitude e daqueles que têm, sublinhando que os últimos são os que conseguem ficar com mais mulheres (*“o cara que tem atitude na festa pega bem”* linha 474).

Toma-se o enunciado *“já cansei de ouvir essa história”* (480) como um prefácio (Sacks, 1974), pois, apesar de ser produzido por uma única pessoa, cria uma oportunidade para que os outros membros do grupo participem da construção da narrativa (Lerner, 1992). De fato, após o estímulo da moderadora para que contasse a história mencionada, Lucas dá início ao relato e, em seguida, Antonio, Marcelo e João, nesta ordem, colaboram no desenvolvimento da narrativa. É interessante que, além de coconstruir a narrativa, o grupo, de forma interativa, faz com que esta seja contável, como explicam Bamberg e Georgakopoulou (2008).

No começo do trecho em questão, o grupo concorda quanto à ideia de que a sociedade ou as pessoas em geral têm as mesmas expectativas em relação aos homens e às mulheres em termos sexuais. Entretanto, ao contar a história sobre o cara e a mulher genéricos, o grupo negocia os significados atribuídos às sexualidades de homens e de mulheres. Nesse processo de negociação, a equivalência de expectativas é explicada pela falta de atitude dos homens na atualidade. Estes não teriam mais atitude como tinham antes porque têm medo do que as pessoas pensarão e falarão sobre eles, caso não façam aquilo que se supõe que devem fazer.

As dificuldades envolvidas no ato de flertar com mulheres podem ser um tema delicado para um grupo de jovens homens. Portanto, provavelmente seria mais conveniente para o grupo encerrar essa narrativa, como João procura fazer, ao retomar a ideia de que se esperam os mesmos comportamentos e atitudes de homens e mulheres, hoje em dia (*“só voltando ao assunto principal, eu acho q hj é esperado tanto do homem como da mulher a mesma coisa em termos de sexualidade, ou seja se espera de tudo...o mundo mudou a sociedade mudou as pessoas hj estao muito mais livres e podem fazer o q bem entender”* linhas 541-544). Assim, parece que essa narrativa deixa de ser contável para o grupo e que os participantes alinham-se ao homem genérico sem atitude. Como este, o grupo se coloca na posição de quem teme a exposição de falar sobre situações de flerte, preferindo ficar *“quieto”* (559) para *“despista-la”* (559).

Contudo, na sequência, Lucas coloca-se na posição de quem tem atitude, fazendo um movimento contrário ao grupo. Ele narra uma situação pessoal sobre o mesmo tema da história anterior, mas com detalhes particulares. Em tal narrativa, ele se coloca como um

personagem que perde uma mulher por não ter atitude. Ainda que haja pouca contribuição dos participantes à construção da história e que ninguém peça explicitamente para que Lucas siga seu relato, as reações do grupo revelam que a narrativa é contável. Essas reações estimulam a continuidade da história e incluem: uma explicação de Antonio (“*teve a atitude que faltou no outro*” linha 566), a opinião de Marcelo de que se supõe que o homem perceba os sinais da mulher e tome a iniciativa, bem como uma revelação pessoal de Antonio sobre o mesmo tópico, o que o aproxima de Lucas (“*eu ja perdi chance e depois fiquei sabendo que ela também tava afim... perdi por rateada*” linhas 572-573).

Esta participação de Antonio muda o rumo da interação. Ao mesmo tempo em que ele se aproxima de Lucas, Antonio automaticamente alinha Lucas à sua autocaracterização como bobo, já que “ratear” significa vacilar ou bobear (Dicionário Informal, n.d.). Neste ponto, Lucas desiste de contar sua história e de sua posição de narrador, possivelmente porque estar sob os holofotes, enquanto personagem, coloca-o na desconfortável posição de bobo, sem atitude e desinteressante para uma mulher. Desse modo, ele parece preferir não fazer nada, como fez como personagem.

Entretanto, os outros participantes tomam essa confissão de um vacilo ou de um fracasso pessoal como uma oportunidade de revelar o quão difícil é para eles identificar os sinais que as mulheres emitem aos homens para que tomem a iniciativa no desenvolvimento do flerte – já que essa é uma tarefa deles. Marcelo, Antonio e João destacam o quanto isso é complicado, até que Lucas, não mais como narrador, posiciona os homens como culpados por tais dificuldades, que se devem à sua falta de atitude (“*fica difícil se o cara nem olha pra guria*” linha 586). Deste ponto em diante, o grupo envolve-se em uma conversa bem-humorada sobre a relação entre estar bêbado e reconhecer os sinais emitidos pelas mulheres.

Na sequência, os participantes discutem sobre as diferentes expectativas quanto às sexualidades de homens e mulheres. Nessa discussão, eles se afastam de uma posição ativa, pois atribuem à sociedade ou às pessoas em geral tais expectativas desiguais. Dessa forma, homens e mulheres são colocados na posição passiva de vítimas. Além disso, por meio dessa generalização, os participantes colocam a si mesmos – e, por conseguinte, os homens – e as mulheres em duas categorias internamente homogêneas, mas heterogêneas entre si, como explica Scott (1995). Ao final do trecho analisado, é produzida a coda da narrativa (Labov & Waletzky, 1967): “*entendamos assim: o homem é o caçador e a mulher é a caça (passado) ; hoje o caçador tem medo de caçar e a caça faz tudo pra ser caçada...concordam?*” (646-647).

Em relação às posições dos membros do grupo perante a moderadora, percebe-se que eles agem de modo cortês e escrevem de maneira correta, algo incomum na interação entre jovens em um ambiente *on-line* (Castro & Porto, 2009). Isso pode ser entendido como uma tentativa dos participantes de se posicionar como homens maduros, já que estavam cientes de que os grupos focais estavam sendo conduzidos apenas com pessoas no final da adolescência (este foi o termo usado pela pesquisadora ao recrutar os participantes). De fato, no geral, somente dois dos componentes usam uma linguagem mais livre, com gírias e expressões idiomáticas. Estes são Lucas e João, justamente aqueles que se colocam em uma posição mais questionadora ou desafiadora.

Além disso, ao se considerarem as questões de gênero, parece que as posições desses participantes homens diante da moderadora estão relacionadas às posições que eles julgam ideais em tal situação. Frente a uma moderadora mulher, que investiga gênero e sexualidade, eles se posicionam de um modo socialmente desejável em um momento histórico e em uma cultura em que o tópico da igualdade é importante (Nagel, 2003), como mostra a resposta dada por João: *“nao sei se entendi bem a pergunta. mesmo assim tentarei responder... se estas te referindo ao fato de por exemplo uma mulher ser tachada de vagabunda por sair com varios homens e o homem q sai com varias mulheres ser enaltecido como macho...é por ai? pois se é ja acredito q isso nao exista mais no grande grupo”* (458-461).

Tal qual explica Nagel (2003) em relação ao discurso da igualdade em voga atualmente, na participação de João, há uma rejeição da existência de diferenças entre os indivíduos, o que encobre o papel das diferenças fisiológicas, neurológicas, religiosas, culturais, econômicas e políticas na exclusão social. No entanto, no decorrer do trecho analisado, ocorre a relativização dessa suposta equivalência entre o que se espera da sexualidade de homens e mulheres. Ainda assim, a posição de participantes solícitos é mantida pelos membros do grupo, que correspondem à agenda de pesquisa da moderadora sempre de modo educado e nunca depreciativo em relação às mulheres.

#### Análise dos posicionamentos em relação aos padrões de gênero e sua influência na sexualidade:

Diferentemente de Bamberg e Georgakopoulou (2008), neste trabalho, não se busca investigar as identidades dos participantes em relação aos discursos e ideologias dominantes. A ênfase aqui recai sobre os significados associados ao masculino e ao feminino que os participantes apresentam, ao longo da discussão, como relevantes para a sua interação no

grupo focal, bem como sobre o modo como tais significados confirmam, desafiam e flexibilizam os padrões de gênero e sua influência na sexualidade.

No início do trecho analisado, os participantes concordam com a ideia de que, hoje em dia, as expectativas sociais em relação às sexualidades de homens e mulheres são as mesmas. Isso vai de encontro aos padrões hegemônicos de gênero, que envolvem a ideia de uma suposta essência feminina/masculina e de uma oposição natural entre ambas (Scott, 1995). Os personagens apresentados na primeira narrativa mostram essa mudança na manifestação das sexualidades de homens e mulheres, já que estas ora atacam – para utilizar as palavras dos participantes –, ora esperam que os homens tomem a iniciativa, enquanto eles ora têm atitude no flerte, ora não têm.

Para argumentar sobre a equivalência entre as expectativas quanto às sexualidades de homens e mulheres, o grupo se utiliza de um repertório interpretativo que poderia ser intitulado “*hoje o caçador tem medo de caçar e a caça faz tudo pra ser caçada*” (646-647). Como, atualmente, as mulheres “*têm muito mais liberdade*” (550), elas estão desempenhando um papel tido como masculino: o de partir para o ataque. Há, então, uma maior liberdade, dado que a mulher pode se comportar de um modo que, antes, era permitido somente ao homem. Elas podem, por exemplo, tomar a iniciativa no flerte e se relacionar com várias pessoas. Nota-se, inclusive, que termos usualmente empregados para descrever comportamentos masculinos, como “ataque” e “caça”, são utilizados para se referir aos comportamentos sexuais das mulheres. Ocorreram, então, mudanças, uma vez que há uma maior aceitação de comportamentos mais ativos por parte da mulher no campo da sexualidade.

No entanto, a explicação fornecida por esse repertório interpretativo para tais mudanças revela que não há equivalência entre as expectativas quanto às sexualidades de homens e mulheres. Estas partiriam para o ataque porque “*os guris não tem mais atitude*” (472), então elas têm que “*ir atrás*” (489). Mesmo assim, não há uma aceitação do posicionamento ativo da mulher no âmbito da sexualidade. Como explicam os participantes, “*dependendo do q a mulher fizer vai ser chamada de vagabunda*” (636-637), por exemplo, “*se for recorrente ela dar em cima dos caras*” (643). Isto é, a maior liberdade não significa que homens e mulheres são aceitos e valorizados por se comportarem da maneira que lhes apraz.

Na sequência, fica claro que se espera que os homens tenham um papel mais ativo e que as mulheres tenham um papel mais passivo ao flertar, tal qual Miranda-Ribeiro e Moore (2003), D. B. Santos e Silva (2008) e Neves (2007) apontam. Ademais, há indícios de que a



posição ativa de uma mulher é mais aceita do que a posição passiva de um homem, como já haviam observado Bordini e Sperb (2013). Tanto é assim que o grupo não se concentra na personagem mulher ativa. É o homem sem atitude, criticado por esse posicionamento, que se torna o centro da discussão. O grupo foca-se na negociação dos significados associados à ausência de um posicionamento ativo na sexualidade masculina.

Identificam-se diversos repertórios interpretativos para explicar a referida falta de atitude dos homens na contemporaneidade. Dois deles assinalam o medo como motivo para isso. Conforme o primeiro repertório interpretativo do qual o grupo lança mão, os homens deixam de ter atitude na tentativa de preservar a sua imagem. Eles não tomam a iniciativa por *“medo do que vão dizer se ele pegar ou não”* (534-535), *“do que vão falar dele se ele não conseguir”* (518). Como mostraram Saavedra et al. (2010), a valorização da experiência sexual faz com que os homens tenham medo de ser mal avaliados em termos do seu desempenho. De fato, segundo os jovens participantes, caso o homem tome a iniciativa no flerte e não seja correspondido, as pessoas podem ridicularizá-lo por achar que *“ele talvez não seja ‘homem’ o suficiente, que ele seja medroso”* (530). Aqui se sobressai a importância do grupo de pares como parâmetro para o homem jovem, uma vez que *“se o cara não conseguir, vai ficar deslocado se o grupo consegue”* (524) – algo que Bordini e Sperb (2012) já haviam encontrado.

Todas essas críticas ao homem que é rejeitado por uma mulher revelam que o papel ativo na sexualidade ainda é associado ao homem. As próprias expressões usadas para descrever as ações dos personagens indicam isso, pois, enquanto o homem *“pega”* (474) e *“trova”* (539) a mulher, *“parte pra cima”* (581), as mulheres *“rondam e tal, mas é o cara que tem que perceber e tomar a iniciativa”* (568). Logo, se uma mulher não toma a iniciativa, não há consequências negativas para ela como haveria para o homem. Em uma situação afim, isso provavelmente seria explicitamente cobrado do homem e ele *“seria taxado de bicha”* (625). De maneira similar, outro repertório interpretativo identificado também atribui a falta de atitude dos homens ao medo, neste caso, de não saber como se comportar no flerte: *“o cara ou não entende ou não sabe muito o que fazer”* (515-516), *“ele tem medo de chegar, conversar, relacionar e também falar bobagem”* (540), *“nao conseguir na hora desenvolver uma conversa”* (552). Novamente, portanto, se observa a associação entre ser homem e ser ativo.

Por outro lado, um terceiro repertório interpretativo explica a falta de atitude dos homens como decorrente da *“força da mulher”* (483-484) contemporânea, que faria os homens se sentirem intimidados e acuados. Isso sugere uma dificuldade dos homens em abrir

mão da tradicional associação masculinidade-atividade. Há também a explicação que atribui a falta de atitude ao comodismo. Segundo tal repertório interpretativo, dado que a mulher passou a ter mais iniciativa no flerte, o homem não precisa agir, pode ficar *“esperando por ela”* (488). Já outro repertório interpretativo relaciona a falta de atitude dos homens a características específicas da pessoa ou da situação, como timidez, não estar à vontade em certas situações, falta de confiança em alguns momentos, dificuldade em perceber os sinais de interesse emitidos pela mulher.

Assim, embora, ao final do trecho em análise, o grupo sugira que os homens ainda não estão socialmente autorizados a ocupar uma posição passiva ou, simplesmente, não ativa (*“se uma mulher nao vai pra cima de ninguem é normal, mas se um cara faz isso é pq é gay”* linhas 626-627), existe uma discussão sobre os motivos pelos quais um homem se posicionaria de tal modo. Ou seja, por meio da construção de um “cara” genérico, esses jovens negociam diferentes posições para os homens.

Por fim, nota-se que nenhum dos repertórios interpretativos empregados toma a característica de ter atitude como algo natural do homem. Ao contrário, as mulheres podem ter atitude, hoje, justamente porque isso é algo aprendido e que pode ser exercitado: *“o cara tem que ir em oktoberfest, dai perde esse medo”* (526), *“ele vai numa festa dessas que tudo parece mais facil e cria atitude”* (531-532). Considerando-se a atitude como uma característica adquirida, destaca-se um repertório interpretativo que explica uma das funções da bebida alcoólica para os jovens homens: facilitar a tomada de iniciativa no flerte. De acordo com esse repertório, o homem bêbado interpreta todas as ações das mulheres como um sinal de que estão interessadas, o que o leva a tomar a iniciativa. Por outro lado, aquele que não está bêbado perde tempo demais cogitando se uma determinada ação da mulher é ou não um sinal. Ocorre, então, que *“o cara bebado perde a vergonha, dai ele sai e pega a guria. dai ele acha que ele sempre tem que tá bebado pra pegar mulher, pq não consegue são”* (595-596).

Ainda que a referida atitude não seja construída como uma característica inata ou privativa dos homens, chama atenção a força da heteronormatividade no trecho analisado. Mesmo que a noção de papéis complementares do homem e da mulher em termos de sexualidade esteja sendo posta em questão e até mesmo relativizada em algumas situações, a heterossexualidade ainda é o padrão. Ao falar sobre o que as pessoas esperam da sexualidade dos homens e das mulheres, o grupo fala sobre sexualidades de homens e mulheres heterossexuais e destaca que ser rotulado como homossexual ainda é uma ofensa para os homens, como já haviam encontrado Bordini e Sperb (2012).

#### **2.4 Síntese das análises dos três trechos narrativos dos grupos focais *on-line***

Os grupos focais *on-line* negociam a influência do gênero na sexualidade em relação à manifestação da sexualidade na mulher e no homem e à homossexualidade em uma mulher. O grupo misto *on-line*, por exemplo, negocia as expectativas sociais e as pressões sofridas por homens e mulheres quanto à manifestação de suas sexualidades, mais especificamente, ao ficar com várias pessoas. Inicialmente, é apresentada uma personagem mulher posicionada como fácil ou promíscua e, por conseguinte, socialmente mal vista. Ainda assim, esta personagem é colocada em uma posição ativa, ao contrário do que impõem os padrões hegemônicos de gênero. No entanto, a força da norma heterossexual se faz presente, uma vez que o grupo negocia tal posicionamento, por meio da inserção de um personagem homem na narrativa, em uma posição complementar à da personagem mulher. Dois repertórios interpretativos são utilizados: um que coloca o homem como um ser ativo, fonte das ações e que usa as mulheres, e outro que coloca a mulher como um ser passivo, receptor das ações e, portanto, um objeto dos homens.

Essa complementaridade de posições decorrente do binarismo de gênero, típico do padrão heteronormativo, é negociada a seguir. Primeiramente, inverte-se a posição do homem e da mulher. De fato, os repertórios interpretativos aqui identificados mostram outra complementaridade entre a sexualidade de homens e mulheres. O homem, quando promíscuo, também é mal visto. A contrapartida disso é o posicionamento ativo da mulher em termos sexuais, que desconsidera esse homem para uma relação mais séria. No entanto, essa mulher, ainda que ativa, não “usa” os homens promíscuos. O grupo ressignifica o tópico da influência do gênero na objetificação sexual das pessoas, pois usar alguém passa a ser uma questão pessoal e não de gênero.

Na sequência, a influência do gênero na manifestação das sexualidades segue sendo negociada. Após o anúncio de que seria relatada uma história sobre uma mulher que pensa como homem em termos de relacionamento, o que se apresenta, no entanto, é uma personagem mulher, hipersexualizada, sem orientação sexual definida e que tem seus comportamentos homossexuais aceitos pelo parceiro homem. Essas posições distanciam-se das posições tradicionalmente atribuídas a homens e mulheres em termos sexuais, sobretudo pela relativização da dominante heterossexualidade de tipo monogâmico.

O grupo de mulheres (apresentado no corpo da tese) negocia a influência do gênero sobre a expectativa quanto à direção dos desejos e interesses sexuais das pessoas. Mais especificamente, negociam-se os significados associados à homossexualidade em uma

mulher. Segundo as participantes, a sexualidade homossexual em uma mulher é socialmente mais aceita e até considerada um fetiche, mas apenas quando a lésbica é feminina. Assim, a igualdade na intensidade do preconceito sofrido por homossexuais mulheres e homens existe somente quando as mulheres homossexuais têm aparência masculina. Com isso, a importância do gênero na construção dos significados associados às sexualidades é negociada.

Mediante a apresentação de uma personagem mulher definida como lésbica, masculina e vítima de discriminação, o foco do preconceito fica dúvida: não se sabe se é a homossexualidade da personagem, a aparência masculina em uma mulher, ou ambas. Chama atenção o repertório interpretativo usado para caracterizar o masculino e o feminino, que questiona o essencialismo de gênero. Segundo tal repertório, as características associadas ao masculino e ao feminino não são inatas ou fisiológicas, pois podem ser adquiridas. A relativização da complementaridade de papéis característica do modelo heteronormativo é realizada por meio da apresentação de uma lésbica feminina que sente atração por mulheres também femininas. No entanto, o binarismo do gênero – nesse caso, a expectativa de que se encontrem certos atributos em uma mulher – parece ser mais difícil de ser flexibilizado do que a relação gênero-desejo, já que a personagem da narrativa é posicionada como alvo de discriminação por ser uma lésbica masculina e não apenas uma lésbica.

O grupo de homens negocia as expectativas e pressões sociais que homens e mulheres sofrem quanto à manifestação de suas sexualidades, mais especificamente, ao tomar a iniciativa durante o flerte. Embora o grupo inicie o excerto com o argumento de que as expectativas em relação às sexualidades de homens e mulheres são as mesmas – pois as mulheres estão, cada vez mais, tomando a iniciativa no flerte – essa opinião é relativizada ao longo da interação grupal. Tal negociação é posta em movimento por meio do seguinte repertório interpretativo, oferecido como explicação para essa mudança de posicionamento das mulheres: elas tomam a iniciativa porque os homens deixaram de fazê-lo.

Há uma negociação dos significados associados aos homens e às mulheres em uma situação de flerte. Hoje, a mulher pode se posicionar ativamente, o que antes era direito exclusivo do homem. Nesse sentido, termos usualmente empregados para descrever comportamentos masculinos no flerte são empregados para posicionar as personagens mulheres. Entretanto, o repertório interpretativo utilizado para explicar esse posicionamento ativo da mulher revela que ainda há uma expectativa de que, ao flertar, os homens tenham um papel mais ativo e as mulheres, mais passivo.

O padrão heteronormativo mostra aqui a sua força, pois, ao falar sobre o que as pessoas esperam das sexualidades dos homens e das mulheres, o grupo fala sobre

sexualidades de homens e mulheres heterossexuais, cujas posições esperadas são complementares. De acordo com o grupo, um posicionamento contrário ao que pregam os padrões hegemônicos de gênero é mais aceito no caso da posição ativa de uma mulher. Assim, fica claro que os significados associados às sexualidades de homens são mais inflexíveis dos que aqueles associados às sexualidades das mulheres. Também fica evidente a pressão sofrida pelos homens em situações de flerte, dadas as diferentes expectativas em relação às sexualidades de homens e de mulheres.

### **3 Discussão geral das análises dos grupos focais presenciais e *on-line***

É importante ressaltar que as narrativas analisadas não são representantes exatos dos grupos analisados ou dos seus componentes. Tais narrativas foram escolhidas como ilustrativas de um dos diversos momentos em que se deu o processo de negociação da influência do gênero nos significados associados às sexualidades das pessoas. Além disso, vale salientar que tal processo ocorreu em um contexto específico: diante de um grupo de pessoas da mesma idade, alunos da mesma Universidade, em uma situação artificial proposta por uma pesquisadora adulta. Assim, as negociações aqui analisadas não são únicas nem definitivas.

Ainda assim, os resultados da análise de conteúdo temática (Anexo E) foram, em alguma medida, reiterados pelas análises de posicionamento. Não foram observadas diferenças nas narrativas elaboradas pelos grupos focais presenciais e *on-line*. A categorização das narrativas mostrou a forte influência do gênero, sobretudo, na manifestação da sexualidade, nas relações heterossexuais e nas homossexualidades. Tais achados não surpreendem, uma vez que esses campos da sexualidade envolvem aspectos fortemente influenciados pelos padrões hegemônicos de gênero (Jackson & Cram, 2003; Kulkarni, 2007; Marks & Fraley, 2007; Milnes, 2010) e estão ligados às relações afetivas e sexuais, tão importantes nessa fase do desenvolvimento dos participantes (Bee, 2003; Berk, 2010; Matos et al., 2005; Seiffge-Krenke & Connolly, 2010). Todas as narrativas aqui analisadas apresentaram marcas de heterossexismo e heteronormatividade, com destaque para o binarismo de gênero que lhes é característico.

No entanto, por fornecer um dado estático, a categorização das narrativas não deu conta do processo de negociação em relação à influência do gênero na sexualidade, presente na interação entre os participantes. Já as análises de posicionamento e dos repertórios interpretativos permitiram acesso aos movimentos presentes nas interações em termos de

desafios, questionamentos, relativizações e reproduções quanto aos significados associados às sexualidades de homens e mulheres.

Tais análises também mostraram a presença dos padrões de gênero como importante influência no modo como as pessoas vivem suas sexualidades e naquilo que se espera das sexualidades delas. Contudo, revelaram mais do que isso. Os participantes negociaram a influência dos padrões de gênero nas sexualidades, ora os questionando, ora os relativizando e ora os reforçando. Em diversos momentos, as posições em que os componentes dos grupos colocaram os personagens e a si mesmos não reproduziram ou reforçaram o que tradicionalmente se espera das sexualidades de homens e de mulheres.

Mulheres insubmissas em um namoro e que tomam a iniciativa em termos sexuais, condenação da infidelidade em homens e mulheres, valorização da homossexualidade feminina e flexibilização da relação entre aparência de um gênero e direção dos desejos e interesses sexuais fizeram parte das disputas entre os diferentes significados associados às sexualidades de homens e mulheres, identificadas nas discussões analisadas. Isso enfatiza a importância da linguagem na negociação da influência do gênero nas sexualidades, confirmando que, por meio dela, pode-se oferecer resistência ao que está estabelecido e fixado (Butler, 1999), abrindo espaço para novos significados.

Chamou atenção que esse espaço para o novo foi identificado em ambos os contextos investigados. Como a tela do computador tornou-se um espaço de negociação de significados (Moita Lopes, 2010), esperava-se que o contexto virtual tivesse fomentado mais intensamente a produção de novos significados e a negociação dos padrões de gênero que vêm influenciando as sexualidades das pessoas. No entanto, identificou-se semelhança entre o conteúdo das discussões em ambos os contextos, o que Sirihal Duarte (2007) e Walston e Lissitz (2000) já haviam mencionado.

Além disso, contrariamente ao apontado por Bordini e Sperb (2011; 2012) e por Schneider et al. (2002), o formato das discussões no contexto *on-line* não foi tão distante do formato padrão das discussões presenciais. De fato, as narrativas elaboradas nos grupos presenciais, em geral, foram um pouco mais longas, completas e elaboradas do que aquelas produzidas nos grupos *on-line*, mas estas últimas não foram tão fragmentadas e entrecortadas por outros assuntos como descreveram os mesmos autores. É possível que isso seja consequência do número pequeno de participantes por grupo, que fazia com que cada pessoa tivesse mais tempo para elaborar suas participações sem ser interrompida com tanta frequência como acontece em grupos mais numerosos. Ademais, deve-se ter em mente que os grupos *on-line* foram conduzidos com todos os participantes localizados na mesma sala.

Assim, é possível que o anonimato – típico dos ambientes *on-line* e ao qual se atribui a maior facilidade dos participantes em revelar suas opiniões (Reid & Reid, 2005) – não tenha tido o mesmo efeito que costuma ter em ambientes totalmente virtuais.

Seguindo com o conteúdo das discussões nos diferentes contextos e nas diferentes composições grupais, tanto no contexto presencial, quanto no *on-line*, os grupos compostos apenas por homens foram os que demonstraram com mais intensidade a reprodução dos padrões hegemônicos de gênero no campo da sexualidade. Já os grupos mistos e os formados apenas por mulheres mostraram-se mais atentos e abertos à variabilidade dos significados associados às sexualidades.

Além disso, sublinha-se que, tanto nos grupos presenciais, quanto nos grupos *on-line*, os significados que se mostraram mais resistentes à relativização foram os que se referiam mais especificamente ao gênero e não à sexualidade. Isto é, encontrou-se uma cristalização maior da relação sexo e gênero do que da relação gênero e desejo sexual. Traços e gestos tidos como masculinos, quando apresentados por uma mulher, assim como traços e gestos tidos como femininos, quando apresentados por um homem, levam à reprodução de padrões de gênero. Aparentemente, ocorre uma tentativa de se reafirmar esses padrões, que, em tais casos, são automaticamente postos em cheque.

Diante de todo o processo de reconhecimento das outras orientações sexuais como válidas e do desencorajamento do preconceito explícito contra homossexuais, que vêm ocorrendo nas últimas décadas (Gato et al., 2010; Giddens, 2003), parece que já ocorreu certa flexibilização da relação entre gênero e desejo. A relação sexo-gênero, no entanto, mostra-se mais rígida. Embora algumas narrativas tenham sugerido que tal relação não é mais considerada tão direta – com a atribuição das diferenças entre os traços e gestos masculinos e femininos ao aprendizado, à opção e ao contexto – as produções dos grupos mostraram também a dificuldade de se construir um personagem cujo sexo não condiga com a aparência de gênero pressuposta.

No entanto, ressalta-se que esses resultados provêm de dados que não são naturais, uma vez que foram eliciados pela situação de pesquisa e pelas questões propostas especificamente para tal situação. Ainda que as narrativas tenham sido produzidas em interação, os dados não foram gerados de maneira totalmente anônima, o que sabidamente tem influência sobre as posições e interações das pessoas na internet. Tampouco se trabalhou com comunidades de afinidades, espaços que são típicos da *web 2.0*. Na *web 2.0*, a participação é mais livre e aberta, o que faz com que as comunidades de afinidades, como os *blogs*, sejam espaços de engajamento mais democrático e próprios à negociação de

significados. Esse é um importante contexto a ser utilizado em estudos sobre as negociações da influência do gênero na sexualidade. É o que faz o estudo 2, apresentado a seguir.



## CAPÍTULO III: ESTUDO 2

### **Gênero e sexualidade em uma discussão virtual sobre a Marcha das Vadias em um *blog* voltado ao público universitário**

O objetivo do presente estudo é investigar o processo de negociação da influência do gênero nos significados associados às sexualidades, empreendido por jovens universitários em um ambiente virtual. Considera-se que o gênero – ser homem, ser mulher – e a sexualidade – o modo como os indivíduos entendem e realizam seus afetos, prazeres e desejos – são construções históricas e culturais em permanente elaboração, instáveis e provisórias. Nas sociedades ocidentais, as definições acerca do que é ser homem e ser mulher influenciam as expectativas das pessoas sobre e o modo como vivem a sexualidade. Em geral, espera-se, por exemplo, que uma pessoa com características e comportamentos fora dos padrões do masculino ou do feminino apresente características e comportamentos fora dos padrões também no âmbito sexual (Guimarães, 2009; Heilborn et al., 2006; Louro, 2009).

Tal entrelaçamento entre gênero e sexualidade merece ser estudado na atualidade, já que, desde o final do século XX, fala-se que uma revolução sexual estaria em curso, envolvendo aspectos como uma maior permissividade sexual – principalmente para as mulheres (Giddens, 1993; Neves, 2007). Paralelamente, desponta o discurso da igualdade e, nesse contexto, proliferaram movimentos de protesto, como a Marcha das Vadias.

Esta, conforme G. Ferreira (2013), inicialmente teve lugar em Toronto (Canadá), desencadeada pela declaração de um policial que atribuiu o estupro de uma mulher à sua vestimenta. Por meio da comunicação virtual, esse movimento pelo combate à naturalização das violências contra a mulher espalhou-se pelo mundo, tendo ocorrido em diversas cidades brasileiras. Em Porto Alegre, a Marcha das Vadias aconteceu no dia 26/05/2013 e reuniu milhares de manifestantes (Sul21, 2013). Deu-se preferência à análise de uma discussão sobre tal movimento porque este fora alvo de comentários em mais de um dos grupos focais realizados no Estudo 1.

G. Ferreira (2013) destaca o papel da internet na articulação e divulgação das Marchas das Vadias. Além disso, a autora ressalta que a internet possibilitou o debate e o diálogo entre diferentes setores da sociedade – principalmente em *blogs* – sobre diversas temáticas relacionadas às assimetrias de gênero, como as violências física e simbólica contra a mulher, a ressignificação do termo vadia, a ideia de que a sexualidade do homem é instintiva e a

dicotomia entre mulheres tidas como próprias para serem esposas e as inadequadas para esse fim.

De fato, a internet vem sendo considerada como local de experimentação, transgressão e ativismo, dada a sua característica interacional em conjunto com aspectos como o anonimato, a profusão de informação e os recursos semióticos atualmente disponíveis (Melo & Moita Lopes, 2013; Moita Lopes, 2010). Mesmo assim, G. Ferreira (2013) salienta que também houve repressão e censura, na internet, em relação à Marcha das Vadias e à discussão gerada pelo movimento. Ou seja, por oferecer acesso a diversas visões de mundo, antes praticamente inacessíveis, e por ser um ambiente colaborativo e participativo, que dá impressão de estar livre do controle institucional, a internet permite o questionamento aos significados hegemônicos, ainda que não impeça a sua reprodução (Melo & Moita Lopes, 2013; Moita Lopes, 2010).

Uma das ferramentas virtuais que segue esses moldes e vem se popularizando como espaço comunicativo e de ação social é o *blog*: uma página de um usuário – ou mais – na internet, que pode ser atualizada e na qual há espaço para interação, comumente, na forma de comentários (Houaiss & Villar, 2010). Os *blogs* podem ser considerados democráticos, pois geralmente são gratuitos e de fácil manejo, não exigindo o domínio de linguagens de programação complexas e a utilização de outros *softwares* (Paz, 2003; M. B. P. Santos, Penteado & Araújo, 2009). Neles, a produção e a divulgação de informação são executadas pelo público em geral, o que oportuniza a formação de um pequeno grupo *on-line*. Dessa forma, os *blogs* facilmente promovem integração e diálogo, o que faz deles uma ferramenta típica da *web 2.0*, um tipo de novo letramento digital, que pode levar à negociação de significados.

Ademais, sabe-se que o *blog* é uma tecnologia comumente utilizada por jovens, inclusive para troca de informações sobre sexualidade (Valli & Cogo, 2013). Em função disso, optou-se por investigar as negociações da influência do gênero sobre os significados associados às sexualidades de homens e mulheres, durante uma discussão acerca de um texto sobre a Marcha das Vadias, em um *blog* voltado para universitários.

## MÉTODO

### **Amostra**

Foram coletados 84 comentários postados a um texto publicado em um *blog* chamado “Facool”. Estes comentários tinham, em geral, a extensão de um parágrafo. O texto ao qual

se referiam intitula-se “Marcha das Vadias: liberdade feminina ou putaria?” (cf. <http://www.facool.com.br/blog/view/837>) e também foi analisado brevemente, uma vez que o foco da análise empreendida eram os comentários relativos ao mesmo. O texto foi publicado no dia 29/05/2012 e, desde então, coletaram-se todos os comentários postados até o dia 14/06/2012.

## **Instrumentos e materiais**

### ***Blog***

O *blog* “Facool” faz parte de um *site* homônimo voltado ao público universitário do Rio Grande do Sul (cf. <http://www.facool.com.br/>) e se configura como um *blogzine*. Este é um termo usado por Luccio e Nicolaci-da-Costa (2010) para descrever os *blogs* jornalísticos que se assemelham a revistas, incluindo matérias sobre os mais variados assuntos, informações, notícias. No *blogzine*, há uma caixa de diálogos para comentários, que possibilita o debate entre o autor do texto e os leitores. A seleção desse *blog* foi intencional, em função do objetivo do presente estudo.

## **Delineamento e procedimento**

Esta é uma pesquisa qualitativa, de tipo exploratório documental. Toma-se a linguagem como um sistema de significação, por meio do qual se atribuem sentidos que constituem e definem a realidade, hierarquizando-a (Silva, 2003). Considerando-se a importância da linguagem, para investigar as negociações empreendidas por jovens, optou-se por analisar as suas participações em um *blog*, na forma de comentários postados em relação ao texto supracitado. Os comentários e o texto foram coletados no dia 14/06/2012, quando se acessou o referido *blog* para fazer cópias da tela<sup>6</sup>. Esse foi o material usado na análise de dados.

## **Considerações éticas**

Dado que o *blog* em questão é um espaço público, com conteúdo de livre acesso na internet e disponível *on-line*, não foi necessário obter autorização dos seus usuários e das pessoas que originaram os dados analisados (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011).

## **Procedimento de análise de dados**

Para analisar a sequência de comentários postados e seus conteúdos, foi utilizado o conceito de repertório interpretativo. Procurou-se identificar os diferentes repertórios

---

<sup>6</sup> Em inglês, “*print screen*”.

empregados na interpretação da articulação entre gênero e sexualidade. Para tal, o texto postado e os comentários ao mesmo foram lidos exaustivamente. Buscou-se, então, identificar os padrões de significação e os modos de falar que se repetiam no texto e nos comentários. Deu-se especial atenção aos significados que se afastavam dos padrões tradicionais de sexualidade de homens e mulheres, conforme recomendam Edley (2001) e Wetherell (1998).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante ressaltar que não há como ter certeza quanto ao sexo/gênero dos usuários do *blog*, uma vez que a comunicação virtual permite que um se faça passar pelo outro. Diante disso, aqueles que se apresentaram com nomes masculinos foram aqui referidos como homens, o mesmo valendo para mulheres. Além disso, não há como saber se os usuários eram, de fato, jovens universitários, pois qualquer pessoa pode participar no *blog*. Os autores dos comentários foram considerados jovens universitários porque esse é o público alvo do *site* e do *blog* e porque o texto postado chegou ao conhecimento da primeira autora por meio de um jovem graduando.

No dia 29/05/2012, um usuário autodefinido como estudante de graduação de uma universidade de Porto Alegre (RS) – aqui nomeado João da Silva – postou o texto “Marcha das Vadias: liberdade feminina ou putaria?”. O título do texto permite entrever o repertório interpretativo empregado pelo autor para falar sobre a Marcha das Vadias ocorrida, nessa cidade, dias antes, pois sugere dúvida quanto ao objeto da luta do movimento: estariam aquelas mulheres lutando para ter liberdade ou para fazer “putaria”? Essa dúvida indica que, na sociedade em questão, tanto as mulheres teriam motivo para lutar por mais liberdade, quanto precisariam forjar motivos para serem autorizadas a se comportar de modo promíscuo.

João da Silva posicionou-se como um universitário informado, conhecedor do histórico do movimento e apoiador das causas da Marcha no Canadá, ou seja, o protesto contra a culpabilização das mulheres pelos atos de violência cometidos contra elas. Também concordou com os objetivos da Marcha no Brasil: dar destaque à violência contra a mulher e ressaltar a importância da liberdade sexual para a mulher, como ele mesmo descreveu. No entanto, desde o início do texto, ele deixou claro que esses objetivos poderiam ter sido – e foram – distorcidos durante a Marcha ocorrida em Porto Alegre.

O autor alinhou mulheres e homossexuais, uma vez que comparou a Marcha das Vadias às manifestações pelos direitos homossexuais, afirmando que ambos os movimentos caracterizam-se por “*apelação*”, pela falta de engajamento, informação e seriedade, e pelo

desrespeito ao direito dos não participantes de serem poupados de certas imagens. Como exemplo, apresentou a foto de uma mulher, na Marcha, segurando um cartaz com os dizeres “Danço funk sem calcinha, e a buceta continua sendo minha.”. João da Silva interpretou isso como um pedido de tolerância à “*putaria*”, que se afasta do objetivo da marcha e do ideário feminista.

De acordo com o autor, na Marcha, havia “*muita ‘vadiazinha’ querendo ser vadia sem ter que conviver com o peso que esse termo atribui*”, algo que ele nomeou como liberação da “*promiscuidade pública*”. O comportamento dos participantes – especificamente das mulheres, pois não foi mencionada a presença de homens na Marcha – foi classificado como desrespeitoso. Tal desrespeito estaria relacionado, sobretudo, às meninas crianças que poderiam ter contato com o protesto de alguma forma, pessoas que, nas palavras de João da Silva, todos querem que sejam “*inocentes antes da adolescência*”. Assim, no texto de João da Silva, identificou-se o repertório interpretativo tradicionalmente empregado para falar sobre as mulheres.

Hegemonicamente, a sexualidade, enquanto prática, é representada como tendo pouca importância para as mulheres (Louro, 2001; 2009), como se elas valorizassem mais o amor e o envolvimento afetivo (Câmara, 2007; Rieth, 2002). Por conseguinte, há uma expectativa de hipossexualização das mulheres (Bordini & Sperb, 2012), isto é, de que elas não manifestem – ou que o façam de modo discreto – desejos e atrações no campo da sexualidade e de que sejam passivas e monogâmicas em termos sexuais (Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; Neves, 2007; D. B. Santos & Silva, 2008).

Dos 84 comentários, 54 foram postados por pessoas que se apresentaram como mulheres, 29 por pessoas que se apresentaram como homens e 1 por alguém que não deu indícios quanto ao seu sexo/gênero. Esses comentários foram, em geral, postados em blocos conforme o sexo/gênero dos usuários; na lista de comentários aparecem, por exemplo, quatro comentários de mulheres em sequência e, logo após, sete de homens.

No entanto, a análise dos mesmos não se concentrou no sexo/gênero dos seus autores. A razão para isso é que tanto homens quanto mulheres apresentaram variabilidade em suas opiniões sobre o texto e a Marcha, bem como nos repertórios interpretativos empregados para falar da sexualidade de mulheres e homens. Tal variabilidade é uma das consequências do tipo de comunicação em *blogs*, ou seja, a comunicação *on-line* e assíncrona (não simultânea, cada participante posta seus comentários quando quiser), como encontraram Lagan, Sinclair e Kernohan (2011).

Os excertos do texto sobre a Marcha das Vadias e dos comentários em relação ao mesmo são apresentados aqui tal qual foram postados no *blog*. Os nomes que apareciam nesses excertos foram modificados por um número precedido de “H”, se homem, e de “M”, se mulher, para preservar a identidade dos usuários.

### - Repertório interpretativo tradicional

Um dos repertórios interpretativos presentes nos comentários foi o mesmo utilizado por João da Silva. Segundo esse repertório, a mulher deve zelar pela sua imagem correspondendo ao estereótipo da hipossexualização. Assim, a liberdade sexual para a mulher teria de ocorrer, como diz M7, “*entre quatro paredes, se ela ‘se der ao respeito’ e não falar sobre a própria sexualidade*”, uma vez que a “*integridade feminina*” está relacionada à discrição, à parcimônia e à passividade. Comportamentos que fazem jus a essa integridade são: não mostrar “*‘demais’ o corpo*” (M7), “*baixar a cabeça*”, “*viver às custas dos homens*”, “*se encaixar num padrão de beleza absurdo*” (M38).

Diante disso, tanto o cartaz que aparece na foto postada pelo autor do texto, quanto o ato de mostrar os seios na Marcha (mencionado por vários usuários, mas não por João da Silva), seriam considerados afrontas aos “*bons costumes*” (M9 e M24) e sinais de que as participantes do movimento não lutavam contra a culpabilização da mulher pelas violências sofridas, mas participaram porque realmente eram “vadias”, promíscuas e indiscretas. Isso se depreende dos seguintes comentários:

*ah, se eu não conhecesse umas figurinhas que tavam lá... vadiazinha feliz da vida por gritar na rua que é vadia mesmo. nem vem que não tem. mas não dá nada. quem quer ser vadia, pode tambem. mas que o texto do cara ta certo, ah isso tá. (H13)*

*Marcha das Vadias: o maior tiro no pé da história. Que pena, eu defendo os direitos da mulher, não de, de fato, vadias. (H11)*

Segundo esse repertório interpretativo tradicional, a visão do cartaz e dos seios à mostra na Marcha poderia levar meninas a perder a inocência, sendo que o referido cartaz denegriaria a imagem da mulher. Muitas das críticas feitas ao texto dirigiram-se justamente a tais ideias e à sua relação com a assimetria entre homens e mulheres e à objetificação das últimas. Como explicou M39, em parte de seu comentário:

*Mulheres, em sua maioria fora de um padrão de beleza hegemonicamente construído e exaltado, que vão à rua mostrar os seios para defender a liberdade são promíscuas, são até ‘violentas’, segundo o autor, mas as garanto que ele não se incomoda com as ‘gostosonas’ do carnaval e da Playboy (que garanto que o autor do*

*texto já deve ter "lido"). A lógica é essa: mulher dominada, doutrinadinha, que se encaixa dentro do estereótipo de fraqueza e passividade é mulher correta, é mulher 'íntegra'. As outras, somos todas vadias.*

Outros usuários também criticaram que a nudez feminina, na Marcha, tenha sido censurada, uma vez que a mesma é valorizada no carnaval e na televisão. Tal censura faz parte desse repertório tradicional, segundo o qual o corpo da mulher é um objeto de prazer do homem, o que fica claro no seguinte comentário:

*'Vale destacar que ainda existem crianças nesse mundo, mais de 50% são meninas, e ainda queremos que elas vivam etapas e sejam inocentes antes da adolescência.' Novela das oito com cenas de sexo pode, música 'ai se eu te pego' no último volume em todos os cantos da cidade pode, um cara de 50 anos passar por mim na rua e me chamar de gostosa, princesa e o escambau em meus plenos 11 anos pode e mulheres com seus seios desnudos protestando por respeito não pode? Olha cara, aquilo do velho babão é sério. Eu me sentia extremamente violentada e desrespeitada quando isso acontecia, e nem entendia porque, pois eu era uma criança. E essa minha inocência, quem devolve? E agora não posso protestar contra isso e garantir que no futuro meninas não sentirão o que eu senti? Agora não posso mostrar meus peitos em protesto porque fere ao pudor sendo que a globeleza e as memninas da playboy podem? (ah sim, se for para admiração e proveito único do público masculino tudo bem, o problema é quando há vantagens para nós). (M41)*

É evidente, portanto, que o repertório interpretativo tradicional extrapola o tópico sexualidade da mulher e foi comumente usado para falar das mulheres e dos homens, em geral. Segundo Friederichs (2008), hegemonicamente, há uma associação entre o feminino e a delicadeza, a docilidade, a obediência, características comumente relacionadas ao corpo, como se nascessem com a mulher. Algumas dessas características atribuídas à feminilidade nos comentários são, conforme assinalou a autora, heranças do sistema patriarcal, como a representação do corpo da mulher enquanto objeto – sobretudo como objeto para o prazer dos homens.

A objetificação das mulheres depende da atribuição a elas de um posicionamento passivo, não apenas no campo da sexualidade, que até hoje é identificado na cultura brasileira, em contraposição à associação entre os homens e o posicionamento ativo (Nardi, 2010; Neves, 2007; L. de Oliveira, 2010). Essa oposição entre homens e mulheres serve de base para o repertório interpretativo em questão. Tal oposição e tal repertório fazem parte de um sistema hegemônico, vigente desde o século XX, que tem a heterossexualidade como norma e

inclui a oposição, supostamente natural, entre homens e mulheres, reduzidos a uma definição única de masculinidade e de feminilidade, como se existisse uma essência masculina/feminina (Butler, 2003; Connel, 1995; Louro, 2009; Scott, 1995).

Nesse sistema hegemônico, homens e mulheres não somente se encontram em oposição, mas diferentes valores são atribuídos a uns e outros (Louro, 2001). Fry e MacRae (1991), por exemplo, mostraram que, para alguns grupos no Brasil, os indivíduos que estão em uma posição ativa – não apenas no âmbito da sexualidade – encontram-se no alto da hierarquia social. Os significados associados à atividade e à passividade dizem respeito, respectivamente, ao modelo de masculinidade e de feminilidade, alinhando, então, a mulher e o estereótipo do homossexual em uma posição inferior (Fry & MacRae, 1991), o que se vê na crítica de João da Silva, ao comparar a Marcha das Vadias aos movimentos pelos direitos homossexuais.

Uma variante ainda mais conservadora desse repertório tradicionalmente empregado para interpretar a sexualidade também foi identificada nos comentários ao texto de João da Silva. De acordo com esse repertório, uma mulher “*liberada sexualmente*” seria algo “*apelativo demais*”, como explica M12. Nas palavras de H27:

*Por último, quem dos leitores e replicantes do teu texto parou pra pensar em quantas vezes passou em local público e viu duas crianças de nao mais que 12 anos se beijando quase que em ato sexual e nao pensaram ‘que mundo é esse em que estamos, duas crianças fazendo tal baixaria’ provavelmente será a filha de um deles que vai abrir alguma pagina do nosso maior meio de comunicacao rede globo e vai ler marcha das vadias e peitos de fora. Num país onde o número de casamentos duradouros diminui a cada ano por nao cultivarmos a tradiçao familiar, onde homem cumpre com deveres de homem e mulheres os de mulheres. Bom sei que nao vamos mudar a cabeça de quem pensa que é legal purificar uma palavra usada para as que vão ser solteiras e sem familia. Mas depois que mudar, nao tem mais volta. Alias, alguem já viu um avô reclamando de uma avó? Acho dificil. Agora com certeza Alguem já ouviu um amigo reclamar de uma namorada e suas modernidades. Pois bem, se querem igualdade, que comecem botando o lixo de casa pra fora e nao comprando fast food para os filhos.*

Isto é, qualquer referência à sexualidade é uma indecência e se configura como um perigo à instituição familiar. A emancipação feminina ameaça o *status quo* e nem mesmo a objetificação do corpo da mulher para o prazer do homem seria autorizada, pois atentaria contra os “*bons costumes*”. Segundo esse repertório interpretativo, se a “*mulher anda de*



*short curto a culpa dos abusos, comentários ofensivos e até mesmo do estupro é dela” (M37), considerando-se também que a contraparte da hipossexualização da mulher é a representação hegemônica do homem como hipersexualizado, vítima de uma sexualidade praticamente incontrolável (Câmara, 2007; Heilborn, 2006; Miranda-Ribeiro & Moore, 2003; D. B. Santos & Silva, 2008). Nesse sentido, M34 defendeu: “SE, não queres sofrer algum risco, NÃO SE EXPONHA A ELE.”.*

### **- Repertório interpretativo “feminazismo”**

A oposição e a assimetria entre homens e mulheres também estão presentes em outros repertórios interpretativos identificados nos comentários ao texto de João da Silva. Um deles poderia ser intitulado “feminazismo”, uma contração dos termos feminismo e nazismo, fazendo referência ao ideal de um grupo de subjugar outro. Tal repertório, assim como o tradicional, foi empregado para interpretar não apenas a sexualidade feminina, mas as mulheres e os homens em geral, o que fica claro nas seguintes passagens retiradas de um comentário de H20:

*Feminazis, sim, feminazis, pois o termo feminista se desvirtuou há muito tempo, não querem nenhum tipo de igualdade, e sim uma submissão do homem à mulher.*

*A marcha seria levada a sério se buscassem, por exemplo, uma forma de ajudar mulheres vítimas de violência doméstica, um dos últimos resquícios de uma cultura machista, ao invés de somente dizerem ‘me deixem dançar funk sem calcinha’. O que, vendo pelas fotos do evento, era o perfil geral das manifestantes. Isso parece, com o perdão das palavras, uma pura vontade de aparecer, ‘causar’, de meia dúzia de barangas mal-amadas. A única oportunidade na vida delas de mostrar os seios para alguém. E imagine, dizer uma asneira dessas é completamente ‘normal’ e ‘aceitável’, mas se o cara disser em um desses funks que quer ‘o direito de ser canalha’, aí é repugnante, ofensivo e machista. Aliás, é curioso observar o comportamento das participantes da tal marcha: Muitas usam a retórica da igualdade, mesmo não praticando-a, porém perdem a linha quando postam uma montagem irônica de uma mulher dizendo ‘exijo o alistamento obrigatório feminino’. O que é nada bizarro, afinal, isso também faz parte da igualdade. Sou 100% a favor da igualdade entre sexos*

*Mas igualdade não é a mesma coisa que regalias. Igualdade é um conjunto de direitos e deveres, garantias e obrigações sociais, obrigações essas devidamente esquecidas por grupos extremistas e supremacistas.*

Conforme o repertório “feminazismo”, a emancipação da mulher, também no âmbito sexual, seria parte de um projeto de dominação da mulher em relação ao homem. Esse seria um projeto encabeçado por mulheres feministas que não se enquadram no padrão de beleza e, por conta disso, não são bem sucedidas nos relacionamentos afetivo-sexuais (“*barangas mal-amadas*”). O repertório em questão, então, utiliza-se do estereótipo da feminista, ou seja, feia, sexualmente desinteressante e, por isso, mal-amada, com dificuldades para se relacionar (Marson, 1996; Nogueira, 2001), distante do ideal de mulher.

Essas mulheres viveriam a sexualidade de maneira indiscreta (“*vontade de aparecer, ‘causar’*”) e aproveitariam a luta pela igualdade de gênero para obter regalias na relação com os homens. As supostas vantagens obtidas pelas mulheres apenas por serem mulheres e a confusão entre isonomia e igualdade foram também referidas por outros pesquisadores. Capelle, Silva, Boas e Brito (2002), por exemplo, em estudo sobre as relações de gênero na Polícia Militar, observaram o quanto policiais homens consideravam como regalias a licença-maternidade, a não participação em atividades arriscadas e outros aspectos do tratamento destinado às mulheres na instituição. Tal entendimento também se apresenta no campo da sexualidade, como sugeriu H9, falando sobre a decisão, em um casal, sobre quem paga a conta: “*Rachamos, eu pago ou tu paga, mulher? Feminismo quando convém...*”.

#### **- Repertório interpretativo simetria *versus* assimetria**

A redução de homens e mulheres a uma definição única que os contrapõe (Connel, 1995; Scott, 1995) fundamenta outro repertório interpretativo utilizado para comentar o texto de João da Silva. Tal repertório destacou-se por suas particularidades, que levam a interpretações atípicas sobre a sexualidade da mulher, centrando-se na questão da simetria *versus* assimetria entre mulheres e homens. Segundo um dos formatos sob o qual esse repertório se apresentou, a sexualidade da mulher seria interpretada de acordo com os padrões hegemônicos de sexualidade masculina. Enfatiza-se a simetria entre homens e mulheres e a igualdade sexual significaria, então, que a mulher deve se comportar tal qual um típico homem. Nas palavras de M33:

*Vou de roupa curta pra festa e nem por isso sou estuprada e nunca soube de ninguém que sofreu abuso por causa da roupa. Ou seja, aí as vadias já perdem todo o argumento. Se tu tá andando de roupa curta na rua e te assobiam e falam coisas que tu não gosta, por que tu não faz o mesmo quando passa um homem sem camisa? Vamos, fale uma grosseria.*

Como explica Soihet (2008) sobre visões equivocadas do feminismo, existem entendimentos a seu respeito que o tomam como um incentivo a uma disputa entre homens e mulheres e não como uma busca por igualdade de direitos e de condições. Parte do movimento feminista no Brasil reivindicou, justamente, que as mulheres fossem tratadas como os homens. Para tal, algumas feministas adotaram referenciais masculinos e renegaram os femininos (Marson, 1996).

Com base nessa ideia de que mulheres e homens formariam dois grupos homogêneos em oposição e considerando a busca pela sua equiparação em termos comportamentais, pode ocorrer um empobrecimento das possibilidades no campo da sexualidade. De fato, alguns autores (Milnes, 2004; Stainton Rogers & Stainton Rogers, 2001) têm salientado que o estímulo à igualdade sexual e à liberdade sexual da mulher diminuiu as possibilidades das mulheres, pressionando-as a agir de acordo com o modelo de sexualidade masculina.

Contrapondo-se a esse entendimento, identificou-se outro formato sob o qual o repertório em questão se apresentou nos comentários analisados. Esse formato também se fundamenta na oposição entre mulheres e homens e opera de modo a reduzir as possibilidades das mulheres – e dos homens – no âmbito sexual. Conforme tal repertório, o modelo de sexualidade da mulher deve ser mantido e as mudanças em termos de igualdade sexual devem agir sobre a sexualidade dos homens, tomando como base o modelo feminino. Isso fica patente no comentário a seguir:

*Acho que a motivação para a marcha é extremamente válida, nisso se tem toda a razão. Mas acho que algumas mulheres se perderam no meio do caminho. Não podemos confundir liberdade com libertinagem. Muitas vezes a mulher exige ter 'direitos' (entre aspas mesmo) que o homem tem, como ficar com várias pessoas do sexo oposto sem ser considerado sem-vergonha. Em vez de corrigir os homens, há quem queira se rebaixar ao nível deles. Precisamos é consertar a sociedade, nivelar por cima, e não por baixo. Sair seminua na rua com uma faixa é muito fácil, difícil é dar e exigir respeito, dar educação para os filhos e ser mulher de verdade, e não uma adolescente revoltada. (M19)*

Como se observa, segundo essa interpretação, o modelo de hipossexualização feminina é estimulado e, inclusive, tomado como um ideal a ser imposto aos homens. Conforme descreve Marson (1996) acerca de um outro momento do movimento feminista no Brasil, passa-se a valorizar a cultura feminina, rejeitar a incorporação pelas mulheres de valores masculinos considerados negativos e incentivar a adoção de valores femininos por parte dos homens.

### - Repertório interpretativo mulher protagonista

Dentre os repertórios interpretativos presentes nos comentários ao texto de João da Silva, o único que se afastou da oposição entre homens e mulheres e do reducionismo de significados associados às sexualidades de uns e de outros é o que entende as mulheres como protagonistas de suas sexualidades, atribuindo-lhes agência no que tange ao seu posicionamento, escolhas e comportamentos. Esse repertório está em linha com a revolução sexual que estaria ocorrendo, desde as últimas décadas do século XX, em termos de permissividade, com ênfase no livre-arbítrio sexual, aparente na transformação ocorrida na autonomia sexual da mulher (Giddens, 1993).

Tal repertório também extrapola a questão sexual e foi empregado para interpretar as mulheres em geral, tendo sido utilizado em grande parte dos comentários que criticaram o texto sobre a Marcha das Vadias. Esses comentários foram produzidos, comumente, por usuários que se nomearam como mulheres. Isso pode explicar o porquê do uso, em tantos desses comentários, do pronome “nós” para se referir às “vadias”, às participantes da Marcha, às mulheres que são ativas na luta pelos seus direitos, que participam politicamente promovendo passeatas com esse intuito e que defendem sua liberdade gritando palavras de ordem.

Esse repertório, então, vai de encontro ao padrão hegemônico de feminilidade, pois foi usado para falar de mulheres que, como definiu M1, percebem que *“falar abertamente sobre sexo não é feio, querer gozar não é feio”*. Ressalta-se que também se identificou o seu emprego por usuários nomeados como homens, por exemplo:

*João, você deve ter muito medo de mulher!!! Mais ainda de for uma mulher que vive plenamente sua sexualidade, que na sua opinião deve ser uma vadia, certo? Todo o apoio a essas mulheres corajosas, que tem muito mais coragem pra viver a vida que o coitado desse blogueiro. (H21)*

Segundo esse repertório, a mulher é dona do seu corpo e decide sobre o mesmo, devendo, portanto, *“ser livre pra fazer a 'putaria' que quiser, sem sofrer consequencias fisicas sobre isso”* (M1). A liberdade é tomada como um *“DIREITO de todos”* (M3), mas é com relação a tal aspecto que a oposição entre mulheres e homens aparece nesse repertório, conforme explicitou M42 em resposta ao texto de João:

*Me defina o que é uma vadiazinha? Uma mulher que transa com quantos quiser? E como é que se chamam os homens que fazem isso? Modelo a ser seguido? Olha, é por causa de pessoas que pensam como você que eu vou sair às ruas da minha cidade e*

*gritar contra toda a violência física, moral e principalmente simbólica que nos foi imposta.*

Isto é, esse repertório considera que a mulher tem agência sobre sua vida e sua sexualidade, opondo-se à sua interpretação como objeto, ou “*mercadoria*” (M3). Parte desse entendimento fundamenta-se em uma concepção individualista sobre a sexualidade e as pessoas, em geral. Isso se depreende da apologia a uma liberdade total e sem consequências, como fica claro nas seguintes passagens:

*ser dona do corpo dela e fazer o que ela quiser com ele, sem julgamentos* (M8)

*Liberdade de ser aquilo que quisermos ser, sem repressões por isso.* (M3)

*Corrigir homens por ficarem com várias pessoas do outro sexo? Sério? O pênis é meu e coloco onde quero e quantas vezes quiser, a vagina é dela e ela coloca o que quiser e quantas vezes quiser.* (H18)

Assim, o repertório interpretativo mulher protagonista permite uma gama maior de interpretações acerca da sexualidade da mulher – e também do homem –, estando mais próximo da busca feminista pela desestabilização dos tradicionais significados associados aos homens e às mulheres (Marson, 1996). A maior possibilidade de interpretações deve-se ao questionamento à ideia de uma essência do masculino e do feminino e de uma oposição entre ambos (Connel, 1995; Scott, 1995), propiciando, então, o aparecimento de significações da sexualidade feminina que não tomam a sexualidade masculina como parâmetro.

## **DISCUSSÃO GERAL DOS REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS**

Não foi identificada muita interação entre os usuários do *blog*. Poucos comentários foram elaborados em resposta a outros, a sua maioria concentrando-se no texto postado. De fato, Bordini e Sperb (no prelo) encontraram indícios de pouca interação nas discussões em grupos de comunicação *on-line* assíncrona. Ainda assim, as discussões em *blogs*, como a analisada no presente estudo, configuram-se como espaços que permitem a construção interacional de significados (Moita Lopes, 2010).

Na investigação do processo de negociação dos significados associados às sexualidades, a análise de uma discussão mostrou-se profícua. Isso pode ser explicado pela importância da linguagem em tal processo, já que o discurso não tem apenas um papel regulador, mas também produtor de sentidos (Butler, 1999). A variedade de repertórios encontrados salienta que não existe só um tipo de homem e um tipo de mulher e que a natural

oposição entre ambos é uma construção, que pode, portanto, ser questionada (Butler, 2003; Connel, 1995; Louro, 2009; Scott, 1995).

Apesar da frequente presença do repertório interpretativo tradicional, a negociação dos significados atribuídos às sexualidades e da influência do gênero sobre tais significados chamou atenção. Por meio de comentários, em sua maioria, agressivos ou irônicos, os jovens universitários relativizaram os padrões hegemônicos de gênero que incluem a hipossexualização da mulher e seu posicionamento passivo e a hipersexualização do homem e seu posicionamento ativo (Bordini & Sperb, 2012; Fry & MacRae, 1991). Isso fica mais evidente quando se retomam comentários como:

*A lógica é essa: mulher dominada, doutrinadinha, que se encaixa dentro do estereótipo de fraqueza e passividade é mulher correta, é mulher 'íntegra'. As outras, somos todas vadias. (M39)*

*Todo o apoio a essas mulheres corajosas, que tem muito mais coragem pra viver a vida que o coitado desse blogueiro. (H21)*

*Me defina o que é uma vadiazinha? Uma mulher que transa com quantos quiser? E comé que se chamam os homens que fazem isso? Modelo a ser seguido? (M42)*

*Corrigir homens por ficarem com várias pessoas do outro sexo? Sério? O pênis é meu e coloco onde quero e quantas vezes quiser, a vagina é dela e ela coloca o que quiser e quantas vezes quiser. (H18)*

Destacou-se, assim, a existência de diversas interpretações sobre as sexualidades das pessoas, independentemente do gênero. Essa variabilidade confirma que os padrões hegemônicos são sempre acompanhados por outras identidades que não correspondem aos valores dominantes, aquelas que são tidas como identidades desviantes (Butler, 2003). Com isso, abre-se caminho para modificações no que diz respeito às masculinidades, feminilidades e sexualidades.

## CAPÍTULO IV: CONCLUSÃO

Este trabalho procurou examinar as atuais negociações da articulação entre gênero e sexualidade, empreendidas por jovens universitários, em diferentes contextos interacionais. As conclusões acerca dos resultados obtidos serão desenvolvidas em tópicos, a seguir.

### **Jovens universitários e a negociação da articulação entre gênero e sexualidade**

O trabalho com jovens universitários deu acesso ao processo de negociação dos significados atribuídos às sexualidades. A amostra composta por pessoas que se encontravam na chamada idade adulta emergente (Arnett, 2010) revelou que a reprodução dos padrões tradicionais de sexualidade, que contrapõem homens e mulheres nesse âmbito, é acompanhada por relativizações dos mesmos. Os participantes dos grupos focais e os usuários do *blog* eram, provavelmente, jovens de níveis educacionais mais altos, com acesso à informação e habituados aos ambientes virtuais que, hoje, configuram-se como espaços de experimentação, transgressão e ativismo (Melo & Moita Lopes, 2013; Moita Lopes, 2010).

A importância do contexto universitário na ampliação dos repertórios interpretativos ou das visões de mundo desses jovens foi mencionada por eles mesmos. Uma participante de um dos grupos focais, por exemplo, referiu que os estudantes da sua faculdade são “*bem livres*”, enquanto outra contou que, se ficasse com mais de uma pessoa em uma festa, “*ia ficar todo mundo falando exatamente isso, ‘ai, aquela ali passou pela mão da Engenharia toda’*”. Ou seja, o ambiente de uma grande universidade é, assim como a internet, um local em que os jovens se deparam com uma variedade de ideologias, opiniões e atitudes (Arnett, 2010), permitindo o questionamento de ideias preconcebidas e significados hegemônicos.

Dentre esses significados hegemônicos, a heterossexualidade apareceu como o padrão, juntamente com o dualismo homem-mulher, que os coloca em oposição, como se cada um tivesse características próprias e naturalmente diferentes. Os grupos focais e os comentários no *blog* revelaram o quanto o gênero influencia as expectativas quanto às sexualidades de homens e mulheres e o modo como as pessoas manifestam sua sexualidade, posicionam-se em um relacionamento e lidam com diferentes direções e alvos do desejo sexual. Os homens devem expressar veementemente que são heterossexuais, posicionar-se de modo ativo na sexualidade e evitar apresentar atributos tidos como femininos ou homossexuais. Já as mulheres devem expressar discretamente que são heterossexuais, posicionar-se de modo passivo na sexualidade e evitar apresentar atributos tidos como masculinos.

Tais resultados confirmaram achados de outras pesquisas que também encontraram diferenças de gênero nesses campos da sexualidade (Bordini, 2010; Heilborn et al., 2006; Jackson & Cram, 2003; Kulkarni, 2007; Marks & Fraley, 2007; Milnes, 2010). Segundo as narrativas produzidas nos grupos focais, a força do heterossexismo e da heteronormatividade faz-se presente, sobretudo, na articulação gênero-desejo, já que características tipicamente associadas ao masculino e ao feminino geram expectativa de comportamentos heterossexuais, enquanto características que fogem do padrão masculino e feminino geram expectativa de comportamentos homossexuais. Essa articulação entre gênero e desejo sexual, no entanto, parece ser, atualmente, mais passível de flexibilizações do que a tradicional divisão (e oposição) entre feminino e masculino, uma vez que mulheres masculinas e homens femininos foram apresentados como os maiores alvos de preconceito.

Ressalta-se, contudo, que os componentes dos grupos focais foram orientados a discorrer sobre a possível existência de situações e comportamentos sexuais em que ser homem ou ser mulher faz diferença, de modo que a própria questão de abertura já sugeria a influência do gênero sobre os significados associados às sexualidades. Ao mesmo tempo, a questão lançada continha em si a possibilidade de negação dessas diferenças de gênero na sexualidade. De fato, uma simetria entre homens e mulheres foi reforçada por participantes no início de várias das discussões realizadas – para depois ser novamente colocada em dúvida, é importante dizer.

Independentemente da questão de abertura, apesar de terem sido identificados padrões tradicionais de sexualidade, uma simultaneidade de diferentes significados no âmbito sexual ficou aparente já na análise de conteúdo (Anexo E). Esta mostrou que as situações e os comportamentos sexuais referidos como não marcados por diferenças de gênero eram os mesmos apontados como sendo influenciados. A negociação desses diferentes significados foi revelada pela análise de posicionamento e dos repertórios interpretativos das narrativas e dos comentários no *blog*, que revelou o embate entre concepções dominantes e outras não dominantes no campo da sexualidade.

O Estudo 1, por exemplo, mostrou que a homossexualidade de homens e mulheres não é aceita e é alvo de violência – exceto quando as homossexuais são femininas e atraentes, caso em que é considerada um fetiche. Também a manifestação de alguns aspectos da sexualidade tem sido, atualmente, compartilhada por homens e mulheres. As mulheres vêm se comportando de modo mais promíscuo, ficando e tendo relações sexuais com vários homens, ficando com mais de um colega e tendo relação sexual no primeiro encontro.



Além disso, as mulheres têm se posicionado de modo mais ativo na sexualidade, expressando interesse em um homem de maneira mais explícita, principalmente, em festas. Embora o julgamento acerca desses comportamentos e posições frequentemente não seja o mesmo para homens e mulheres, tais modos de manifestar a sexualidade e se posicionar em uma relação eram prerrogativas dos homens, que, como mostraram as narrativas, seguem agindo dessa forma, agora, acompanhados pelas mulheres. A fidelidade em um relacionamento é outro aspecto da sexualidade em que já existe menos influência do gênero, conforme as narrativas dos grupos focais. Ainda que a traição tenha aparecido como mais aceita nos homens, tal comportamento também foi apresentado como condenável e típico de pessoas sem caráter, sejam homens ou mulheres.

Nessa mesma linha, a análise dos comentários postados no *blog* revelou que o dualismo homens-mulheres limita os significados associados às sexualidades de uns e de outros. No entanto, um dos repertórios empregados na interpretação da sexualidade das mulheres as posicionava como protagonistas de suas escolhas e comportamentos. Segundo esse repertório, a mulher é dona do seu corpo e decide sobre o mesmo. Isto é, esse repertório toma as pessoas como agentes em suas vidas e em suas sexualidades e considera que não existem comportamentos e atitudes próprios do homem e da mulher. Com isso, amplia-se a gama de interpretações acerca das sexualidades e se contestam as ideias de uma essência do masculino e do feminino e de uma oposição natural entre ambos (Connel, 1995; Scott, 1995).

Assim como a maioria das narrativas que abordaram aspectos da sexualidade não influenciados pelo gênero foi produzida pelos grupos de mulheres e mistos, os comentários de repúdio ao texto que, de certa forma, criticava a Marcha das Vadias, foram, em boa parte, postados por mulheres. Isso sugere maior resistência dos homens em relativizar os significados tradicionalmente associados às sexualidades e mostra o importante papel que a mulher vem ocupando na ampliação desses significados e no questionamento à articulação supostamente natural entre sexo, gênero e desejo. Esses achados estão de acordo com os resultados obtidos por Heilborn et al. (2006) acerca da modernização dos valores sexuais, no Brasil. Segundo tal pesquisa, essa modernização parece ter ocorrido mais especificamente entre as mulheres com maior escolarização, dado que os homens seguem tendo uma concepção mais tradicional de sexualidade.

Ficou claro, então, que as assimetrias entre homens e mulheres, no campo da sexualidade, não foram superadas. Há, evidentemente, uma maior permissividade, como descreveu Giddens (1993), aparente na atual tendência de que mulheres sigam o modelo de sexualidade tipicamente masculino (Milnes, 2004; Stainton Rogers & Stainton Rogers, 2001).

As interações aqui analisadas mostraram, justamente, o embate entre significados dominantes e desviantes no que se refere à sexualidade. A negociação desses significados é constante, com os participantes dos grupos e os usuários do *blog* ora contestando e questionando o tradicional entrelaçamento entre gênero e sexualidade, ora reproduzindo e reforçando a norma heterossexual e a oposição entre homens e mulheres. Essa simultaneidade de significados – até mesmo opostos – não surpreende, pois as identidades podem combinar ideologias contrárias, dominantes e não dominantes (De Fina & Georgakopoulou, 2011).

### **Pesquisa com pessoas em interação: grupos focais, *blog* e análise de dados**

Os resultados do presente estudo explicitaram a existência de diversas interpretações sobre as sexualidades das pessoas, independentemente do gênero. Essa variabilidade ficou evidente quando foram analisadas as interações entre os jovens, ressaltando a importância da linguagem e dos ambientes virtuais na negociação da influência do gênero nas sexualidades. Como explicam De Fina e Georgakopoulou (2011) é na fala que as identidades sociais e, portanto, os significados a elas associados, podem ser contestadas e reformuladas.

Tal qual haviam observado Bordini e Sperb (2013), a pesquisa em contextos interacionais – em especial com narrativas produzidas em interação – parece ter permitido o acesso a relativizações de significados associados à sexualidade. As narrativas elaboradas nos grupos focais foram, geralmente, do tipo pequenas histórias (Georgakopoulou, 2007), abordando situações e acontecimentos futuros, muitas vezes hipotéticos, mediante elaboração conjunta do grupo ou de alguns de seus componentes. Diversas vezes, as narrativas foram fragmentadas, curtas e entrecortadas por outros relatos ou comentários, distanciando-se, portanto, do modelo laboviano (Labov & Waletzky, 1967).

Isso provavelmente teve relação com o contexto grupal de sua produção. Conforme argumenta Kraus (2007), as histórias pessoais estão sujeitas a mudanças de acordo com a audiência e com o contexto. Além disso, a moderadora lançava a questão de abertura e outras perguntas a todos os componentes, favorecendo a interação do grupo na elaboração das narrativas. É possível, então, que a fragmentação e a descontinuidade das narrativas tenham decorrido do contexto grupal e que estas, caso tivessem sido eliciadas em entrevistas individuais, apresentassem outro formato.

Esperava-se que as narrativas e as discussões tivessem seu formato influenciado também pelo ambiente de realização dos grupos – presencial ou virtual. Tinha-se a hipótese de que aquelas elaboradas nos grupos presenciais estariam mais próximas do modelo laboviano, uma vez que pesquisas haviam mostrado que os dados oriundos de discussões

virtuais costumam ser mais fragmentados (Bordini & Sperb, 2011; 2012; Schneider et al., 2002). Contudo, embora as narrativas produzidas nos grupos presenciais tenham sido relativamente mais longas e completas, algumas daquelas desenvolvidas nos grupos *on-line* foram contadas por um narrador, que relatou uma experiência pessoal altamente contável e com uma organização causal e temporal linear, para usar os termos de Ochs e Capps (como citado em Becker & Quasthoff, 2005). É possível que isso tenha sido consequência do número pequeno de participantes por grupo e do fato de que estes estavam na mesma sala, o que fazia com que cada um tivesse mais tempo para colaborar e procurasse não interromper quem estava com a palavra.

Assim, apesar das pequenas histórias terem predominado, nem sempre foram fragmentadas e entrecortadas por outros assuntos como se esperava. Tampouco a influência do contexto sobre o conteúdo das narrativas foi tão intensa como se havia previsto, já que as produções dos grupos presenciais e *on-line* versaram sobre temas similares. Esperava-se encontrar, nos últimos, mais relativizações e questionamentos aos padrões tradicionais de sexualidade, dado que, em ambientes virtuais, caracterizados pelo anonimato, os participantes costumam ficar mais à vontade para revelar suas opiniões (Reid & Reid, 2005). No entanto, provavelmente porque os grupos *on-line* foram conduzidos com todos os componentes na mesma sala, houve prejuízo do anonimato. Essa pode ter sido a razão para a similaridade entre o conteúdo das narrativas produzidas nos contextos presencial e virtual.

Diante de tal semelhança, optou-se por averiguar essa influência do gênero nas sexualidades em um terceiro contexto. Esperava-se que uma discussão sobre essa temática em um ambiente caracterizado pelo anonimato, no qual a interação fosse natural e não eliciada, facilitasse o acesso às negociações dos significados atribuídos às sexualidades, bem como aos comportamentos e situações não mais marcados por diferenças de gênero nesse campo. Foram examinadas, então, as negociações presentes nos comentários a um texto sobre o movimento Marcha das Vadias, publicado em um *blog*.

De fato, confirmou-se que o computador é, hoje, um espaço de negociação de significados (Moita Lopes, 2010). Embora tenha sido observada pouca interação entre os usuários do *blog*, não se pode considerar que estes eram meros receptores do texto postado. Os comentários revelaram o desejo dos usuários de defender, contestar, reproduzir e produzir significados relativos às sexualidades, frente a um grupo supostamente composto por jovens universitários, ou seja, o seu grupo de pares. Ainda que padrões tradicionais de gênero tenham aparecido como influentes nas sexualidades das pessoas, os usuários do *blog* relativizaram, por exemplo, a hipossexualização da mulher e seu posicionamento passivo e a

hipersexualização do homem e seu posicionamento ativo (Bordini & Sperb, 2012; Fry & MacRae, 1991). Isso reforça que a internet, ao promover espaços colaborativos e participativos, fomenta a negociação de significados, ainda que não impeça a repetição de padrões hegemônicos (Melo & Moita Lopes, 2013; Moita Lopes, 2010).

Essa negociação dos significados atribuídos às sexualidades e a influência do gênero em tal processo foram acessadas graças às análises empreendidas no presente estudo. Caso tivesse sido executada, por exemplo, apenas a análise de conteúdo descrita no Anexo E, a principal conclusão da pesquisa seria, provavelmente, que diferenças de gênero continuam influenciando maciçamente as concepções sobre sexualidade. De fato, tal análise mostrou a persistência dessa influência, indicando que ela decorre justamente de sua reiteração. No entanto, conforme argumentou Bordini (2010), a análise de conteúdo gera dados estáticos e, portanto, quando se pretende explorar os movimentos presentes na negociação de significados entre as pessoas, sua colaboração refere-se ao fornecimento de um apanhado geral dos dados obtidos.

Uma vez que esta investigação se deu em contextos interacionais, por se acreditar que é neles que a negociação dos significados sociais tem lugar, foi necessário utilizar procedimentos de análise de dados que permitissem acessar essa negociação, enfatizando seu caráter processual. Nesse sentido, considera-se que a análise de posicionamento, amparada pelo conceito de repertórios interpretativos, revelou que, embora prevaleçam significados tradicionalmente associados às sexualidades, estes se encontram em constante relação com significados não dominantes, que atribuem outros aspectos às sexualidades de mulheres e homens ou que não diferenciam a sexualidade conforme o gênero das pessoas.

Como explica Wetherell (1998), a análise de posicionamento que inclui os repertórios interpretativos dos quais o indivíduo lança mão busca unir dois estilos de análise. Abarcam-se tanto os significados produzidos e reproduzidos nos movimentos dos interlocutores na conversa em si, quanto as diferentes visões de mundo, já institucionalizadas, que se apresentam em seus posicionamentos. Seguindo essa perspectiva, a análise de posicionamento em três níveis aqui empregada ressalta, de acordo com Georgakopoulou (2013), que as posições dos sujeitos não são determinadas por identidades ou significados hegemônicos, já que os indivíduos são protagonistas desse processo, ao selecionar, revisitar e desafiar esses significados e identidades na interação social.

Mediante essa análise, ficou claro que os significados atribuídos às sexualidades são convenções que nada têm de naturais, fruto de um processo contínuo de negociação que ocorre em interação, do qual fazem parte uma variedade de repertórios empregados para

interpretar as sexualidades. As discussões entre grupos de jovens podem, assim, promover resistência aos significados cristalizados, abrindo espaço para o novo e para transformações no que se refere às masculinidades, feminilidades e sexualidades (Butler, 1999).

### **Considerações finais**

Algumas considerações quanto aos procedimentos empregados nesta pesquisa merecem ser tecidas. É importante destacar, por exemplo, a dificuldade encontrada em reunir os participantes dos grupos focais *on-line*. A execução desses em seu modelo síncrono – quando a comunicação é simultânea, em tempo real – e com todos os componentes na sala de informática do Instituto de Psicologia fez com que fosse necessária a combinação, com certa antecedência, do horário e local de realização. Algumas vezes, no entanto, os prováveis participantes não compareceram, obrigando a pesquisadora a adiar a realização dos grupos. Tais problemas no agendamento de discussões virtuais síncronas, e na própria realização das mesmas, também foram relatados por outros pesquisadores (cf. Bordini & Sperb, no prelo). Em comparação com os grupos *on-line*, a execução dos grupos presenciais foi mais simples, já que, uma vez verificada a disponibilidade de local para sua realização, os participantes eram convidados e se marcava a discussão para logo em seguida.

Além disso, podem ser feitas considerações quanto aos procedimentos de análise de dados adotados. Utilizou-se análise de conteúdo a fim de organizar os dados, para que se pudessem eleger alguns deles para posterior investigação. Embora tenha funcionado para esse propósito, facilitando a seleção das narrativas a serem analisadas, tal procedimento, ao mesmo tempo, limitou os dados, pois os uniu por semelhança. Como argumenta Bamberg (2012), a ênfase no conteúdo pode relegar a um segundo plano o processo de construção da narrativa, o contexto em que ocorreu, os seus antecedentes e suas consequências para a interação e o quanto os envolvidos em sua elaboração são protagonistas desse processo. Ademais, após realizada a análise de conteúdo, optou-se por examinar narrativas que haviam sido classificadas nas categorias mais numerosas, a despeito da importância daquelas que abordavam temas menos frequentes. No que concerne às análises de posicionamento, considera-se que deram conta dessa construção das narrativas e das negociações de significados que ocorrem em meio a tal processo. No entanto, ressalta-se que, em função do seu caráter minucioso, são análises trabalhosas, que exigem persistência do pesquisador e do leitor.

É importante também enfatizar que as conclusões elaboradas a partir dos dados aqui obtidos não devem extrapolar a esfera da própria pesquisa. Tais conclusões restringem-se ou

a um grupo cujas características biossociodemográficas são desconhecidas (Estudo 2) ou a um grupo bastante homogêneo de pessoas, reunidas com o fim específico de participar de uma coleta de dados (Estudo 1). Provavelmente, todos os participantes eram jovens do sul do Brasil, sendo que, no Estudo 1, boa parte era branca, heterossexual, com formação escolar de nível universitário em andamento, sem religião e sem atividades profissionais. Esses aspectos dizem respeito a diversos marcadores sociais, como idade, etnia, religião, renda, que também se articulam com gênero e sexualidade, mas que não foram considerados nas análises executadas.

Também não se podem considerar as narrativas e comentários aqui examinados como representantes dos grupos investigados, dos seus componentes e tampouco dos usuários do *blog*. Essas narrativas e comentários apenas ilustram momentos pontuais do processo de negociação da influência do gênero nos significados associados às sexualidades das pessoas, em contextos específicos: frente a um grupo de pessoas da mesma faixa etária e semelhante escolaridade, que compartilhavam o mesmo ambiente universitário e estavam diante de uma moderadora mulher, também vinculada a essa universidade. Tudo isso deixa claro o caráter contingente das negociações aqui analisadas, que não são as únicas realizadas por esses grupos e indivíduos, tampouco são definitivas.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, N. R., Baldanza, R. F., & Gondim, S. M. G. (2009). Os grupos focais on-line: Das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 6, 23-42.
- Alencar, A. V. (2012). Representações de masculinidade em oposição às representações de feminilidade: Desdobramentos do modelo patriarcal no Brasil. *Revista Sociais e Humanas (Santa Maria)*, 25(1), 54-74.
- Alvarez, M. C. A., Cuenca, A. M. B, Noronha, D. P., & Schor, N. (2007). Saúde reprodutiva: Uma contribuição para avaliação de biblioteca virtual. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(10), 2317-2326.
- Anderson, W. T. (2002). *O futuro do eu: Um estudo da sociedade da pós-identidade*. São Paulo: Cultrix.
- Arnett, J. J. (2010). *Adolescence and emerging adulthood: A cultural approach* (4a ed.). Boston: Prentice-Hall.
- Bamberg, M. (1997). *Narrative development: six approaches*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bamberg, M. (2002). Construindo a masculinidade na adolescência: Posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In L. P. Moita Lopes & L. Cabral Bastos (Orgs.), *Identidades: Recortes multi e interdisciplinares* (pp. 149-185). Campinas: Mercado de Letras.
- Bamberg, M. (2004a). Narrative discourse and identities. In J. C. Meister, T. Kindt, W. Schernus, & M. Stein (Orgs.), *Narratology beyond literary criticism* (pp. 213-237). Berlin & New York: Walter de Gruyter.
- Bamberg, M. (2004b). Talk, small stories and adolescent identities. *Human Development*, 47, 366-369.
- Bamberg, M. (2006). Biographic-narrative research, quo vadis? A critical review of “big stories” from the perspective of “small stories”. In K. Milnes, C. Horrocks, N. Kelly, B. Roberts, & D. Robinson (Orgs.), *Narrative, memory and knowledge: Representations, aesthetics and contexts* (pp.63-80). Huddersfield: University of Huddersfield Press. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>
- Bamberg, M. (2007). *Narrative analysis and identity research: A case for ‘small stories’*. Manuscrito não-publicado. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>

- Bamberg, M. (2011). Who am I? Narration and its contribution to self and identity. *Theory & Psychology, 21*(1), 3-24.
- Bamberg, M. (2012). Narrative analysis. In H. Cooper (Org.), *APA handbook of research methods in psychology*. (Vol.2, pp. 77-94). Washington, DC: APA Press.
- Bamberg, M., & Georgakopoulou, A. (2008). Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text & Talk, 28*(3), 377-396.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1977)
- Becker, T., & Quasthoff, U. M. (2005). Different dimensions in the field of narrative interaction. In U. M. Quasthoff & T. Becker (Orgs.), *Narrative interaction* (pp. 01-11). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Bee, H. (2003). *A criança em desenvolvimento* (9a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Berk, L. E. (2010). *Development through the lifespan* (5a ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Boladão. (n.d.) In *Dicionário Informal*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.dicionarioinformal.com.br/bolad%C3%A3o/>
- Bordini, G. S. (2010). *As narrativas de adolescentes sobre gênero em um ambiente virtual*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Bordini, G. S., & Sperb, T. M. (2011). O uso dos grupos focais on-line síncronos em pesquisa qualitativa. *Psicologia em Estudo, 16*(3), 437-445.
- Bordini, G. S., & Sperb, T. M. (2012). Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25*(4), 738-746.
- Bordini, G. S., & Sperb, T. M. (2013). Negociação de significados associados às sexualidades: análise de narrativa construída em interação. *Psicologia em Estudo, 18*(1), 37-47.
- Bordini, G. S., & Sperb, T. M. (no prelo). Grupos focais online e pesquisa em psicologia: Revisão de estudos empíricos entre 2001 e 2011. *Interação em psicologia*.
- Borges, A. L. V. (2007). Pressão social do grupo de pares na iniciação sexual de adolescentes. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, 41*, 782-786.
- Bremm, E. S., & Bisol, C. A. (2008). Sinalizando a Adolescência: Narrativas de Adolescentes Surdos. *Psicologia Ciência E Profissão, 28* (2), 272-287.
- Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativa: Problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 16*(3), 525-535.
- Bruner, J. S. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.



- Bruner, J. S. (1998). *Realidade mental, mundos possíveis* (M. A. Domingues, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1986)
- Butler, J. P. (1999). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In G. L. Louro (Org.), *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* (pp. 151-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. P. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Calvert, S. L. (2002). Identity construction on the internet. In S. L. Calvert, A. B. Jordan & R. R. Cocking (Orgs.), *Children in the Digital Age: Influences of Electronic Media on Development* (pp. 57-70). Westport, CT: Praeger.
- Câmara, A. P. (2007). *Gênero e sexualidade na Revista Sexy: Um roteiro para a masculinidade heterossexual*, Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Capelle, M. C. A., Silva, A. L., Boas, L. H. de B. V., & Brito, M. J. de. (2002). Representações das relações de gênero no espaço organizacional público. *Revista de Administração Pública*, 36(2), 253-275.
- Caproni Neto, H. L., & Pinto, R. de A. B. (2012). *Análise das violências simbólicas vivenciadas por lésbicas de Juiz de Fora*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.ead.fea.usp.br/semead/15semead/resultado/trabalhosPDF/334.pdf>
- Castro, L. M., & Porto, K. R. G. (2009). Escrita virtual comparada à escrita gráfica de alunos do 5º ano de um colégio particular de Gurupi. *Revista Cereus (online)*, 1(1). Retrieved in 20/03/2014, from <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/2/1>
- Chase, L., & Alvarez, J. (2000). Internet research: The role of the focus group. *Library & Information Science Research*, 22(4), 357–369.
- Cole, M., & Cole, S. R. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente* (4a ed.) (M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Condé, M. L. L. (1998). *Wittgenstein: Linguagem e mundo*. São Paulo: Annablume.
- Connel, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, 20(2), 185-206.
- Couto, M. S. (2012). *Entre fragmentações e permanências: Identidades de gênero e as violências na escola*. VII Congresso Português de Sociologia, Universidade do Porto. Retrieved in 20/03/2014, from [http://www.aps.pt/vii\\_congresso/papers/finais/PAP0554\\_ed.pdf](http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0554_ed.pdf)

- Couto, M. T., Schraiber, L. B., d'Oliveira, A. F. P. L., & Kiss, L. B. (2007). Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher, São Paulo, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1323-1332.
- De Fina, A., & Georgakopoulou, A. (2011). *Analyzing narrative: discourse and sociolinguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Diamond, M. (2002). Sex and gender are different: Sexual identity and gender identity are different. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 7(3), 320-334.
- Dias, A. C. G., & La Taille, Y. de. (2006) O uso das salas de bate-papo na *internet*: Um estudo exploratório acerca das motivações, hábitos e atitudes dos adolescentes. *Interação em Psicologia*, 10(1), 43-51.
- Dornelles, P. G. (2007). *Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de gênero*, Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- ECOS - Comunicação em Sexualidade. (2004). *Gravidez de adolescentes entre 10 e 14 anos e vulnerabilidade social: Estudo exploratório em 5 capitais*. São Paulo: Author.
- Edley, N. (2001). Analysing masculinity: Interpretative repertoires, ideological dilemmas and subject positions. In M. Wetherell, S. Taylor & S. J. Yates (Orgs.), *Discourse as data: A guide for analysis* (pp.189-228). London: Sage.
- Fazer-se de difícil. (2013) In *DPEnglish*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://dpenglish.blogspot.com.br/2013/01/se-fazer-de-dificil-fazer-cu-doce-em.html>
- Ferreira, A. B. de H. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Ferreira, G. (2013). Feminismo e redes sociais na Marcha das Vadias no Brasil. *Revista Ártemis*, 15(1), 33-43.
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Freitas, K. R. de, & Dias, S. M. Z. (2010). Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 19(2), 351-357.
- Friederichs, M. C. (2008). *Corpos escritos na internet: Representações do corpo em blogs*. Retrieved in 20/03/2014, from [http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST53/Marta\\_Cristina\\_Friederichs\\_53.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST53/Marta_Cristina_Friederichs_53.pdf)
- Fry, P., & MacRae, E. (1991). *O que é homossexualidade* (7a ed.). São Paulo: Brasiliense

- Gamson, J. (2006). As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (2a ed.) (pp.345-362). Porto Alegre: Artmed.
- Gato, J., Leme, V. B. R., & Leme, A. A. (2010). *Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil*. Anais eletrônicos do seminário internacional Fazendo Gênero. Retrieved in 20/03/2014, from [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277826273\\_ARQUIVO\\_AtitudesrelativamenteahomossexualidadeemPortugalenoBrasil.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277826273_ARQUIVO_AtitudesrelativamenteahomossexualidadeemPortugalenoBrasil.pdf)
- Georgakopoulou, A. (1997). *Narrative performances: A study of modern greek storytelling*. Amsterdam: John Benjamins.
- Georgakopoulou, A. (2007). Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. In M. Bamberg (Org.), *Narrative: State of the art* (pp. 145-154). Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- Georgakopoulou, A. (2013). Building iterativity into positioning analysis: A practice-based approach to small stories and self. *Narrative Inquiry*, 23(1), 89-110.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gouveia, V. V., Souza, L. E. C., Vione, K. C., Cavalcanti, M. F. B., Santos, W. S., & Medeiros, E. D. (2011). Motivações para responder sem preconceito: Evidências de uma medida frente a gays e lésbicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 458-466.
- Greenfield, P., & Yan, Z. (2006). Children, adolescents, and the internet: A new field of inquiry in developmental psychology. *Developmental Psychology*, 42(3), 391–394.
- Guimarães, A. F. P. (2009). O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: Um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia*, 17(2), 553-567.
- Harré, R., & van Langenhove, L. (1999). *Positioning theory: Moral contexts of intentional action*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Heilborn, M. L. (1998). A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas. *Estudos Feministas*, 6(2), 394-405.
- Heilborn, M. L. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos Feministas*, 14(1), 43-59.
- Heilborn, M. L., & Cabral, C. da S. (2013). Youth, gender and sexual practices in Brazil. *Psicologia & Sociedade*, 25(spe), 33-43.

- Heilborn, M. L., Aquino, E. M. L., Bozon, M., & Knauth, D. R. (2006). *O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.
- Hellenga, K. (2002). Social space, the final frontier: Adolescents on the internet. In J. T. Mortimer & R. W. Larson (Orgs.), *The changing adolescent experience: Societal trends and the transition to adulthood* (pp. 208-249). New York: Cambridge University Press.
- Hollingshead, A. B. (1975). *Four-factor Index of Social Status*. Manuscrito não-publicado. Yale University, New Haven, CT.
- Houaiss, A., & Villar, M. de S. (2010). *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa* (4a ed.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Huffaker, D. A., & Calvert, S. L. (2005). Gender, identity, and language use in teenage blogs. *Journal of computer-mediated communication*, 10(2). doi: 10.1111/j.1083-6101.2005.tb00238.x
- Instituto Avon/Data Popular. (2013). *Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.institutoavon.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Pesquisa-Avon-Instituto-Ipsos-2013.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2013). Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. In *Pesquisa nacional por amostras de domicílios*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2011/default.shtm>
- Jackson, S. M., & Cram, F. (2003). Disrupting the sexual double standard: Young women's talk about heterosexuality. *British Journal of Social Psychology*, 42, 113-127.
- Justo, J. S. (2005). O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, 17(1), 61-77.
- Kraus, W. (2007). The narrative negotiation of identity and belonging. In M. Bamberg (Org.), *Narrative: State of the art* (pp. 123-132). Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- Kulkarni, S. (2007). Romance Narrative, Feminine Ideals, and Developmental Detours for Young Mothers. *Affilia: Journal Of Women*, 22 (1) 9-22.
- Labov, W., & Waletzky, J. (1967). Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In J. Helm (Org.), *Essays on the verbal and visual arts* (pp. 12-44). Seattle, WA: University of Washington Press.

- Lagan, B. M., Sinclair, M., & Kernohan, W. G. (2011). What is the impact of the internet on decision-making in pregnancy? A global study. *Birth Issues in Perinatal Care*, 38(4), 336-345.
- Latham, E. E. M. (2006). *Linguagem, identidade e gênero na comunicação mediada por computador: Um estudo de webpages pessoais de mulheres*, Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, Brasil.
- Leal, A. F., & Knauth, D. R. (2006). A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. *Cadernos de Saúde Pública*, 22 (7), 1375-1384.
- Lerner, G. (1992). Assisted storytelling: Deploying shared knowledge as a practical matter. *Qualitative Sociology*, 15(3), 247-271.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento da adolescência: Uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 427-436.
- Louro, G. L. (2000). Corpo, escola e identidade. *Educação e Realidade*, 25(2), 59-76.
- Louro, G. L. (2001). *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Louro, G. L. (2004). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista* (7a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2007). Gênero, sexualidade e educação: Das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, 46, 201-218.
- Louro, G. L. (2008). Gênero e sexualidade: Pedagogias contemporâneas. *Pró-posições*, 19(2), 17-24.
- Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e homofobia. In R. D. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 85-93). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.
- Luccio, F. Di, & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2010). Blogs: de diários pessoais a comunidades virtuais de escritores/leitores. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(1), 132-145.
- Macedo, S. R. H., Miranda, F. A. N. de, Pessoa Júnior, J. M., & Nóbrega, V. K. de M. (2013). Adolescência e sexualidade: Scripts sexuais a partir das representações sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(1), 103-109.
- Mariano, C. L. S. (2001). *Um estudo sobre os relacionamentos amorosos na adolescência*, Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, Brasil.

- Marks, M. J., & Fraley, R. (2007). The impact of social interaction on the sexual double standard. *Social Influence*, 2(1), 29-54.
- Marson, M. I. (1996). Da feminista "macha" aos homens sensíveis: O feminismo no Brasil e as (des)construções das identidades sexuais. *Cadernos AEL (Campinas)*, 2(3/4), 69-110.
- Matos, M., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21-33.
- Mello, H. D., & Wiggers, I. D. (2008). Representações e usos da Internet: Um estudo de recepção com adolescentes. *Revista Iberoamericana de Educación*, 45(2). Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.rieoei.org/deloslectores/2184Mello.pdf>
- Mello, S. C. L. (1996). *Românticos ou narcísicos? Um estudo sobre o descompromisso afetivo contemporâneo*, Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.
- Melo, G. C. V. de, & Moita Lopes, L. P. da. (2013). As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros na Orkut. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 29(2), 237-265.
- Meyer, D. E. E. (2000). Cultura teuto-brasileiro-evangélica: Articulando gênero com raça, classe, nação e religião. *Educação e Realidade*, 25(1), 135-161.
- Milnes, K. (2004). What lies between romance and sexual equality? A narrative study of young women's sexual experiences. *Sexualities, evolution & gender*, 6(2-3), 151-170.
- Milnes, K. (2010). Challenging the sexual double standard: Constructing sexual equality narratives as a strategy of resistance. *Feminism Psychology*, 20(2), 255-259.
- Miranda-Ribeiro, P., & Moore, A. (2003). *Papéis de gênero e gênero no papel: Uma análise de conteúdo da Revista Capricho, 2001-2002*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar.
- Miskolci, R. (2007). Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, 28, 101-128.
- Miskolci, R. (2013). Machos e Brothers: Uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Estudos Feministas*, 21(1), 301-324.
- Moita Lopes, L. P. da. (2002). *Identidades fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras.
- Moita Lopes, L. P. da. (2009). A performance narrativa do jogador Ronaldo como um fenômeno sexual em um jornal carioca: Multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL)*, 27(2), 129-160.

- Moita Lopes, L. P. da. (2010). Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 49(2), 393-417.
- Moreira, M. de F. S., & Santos, L. P. (2002). Indisciplina na escola: Uma questão de gênero? *Educação em Revista*, 3, 141-160.
- Moreno, M. (1999). *Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola*. São Paulo: Moderna.
- Na boa. (n.d.) In *Dicionário Informal*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/na%20boa/1676/>
- Nagel, L. H. (2003). O “aqui e o agora”, sem o “ontem e o amanhã”, nas políticas da educação. In F. M. G. Nogueira & M. L. F. Rizzotto (Orgs.), *Estado e políticas sociais: Brasil – Paraná* (pp. 29-40). Cascavel: Edunioeste.
- Nardi, H. C. (2010). Sexo e poder nas tramas pós(?)identitárias: Reflexões sobre a prostituição masculina. In L. P. M Lopes & L. C. Bastos (Orgs.), *Para além da identidade: Fluxos, movimentos e trânsitos* (pp. 215-234). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Neves, A. S. A. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: A caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Estudos Feministas*, 15(3), 609-627.
- Nicholson, L. (2000). Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, 8(2), 09-41.
- Nogueira, C. (2001). Feminismo e discurso do gênero na Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, 13(1), 107-128.
- Nyanzi, S., Rosenberg-Jallow, O., Bah, O., & Nyanzi, S. (2005). Bumsters, big black organs and old white gold: Embodied racial myths in sexual relationships of Gambian beach boys. *Culture, Health & Sexuality*, 7(6), 557-569.
- O’Connor, P. E. (1997). “You gotta be a man or a girl”: Constructed dialogue and reflexivity in the discourse of violence. *Pragmatics*, 7(4), 575-599.
- Ochs, E. (1992). Indexing gender. In A. Duranti & C. Goodwin (Orgs.), *Rethinking context: Language as an interactive phenomenon* (pp. 335-358). Cambridge: Cambridge University Press.
- Olesen, V. L. (2006). Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (2a ed.) (pp.219-258). Porto Alegre: Artmed.

- Oliveira, E. R. B. (2007). *Sexualidade, maternidade e gênero: Experiências de socialização de mulheres jovens de extratos populares*, Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.
- Oliveira, L. de (2010). Entre discursos, jeitos e gestos: Performance de gênero e sexualidade no mercado erótico de travestis e *cross-dressers*. In L. P. M Lopes & L. C. Bastos (Orgs.), *Para além da identidade: Fluxos, movimentos e trânsitos* (pp. 235-259). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Organização Mundial da Saúde. (1975). *El embarazo y el aborto en la adolescencia*. Genebra: Author.
- Owen, S. (2001). The practical, methodological and ethical dilemmas of conducting focus groups with vulnerable clients. *Journal of Advanced Nursing*, 36(5), 652-658.
- Paz, C. R. (2003). A cultura Blog: Questões introdutórias. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia (Porto Alegre)*, 22, 67-72.
- Pegar. (2012) In *Em Diálogo*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.emdialogo.uff.br/node/3077>
- Pereira, C. S. (2007). Os *wannabees* e suas tribos: adolescência e distinção na *internet*. *Estudos Feministas*, 15(2), 357-382.
- Piaget, J. (1999). *Seis estudos de psicologia*. (24a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Piaget, J., & Inhelder, B. (1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente*. São Paulo: Pioneira.
- Pior. (n.d.) In *Wiktionary*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://pt.wiktionary.org/wiki/pior>
- Postman, N. (1999). *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia.
- Potter, J., & Wetherell, M. (1987). *Discourse and social psychology: Beyond attitudes and behaviour*. London: Sage.
- Ratear. (n.d.) In *Dicionário Informal*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.dicionarioinformal.com.br/ratear/>
- Reid, D. J., & Reid, F. J. M. (2005). Online focus groups: An in-depth comparison of computer-mediated and conventional focus group discussions. *International Journal of Market Research*, 47(2), 131-162.
- Reis, C. B., & Santos, N. R. dos. (2011). Relações desiguais de gênero no discurso de adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(10), 3979-3984.
- Rieth, F. (2002). A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. *Horizontes Antropológicos*, 8(17), 77-91.



- Robinson, P. (1977). *A modernização do sexo: Ensaio sobre Ellis, Kinsey, Masters e Johnson*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rubin, G. (1998). Thinking sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In P. M. Nardi & B. E. Schneider (Orgs.), *Social perspectives in lesbian and gay studies: A reader* (pp. 100-133). London: Routledge.
- Saavedra, L., Nogueira, C., & Magalhães, S. (2010). Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: Implicações para a educação sexual. *Educação & Sociedade*, 31(110), 135-156.
- Sacks, H. (1974). An analysis of a course of a joke's telling in conversation. In R. Bauman & J. Sherzer (Orgs.), *Explorations in the ethnography of speaking* (pp. 337-353). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: Alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(1), 33-41.
- Santos, D. B., & Silva, R. C. (2008). Sexualidade e normas de gênero em revistas para adolescentes brasileiros. *Saúde e Sociedade*, 17(2), 22-34.
- Santos, M. B. P. dos, Penteado, C. L. de C., & Araújo, R. de P. A. (2009). Metodologia de pesquisa de blogs de política: Análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento "cansei". *Revista de Sociologia e Política*, 17(34), 159-181
- Sarriera, J. C., & Paradiso, A. C. (2012). *Tempo livre e lazer na adolescência: Promoção da saúde, intervenção e pesquisa*. Porto Alegre: Sulina.
- Schmidt, S. P. (2010). Quando ter atitude é ser diferente para ser igual: Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 7, 195-210.
- Schmidt, S. P. (2011). Ter atitude: Um estudo sobre mídia e cultura jovem global. *Revista ECO-POS*, 14, 303-318.
- Schneider, S. J., Kerwin, J., Frechtling, J., & Vivari, B. A. (2002). Characteristics of the discussion in online and face-to-face focus groups. *Social Science Computer Review*, 20(1), 31-42.
- Schwandt, T. A. (2006). Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (2a ed.) (pp.193-218). Porto Alegre: Artmed.
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.

- Seffner, F. (2003). *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*, Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Seffner, F. (2004). Representações da masculinidade bissexual: Um estudo a partir dos informantes da Rede Bis-Brasil. In C. F. Cáceres, T. Frasca, M. Pecheny & V. Terto Júnior (Orgs.), *Ciudadanía sexual en América Latina: Abriendo el debate* (pp. 219-238). Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia.
- Sefton, A. P. (2006). *Pai não é de uso diário? Paternidades na literatura infanto-juvenil*, Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Seiffge-Krenke, I., & Connolly, J. (2010). Adolescent romantic relationships across the globe: Involvement, conflict management, and linkages to parents and peer relationships. *Introduction to the Special Issue: International Journal of Behavioral Development*, 34(2), 97.
- Silva, T. T. da. (2003). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: A permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 23(4), 441-453.
- Sirihal Duarte, A. B. (2007). Grupo Focal *online* e *offline* como técnica de coleta de dados. *Informação & Sociedade: Estudos*, 17(1), 81-95.
- Soares, D. H. P., & Terêncio, M. G. (2003). A *internet* como ferramenta para o desenvolvimento da identidade profissional. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 139-145.
- Soihet, R. (2008). Mulheres investindo contra o feminismo: Resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? *Estudos de Sociologia (Araraquara)*, 13(24), 191-207.
- Stainton Rogers, W., & Stainton Rogers, R. (2001). *The psychology of gender and sexuality*. Buckingham: Open University Press.
- Subrahmanyam, K., Greenfield, P. M., & Tynes, B. (2004). Constructing sexuality and identity in an internet teen chat room. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 25, 651-666.
- Subrahmanyam, K., Greenfield, P., Kraut, R., & Gross, E. (2001). The impact of computer use on children's and adolescents' development. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 22(1), 07-30.

- Subrahmanyam, K., Smahel, D., & Greenfield, P. (2006). Connecting developmental constructions to the internet: Identity presentation and sexual exploration in online teen chat rooms. *Developmental Psychology*, 42(3) 395–406.
- Sul21. (26/06/2013). *Pelo fim do machismo, Marcha das Vadias reúne milhares em Porto Alegre*. Sul21.Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.sul21.com.br/jornal/pelo-fim-do-machismo-marcha-das-vadias-reune-milhares-em-porto-alegre/>
- Suler, J. (2001) *The psychology of cyberspace*. Retrieved in 12/04/2014, from <http://www.rider.edu/users/suler/psycyber/psycyber.html>
- Tanenbaum, L. (2000). *Slut! Growing up female with a bad reputation*. New York: Perennial.
- Taquette, S. R., & Vilhena, M. M. de. (2008). Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 105-114.
- Teixeira, F. S., Marretto, C. A. R., Mendes, A. B., & Santos, E. N. dos. (2012). Homofobia e sexualidade em adolescentes: Trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 16-33.
- Toneli, M. J. F. (2006). Homofobia em contextos jovens urbanos: Contribuições dos estudos de gênero. *Psic: Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 7(2), 31-38.
- Torrão Filho, A. (2005). Uma questão de gênero: Onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, 24, 127-152.
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (2003). Pró-Reitoria Adjunta de Graduação. *Perfil e representações dos estudantes de graduação da UFRGS: Relatório final*. Porto Alegre: Author.
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (2013). *Programa de ações afirmativas da UFRGS: 2008-2012*. Comissão de Acompanhamento dos Alunos do Programa de Ações Afirmativas. Comissão *ad hoc* de avaliação do Programa de Ações Afirmativas. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Valkenburg, P. M., Schouten, A. P., & Peter, J. (2005). Adolescents' identity experiments on the internet. *New Media & Society*, 7(3) 383–402.
- Valli, G. P., & Cogo, A. L. P. (2013). Blogs escolares sobre sexualidade: Estudo exploratório documental. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 34(3), 31-37.
- van Langenhove, L., & Harré, R. (1999). Introduction Positioning Theory. In R. Harré & L. van Langenhove (Orgs.), *Positioning theory: Moral contexts of intentional action* (pp. 14-31). Oxford: Blackwell Publishers.
- Walston, J. T., & Lissitz, R. W. (2000). Computer-Mediated Focus Groups. *Evaluation Review*, 24(5), 457-483.

- Weeks, J. (2003). *Sexuality* (2a ed.). London: Routledge.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: Dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, 9(2), 460-482.
- Werner, D. W. (1999). *Sexo, símbolo e solidariedade*. Florianópolis: EDEME.
- Wetherell, M. (1998). Positioning and interpretative repertoires: Conversation analysis and post-structuralism in dialogue. *Discourse and Society*, 9(3), 387-412.
- Zero Hora. (08/08/2011). *Mais da metade dos alunos da UFRGS é natural da capital ou região metropolitana*. Zero Hora. Retrieved in 20/03/2014, from <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2011/08/mais-da-metade-dos-alunos-da-ufrgs-e-natural-da-capital-ou-regiao-metropolitana-3450341.html>

## ANEXOS

### Anexo A

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO: GRUPOS FOCAIS PRESENCIAIS**

##### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa “A influência dos padrões hegemônicos de gênero na sexualidade de adolescentes”. Você pode colaborar com esta pesquisa, participando de uma discussão em grupo sobre como ser homem ou ser mulher influencia na sexualidade das pessoas. Você está sendo convidado a participar de apenas um encontro, que durará uma hora, aproximadamente. Esse encontro acontecerá em uma sala da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, adequada para realização de grupo focal. O seu grupo terá aproximadamente seis pessoas da sua idade, colegas seus ou alunos de outra turma. A pesquisadora estará presente durante toda a discussão. A conversa será gravada por meio de gravadores digitais e, posteriormente, transcrita pela pesquisadora. Seu nome verdadeiro não aparecerá na pesquisa, nem mesmo na transcrição da gravação.

Esta pesquisa poderá contribuir para a saúde dos jovens, pois já se sabe que as idéias associadas ao homem e à mulher influenciam as maneiras como as pessoas lidam com sua sexualidade e com a prevenção de doenças. Você não corre nenhum risco ao participar desse estudo, mas também não prometemos nenhuma vantagem pela participação. Você pode escolher não participar ou poderá desistir de participar em qualquer momento durante a pesquisa. Se não quiser participar ou desistir depois, não terá qualquer prejuízo. Você só poderá fazer parte desse estudo, se autorizar a sua participação. Caso tenha alguma pergunta, por favor, entre em contato com Gabriela Bordini, no telefone (51) 9919 2155 ou com a Prof<sup>a</sup> Tania Mara Sperb no telefone 33251997.

Sua assinatura mostra que você entendeu essa pesquisa e que concorda em participar.

---

Participante

---

Pesquisadora responsável

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de 2012.

## Anexo B

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO: GRUPOS FOCAIS *ON-LINE***

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa “A influência dos padrões hegemônicos de gênero na sexualidade de adolescentes”. Você pode colaborar com esta pesquisa, participando de uma discussão em grupo sobre como ser homem ou ser mulher influencia na sexualidade das pessoas. Você está sendo convidado a participar de apenas um encontro, que durará uma hora, aproximadamente. Esse encontro acontecerá na sala de informática do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a discussão será pela Internet, no MSN, por escrito. Você receberá um endereço de contato do MSN, criado especialmente para essa pesquisa, e inventará um apelido (“*nick*”), que não precisará contar para ninguém. O seu grupo terá aproximadamente seis pessoas da sua idade, colegas seus ou alunos de outra turma. A pesquisadora estará presente durante toda a discussão. A conversa será gravada, mas o seu nome verdadeiro não aparecerá na pesquisa.

Esta pesquisa poderá contribuir para a saúde dos jovens, pois já se sabe que as idéias associadas ao homem e à mulher influenciam as maneiras como as pessoas lidam com sua sexualidade e com a prevenção de doenças. Você não corre nenhum risco ao participar desse estudo, mas também não prometemos nenhuma vantagem pela participação. Você pode escolher não participar ou poderá desistir de participar em qualquer momento durante a pesquisa. Se não quiser participar ou desistir depois, não terá qualquer prejuízo. Você só poderá fazer parte desse estudo, se autorizar a sua participação. Caso tenha alguma pergunta, por favor, entre em contato com Gabriela Bordini, no telefone (51) 9919 2155 ou com a Prof<sup>a</sup> Tania Mara Sperb no telefone 33251997.

Sua assinatura mostra que você entendeu essa pesquisa e que concorda em participar.

---

Participante

---

Pesquisadora responsável

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de 2012.



## Anexo D

### APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA



**U F R G S**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA**

Comitê De Ética Em Pesquisa Do Instituto De Psicologia



#### **CARTA DE APROVAÇÃO**

**Comitê De Ética Em Pesquisa Do Instituto De Psicologia analisou o projeto:**

**Número:** 21478

**Título:** A INFLUÊNCIA DOS PADRÕES HEGEMÔNICOS DE GÊNERO NA SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES

**Pesquisadores:**

**Equipe UFRGS:**

TANIA MARA SPERB - coordenador desde 15/08/2011  
Gabriela Sagebin Bordini - pesquisador desde 15/08/2011  
JÚLIA PINTO SOARES - pesquisador desde 15/08/2011

***Comitê De Ética Em Pesquisa Do Instituto De Psicologia aprovou o mesmo, ad referendum, por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.***

Porto Alegre, Sexta-Feira, 11 de Novembro de 2011

JUSSARA MARIA ROSA MENDES  
Coordenador da comissão de ética



**Anexo E**

**ARTIGO SUBMETIDO À REVISTA PSICOLOGIA & SOCIEDADE**

**Influência do gênero na sexualidade segundo narrativas de jovens universitários**

Gabriela Sagebin Bordini, Giovanna Dornelles Seimetz e Tania Mara Sperb

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este artigo é parte da Tese de Doutorado da primeira autora. As autoras agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) pelo apoio financeiro.

## RESUMO

Nas sociedades ocidentais, os conceitos de gênero e sexualidade encontram-se articulados. Ainda que, para o senso comum, as assimetrias entre mulheres e homens estejam praticamente superadas, pesquisas brasileiras atuais encontraram diferentes expectativas e significados associados às sexualidades de homens e de mulheres. Este estudo procurou identificar quais situações, comportamentos e aspectos das sexualidades ainda são marcados por diferenças de gênero. Para tal, realizaram-se 9 grupos focais – 6 presenciais e 3 *on-line* – com 45 jovens graduandos de uma universidade de Porto Alegre (RS). As narrativas produzidas nos grupos foram submetidas a uma Análise de Conteúdo, que revelou que a manifestação da sexualidade segue marcada por diferenças de gênero, embora já exista uma maior aceitação da promiscuidade e do posicionamento ativo da mulher.

Palavras-chave: Gênero; sexualidade; narrativas.

## **THE INFLUENCE OF GENDER IN SEXUALITY ACCORDING TO COLLEGE STUDENTS' NARRATIVES**

### **ABSTRACT**

In Western societies, the concepts of gender and sexuality are linked. Although the common sense considers asymmetries between men and women as already been overcome, Brazilian researchers have recently found different expectations and meanings associated to men's and women's sexualities. The present investigation aimed at identifying which situations, behaviors and aspects of sexualities are still influenced by gender differences. We conducted 9 focus groups – 6 face-to-face and 3 on-line – with 45 young college students of a university located in the city of Porto Alegre. The narratives produced in the groups were analyzed by using Content Analysis, which revealed that gender still influences the expression of sexuality, although promiscuity and active positioning are more accepted in woman nowadays.

Keywords: Gender; sexuality; narratives.

Na cultura ocidental, os conceitos de gênero e sexualidade estão articulados. As concepções e representações quanto à sexualidade, por exemplo, dependem dos significados atribuídos a ser homem e a ser mulher (Guimarães, 2009). Ainda que, para o senso comum, as assimetrias entre mulheres e homens estejam praticamente superadas, pesquisas brasileiras recentes apontam para a presença de padrões de gênero tradicionais no campo da sexualidade (Bordini & Sperb, 2012; Heilborn & Cabral, 2013; Reis & Santos, 2011). Diante disso, é importante investigar a influência do gênero, atualmente, em diferentes aspectos da sexualidade. Neste artigo, apresentam-se, então, situações e comportamentos sexuais em que há e em que não há diferenciação dos indivíduos envolvidos conforme sejam homens ou mulheres, como mostraram as narrativas de adolescentes com idades entre os 18 e os 20 anos, aqui chamados de jovens.

No ocidente, a adolescência é tida como uma fase na qual aconteceria a transição entre o mundo infantil e o adulto (Bremm & Bisol, 2008). Portanto, há uma expectativa de que o período seja caracterizado por questionamentos e pela formação de hábitos e opiniões, como aqueles relativos ao masculino e ao feminino (Reis & Santos, 2011). Assim, optou-se por trabalhar com participantes que estivessem dentro dessa faixa etária.

Embora não haja definição cronológica única em relação à adolescência, este estudo utiliza os critérios da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1975), para a qual esta se estende dos 15 até os 19 anos. Os últimos anos dessa fase incluem-se no que Arnett (2010) chama de idade adulta emergente. Esta seria um período em que jovens de *status* socioeconômico e níveis de educação mais altos ainda não assumiram as responsabilidades adultas, o que lhes permitiria explorar alternativas em diversos campos, posturas, valores, e crenças. Neste sentido, espera-se que o trabalho com universitários entre os 18 e os 20 anos incompletos seja profícuo ao objetivo desta pesquisa, uma vez que, na adolescência, os significados atribuídos ao feminino e ao masculino, bem como à sexualidade, são repensados e construídos de modo mais intenso (Arnett, 2010; Subrahmanyam, Smahel, & Greenfield, 2006).

No entanto, tais significados relacionados a gênero e sexualidade tendem a ser rígidos, pois, como as identidades de gênero e sexual são tradicionalmente consideradas a essência do sujeito, elas permitem menos flexibilização (Louro, 2001). Meyer (2000) explica que, em uma dada cultura, existem feminilidades e masculinidades hegemônicas, ou seja, padrões referentes ao que é ser homem e ao que é ser mulher, que orientam as pessoas quanto aos atributos, às atividades, aos comportamentos tidos como masculinos ou femininos.

Esses padrões que delimitam as identidades de homens e de mulheres incluem aspectos relativos à sexualidade. Há, por exemplo, a imposição de valores relativos a uma

sexualidade natural, reprodutiva, e heterossexual, que opõem mulheres e homens (Butler, 2003). De fato, apesar do avanço quanto à permissividade sexual, em termos da autonomia da mulher e da visibilidade da homossexualidade (Giddens, 1993), estudos têm sugerido que essas conquistas não eliminaram a influência de tais padrões hegemônicos de gênero na sexualidade (Bordini & Sperb, 2012; Heilborn & Cabral, 2013).

Em relação ao modelo dominante de sexualidade dos homens, estudiosos destacam que um dos seus aspectos principais é a sexualidade heterossexual, com uma especial valorização da conquista e da promiscuidade sexuais, bem como do conhecimento sobre e do desempenho do ato sexual (Câmara, 2007; Heilborn, Aquino, Bozon & Knauth, 2006; Instituto Avon/Data Popular, 2013). Quanto à influência dos padrões hegemônicos na sexualidade das mulheres, pesquisas têm mostrado que estas devem ser discretas e não ser promíscuas (D. B. Santos & Silva, 2008). O modelo dominante de sexualidade da mulher também é a heterossexualidade, neste caso, associada ao amor romântico e a relacionamentos duradouros e monogâmicos (Bordini & Sperb, 2012; D. B. Santos & Silva, 2008).

A despeito da força e rigidez de tais padrões, o presente estudo baseia-se na ideia de que os significados associados ao campo da sexualidade e, portanto, o modo como os indivíduos realizam seus prazeres e desejos, não lhes são dados pela natureza, mas são construídos e mantidos socialmente por diversas linguagens (Weeks, 2003). Esses modelos dominantes são sempre acompanhados por outras identidades que não correspondem aos valores hegemônicos, tidas como identidades desviantes (Butler, 2003). A existência de tal variabilidade sinaliza que as identidades sexuais e de gênero não são únicas e fixas, mas construídas continuamente e em interação.

Nesse processo, a linguagem – em especial, as narrativas elaboradas em interação – tem um papel fundamental. Uma vez que os interlocutores ajustam suas ações de acordo com o que acontece no momento, preocupados com se fazer entender e com aquilo que os outros podem pensar a seu respeito, eles tentam se explicar, justificando seus atos e os papéis que desempenham (Bamberg, 2011). Assim, por meio da narrativa, reproduzem-se, mas também se constroem novos significados, já que os interlocutores posicionam-se constantemente em relação aos mesmos. Com base nesses pressupostos, escolheu-se trabalhar com narrativas construídas em interação.

O objetivo deste estudo é identificar situações, comportamentos e aspectos das sexualidades influenciados e não influenciados pelo gênero, ou seja, em que ocorre ou não diferenciação porque os indivíduos envolvidos são homens ou mulheres. Para tal, examinam-se narrativas de jovens universitários, produzidas em grupo. Considerando-se os resultados

de pesquisas que indicam a corrente influência de padrões de gênero tradicionais na sexualidade, espera-se encontrar situações, comportamentos e aspectos das sexualidades que corroborem esses achados. Por outro lado, há também a expectativa de encontrar aqueles que tradicionalmente seriam influenciados pelo gênero dos envolvidos, mas que não o são, uma vez que os participantes encontram-se em um período caracterizado por questionamentos e ressignificações.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

Participaram do estudo 45 universitários selecionados por conveniência, 22 homens e 23 mulheres com idades entre os 18 e os 20 anos incompletos. Foram convidados para o estudo alunos de várias turmas do primeiro e segundo semestres de diversos cursos de graduação oferecidos pela maior universidade pública de Porto Alegre. Os participantes eram de diferentes estratos sociais, de acordo com critérios baseados em Hollingshead (1975). Contou-se com estudantes de 18 cursos de graduação diferentes, 41 autoidentificados como heterossexuais, 2 como homossexuais e 2 que referiram não saber. Do total, 40 participantes definiram-se como brancos e 5, como pardos. Quanto à religião, 27 referiram não ter religião, 12 disseram-se católicos e 6 mencionaram outras religiões.

### **Delineamento e procedimento**

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o nº 21478. Utilizou-se um delineamento qualitativo a fim de conhecer os aspectos da sexualidade influenciados ou não pelo gênero, a partir das narrativas elaboradas pelos jovens universitários em grupos focais. Para a realização destes, os 45 participantes foram divididos em nove grupos, cada um com cinco componentes.

Dada a importância dos contextos de produção para as narrativas elaboradas em interação (Bamberg, 2011; De Fina & Georgakopoulou, 2011), optou-se por realizar a coleta de dados em dois ambientes: presencial e virtual. Os grupos conduzidos presencialmente ocorreram em diferentes locais, como salas de reunião de bibliotecas e centros acadêmicos de faculdades, e foram organizados da seguinte forma: dois grupos de homens, dois de mulheres e dois mistos (com três mulheres e dois homens). A interação nesses grupos foi gravada na íntegra e posteriormente transcrita para análise dos dados.

Dentre os grupos realizados virtualmente, houve um grupo composto por homens, um composto por mulheres e um misto (três homens e duas mulheres). Com cada um deles foi conduzido um grupo focal *on-line* síncrono, em que a comunicação ocorreu em tempo real, por escrito, via internet, através do programa de bate-papo *Windows Live Messenger* (MSN). Esses grupos tiveram lugar na sala de informática do Instituto de Psicologia da referida universidade, na qual cada participante, bem como a moderadora, tinha um computador conectado ao MSN à sua disposição. Todas as discussões foram automaticamente gravadas e transformadas em um arquivo de texto pelo próprio MSN.

Todos os grupos focais foram moderados pela primeira autora, ocorreram em dias diferentes e tiveram a duração de 1 hora, aproximadamente. Cada grupo se reuniu uma vez e cada membro participou uma única vez, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A questão de abertura, lançada pela moderadora para dar início às discussões, foi: “Será que ser homem ou mulher influencia na maneira como as pessoas vivem suas sexualidades e no que pensam sobre e esperam das sexualidades dos outros?”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A interação dos grupos propiciou a elaboração conjunta de narrativas, submetidas à Análise de Conteúdo (Bardin, 1977/2008). A unidade de análise foi a narrativa, identificada quando havia personagens e um enredo que evoluísse ao longo do tempo (Brockmeier & Harré, 2003). As primeiras duas autoras leram as narrativas coletadas exaustivamente para, então, classificá-las a partir do critério semântico. Isto é, as narrativas cuja temática era semelhante foram agrupadas em categorias mutuamente excludentes, que continham subcategorias.

Foram coletadas 125 narrativas, das quais 94 tiveram como tema principal situações, comportamentos e aspectos das sexualidades influenciados pelo gênero e 31 abordaram a não influência do gênero, analisadas separadamente. Todas as narrativas foram classificadas nas seguintes categorias: Manifestação da Sexualidade, Relacionamento, Homossexualidade e Assédio Sexual, cada uma composta por subcategorias, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1

*Narrativas distribuídas em categorias e subcategorias oriundas da análise dos dados*

Categorias	Subcategorias	
	Gênero influencia (94)	Gênero não influencia (31)
Manifestação da sexualidade (53)	Repressão ou desvalorização em mulheres (30)	Repressão ou desvalorização (1)
	Repressão ou desvalorização em homens (2)	Aceitação (6)
	Estímulo ou valorização em homens (14)	
Homossexualidade (30)	Representação negativa em homens (8)	Representação negativa (5)
	Valorização em mulheres (5)	Representação positiva/aceitação (4)
	Confusão entre gênero e orientação sexual (8)	
Relacionamento (32)	Papéis diferentes na relação (10)	Crítica a papéis diferentes na relação (2)
	Representação da mulher que trai (5)	Representação de quem trai (11)
	Representação do homem que trai (4)	
Assédio sexual (10)	Representação negativa da mulher assediadora/assediada (5)	Representação negativa de quem assedia (2)
	Representação negativa do homem assediador/assediado (3)	

A seguir, apresentam-se todas as categorias e subcategorias, uma breve descrição de cada categoria por meio de um texto-síntese e sua relação com a literatura especializada. As subcategorias que compõem as categorias que predominaram também são descritas e contam com exemplos de narrativas consideradas ilustrativas. Dada a extensão das narrativas originais, estas foram recortadas (cada recorte é marcado por “\_ \_ \_”, para diferenciar do símbolo “...”, utilizado pelos participantes dos grupos *on-line* e na transcrição dos grupos presenciais). Os pseudônimos usados pelos participantes foram substituídos por números, com o objetivo de preservar o anonimato.



## Aspectos da sexualidade influenciados pelo gênero

De acordo com a Análise de Conteúdo empreendida, os seguintes aspectos da sexualidade sofrem influência do gênero.

### Manifestação da sexualidade

Essa categoria incluiu 46 narrativas, divididas em três subcategorias que revelaram diferentes expectativas sociais quanto à expressão da sexualidade por parte de homens e mulheres. A subcategoria mais numerosa abarcou 30 narrativas que apresentavam personagens mulheres, sobretudo jovens, sofrendo consequências negativas por seu posicionamento ativo e comportamento promíscuo em termos sexuais, ao contrário dos homens. A promiscuidade apareceu em comportamentos como: ficar ou ter relação sexual com vários homens, ficar com mais de um colega e ter relação sexual no primeiro encontro com um homem. Tais comportamentos vão de encontro ao estereótipo feminino da discrição, do romantismo e da monogamia (Bordini & Sperb, 2012; D. B. Santos & Silva, 2008) e, nas narrativas, geravam má fama para a mulher e eram censurados por seus pares – que, via de regra, a consideravam “vadia” ou “fácil” – e familiares.

Já o posicionamento ativo da mulher foi representado pela expressão explícita de interesse em um homem, em geral em festas, algo também chamado de “ter atitude”. Este é um aspecto comumente atribuído à sexualidade dos homens, que diz respeito a uma prontidão para a ação, ter gênio forte e ser ativo (Schmidt, 2011). Esse posicionamento é atípico quando se considera o modelo de mulher passiva na cultura brasileira (Fry & MacRae, 1991; L. de Oliveira, 2010) e fazia com que as personagens se tornassem menos atraentes para os homens. Segundo as narrativas classificadas nessa subcategoria, o que torna uma mulher interessante é o seu comportamento discreto, especialmente quando ela se posiciona como difícil de ser conquistada. O Exemplo 1 mostra alguns desses aspectos.

Exemplo 1 (trecho de narrativa produzida em um dos grupos presenciais de homens):

*Participante 2: \_ \_ \_ eu, eu não acho absurdo, mas, enfim, há histórias que ela falava, ela conhecia um cara, ficava com ele e... dormia com ele no primeiro dia, e tipo, vários caras e tal, e tipo, tá, e, caras fazem isso e...*

---

*Participante 2: Tipo, se ela fosse um cara fazendo isso, pouca gente ia questionar. Agora... porque é uma guria, ‘ai, não, que piranha’. Mas... eu, eu também não acho, ah, eu não sei o que acho...*

---

*Participante 5: Os caras que conhecem a fama dela não, talvez, não queiram ficar com ela por saber disso.*

---

*Participante 2: Nesse sentido. Os caras que já conheciam as histórias, as histórias dela... hã, não ficavam com ela, mas ela tava sempre ficando com caras, mas eram uns caras que ela não conhecia.*

A segunda subcategoria mais numerosa incluiu 14 narrativas que tiveram como foco a exigência e valorização sociais quanto à manifestação da sexualidade pelos homens, principalmente ao flertar com mulheres em festas e na internet, o contrário do que se espera das mulheres. Assim, personagens homens que não apresentavam um comportamento ativo em termos sexuais eram criticados – em geral, por outros homens – e perdiam chances de ficar com mulheres, já que existe uma expectativa de que eles tomem a iniciativa, sobretudo quando estão realmente interessados. Já personagens homens que “tinham atitude” eram apresentados como bem-sucedidos no flerte, sendo que, em 3 dessas narrativas, seus comportamentos promíscuos – como ficar com várias mulheres – eram socialmente autorizados e valorizados. Alguns desses aspectos são ilustrados pelo Exemplo 2.

Exemplo 2 (trecho de narrativa produzida no grupo *on-line* de homens):

*Participante 1: já perdi mulher para cara muito feio porque eu não tinha chegado nela e o cara chegou antes, teve atitude, o que eu não tive*

---

*Participante 2: acho que as mulheres querem atitude também, elas rondam e tal, mas é o cara que tem que perceber e tomar a iniciativa*

---

*Participante 2: sim, pois a atitude ta muito mais atribuída ao homem*

---

*Participante 3: é tem isso tbm...se uma mulher nao vai pra cima de ninguem é normal, mas se um cara faz isso é pq é gay*

No entanto, também foram elaboradas duas narrativas que revelaram uma repressão ou desvalorização da manifestação da sexualidade em homens e não em mulheres. Em uma dessas narrativas, ao ficar com várias pessoas em uma festa, personagens homens ganhavam má fama e personagens mulheres eram bem vistas. Na outra, um homem que fazia sexo “sem compromisso” ficava mal visto, ao contrário das mulheres, pois tratava a parceira sem respeito. Esses resultados confirmam que a conquista e a promiscuidade sexuais ainda fazem parte do modelo de masculinidade, embora, atualmente, o seu aspecto mais característico seja

o posicionamento ativo, aparente no atributo “ter atitude” (Câmara, 2007; Fry & MacRae, 1991; Heilborn et al., 2006; L. de Oliveira, 2010; Schmidt, 2011).

Ficou claro que a categoria Manifestação da sexualidade teve como foco o comportamento das mulheres. É provável que isso se deva às transformações ocorridas no âmbito da sexualidade feminina, cerne da revolução sexual em curso (Giddens, 1993). Se, de fato, as mudanças em termos de igualdade sexual aproximaram as atitudes das mulheres ao modelo de sexualidade masculina (Milnes, 2004), estas devem chamar mais atenção e ser alvo de mais comentários do que as atitudes dos homens, que permaneceram, grosso modo, atreladas aos padrões hegemônicos de gênero.

### Homossexualidade

Aqui foram categorizadas 21 narrativas que revelaram o quanto o gênero influencia a aceitação da e as representações sobre a homossexualidade, bem como as expectativas quanto à orientação sexual das pessoas. Do total, 8 narrativas apresentaram personagens homens homossexuais com dificuldades de serem aceitos pelo pai e pela sociedade e também sendo vítimas de insultos e, frequentemente, de violência física, mais do que as mulheres homossexuais, como aparece no Exemplo 3.

Exemplo 3 (trecho de narrativa produzida em um dos grupos presenciais mistos):

*Participante 1: É... Até isso, pegar o carro dos pais, eles acham que tudo isso é coisa de guri, eles tão aproveitando a juventude. Mas quando é uma guria \_ \_ \_ Eles ficam muito mais assustados quando isso acontece do que quando é com guri.*

---

*Participante 2: Mas em relação à troca de sexualidade é pior.*

---

*Participante 2: É que, eu acho, por exemplo, que tem muito... Pai, não tem muito, acho que meu pai não tem uma opinião muito formada, por exemplo, se eu seguisse outro caminho, nesse sentido. Mas eu acho que, se ele tivesse um filho, teria. Entende? 'Não. Meu filho tem que ser homem'.*

Confirmando essa maior dificuldade de aceitação em relação à homossexualidade masculina, foram identificadas cinco narrativas que traziam personagens mulheres homossexuais sendo desejadas e posicionadas pela mídia e pelos homens heterossexuais como um fetiche, algo que não ocorre com os homens homossexuais. Essa diferença quanto à homossexualidade em homens e mulheres deve-se provavelmente à associação histórica entre masculinidade e heterossexualidade – sendo esta cultivada desde cedo nos meninos (Louro, 2001) –, enquanto a feminilidade é tipicamente associada à expressão de afeto e de intimidade

por meio do contato físico (Louro, 2009). Além disso, em uma cultura em que o homem ativo é tido como sujeito e a mulher passiva, como objeto, as práticas sexuais entre mulheres femininas tornam-se atraentes e, muitas vezes, são interpretadas como se estivessem a serviço das fantasias masculinas (Caproni Neto & Pinto, 2012; Welzer-Lang, 2001).

As outras oito narrativas que compõem a categoria Homossexualidade apresentavam personagens homens ou mulheres (ou ambos) com características tradicionalmente associadas ao outro gênero e que, por isso, eram interpretados como homossexuais, assim como personagens com características tipicamente relacionadas ao seu gênero e que, portanto, eram interpretados como heterossexuais. Algumas dessas narrativas ressaltaram o quanto uma aparência distante dos padrões hegemônicos de gênero causa preconceito, ao mostrarem personagens homens afeminados e mulheres masculinizadas sendo tidos como homossexuais e alvo de agressões.

Como explica Louro (2009), gênero e sexualidade estão atrelados de tal maneira, no ocidente, que se cria um emaranhado entre ambos. Assim, características e comportamentos atípicos no campo do gênero – como voz aguda e jeito delicado em um homem (Welzer-Lang, 2001; L. de Oliveira, 2010) – levam a consequências no campo da sexualidade, geralmente pressupondo-se que a pessoa é homossexual, o que fica patente no Exemplo 4.

Exemplo 4 (trecho de narrativa produzida no grupo *on-line* de mulheres):

*Participante 1 diz: \_ \_ \_ vcs não acham que quando o cara é tipo grande, não tem jeito afeminado as pessoas ficam meio chocadas se eles dizem que são gays? alguém me contou que um cara do semestre passado da fabico, quando foi dar a entrevista do trote foi o primeiro. e ele é todo grande, assim, ninguém esperava.*

---

*Participante 1 diz: daí quando perguntaram orientação sexual ele falou na lata 'gay' \_ \_ \_ e deu aquele silêncio*

---

*Participante 2 diz: quando é um cara magrinho, bem vestido se chocam se não são gays*

A categoria Homossexualidade evidenciou o quanto, no contexto universitário brasileiro, o padrão de masculinidade, que envolve a heterossexualidade como aspecto fundamental, ainda é vigiado de perto e reforçado constantemente (Louro, 2001; L. de Oliveira, 2010). As narrativas aqui categorizadas também sugeriram que, atualmente, há mais dificuldade em flexibilizar e relativizar os modelos de gênero do que os de sexualidade, uma

vez que personagens homens e mulheres distantes dos padrões de masculino e feminino sofreram mais preconceito do que os homossexuais em geral.

### Relacionamento

As 19 narrativas aqui incluídas revelaram a expectativa de diferentes papéis para homens e mulheres que se encontram em uma relação heterossexual, em especial a posição submissa da mulher e o papel de traidor atribuído ao homem. Do total de narrativas, 10 envolviam personagens mulheres sendo enganadas por parceiros desonestos, criticadas ao expressarem suas opiniões no namoro ou sendo as responsáveis pela casa e pelos filhos, diferentemente dos personagens homens. Tais dados mostraram a persistência da associação entre feminilidade e passividade (Fry & MacRae, 1991; L. de Oliveira, 2010) e reforçaram os achados da pesquisa realizada pelo Instituto Avon/Data Popular (2013) quanto à relação entre ser mulher e manter o casamento bem e a casa em ordem, na cultura brasileira. O Exemplo 5 ilustra alguns desses aspectos.

Exemplo 5 (trecho de narrativa produzida em um dos grupos presenciais mistos):

*Participante 3: \_ \_ \_ E ele olhou pra mim e falou assim: ‘Bah, eu acho muito tri uma gurria que nem tu, assim. Que se impõe, tem opinião, que fala o que pensa... mas eu nunca namoraria uma gurria que nem tu.’*

---

*Participante 3: Foi isso que... ele deu a entender. Que ele quer uma mulher submissa do lado dele.*

---

*Participante 4: Tipo... ai, se ela fosse, sei lá. Se ela namorasse com outra \_ \_ \_ dizendo todas as opiniões dela, ele ia dizer: ‘Pô, Luizinho, como é que tu aceita tua namorada ter opinião desse jeito?’*

*Moderadora: Ah, tu acha que aconteceria isso?*

---

*Participante 4: Acontece, sim...*

As outras nove narrativas aqui incluídas se referiam às diferentes representações de homens e mulheres que traem. Em cinco delas, as personagens mulheres colocadas na posição de traidoras foram mais hostilizadas do que os homens, sendo consideradas “fáceis” ou “vazadas” pelos pares e pela sociedade. Por outro lado, quatro narrativas mostraram personagens homens que traíram a namorada ou que não escondiam o desejo de namorar mais de uma mulher ao mesmo tempo, algo não autorizado às mulheres. Esses resultados indicaram uma aceitação social da infidelidade, no caso dos homens, e uma censura, no caso

das mulheres. Confirmou-se, assim, a associação entre o feminino e a discrição e os relacionamentos duradouros e monogâmicos (D. B. Santos & Silva, 2008), bem como entre o masculino e a exacerbação da heterossexualidade, o descontrole sexual e a infidelidade (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Instituto Avon/Data Popular, 2013).

#### Assédio sexual

Aqui foram categorizadas oito narrativas que foram produzidas em resposta a um estímulo oferecido pela moderadora em alguns momentos nos quais os grupos demonstravam dificuldade em discutir o tópico proposto. Esse estímulo consistiu em uma menção a um episódio ocorrido no *reality show* “*Big Brother*” do ano de 2012, em que um participante foi acusado de ter molestado sexualmente uma participante que estaria alcoolizada e praticamente desacordada. A alusão a esse episódio gerou narrativas em que personagens mulheres bêbedas eram criticadas tanto ao assediar um homem, quanto ao serem assediadas, geralmente sendo chamadas de “puta” ou “galinha” e, até mesmo, consideradas culpadas pelo assédio sofrido. Também foram elaboradas narrativas em que personagens homens, bêbedos ou sóbrios, eram criticados tanto ao assediar uma mulher – então definidos como “canalha” ou mau caráter – quanto ao serem assediados por uma mulher – neste caso, sendo tidos como fracos ou “viados” quando reclamam do assédio.

Tais resultados revelaram o repúdio dos jovens universitários ao assédio e abuso sexual, mas também explicitaram que homens e mulheres, nas posições de assediadores e assediados, são interpretados de forma diferente. Isso ressaltou a pressão, ainda presente, para que mulheres sejam discretas, não promíscuas (D. B. Santos & Silva, 2008), e para que homens afirmem constantemente sua heterossexualidade (Louro, 2001; L. de Oliveira, 2010).

#### **Aspectos da sexualidade não influenciados pelo gênero**

Das 125 narrativas produzidas, 31 tiveram como tema principal os seguintes comportamentos, situações e aspectos das sexualidades não influenciados pelo gênero.

#### Relacionamento

Nesta categoria incluíram-se 13 narrativas. Duas delas faziam uma crítica a relações em que o homem e a mulher ocupam posições diferentes e pré-estabelecidas, sobretudo no que tange à submissão de um dos parceiros ao outro, assim como à aceitação de determinadas atitudes e comportamentos considerados arrogantes ou desrespeitosos de seus parceiros para consigo. As outras 11 narrativas, no entanto, foram classificadas em uma subcategoria composta por produções que mostravam casais rompendo uma relação para evitar traições, homens e mulheres infiéis sendo julgados da mesma maneira – geralmente, sendo

considerados “canalhas” –, bem como homens e mulheres traídos reagindo do mesmo modo – sofrendo, perdendo por estarem apaixonados ou não perdendo por tomarem a traição como uma injustiça. Além disso, essa subcategoria envolveu narrativas que traziam um personagem genérico e, assim, não associavam a infidelidade ao masculino ou ao feminino, mas à falta de caráter, como deixa claro o Exemplo 6.

Exemplo 6 (trecho de narrativa produzida em um dos grupos presenciais de mulheres):

*Participante 1: É, eu acho que, eu acho que tem pessoas que são mais influenciáveis, eu acredito nisso, tem pessoas que são mais influenciáveis, que veem os amigos fazendo, querem fazer também, querem ser que nem os amigos, sei lá, mas eu acho que, no fundo no fundo, tu precisa, ou... tu tu tem que ter uma predisposição a...ser...mal caráter ou...,sei lá, tem que ter alguma coisa na tua personalidade que que te permita, porque senão tu vai ficar com peso na consciência ou ou tu vai pensar duas vezes antes de fazer, tu... sabe, vai ter alguma coisa que vai te parar, então, eu eu acho que que essa coisa de traição e tal não é necessariamente-claro, tem gente que tem relacionamentos que são um lixo*

---

*Participante 2: É desculpa né*

*Participante 1: É*

---

*Participante 2: E...e não é... eu acho que não tem muito a ver com o gênero nesse sentido.*

As narrativas aqui categorizadas enfatizaram, então, a igualdade entre homens e mulheres, em certos aspectos da sexualidade. Tais resultados vão de encontro aos modelos opostos e complementares de sexualidade masculina e feminina, que associam a mulher à passividade e à fidelidade, ao passo que atribuem ao homem a atividade e a infidelidade (Bordini & Sperb, 2012; Câmara, 2007; Fry & MacRae, 1991; Instituto Avon/Data Popular, 2013; L. de Oliveira, 2010; D. B. Santos & Silva, 2008).

### Homossexualidade

Essa categoria englobou nove narrativas em que a homossexualidade de personagens homens e mulheres ou não era aceita por pessoas mais velhas e em cidades do interior – sendo estes personagens vítimas de violência – ou, ao contrário, era aceita pela família e pela sociedade e até incentivada.

### Manifestação da sexualidade

Incluíram-se nessa categoria sete narrativas, sendo seis delas sobre a aceitação das mesmas formas de expressão da sexualidade por parte de homens e mulheres. Destas, três revelaram a aceitação do comportamento promíscuo, ao apresentar personagens mulheres e homens “ficando” e mantendo relações sexuais com várias pessoas sem serem criticados ou censurados. As outras três mostravam homens e mulheres tomando a iniciativa no flerte, ou deixando de fazê-lo por timidez. Apenas uma narrativa desta categoria envolvia a desvalorização do comportamento promíscuo, tanto em homens, quanto em mulheres.

A preponderância de narrativas sobre a aceitação do posicionamento ativo na sexualidade e da promiscuidade de mulheres e homens reforça as afirmações de Milnes (2004) de que há, hoje em dia, uma tendência de que as mulheres sigam o modelo de sexualidade tipicamente masculino.

### Assédio sexual

Tal qual a categoria afim na seção Aspectos da sexualidade influenciados pelo gênero, esta categoria reuniu narrativas formuladas em resposta ao estímulo supracitado. No entanto, as duas narrativas aqui incluídas não diferenciavam personagens homens e mulheres que assediaram ou abusaram sexualmente de outra pessoa, atribuindo esse comportamento à falta de caráter e não ao gênero do indivíduo.

## **DISCUSSÃO GERAL**

As narrativas dos grupos presenciais e *on-line* mostraram-se similares, de modo que não foi necessário apresentá-las separadamente. Cogita-se que tal semelhança tenha decorrido da parcialidade do anonimato da coleta de dados *on-line*, na qual os participantes interagiram via internet, mas estavam na mesma sala. Já as narrativas dos grupos de homens, mulheres e mistos, quando comparadas umas às outras, apresentaram particularidades em ambos os contextos. Os grupos de mulheres foram os que mais narraram, tendo sido responsáveis por 52 das 125 narrativas, seguidos dos grupos mistos (41) e de homens (32). Além disso, aproximadamente 30% das narrativas produzidas pelos grupos mistos e de mulheres abordaram aspectos da sexualidade não influenciados pelo gênero, enquanto apenas 3,125% das produzidas pelos grupos de homens foram assim classificadas.

Assim, pode-se dizer que os grupos de homens falaram menos sobre a influência do gênero na sexualidade e que suas produções sugeriram menos relativizações das diferenças entre homens e mulheres nesse campo. Nesse sentido, segundo Heilborn et al. (2006), a



modernização dos valores sexuais, no Brasil, parece ter ocorrido mais especificamente entre as mulheres com maior escolarização, já que os homens, mesmo os mais escolarizados, continuam acreditando que a sexualidade é um instinto incontrolável e apresentando uma visão mais tradicional de sexualidade, sobretudo no que tange à homossexualidade masculina.

Esses dados foram confirmados pelo presente estudo. A heterossexualidade apareceu como a norma para os jovens universitários, já que os diferentes modelos de expressão da sexualidade de homens e mulheres, mencionados pelos participantes, referiam-se às manifestações de orientação heterossexual. Tais manifestações, de acordo com as narrativas produzidas, devem ser complementares, com homens posicionando-se de modo ativo e hipersexualizado e mulheres de modo passivo e hipossexualizado, corroborando os achados de Bordini e Sperb (2012). No entanto, as narrativas também revelaram mudanças, sobretudo, nos comportamentos das mulheres, que vêm se assemelhando aos comportamentos tradicionalmente masculinos, o contrário sendo raro. Já existe, por exemplo, uma aceitação maior da promiscuidade e do posicionamento ativo em uma mulher.

A homossexualidade também apareceu como aspecto fortemente influenciado pelo gênero, uma vez que a homossexualidade masculina apareceu como alvo de violência, enquanto a feminina revelou-se valorizada – salvo quando as homossexuais são masculinas. Já a categoria Relacionamento, em especial as narrativas sobre o modo como são representadas as pessoas que traem, revelou uma ambivalência dos participantes quanto às diferenças de gênero na infidelidade. Se, por um lado, esse comportamento apareceu como mais aceito nos homens do que nas mulheres, por outro lado, foi apresentado como condenável nestas e naqueles, por ser interpretado como uma injustiça e uma falta de caráter. Esses resultados vão ao encontro dos obtidos por Heilborn et al. (2006), que mostraram que homens e mulheres consideram a fidelidade como norma quando se está em uma relação afetiva, ainda que os homens traíam com mais frequência.

Assim, o presente estudo revelou que diversos aspectos da sexualidade seguem marcados por diferenças de gênero, ainda que também tenha mostrado uma perspectiva mais simétrica com respeito a alguns comportamentos e situações sexuais. Isso ressalta a negociação constante dos significados atribuídos às sexualidades, enfatizando que o gênero e a sexualidade estão em permanente construção (Butler, 2003; Louro, 2001; Weeks, 2003), sendo instáveis e provisórios, por mais rígidos que pareçam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com jovens universitários propiciou o acesso tanto às reproduções dos padrões tradicionais de sexualidade, quanto às relativizações destes, provavelmente pelo período do desenvolvimento e pelo contexto educacional em que se encontravam os participantes. De acordo com Arnett (2010), as pessoas de 18-25 anos têm, atualmente, oportunidade de experimentar mais, o que pode levar a uma ampliação de suas posturas e valores. Ademais, segundo o autor, o contexto universitário permite ao jovem o contato com diversas visões de mundo, o que também fomenta opiniões e comportamentos alternativos.

De fato, chamou atenção que as situações e os comportamentos sexuais marcados por diferenças de gênero foram os mesmos apontados como já livres dessa influência. Comumente, narrativas que mostravam diferentes expectativas quanto a algum aspecto da sexualidade de homens e mulheres eram seguidas de uma narrativa que indicava a não diferenciação desse mesmo aspecto conforme o gênero das pessoas – o contrário também ocorrendo. Assim, as narrativas construídas em interação parecem ter facilitado a negociação dos significados atribuídos às sexualidades. Narrando, os participantes revelaram, por um lado, a dificuldade em relativizar a influência do gênero sobre determinados comportamentos e situações nesse âmbito. Por outro lado, explicitaram que há um questionamento em relação aos padrões tradicionais de sexualidade, que impõem a heterossexualidade como norma e opõem homens e mulheres ao estabelecer papéis diferentes para uns e outros.

No entanto, não se pode desconsiderar que, atualmente, a expressão flagrante de preconceito já é algo condenado (Gouveia et al., 2011) e que discursos mais igualitários em termos de gênero podem ser mencionados para dar conta do desejo de mudança e do que é considerado politicamente correto, sem se refletir na prática (Saavedra, Nogueira & Magalhães, 2010). Nesse sentido, em pesquisas futuras, poderia ser vantajoso o trabalho com narrativas em interação naturalmente produzidas – e não eliciadas, como as aqui analisadas – geralmente presentes em espaços de afinidades na internet, como *blogs*, nos quais há um estímulo à discussão de significados tradicionais e à transgressão dos padrões correntes (Moita Lopes, 2010). Dessa forma, os estudos também iriam se beneficiar da característica do anonimato, que sabidamente tem influência sobre as posições e interações das pessoas na internet (Moita Lopes, 2010) e, portanto, poderiam facilitar o acesso aos aspectos da sexualidade não mais marcados por diferenças de gênero.

## REFERÊNCIAS

- Arnett, J. J. (2010). *Adolescence and emerging adulthood: a cultural approach* (4a ed.). Boston: Prentice-Hall.
- Bamberg, M. (2011). Who am I? Narration and its contribution to self and identity. *Theory & Psychology, 21*(1), 3-24.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 (Original publicado em 1977)
- Bordini, G. S. & Sperb, T. M. (2012). Concepções de Gênero nas Narrativas de Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25*(4), 738-746.
- Bremm, E. S. & Bisol, C. A. (2008). Sinalizando a Adolescência: Narrativas de Adolescentes Surdos. *Psicologia Ciência e Profissão, 28*(2), 272-287.
- Brockmeier, J. & Harré, R. (2003). Narrativa: Problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 16*(3), 525-535.
- Butler, J. P. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Câmara, A. P. (2007). *Gênero e sexualidade na Revista Sexy: Um roteiro para a masculinidade heterossexual*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Caproni Neto, H. L., & Pinto, R. de A. B. (2012). *Análise das violências simbólicas vivenciadas por lésbicas de Juiz de Fora*. Retrieved in 20/03/2014, from <http://www.ead.fea.usp.br/semead/15semead/resultado/trabalhosPDF/334.pdf>
- De Fina, A. & Georgakopoulou, A. (2011). *Analyzing narrative: Discourse and sociolinguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fry, P. & MacRae, E. (1991). *O que é homossexualidade* (7a ed.). São Paulo: Brasiliense (Original publicado em 1983)
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gouveia, V. V., Souza, L. E. C., Vione, K. C., Cavalcanti, M. F. B., Santos, W. S., & Medeiros, E. D. (2011). Motivações para Responder sem Preconceito: Evidências de uma Medida Frente a Gays e Lésbicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(3), 458-466.
- Guimarães, A. F. P. (2009). O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: Um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia, 17*(2), 553-567.
- Heilborn, M. L., Aquino, E. M. L., Bozon, M., & Knauth, D. R. (2006). *O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.

- Heilborn, M. L. & Cabral, C. da S. (2013). Youth, gender and sexual practices in Brazil. *Psicologia & Sociedade*, 25(spe), 33-43.
- Hollingshead, A. B. (1975). *Four-factor Index of Social Status*. Manuscrito Não-Publicado, Yale University, New Haven, CT.
- Instituto Avon/Data Popular. (2013). *Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher*. Retrieved in 20/03/2014, from [http://www.spm.gov.br/noticias/documentos-1/pesquisa\\_instituto22x44\\_5.pdf](http://www.spm.gov.br/noticias/documentos-1/pesquisa_instituto22x44_5.pdf)
- Louro, G. L. (2001). *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e homofobia. In R. D. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 85-93). Brasília: Ministério da Educação, UNESCO.
- Meyer, D. E. E. (2000). Cultura teuto-brasileiro-evangélica: Articulando gênero com raça, classe, nação e religião. *Educação e Realidade*, 25(1), 135-161.
- Milnes, K. (2004). What lies between romance and sexual equality? A narrative study of young women's sexual experiences. *Sexualities, evolution & gender*, 6(2-3), 151-170.
- Moita Lopes, L. P. da. (2010). Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 49(2), 393-417.
- Oliveira, L. de (2010). Entre discursos, jeitos e gestos: Performance de gênero e sexualidade no mercado erótico de travestis e *cross-dressers*. In L. P. M Lopes & L. C. Bastos (Orgs.), *Para além da identidade: Fluxos, movimentos e trânsitos* (pp. 235-259). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Organização Mundial da Saúde. (1975). *El embarazo y el aborto en la adolescencia*. Genebra: Author.
- Reis, C. B. & Santos, N. R. dos. (2011). Relações desiguais de gênero no discurso de adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(10), 3979-3984.
- Saavedra, L., Nogueira, C., & Magalhães, S. (2010). Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: Implicações para a educação sexual. *Educação & Sociedade*, 31(110), 135-156.
- Santos, D. B. & Silva, R. C. (2008). Sexualidade e normas de gênero em revistas para adolescentes brasileiros. *Saúde e Sociedade*, 17(2), 22-34.
- Schmidt, S. P. (2011). Ter atitude: Um estudo sobre mídia e cultura jovem global. *Revista ECO-POS*, 14, 303-318.

- Subrahmanyam, K., Smahel, D., & Greenfield, P. (2006). Connecting developmental constructions to the internet: Identity presentation and sexual exploration in online teen chat rooms. *Developmental Psychology*, 42(3) 395–406.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: Dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460-482.
- Weeks, J. (2003). *Sexuality* (2a ed.). London: Routledge.

## Anexo F

### GLOSSÁRIO DE TERMOS E SÍMBOLOS UTILIZADOS NO MSN

Termo/Símbolo	Significado
hj	(hoje)
Huum	(pensando)
hehe/haha	(ou com mais repetições: risada)
por ex	(por exemplo)
pq	(por que/porque)
Sorry	(desculpa)
Tah	(tá)
tbm/tb	(também)
vc	(você)
...	(silêncio)
Oo/O.o	(estranhando algo)

## Anexo G

### GLOSSÁRIO DE SÍMBOLOS USADOS NA TRANSCRIÇÃO DOS GRUPOS PRESENCIAIS

Símbolo	Significado
.	= pausa perceptível
...	= pausa mais longa
Part?	= participante não identificado
{...}	= incompreensível
[]	= enunciados sobrepostos
sublinhado	= ênfase